

ITAYTERA

ÓRGÃO DO

Instituto Cultural do Cariri



ANO IV

N.º IV

Tipografia IMPERIAL

CRATO

1958

BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Rua Dr. João Pessoa S/N

CRATO — CEARA

CAPITAL	Cr\$ 2.722.480,00
RESERVAS	Cr\$ 1.324.867,30

Operações de Crédito Ativo

Empréstimos populares avalizados. Descontos de notas promissórias, de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas, etc.

Empréstimos agrícolas, - financiamentos de entre-safra.

Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES
DEPÓSITOS POPULARES.
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Operações Acessórias

Cobrança de conta alheia.

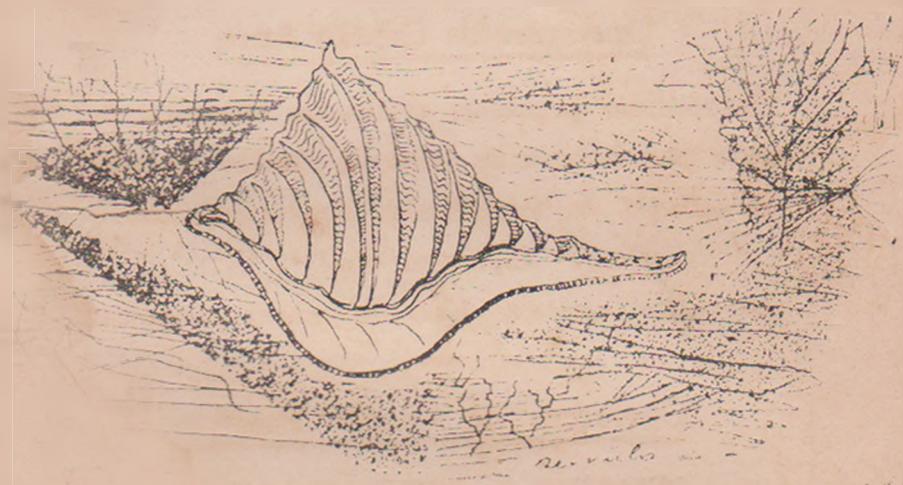
Transferência de fundos.

Ordens de pagamentos, etc.

ITAYTERA

ÓRGÃO DO

Instituto Cultural do Cariri



ANO IV

N.º IV

Tipografia IMPERIAL

CRATO

1958

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

FUNDADO EM 17 DE OUTUBRO DE 1953

DIRETORIA DE 1958 - 1959

Presidente	— Dr. José de Figueiredo Filho
Vice-Presidente	— Pe. Antônio Gomes de Araújo
Secretário Geral	— Cap. Otacílio Anselmo e Silva
Secretário	— José de Paula Bantim
Tesoureiro	— João Lindemberg de Aquino

Comissão de Organização da Revista

José de Figueiredo Filho

Otacílio Anselmo e Silva

João Lindemberg de Aquino

Comissão de Sindicância e Finanças

José de Figueiredo Brito

José de Paula Bantim

Alderico de Paula Damasceno

Comissão de Ciências, Letras e Artes

Antônio Correia Coêlho

José de Figueiredo Brito

Dr. Jefferson de Albuquerque e Souza

INSTITUTO CULTURAL DO CRATO

EDITADO EM 14 DE OUTUBRO DE 1978

GRUPO EDITORIAL DO ALFARQUE

**C A P A: Gravura do brilhante artista cratense
Sérvulo Esmeraldo.**

Renasce Pujante o Rico Folclore Caririense

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Em Outubro do corrente ano, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI completou cinco anos de existência bem fecunda. Inúmeros foram seus serviços prestados á região sul-cearense. Criámos o MUSEU DE CRATO. Biblioteca e arquivo, de dia a dia, mais se avolumam. É hoje o INSTITUTO o centro intelectual onde se abrigam os principais cultivadores da inteligência desta zona e já é procurado pelos pesquisadores de fora, como a maior fonte de informações do Vale Caririense.

O pintor cearense Floriano Teixeira, em vésperas da viagem que fez, neste ano, ao Crato, ao indagar de amigos, onde poderia ter aqui colaboração mais eficiente para seus trabalhos de pesquisas, responderam-lhe simplesmente, em Fortaleza:

— Procure, em Crato, o pessoal do Instituto Cultural do Cariri.

O grande ficcionista e emérito faiscador de nosso folclore — Origenes Lessa, quando veio ao Cariri, em princípios de 1958, em colheita da literatura de cordel, desta região, só teve uma recomendação dos intelectuais recfenses, que foi a de procurar o Instituto Cultural do Cariri.

Tivemos, em nosso meio, conferencistas de escol. que encheram de luz os auditórios, convocados por nossa entidade de cultura. Disseminaram conhecimentos a mancheias, em terras cratenses: Prof. Raimundo Gomes de Matos, Prof. José Newton Alves de Sousa, Prof. Antônio Pinheiro Filho, da Escola de Minas de Ouro Preto, escritor Origenes Lessa, pintor gravador Sérvulo Esmeraldo, ora em Paris, pintor Floriano Teixeira, e os componentes da SEMANA DE CULTURA de 1957 — Raimundo Girão, General Carlos Studart Filho, José Denizard Macedo de Alcântara, Mozart Soriano Aderlado, Hugo Catunda e Silveira Marinho.

Sem interrupção e com mil sacrifícios, temos tirado a revista "ITAYTERA", agora atingida pela alta estonteante do papel e, neste ano de 1958 com a colaboração da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA, iniciativa das mais fecundas do Magnífico Reitor — o conterraneo Antonio Martis Filho, lançaremos o primeiro volume da COLEÇÃO "ITAYTERA".

Deixamos de lado todas essas iniciativas do INSTITUTO, para focalizarmos apenas nossa contribuição, em prol do renascimento pujante do rico folclore caririense.

Mesmo antes do início das atividades do Instituto Cultural do Cariri, já aquêles que davam os primeiros passos para a sua breve concretização, trabalhavam para que resurgisse, bem vivo, o variado e sugestivo folclore do Vale Caririense. Foram sócios fundadores do I. C. C., entre os quais o signatário desta nota, o então prefeito Dr. Décio Telles Cartaxo e o secretário da Prefeitura Dr. Jósio de Alencar Araripe, os principais propugnadores para a introdução dos folguedos populares, no programa de comemorações das grandes festas do Centenário de Elevação de Crato á

Categoria de Cidade, em Outubro de 1953. O desfile de bandas cabaçais, as corridas de cambiteiros, cavalhadas, danças de pau-de-fita, quadrilhas, rodeios, côcos, maneiro pau, constituíram atrativos de primeira ordem, naquelas comemorações que marcaram nova época para a vida de Crato.

A corrida de cambiteiros, a primeira a realizar-se, em nosso meio, deveria ser repetida todos os anos, na Festa da Padroeira, ou no Dia do Município e também poderia ser introduzida em Barbalha, por ocasião de sua tradicional Festa da Rapadura. Sua exibição foi lembrança do atual presidente do Instituto Cultural do Cariri e foi igualmente por sua sugestão, que a espécie de rosácea, correspondente ao ferro da freguesia de Crato serviu de emblema daquelas festividades, sendo aproveitada para o brasão da Municipalidade, pelo desenhista consócio João Ranulfo Pequeno.

Foram o então presidente do I. C. C., de saudosa memória, e o secretário geral, os autores da monografia de Crato, editada pelo Ministério da Educação, por interferência de outro sócio fundador e agora benfeitor — deputado Antônio de Alencar Araripe. "A CIDADE DE CRATO," além de constituir muitas fontes de informações, é verdadeiro manual do folclore cratense.

Não ensarilhou as armas o Instituto com os primeiros louros, na defesa dos motivos populares que nos vieram dos tempos mais remotos. Associou às suas festividades culturais, as danças e cantares folclóricos, prestigiando-os cada vês mais e arrancando-os do anonimato e do escoderijo dos bairros modestos, dos brejos e pés-de-serras. Ainda incentivou a criação de grupos de reisados e atualizou o MILINDÔ, quase desconhecido, até mesmo entre nós.

Na próxima SEMANA DE CULTURA, se Deus não mandar o contrário, a realizar-se em Dezembro, do presente ano, será exibido a dança do VEADINHO, por conjunto feminino do Alto do Seminário.

Tivemos a satisfação de constatar que a PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA, tendo à frente o Reverendo Pe. Rubens Lóssio, dos mais ilustres sócios do Instituto Cultural do Cariri, fêz do folclore o motivo principal de atração popular dos festejos da Padroeira Nossa Senhora da Penha. Foi em sua Paróquia que surgiu, por intermédio da assistente social — D. D. Elnir Brígido, bonito conjunto de PASTORIL, que com sua graça, juventude, belos cantares e danças, encheu da mais pura alegria, as festividades do NATAL e da PADROEIRA.

O melhor é que o Instituto está também a difundir o folclore cratense em outras paragens, como em Cabo, Pernambuco, e em Fortaleza, conforme notícia esta revista na secção de "BIBLIOGRAFIA, NOTAS E COMENTÁRIOS," sempre com os aplausos e entusiasmo dos assistentes. É que o programa de primeira linha de nossa entidade é enaltecer a região, por todos os meios, e assim cada vês mais elevando o Ceará, o Nordeste e até mesmo o Brasil.

Padre Pedro Ribeiro da Silva

O Fundador e Primeiro Capelão de Juazeiro do Norte

À memória do Padre José Antônio Maria Ibiapina, consagrado apóstolo do Nordeste e fundador da assistência social no Cariri.

Padre Antônio Gomes de Araújo

Do Instituto Cultural do Cariri, sócio correspondente do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

O aglomerado urbano é o centro geográfico, político, moral e sentimental do organismo social que se traduz pela presença de um grupo humano limitado por determinado território, cujos elementos componentes se ligam por laços de origem comum, de comunhão de tradições, usos, costumes, interesses e aspirações formam a comunidade. Sob certo aspecto, o aglomerado é a imagem, senão a síntese, da comunidade. Em semelhante acepção o Padre Pedro Ribeiro da Silva não foi apenas o fundador histórico da cidade do Juazeiro do Norte, mas teria sido do próprio Juazeiro, pois quase realizou a síntese. A Juazeiro do Padre Cícero é um prolongamento, em dimensões rasgadas, do Juazeiro do Padre Pedro Ribeiro da Silva. Prolongamento, desde 1891 deformado em sua anterior fisionomia religiosa e étnica e revolucionado na esfera de seu crescimento demográfico, ante massas alienígenas que se vieram somar à população nativa, em ritmo crescente e constante, quase abafando a numericamente, atraídas pela fama dos MILAGRES locais e, sobretudo, da de seu TAUMATURGO... (a) Este converteu e aglomerado em meca, aliás a única do Brasil, fez a independência política da comunidade, 22-7-1911, impôs-lhe, simbolicamente, o culto cívico e o religioso de sua pessoa, o último parasitado ao de Nossa Senhora das Dores, padroeira da terra, e imprimiu a esta última, a par de certo impulso de progresso, este timbre de sacralidade, de SUA sacralidade, que há quase

(a) Mas como houve milagres E em Juazeiro ficaram
Logo osromeiros chegaram † as ruas foram crescendo
Dos Estados brasileiros De aumentar não esbarraram.

(Livro de Alencar, "A Glória do Padre Cícero", Juazeiro do Norte, 1956. Tip. do "Juazeiro")

setenta anos faz a delícia mística de milhões de sertanejos e a seara dos coreichitas indígenas, guardiões cartagirenses do culto do grão-Fetiche.

Um construiu o edifício. O outro rasgou-lhe as proporções. O Padre Pedro Ribeiro e o Padre Cicero Romão. O pioneiro e o continuador-mor e consolidador, cuja figura histórica não poderia ser encarada isolada de seu fanatismo, que lhe deu os elementos humanos com que ampliou ao máximo um núcleo urbano. co-povoou determinado território de população antes rarefeita, fez-se chefe de seita e líder político, milionário e figura central duma sedição armada vitoriosa. (*)

Historicamente, foi o Padre Pedro Ribeiro da Silva o fundador daquele núcleo urbano. Plantador da árvore é quem lança a semente, que germina, embora outrem lhe acompanhe o crescimento, o desabrochar das flôres e o desatar dos frutos:

A paisagem geo-econômica: o sítio —de— Juazeiro, e a unidade social, nucleadora por excelência: a capela edificada e erigida na paisagem. •

TENTATIVA DE OCUPAÇÃO DA TERRA

Ocupante, o primeiro na ordem do tempo, de terras da sesmaria que obteve em 1703, ora compreendidas nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, Manuel Rodrigues Ariosa, rio-grandense-do-norte, fixou-se a quase meia distância entre as atuais metrópoles desses municípios, à margem do brejo que, do nome do colonizador pioneiro, chamou-se Lagoa do Ariosa, em seguida São José, sítio do qual se destacaria, depois, o Engenho dos Melos (1)

Desaparecido o pioneiro (1716) os herdeiros venderam as ditas terras ao Capitão Antônio Mendes Lobato e Lira, chefe da família Lobato, a qual senhoreou setenta léguas em quadro de terras neste Cariri, obtidas em sesmaria e por compra e revendidas a retalho (2).

Falecido, por sua vez, esse capitão, sua filha, Maria Ferreira da Silva, herdou-lhe as referidas terras, antes efetivamente

(*) Pedro Calmon, "História do Brasil," vol V págs. 276, 277, 278, 279, BRASILIANA, vol. 176 - D, São Paulo, 1956

(1) Antônio Bezerra, Algumas Origens do Ceará, Fortaleza-Ceará, 1918.

(2) Op. cit.

ocupadas por Ariosa. Com o marido, capitão-mor Domingos Alvares de Mattos, que foi diretor dos índios do Cariri Novo, doou, em 1743, aos índios Cariús, parte das mesmas terras, quinhão compreendido pelo recôncavo então centralizado pela sede da Missão do Miranda, em que já se encontravam aldeados os ditos índios sob a tutela civil e direção religiosa do capuchinho italiano Frei Carlos Maria de Ferrara (3).

De passagem, acentuo que o território do futuro município de Juazeiro do Norte estava religiosamente sob a jurisdição dessa Missão e ambos subordinavam-se à Capela de Santo Antônio de Missão-Nova, distrito, até 1748, da freguesia de Icó, quando foi criada a de Missão-Velha, desmembrada daquela e cuja jurisdição estendia-se ao aludido território e à Missão, a qual, por seu turno, ereta em paróquia em 1763, e desmembrada da de Missão-Velha em 1768, jurisdicionou o citado território até 20 de janeiro de 1917, data em que a Capela de Nossa Senhora das Dores, do Juazeiro, foi elevada à predicação de matriz paróquial (4).

OCUPAÇÃO DEFINITIVA

A presença de Ariosa e seus herdeiros foi efêmera; o capitão Antônio Mendes Lobato não colonizou e Maria Ferreira da Silva e seu citado marido apenas venderam ou doaram, retalhadas, as terras em questão. É até incerta a presença PESSOAL de Ariosa e herdeiros nas ditas terras.

Naquelas paragens, destinadas ao cenário do município de Juazeiro do Norte, figuraram, entre os primeiros e principais adquirentes—raízes sociais da civilização local—da herança da referida Maria Ferreira da Silva: alferes Manuel de Sousa Pereira, paraibano, genro do sergipano capitão Antônio Pinheiro Lobo e Mendonça, casado com a pernambucana, de Santo Amaro de Jabatão, Joana Bezerra de Menezes, ancestrais, ambos, sob estes céus, dos Pinheiros e Bezerra de Menezes (5); Capitão Firmiano Dias de Sousa, que senhoreou o Sítio Logradouro-

(3) Op. cit. — Livro de assentamento de bat. e casamentos, fls. 23, 10, 12, de 1741 a 1783. Paróquia do Icó.

(4) Em vinte e um de junho de 1764, a povoação da Missão do Miranda, já então sem caráter missionário, recebeu oficialmente a categoria de Real Vila do Crato, designação dada naquela data, a da inauguração. Juazeiro passou a depender da nova vila até 1911, quando o Padre Cícero fez a independência política do distrito.

(5) Livro de Reg. de Bat., 1748-64, fl. 45, Paróquia de M. Velha

ro e faleceu, ai, em dois de dezembro de mil oitocento e onze (6); Capitão Domingos Gonçalves Sobreira, português, casado com a pernambucana Rita dos Prazeres Cabral, e já em 1752 fixado no Sítio Carité (7), de sua propriedade.

O Capitão Sobreira comprara o sítio ao dito casal Maria Ferreira da Silva—Domingos Álvares de Matos, e o revendeu (1780) ao aludido Capitão Firmiano Dias de Sousa (8). As terras, objeto desta última operação, mediam uma légua na acina (trata-se do Batateira, que nasce no município de Crato, margina a cidade de Juazeiro do Norte com o nome de Salgadinho e tinha no século dezoito o apelido de Carité, no sítio de idêntico nome) com meia para as margens, terras das quais se destacaria o Sítio Juazeiro, no qual nasceria a cidade sua homônima. O Capitão Sobreira comprou mais ao mencionado casal, brejos em que fundou o sítio Porteiras, que vendeu ao já nomeado alferes Manuel de Sousa Pereira, e os herdeiros dêste o venderam ao então sargento-mor Leandro Bezerra Monteiro, que o converteu em respeitável solar patriarcal. Esta transmissão refere-se ao ano de 1780 (9). O Capitão Sobreira comprou, ainda, aos citados herdeiros do Capitão Antônio Mendes Lobato, o Sítio Pedrinhas, que tocou, por herança, a seu filho e homônimo, Domingos Gonçalves Sobreira, que o vendeu ao dito sargento-mor (10). Possesores e coevos do Capitão Sobreira, n'queles paramos foram Manuel Alves de Oliveira, Iria Francisca de Alencar, Gonçalo José de Alencar (11), Capitão José Bezerra de Barros, Sebastião de Carvalho e Andrade e Lourenço Ferreira Pinheiro; aquêlê, pai do nosso Padre Pedro Ribeiro da Silva, e o último, genro do alferes Manuel de Sousa Pereira, citado.

São exemplos, entre outros, da ocupação definitiva da terra por sitiantes posseiros no século dezoito, o séculoda iniciação agrícola do Cariri.

(6) Livro de Reg. de Obtos, 1805-13, fl. 146, Paróquia da Penha, do Crato.

(7) Livro de Reg. de Bat., citado, da Paróquia de M. Velha, fls. 26 e 99, Liv. de Reg. de Cas., da mesma Paróquia, 1773-1810, fl. 28.

NOTA: A espôsa do supradito Manuel de Souza Pereira chamava-se Perpétua Caetana do Nascimento Bezerra de Menezes, nascida na Missão do Miranda e ai batizada, 26.11.1741, pelo fundador histórico da cidade de CRATO, Frei Carlos de Ferrara.

(8) Livro de "Notas", 1770-85, Cartório de Antônio Machado, Crato-Ce.

(9) Liv. cit.

(10) Livro de "Notas", número vinte, Cart. cit.

(11) Liv. de "Notas", número quinze, Cart. cit.

FUNDADOR DO CENTRO URBANO

Em terras sucessivamente pertencentes a Manuel Rodrigues Ariosa, Capitão Antônio Mendes Lobato e Lira, Maria Ferreira da Silva e Firmiano Dias de Sousa, O Padre Pedro Ribeiro da Silva teve o domínio e a posse do Sítio Juazeiro e, em parte de seu chão enxuto, fundou a cidade de Juazeiro do Norte, em torno da Capela por êle edificada e ereta.

Nêsse particular, o Fundador coloca-se entre tantos outros, seus êmulos no Brasil, plantadores de cidades, surgidas ao redor de capelas que edificaram e erigiram. E a iniciativa do Padre Pedro Ribeiro da Silva evoca a sentença de Antônio Bezerra, op. cit., segundo a qual as povoações do Ceará, particularmente dêste Cariri, originaram-se ao redor de capelas ou casas-de-oração. Em verdade, bastam lembradas as cidades de Barbalha, Aurora e Porteiras. A primeira nasceu junto à capela mandada edificar e erigir pelo Capitão Francisco de Magalhães Barreto e Sá, no Sítio Barbalha, de sua propriedade. As duas últimas surgiram ao pé das casas-de-oração, depois substituídas por capelas, das fazendas "Vendas" e "Porteiras", respectivamente, dos Padres Antônio Leite de Oliveira e Valério Gomes de Castro, aquêle, ex-vigário interino de Crato, e êste, ex-vigário encomendado do Icó.

Descendia, o Fundador, da aristocracia rural da terra, e êle mesmo aliou as atividades de sacerdote às de agricultor e industrial de produtos agrícolas. Filho legítimo, nasceu do Capitão Sebastião de Carvalho e Andrade (pernambucano) e Luísa Joana Bezerra de Menezes (sergipana), nascida em julho de 1773, falecida a 20 de dezembro de 1820, filha do sargento-mor Leandro Bezerra Monteiro, depois brigadeiro, cratense, e de sua mulher, a sergipana Rosa Josefa do Sacramento, sendo o brigadeiro, por seu lado, filho dos citados Capitão Antônio Pinheiro Lobo e Mendonça e Joana Bezerra de Menezes. ambos, á luz de documento original em meu poder, visíveis nesta terra no ano de 1741 (12).

(12) Padre Antônio Gomes de Araújo, "Raízes Sergipana," IM Rev. do Instituto Cultural do Cariri, 1957, Crato-Ceará, - Inventário de Rosa Josefa do Sacramento (1835); idem do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro (1837-38); Avaliação dos bens de Luísa Joana Bezerra de Menezes (1838); idem, do Padre Pedro Ribeiro da Silva (1835) - Liv. de Fragmentos de Batizados e Casamentos da Freguesia do Icó, 1741-83, f. 6; Liv. de Reg. de Bat. Paróquia de M. Velha, 1748-64; Liv. de Reg. de Bat. Par. da Penha, do Crato, 1816-19. f. 89.

Filho de agricultores domiciliados em terras do atual município de Juazeiro do Norte, o Fundador nasceu, acolá, nas influências do "Salgadinho", referido. Embora ignore seu registro de nascimento, contudo, julgo que nasceu no ano de 1790, porque em 1815, já sacerdote, contando vinte e cinco anos de idade, inscreveu-se sócio da Confraria do Sacramento da Matriz da Penha, de Crato, a par de outros principais da terra, por exemplo, Tristão Gouçalves Pereira de Alencar Araripe, o idealista de 1817 e malogrado presidente republicano do Ceará revolucionário de 1824. Nessa ocasião, o Fundador residia no "Salgadinho", citado (13). De passagem, friso que o Padre Pedro Ribeiro da Silva jamais se afastou daquela gleba senão durante o currículo do Seminário, carecendo de fundamento a versão do autor de "O Padrinho do Sertão", ao afirmar que o sacerdote chegara àqueles páramos vindo do Jaguaribe-mirim, acompanhando de doze escravos (12). Não chegara com ou sem escravos.

Padre do Hábito de São Pedro, portanto, sacerdote secular, o Fundador não sacrificou ao seu labor econômico a condição que a batina simboliza. Em trabalhos paroquiais, auxiliou o vigário de Crato, padre Miguel Carlos da Silva Saldanha parte importante na Revolução Cratense de 3 de maio de 1817, única repercussão objetiva nesta província, da Revolução Pernambucana de 1817. Exerceu, o Padre Pedro Ribeiro da Silva, as funções de Coadjutor desta Freguesia (15). E, no curso de sua vida de sacerdote, não foi vigário colado porque não quis, pois, se o houvesse desejado, seu avô, o referido brigadeiro, prestigioso, quanto era, lho teria conseguido, como conseguiu, para o filho, padre Antônio Pinheiro Lobo de Menezes, a provisão de vigário colado da paróquia piauiense de Jurumenha. Em compensação, lançou a semente de importante matriz paroquial, a de Nossa Senhora das Dores, de Juazeiro do Norte. Bom semeador!

A CASA GRANDE DO JUAZEIRO

Tipo administrativo de boa visão, o Fundador imprimiu, a seu Sítio Juazeiro, a fisionomia sócio-econômica da Casa Grande da época, embora em proporções modestas: a residência senhorial; a Capela; o capelão; a senzala; o engenho; a casa de caldeiras; o alambique; o aviamento; a oficina de ferreiro; o carro; os bois de

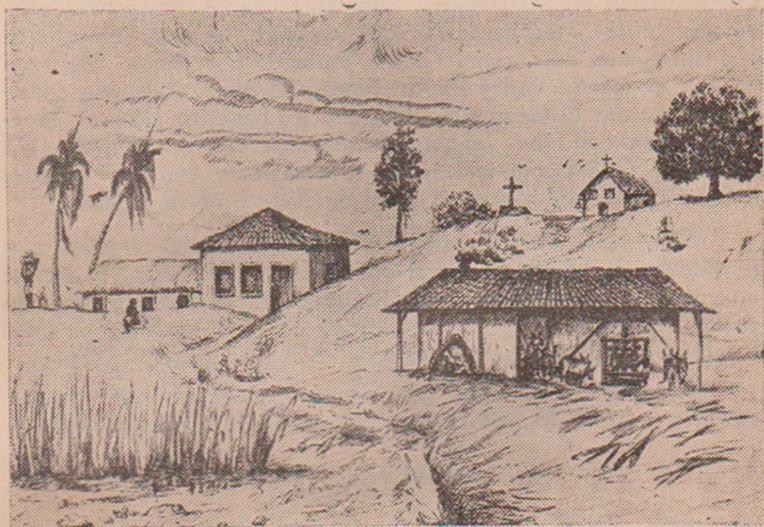
(13) Liv. dos Sócios da Confraria do Sacramento da Matriz da Penha, Crato, 1815-53.

(14) Rev. "O Cruzeiro", 1 de janeiro de 1957, Rio.

(15) Arquivo da Paróquia da Penha, de Crato.

tração; os animais de tiro; a mata de fornecer lenha, a pastagem, o canavial, o mandiocal, a fazenda de gado no Piauí. . .

Quase uma autarquia ou um Brasil em miniatura a sugerir a lembrança da Casa-Grande-e-Senzala do massapê pernambucano de pristinas éras. Morto o dono, o sítio foi avaliado — preço de inventário — em dois e contos oitocentos mil réis, uma fortuna para o tempo (16).



O Sítio Juazeiro do Padre Pedro Ribeiro da Silva — em vida do seu dono — na concepção do Autor. Trabalho a lapis do artista cratense Geraldo Benigno.

(16) Referindo-se aos engenhos do Brasil de antanho, escreve Sérgio Buarque de Holanda: "O engenho constituiu um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo. Tinha capela onde se rezavam as missas, etc". "Raízes do Brasil" 3ª. edição, pág. 100. J. Olímpio, Rio, 1956.

De sua Casa-Grande do Juazeiro, o Fundador fez a central administrativa de outros próprios: fazenda "Boca das Cobras", "Mata"; sítios "Prazeres" (metade); sítio "Currais de Baixo"; duas grandes casas de tijolo na vila do Crato, que é uma singularidade na paisagem vilarenga de casario de barro e telha. Foi avaliada em duzentos e cinquenta mil réis, cada, ao tempo da avaliação dos bens deixados pelo Fundador. As casas estavam situadas no Quadro da Matriz, hoje Praça da Sé e Jardim Frei Carlos de Ferrara, área, outrora, enquadrada pelas habitações dos índios do aldeamento da citada Missão do Miranda, pela igreja e casa do Missionário. Substancialmente reformadas, pertencem, uma, aos herdeiros do coronel Abdon Gonçalves, e a outra, aos do coronel Cicero Pinheiro Bezerra de Menezes, parente do citado Padre Pedro Ribeiro da Silva. Recebidas deste último por via testamentária, o brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro doou-as ao filho, Joaquim Antônio Bezerra de Menezes (17), terceiro e último capitão-mor do Crato, posto em que sucedeu a José Pereira Filgueiras, o herói da Expedição de Caxias.

Sóbrio por temperamento e formação, sem compromisso com a vaidade, o Fundador não colocou sua sólida fortuna a serviço do fuasto e da ostentação à maneira de potentados rurais, seus coevos. Exemplo é a casa residencial do Sítio Juazeiro, de taipa e telha, apesar de vasta e cômoda. Móveis, poucos e simples.

A modéstia, no trato com os bens materiais, eis uma das virtudes morais do histórico Fundador de Juazeiro do Norte.

O INDEPENDENTISTA

Mentalidade de horizonte flexível, que lhe permitiu a posse dum patriotismo esclarecido, atualizável e atualizado, o Fundador não se contou entre os que, a exemplo do seu aludido avô e outros, assinaram, forçados pelos citados José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, a ata da Câmara de Crato, 1.9. 1822, que mandava cumprir o Decreto de treis de junho desse ano, relativo à convocação duma constituinte para o Brasil (18).

Desse patriotismo objetivamente orientado e limitado pela prudência postulada pela condição sacerdotal, o Fundador deu magnífico exemplo no ano de 1823. O referido capitão-mor José Pereira Filgueiras, consumara, nos comêços desse ano, a In-

(17) Inventário de Rosa Josefa do Sacramento, cit. Cart. de Órfãos e Ausentes, de Maria Albertina Feitosa Caliope, Crato-Ceará.

(18) João Brígido, "O Ceará", Rio, 1919.

dependência nesta provincia. Sua Expedição — a Expedição de Caxias — à qual se associara Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, partira de Fortaleza a 28 de março do mesmo ano e chegara à vila de Crato no dia 5 de maio, deixando para trás, Aracati e os vales encharcados do Jaguaribe e do Salgado, batidos por rigoroso inverno. Aquartelada na vila, cuidou de se reforçar em homens, viveres, dinheiro, armas, e munições, em esquecer de eliminar os focos de resistência à Independência, os quais, embora já dissemos, ainda apresentaram resíduo de sobrevivência. Concitou os principais da região a contribuirem com seu esforço de guerra em prol da causa nacional. Vinte e seis acudiram ao chamamento do Brasil, aqui encarnado na Expedição, que prosseguiria a marcha sobre Piauí e Maranhão no dia 28 do dito mês de maio. Reunidos na vila, assinaram lista de contribuição gratuita e espontânea.

O Fundador foi o primeiro, contribuindo com dinheiro e gado: seis bois e vinte mil réis, tudo do seu, expressão material do apoio moral à causa comum.

A esplêndida atitude de brasilidade do Padre Pedro Ribeiro da Silva, naquele momento crucial de nossa história política, contrastou com a posição tomada por seu clã, o qual, ainda, ideologicamente, empenhado no âmbito dum passado já superado, e chefiado pelo dito brigadeiro, hostilizava a Independência, embalado no sonho da continuidade da união com Portugal e dum absolutismo político em fase pre-agônica. Coronel de Milícias e, implicitamente, convocado nos termos da mobilização geral feita pelo governo provisório da Província, mobilização, por seu turno, delegada a Filgueiras pelo Imperador (Carta de 15 abril de 1823) convocado, repito, o coronel Leandro Bezerra Monteiro não se apresentou. Refugiou-se em sua fazenda do Rio do Peixe — "Pilões" — afagando ainda a esperança da permanência do Brasil-Unido... Então, formalmente reconvocado em seu refúgio, por ofício do comando da Expedição, respondeu, em carta datada de cinco de maio, já estar disposto a servir à causa do Brasil, isto é, a pôr-se ao serviço da Expedição. O comando treplicou tomando conhecimento do conteúdo da carta, com o que passava uma esponja sobre o passado, prevenido, porém, ao convocado, que, caso faltasse ao compromisso de honra, ser-lhe-ia aplicado o Decreto de 18 de setembro de 1822, que perdoava o crime político de opinião mas não o de fato, considerado, este, de lesa-pátria. O coronel quis apenas ganhar tempo, pois não se apresentou, nem forneceu o gado que a Expedição requirira pelo débito, em atraso, em que ele, Leandro, se achava com a fazenda pública, o que demonstra que o

venerando patriarca não cedia facilmente de seus pontos de vista, emperrando-se nêles até a medida do possível (19). O débito foi solvido em 1838, quando do inventário do devedor. Na época, outros pensaram e agiram como êle. Mudava-se o destino político do Brasil, e, na mudança, era lógico que surgissem os continuistas ou saudosistas, apesar de patriotas.

Evoquei o episódio para mais ressaltar, não só a dimensão

- (19) Rev. do Inst. Hist. Brasileiro, ed. 1885, págs. 279, 408, 429, 430, 432. Já em 7. 5. 1821, é pressionado e depois de haver ameaçado cortar a própria mão, e o coronel Leandro (foi brigadeiro depois de 1824) assinara a ata da Câmara de Crato proclamando a Constituição Portuguesa (Rio Branco, em nota à História da Independência do Brasil, de Vernhagem p. 319, 3ª edição) - Diante do mandado de prisão contra êle expedido pelo comando da Expedição, o coronel Leandro fugiu para Sergipe, onde, tanto quanto em Salvador, tinha parentes e amigos com influência política na Côrte. Aderiu então ao fato consumado da Independência, sem, entretanto, nada revelar sobre sua atitude no Cariri. Antes, deu-se como vítima de perseguição política de tendência republicana encarnada no govêrno provisório desta Província e em Filgueiras e Tristão. Furo equívoco, porém, como se poderá verificar às páginas 386 e 553 da Revista supracitada. Quando no ano de 1824 aquêles dois heróis da Expedição de Caxias mencionados pelo futuro Senador Alencar, integraram o Ceará na Confederação do Equador, o coronel Leandro, que permanecera em Sergipe e não dera um passo para eliminação dessa aventura republicana e separatista, representou-se em Recife às autoridades militares vencedoras da revolução, representou-se por intermédio do filho, José Geraldo Bezerra de Menezes, como vítima da fidelidade à monarquia em 1823 no Ceará, o que passou em julgado para quem desconhecia os acontecimentos daquele ano nesta zona e só enxergava a revolução de 24. Enfim, o coronel Leandro regressou ao Ceará, escreveu ao presidente reempossado, Costa Barros, alegando serviços prestados à Monarquia, o qual prometeu providências sobre a recompensa, que veio expressa no título de brigadeiro honorário - De 1825 à Abdicação o brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro foi o chefe político incontestável e prudente de Crato. - Não teve sobrinhos envolvidos na Revolução Cratense de 3 de Maio de 1817, nem sobrinha casada com Tristão de Alencar Araripe, como por equívoco já se escreveu - Djacir Menezes o definiu: um gordo...

mental do histórico Fundador da Pre-Meca brasileira mas também a decisão com que a traduziu no campo da realidade concreta, sobrepondo-se ao pensamento de seu clã, sobretudo ao de seu venerando avô, a quem acatava e estimava quase com extremos de filho.

Pelo apoio prestado à causa da Independência, o Fundador perfila-se na galeria de cento e tantos outros seus colegas, que, em todo o mapa do território nacional, vincularam-se à mesma causa (20).

O CENTRO RELIGIOSO

Maior relêvo assume a personalidade do Padre Pedro Ribeiro da Silva, vista entre as dos históricos fundadores de cidades no Brasil. Para acomodar o exercício de suas funções de sacerdote, melhor desempenhar sua missão, facilitar a satisfação das necessidades espirituais de seus escravos e acostados e da rarefeita população da redondeza, o Fundador edificou e erigiu, em chão atableirado de seu sítio molhado, uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores, sendo, a pedra fundamental, lançada no dia quinze do mês de setembro de mil oitocentos e vinte e se-

(20) Dom Duarte Leopoldo, ex-arcebispo de São Paulo, "O Clero e a Independência", Rio, 1923. — Não cito Dias da Rocha a propósito do referido brigadeiro porque o autor reflete, de modo faccioso, o comportamento político de seu próprio clã a que estava ligado por casamento e afetividade.

te, dia consagrado pela Igreja Católica às dores da Virgem (21).

Naquele momento, de significação transcendental, o Padre Pedro Ribeiro da Silva lançara o fundamento duma grande cidade e de não menor matriz paroquial.

O Fundador tivera a antevisão do futuro, na qual por certo não lhe aparecera u'a meca. . .

Quanto ao patrimônio da Capela, li, numa crônica, aliás chucra, que o Fundador o teria constituído de escravos, prataria, etc. De escravos, não foi, e nem de prataria, porque esta (32 oitavas), depois de inventariada, passou às mãos do citado brigadeiro (1835), a quem o Fundador legara a fortuna.

Quanto aos escravos, cinco foram libertos e os demais distribuídos com os herdeiros de Rosa Josefa do Sacramento (1835), mulher do brigadeiro. O Fundador dispunha de muitas terras. É lógico que, delas, tivesse constituído o patrimônio. De qualquer maneira, a presença do patrimônio é fato histórico, e, em terras, pois, em 1837, é visível no Sítio Currais de Cima. Na declaração de bens, feita nesse ano por José Geraldo Bezerra de Menezes, citado, inventariante do pai, pode-se ler: "Declorou mais

(21) M. G. S.: "Fundação do Juazeiro", 1914, precioso inédito, de autoria dum juazeirense, em geral bem informado e que se esconde sob aquelas iniciais - A Capela fundada pelo Padre Pedro Ribeiro da Silva jamais mudou de invocação até converter-se em matriz paroquial com a mesma invocação. Sob esta, o Padre Cícero encontrou a Capela quando lhe assumiu os destinos em 11 de abril de 1872 Equivocou-se o citado autor de "O Padrinho do Sertão", ao escrever que o sacerdote encontrara uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Amparo, "depois das Dores". Por outro lado, não parece ter sido de taipa, a construção do Fundador, pois, além do construtor ser rico, a obra ainda se achava a remate em 1837 (Testamento do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, Cartório citado), e as edificações de taipa consomem tempo mínimo. Ademais, o brigadeiro não se sepultaria (sepultou-se na Capela) entre quatro paredes de taipa (ver o mesmo testamento). Mais: não é verdade que o Fundador haja libertado seus escravos sob a condição de os mesmos terminarem a obra da Capela. Alforriou cinco por disposição testamentária, e as cartas de liberdade não registram a pretensa condição (Livro de "Notas", número vinte, 1835, fl. 36, Cartório de Antônio Machado, citado). Os demais figuraram em seu inventário, como coisas.

haver ficado no Casal de seu finado pai um sítio de terras lavra 'as denominadas Currais de Cima no qual se acha constituído o patrimônio de Nossa Senhora das Dores, cujo sítio foi avaliado em seicentos mil réis que abatidos cento e vinte do patrimônio, ficou liquido quatrocentos e oitenta mil réis que sai" (22) O fato do patrimônio encontrar-se nesse momento, em terras de propriedade do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, sugere a hipótese duma composição havida entre o Fundador e o avô, a quem aquê testara a própria fortuna, inclusive o Sítio Juazeiro. Ou e tão, o patrimônio terá sido o resultado de espontânea e piedosa generosidade do brigadeiro. Mas, não esqueçamos que o Padre Pedro Ribeiro da Silva tinha terras para constituir muitos patrimônios.

Por ocasião da partilha dos bens deixados pelo brigadeiro, tocou a seu filho Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, no referido Sítio Currais de Cima, duzentos mil réis em terras (23). Esse herdeiro, no ano de 141 doou, com sua mulher, Quitéria Delfina Nobre, à Capela de Nossa Senhora das Dores, "ereta na Povoação de Juazeiro", uma parte de terras situadas na dita povoação, as quais os doadores haviam herdado do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro. Parece que se fez uma transação de permuta. Joaquim Antônio teria permutado as terras do patrimônio, do Sítio Currais de Cima, (no qual já possuía duzentos mil réis de terras, como vimos) por equivalentes no Sítio Juazeiro, em que estava a povoação do mesmo nome. É verdade que o documento não o diz. Ei-lo:

"Saibam quantos este público instrumento de escritura de doação para patrimônio de Nossa Senhora das Dores ereta na Capela do Juazeiro virem, que, sendo no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e oitocentos e quarenta e um anos, nesta Vila de Crato, Cabeça de Comarca da Província do Ceará, aos dezenove dias do mes de novembro do dito ano, em meu cartório vieram presentes, o coronel Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, e sua mulher dona Quitéria Delfina Nobre, e, por elles, me foi, em presença das testemunhas abaixo nomeadas e assinadas, que elles eram senhores e possuidores duma posse de terras sita na Povoação do Juazeiro, que as houveram em legítima de seus falecidos pais e sogros, Leandro Bezerra Monteiro e dona Rosa Josefa do Sacramento, cuja posse de terras se acha livre e desembargada, dela faziam

(22) Inventário do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, Cart. cit., de Maria Albertina Feitosa Calíope.

(23) Inventário citado.

doação para o patrimônio de Nossa Senhora das Dores ereta na Povoação do Juazeiro, de suas livres e espontâneas vontades, sem constrangimento de pessoa alguma, e por isso querem que em todo o tempo prevalecesse essa escritura de Doação, e pediam às justiças de sua Magestade Imperial Constitucional lhe dessem inteiro vigor e Cumprimento de Justiça, e, para essa firmeza, faltasse alguma cláusula ou cláusulas, haviam-as por expressas e declaradas como delas fizessem especial menção; e se desaforam de todos os privilégio que a seu favor podessem ter, ainda mesmo da lei de Veliana que fala em favor das mulheres, e só queriam ter e manter esta escritura de doação para o patrimônio; e, como assim o doaram e outorgaram, pediram fôsse feito este instrumento em que, depois de lido, assinarão com as testemunhas, o tenente coronel José Vitoriano Maciel, e Leandro de Chaves e Melo, todos de mim tabelião reconhecidos, tantos as testemunhas como os doantes, do que dou fé, e eu Antonio Duarte Pinheiro, tabelião público, escrevi". (24) Os doadores e as testemunhas não assinaram.

O NÚCLEO URBANO

Primeiro Capelão da igreja que edificou e eregiu, aliás a primeira em terras do Juazeiro, o Fundador configura-se o cura de almas pioneiro sediado naquele pedaço do Cariri. Viu, ainda antes de cerrar os olhos à luz da vida, a formação dum núcleo urbano ao redor da Capela, cujos destinos dirigiu até 1833, o ano de seu falecimento. Precisamente dois anos menos seis dias, após seu traspasse, seu avô e legatário, fechava uma declaração nêstes têrmos: "Mandei esta passar que vai por mim assinada. POVOAÇÃO DO JUAZEIRO (o grifo é do transcritor), 9 DE SETEMBRO DE 1835. Leandro Bezerra Monteiro" (25). Assim, seis anos depois do lançamento da pedra fundamental da Capela de Nossa Senhora das Dores, do Juazeiro, e dois anos após o falecimento do Fundador, estava, já caracterizadamente formado, à sombra daquela, um núcleo urbano com a designação formal de POVOAÇÃO DO JUAZEIRO. Na introdução ao têrmo de aprovação do testamento do aludido brigadeiro e no têrmo de sua abertura (1837), o notário público escreveu: "Nesta Povoação do Juazeiro." Vimos que a mesma designação encontra-se no documento da doação feita em 1841

(24) Livro de "Notas" n.º. 25.1939-42, fl. 142 e seg. Cartório de Antônio Machado, cit.

(25) A declaração encontra-se transcrita à fl. 67 do inventário do declarante.

por Joaquim Antônio Bezerra de Menezes e sua mulher Quitéria Delfina Nobre.

O Fundador semeara em terreno fértil.

Entretanto, a povoação desenvolveu-se com lentidão peculiar às suas congêneres sertanejas, em que pese a sua fundação na fase do desenvolvimento agrícola do Cariri, a qual sucedera à da iniciação, que se vinculara ao século anterior. Bastam lembradas, para exemplo, as cidades de Crato, Milagres e Missão-Velha, cujos fundamentos foram lançados ainda na primeira metade do século dezoito.

Quando o Padre Cícero chegou à povoação do Padre Pedro Ribeiro da Silva em 1872, ela contava, mais ou menos, umas cinquenta casas, ou fôsssem trezentos habitantes, média observada nos cálculos estatísticos (26). Nêsse ano, a Capela registrou cento e cinco nascimentos, conforme verifiquei no arquivo da Freguesia da Penha, de Crato (27). Nos ano de 1891, (ano em

(26) Padre Azarias Sobreira Lobo, "O Padre Cícero Romão," Revista do Instituto do Ceará", pag. 289, edição de 1943 - O autor se esconde sob o pseudônimo de Lívio Sobral.

(27) A propósito da presença do Padre Cícero na Povoação do Juazeiro, refiro que êle demoliu a igreja edificada pelo Fundador e a reconstruiu em proporções amplas, mas, a reedificação saiu um aleijão arquitetônico, conforme verificação pessoal em 1932 feita por Aníbal Fernandes e traduzida em crônica de sua autoria publicada no "Diário de Pernambuco", que o jornalista representava naquela ocasião e do qual é redator. Doutra parte, o autor de "O Padrinho do Sertão" afirma que o Padre Cícero reconstruía a Capela, do ano de 1872 ao de 1875; que a nova construção foi benta pelo Bispo que viera inaugurar o Seminário do Crato, no caso, observe eu, Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará, e, na verdade, o inaugurador da referida instituição educacional Mas, a verdade é outra. No ano 1884 a reconstrução ainda se encontrava em conclusão. Nêsse ano, Dom Joaquim José Vieira, segundo Bispo do Ceará, benzeu ou sagrou o altar-mor, quando, de Crato, se dirigia para Lavras da Mangabeira a 18 de agosto de 1884 em visita pastoral pelo sul da Província. É o que se lê, á página 72 de-"Visita Pastoral ao sul da Província", Fortaleza, Ceará, 1884, do Rev. Padre Belarmino José de Sousa, secretário da Visita.

que saíram da sombra para a luz da propagação pública, "a miraculorréia" e a TAUMATURGI[^]E (b), segundo a mesma fonte, houve 147 nascimentos, aumento, portanto, de 42 sobre o ano de 1872, aumento normal, de acordo com a lei da evolução demográfica. Os cálculos se referem ao povoado e ao interior do distrito. No mesmo ano de 1891, a povoação era pouco mais que a do Fundador, aquela encontrada pelo Padre Cícero em 1872, "Tacanho Burgo" (28) "Lugarejo anônimo". (29). A partir porém, do ano de 1892, graças aos efeitos da citada propaganda, a população, tanto a da povoação, quanto a a do interior do distrito, sobretudo a da povoação, experimentou brusco aumento, progressivo e constante, em ritmo violento. O fato se processou pela edição ininterrupta, de adventícios procedentes de outros Estados nordestinos, principalmente de Pernambuco e Alagoas em partes refluídos de Canudos, do Conselheiro e destacados das camadas ignaras e economicamente humildes, vivamente excitados no seu hereditário e secular complexo supersticioso e acordados de seu latente fanatismo para uma forma caracterizada pela inserção parasitária e sistemática do falso no verdadeiro religioso. E assim, surgiu a meca única do Brasil, diferente, no campo religioso e étnico do núcleo urbano fundado pelo Padre Pedro Ribeiro da Silva.

- (b) Mas como houve milagres
Logo os romeiros chegaram.

.....
.....
Cresceu em tudo a cidade
Frequentada assiduamente
Por numerosos romeiros
No vai e vem dessa gente
Juazeiro vai ganhando
Riquezas continuamente.

(LIVINO DE ALENCAR, op. cit., pág. 4)

- (23) Manuscrito citado.

- (29) "O Padrinho do Sertão", rev. citada — Na revisão a que procedeu a Câmara Municipal de Crato, em 29 de dezembro de 1893, verificou-se que o distrito do Juazeiro tinha inscrito 77 eleitores (Livro da Alistamento Eleitoral do Crato, 1892 — 1898). E era o tempo dos eleitores facilmente alistáveis...

MORTE DO FUNDADOR

Ainda no limiar dos quarenta e cinco de idade, quando o espírito começa a viver a fase do amadurecimento e as primeiras câs ameaçam-nos as frentes, o Fundador adoeceu seriamente à sombra residencial da Casa-Grande do Juazeiro, do seu Juazeiro, a dois passos do engenho "moente e corrente" e ao contacto com o núcleo urbano que via nascer ao pé da Capela de sino conclamante, e em cuja construção, às vêzes tomara parte pessoalmente, lado a lado do tio, o citado Joaquim Antônio Bezerra de Menezes, confundindo-se, ambos, com os homens de serviço. Transportou-se para a vila de Crato na esperança de melhores meios para conjurar a doença (30).

Outros eram, no entanto, os designios da Providência a respeito de quem realmente concorrera para a conservação e a difusão da doutrina e do culto de Jesus Cristo na condição de cura de almas, fundador duma capela, germe de importante matriz e dum núcleo urbano calçado na pureza da Fé e do Culto, tudo dentro dos limites da Hierarquia, e sem quebra da dignidade sacerdotal, dado que fugiu até a certa fragilidade humana comum aos colegas do tempo.

Soara a hora da recompensa para o Fundador, que devia remontar ao seio do Criador. Anunciou-a, plangentemente, o bronze da Matriz da Penha, da vila de Crato. Anunciou-a o bronze da Matriz, que fôra cenário da pública vida religiosa do Fundador, de seu batismo, crisma e primeira missa solene, de suas funções de sacerdote, avulsas ou coadjuvatórias, e de suas atividades de sócio exato da Confraria do Sacramento. A hora da recompensa, anunciou, por sua vez, o dobre a finados do sinozinho da Capela de Nossa Senhora das Dores da Povoação do Juazeiro convidando os habitantes à prece pelo descanso eterno da alma de seu benfeitor espiritual e social.

Foi no dia nove de setembro do ano de mil oitocentos e trinta e três, seis anos, menos seis dias passados, do lançamento da pedra fundamental da célula social, primeira, da povoação, depois vila e cidade do Juazeiro — a Capela, hoje Matriz de Nossa Senhora das Dores, em cujo recinto jazem as cinzas do Fundador e as do seu avô, brigadeiro Leandro Be-

(30) Manuscrito citado.

zerra Monteiro, co-parte do remate das obras da mesma Capela (31)

Partiu, ficando, o Fundador, nas páginas da História. História Eclesiástica que o registra entre os bons levitas do Senhor e o configura a par dos sacerdotes fundadores de capelas, embriões de matrizes paroquiais. Da História do Brasil, que o coloca no pateon dos fundadores de cidades nacionais e reconhece sua participação espontânea, moral e econômica, na jornada da Independência.

Passou, ficando, aquele que é, historicamente, o fundador da cidade de Juazeiro do Norte, a qual lhe tarda com o bronze feito estátua ou erma. A história já lhe ergue a sua, a da justiça de seu tribunal, que assenta no granito da verdade dos fatos, e ignora o embate solicitante das paixões e conveniências humanas a serviço de tabus absorventes ou exclusivistas.

CONTINUADORES DO FUNDADOR

De tal monta foi a iniciativa do Fundador, que a presença de capelães na Povoação de Juazeiro tornou-se uma constante. Sucederam-se-lhe:

PADRE JOSÉ JOAQUIM DE OLIVEIRA, até 1842, o qual morreu a serviço da função (32).

PADRE JOAO MARROCOS TELES (33), nascido em 1812 (34) e falecido na vila de Crato, na manhã de 2 de julho

(31) Certifico, a requerimento verbal do Revmo. Padre Antônio Gomes de Araujo, que, no Livro de assentos da Confraria do Sacramento da então Matriz de Nossa Senhora da Penha, do Crato, de 1815 a 1853, à folha trinta e seis, consta o teor seguinte: "O Pe. Pedro Ribeiro da Silva, da idade de 25 anos, morador no Salgadinho, entrou nesta Confraria a 26 de março de 1815. Faleceu a 9 de setembro de 1883" — Está conforme com o original — Ita in fide Parochi, — Pe. Rubens Lóssio, Pároco da Penha e Delegado Diocesano".

O autor de "O Padrinh do Sertão" fixa o ano de 1856 para o falecimento do Fundador, visível engano.

(32) Manuscrito citado.

(33) Idem e o Arquivo da Paróquia da Penha, de Crato.

(34) Livro de Reg. de Bat 1827-29, última página. Paróquia citada. O registro do Padre João Marrocós Teles foi, aí, lançado, 17 anos após o nascimento do sacerdote.

de 1862 (35) Seu capelionato estendeu-se, 1842-1848. Regeu a cadeira de Latim da vila do Crato, função que conquistou em concurso perante a câmara municipal da mesma vila, como determinava a lei, depois do que foi nomeado pelo governo provincial. Houve-se com acurrido despenho de sua função. Não foi, porém, um latinista na clássica acepção humanística, como hiperbolicamente já se escreveu (36)

PADRE LUIZ BARBOSA MOREIRA, que, depois de curar Juazeiro, parou em Cascavel até 1874. (37)

PADRE ANTÔNIO DE ALMEIDA. Filho de Antônio de Almeida Azvedo Coutinho e Euqênia Gomes de Almeida, nasceu em Tauá, — 16/6 1839 — Já em 1863, residia na povoação de Juazeiro, em um sobrado, seu patrimônio canônico, avaliado então em quinhentos mil réis, como se poderá ver no arquivo da cúria cratense. Veio a falecer no Piauí.

“Prestou relevantes serviços na guerra do Paraguai, para onde partiu como voluntário a 6 de dezembro de 1865. Serviu nos hospitais do S.lado, S. João, Fst. leiro, Bateria Ch. carita, sendo que este era reservado aos coléricos. Assistiu aos combates de 16 e 18 de julho de 1866, e serviu nos hospitais de Humaitá, Iha do errito, Rosário e Vileta até maio de 1870. Sua Fz. de Ofício, que é um belo documento de seus sentimentos cristãos, foi publicada no JORNAL DO COMÉRCIO do Rio de Janeiro e vem transcrita no n.º 204 da CONSTITUIÇÃO de Fortaleza. Voltou ao Ceará em novembro de 1879. É o autor das LIÇÕES ELEMENTARES DE LÓGICA PARA O PRIMÁRIO ENSINO. Regeu uma escola primária em Crato (38).

(35) José Joaquim Teles Marrocos, “Caminho do Céu”, inédito constante de cópias de orações católicas e algumas fórmulas de magia branca. O autor é o mesmo vinculado à crônica do chamado “Milagre do Juazeiro”, e amigo de José Joaquim Maria Lôbo, precursor, a seu modo, neste Cariri, com sua “Legião de C-UZ”, do “Tesouro da Família”, da “União Popular”, da “Solidarística”, arapucas armadas à economia do povo, aqui surgidas após a Sedição do Juazeiro (1914) e congêneres da “Solidarística”, de Fortaleza, imaginada pelo professor de Direito, da Faculdade do Ceará, Dr. Manuel Soriano de Albuquerque, e, por êle, fundada, associado a outros, na capital cearense. Tanto a precursora quanto às demais saquearam as bolsas dos incautos (Carta Pastoral, de 26 de dezembro de 1898, de autoria do Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira “A Sedição do Juazeiro”, de Rodolfo Teófilo, pags. 266-67-e 68).

(36) Ver no Arquivo Público do Estado, as informações relacionadas com o citado concurso realizado pelo terceiro apelo do Juazeiro.—(37) “Correio Eclesiástico”—Fortaleza, e. 1915—(38) B. de Studart. Dicc. Bio-Bibl.

PADRE PEDRO FERREIRA DE MELO. Da ilustre estirpe dos Ferreira de Melo, do Engenho citado no começo deste trabalho, nasceu aí, esse quinto sucessor do Fundador da capelania do Juazeiro. Nasceu no mês de julho do ano de 1835. Filho legítimo do capitão comandante Antonio Ferreira de Melo e Antônia Ferreira de Aguiar, crantenses. Neto paterno de Manuel Ferreira da Conceição, pernambucano, e de Inácia Maria de Macêdo, cratense (sendo êle imigrado no Cariri). Neto materno de José Joaquim da Silva, e de sua mulher Antonia Ferreira de Aguiar. Fez parte de seus estudos no Seminário da Bahia e terminou-os no de Olinda, tendo recebido o presbiterato em Fortaleza, das mãos do citado Dom Luiz Antônio dos Santos, em 20 de dezembro de 1863 (39)

Paroquiou Itapipoca de 1866 a 14 de julho de 1870, quando foi exonerado a pedido (40). Nomeado Capelão do Juazeiro, permaneceu nas funções até 11 de abril de 1872. Provisionado pro-pároco de Várzea-Alegre, veio a falecer, ali, repentinamente. Dentre ilustres sobrinhos seus, contam-se: Dom Joaquim Ferreira de Melo, falecido bispo da diocese gaúcha de Pelotas, e os padres jesuitas Pedro Esmeraldo de Melo, que já foi provincial da Ordem, Arnaldo Esmeraldo de Melo e Aníbal de Sousa Melo (41).

PADRE CICERO ROMÃO BATISTA. Sexto sucessor do Fundador, manteve-se na função de 1872 a 1892, entregue a um apostolado muito exaltado. Naquele último ano, foi destituído da capelania e privado de confessar e pregar a palavra de Deus por ato da Autoridade Diocesana, confirmado em 1898 pelo Santo Ofício, que a-resceu as duas privações de mais ou-

(39) Processo de VITA ET MORIBUS do Padre Pedro Ferreira de Melo. Câmara Eclesiástica de Fortaleza, Ceará, 1863 — Album Histórico do Seminário Episcopal de Fortaleza, Ceará, 1914 - 1920.

(40) "Correio Eclesiástico", cit.

(41) A informação, quanto à causa de morte do sexto capelão do Juazeiro, me foi transmitida pelo seu sobrinho, coronel José Ferreira de Melo, residente nesta cidade. E o seu pro-paroquiato em Várzea-Alegre está patente no Arquivo dessa freguesia, na parte recolhida ao Arquivo da Cúria Cratense.

tra, a de dirigir almas, privações que acompanharam o portador no seu regresso de Roma (42) e até o túmulo.

O SENTIDO DUM TESTAMENTO

O Fundador testou a fortuna a seu avô. Já ouvi a versão de que, fazendo-o, o neto teria praticamente devolvido ao seu avô, o que este haveria doado à filha, a mãe do testador, herdeiro dela.

No que concerne a terras, Leandro Bezerra Monteiro doara à mãe do Fundador, uma légua de terreno sêco, de criar, e cinquenta mil réis para ela comprar o Sítio Carás de Cima (43). Mas nem tais próprios aparecem nas avaliações dos bens deixados pela contemplada e pelo filho sacerdote (44). Por outra parte, este último coisa alguma herdou do avô Leandro, a quem precedeu de quatro anos na sepultura, pois aquêle faleceu do dia quatro para o dia cinco de julho de 1837 (45). Da mãe, teve herança somenos, a julgar — se pela relação dos bens constantes da mencionada avaliação. O irmão, Manuel Ludgero — aliás o único, porque Luisa Joana Bezerra de Menezes tivera tão somente êsses dois filhos de seu primeiro matrimônio, e, nenhum, do segundo — declarou, por ocasião do inventário do brigadeiro, seu avô, ter, de doação de sua mãe, quatrocentos mil réis. É lógico supôr que idêntica doação o Fundador tenha recebido. Mas é pouco, muito pouco em confronto com sua fortuna. O Fundador multiplicou, ao influxo duma administração sensata, rendimentos de sua atividade sacerdotal acrescidos de quinhões herdados dos pais. E mais os teria multiplicado, se a morte não o colhesse a meio caminho andado na rota da vida. Multiplicou à margem da volúpia do lucro ou do apêlo a processos e

- (42) Dom Joaquim José Vieira, Carta Pastoral, de 16 de julho de 1897, Fortaleza Ceará, 1897.—Dom Felipe Conduru Pachêco, Bispo de Parnaíba, "Vida de D. Luiz de Brito, 1º Arcebispo de Olinda", p. 355 e 356, volume II, Rio de Janeiro, 1954.—Carta Pastoral, de Dom Joaquim José Vieira, de 26 de dezembro de 1898, Fortaleza-Ceará, 1898.
- (43) Inventário de Rosa Josefa do Sacramento, citada, documento em que o viúvo faz menção do dote do casamento feito à mãe do Fundador.
- (44) Inventário citado, no qual está entranhada a avaliação dos bens deixados pelo Fundador. Da mesma maneira, encontra-se, no inventário de seu referido avô, a avaliação dos da mãe do sacerdote.
- (45) Termo de abertura do testamento do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, documento que está entranhado no inventário do testador.

métodos escusos, atendo-se ao mais estrito espírito de moderação.

A fortuna, honestamente havida, pretendia, o Padre Pedro Ribeiro da Silva, legá-la ao irmão, que fôra seminarista, era poeta repentista, tocava violão e cantava um espírito esportivo, em suma. Ocorria que, solteiro, coabitava com certa mulata, também solteira, de nome Leandra, apesar da repulsa e das admoestações constantes, e, veementes, por vêzes, do mano sacerdote, que prometeu deixar-lhe a fortuna, caso se corrigisse. (46) A sugestão implicava ameaça. Mas não pegou, e ameaça se concretizou.

Sentindo a gravidade do mal, que o sepultou, o Fundador faz testamento, constituindo o avô Leandro seu herdeiro universal, e o fez com pesar no coração, pois estimava o irmão, o único irmão (47).

O episódio reflete a força dum princípio moral a sobrepor-se à voz imperativa do coração, revela o sentido fundamental dum testamento e exalça a personalidade do Padre Pedro Ribeiro da Silva, que, por outro lado, contemplando o avô, patriarca de alentada descendência e já vizinho do túmulo, distribuiu com os parentes, demonstração de nosso arraigado espírito da família, mais vivo naqueles idos.

(46) Não só o supramencionado Manuel Ludgero, mas outros brancos, seus parentes, ou não, lastrearam o Juazeiro primitivo de elementos sinuosamente saídos da senzala, alguns dos quais, recruzados com brancos, chegaram por via de seus descendentes, a subir na escala social e cultural, até. Um destes escreveu valiosa obra de observação social em torno da terra de seu bêrço. Outro, segundo noticiou a imprensa, elabora uma biografia do Padre Cícero, ambos juazeirenses.

Foi, assim, ao longo de nossa formação nacional, graças à plasticidade missigenética e social legada pelo português, que nos livrou da discriminação racial.

(47) Cabe referência à lenda de que o brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro teria recusado o legado do neto sacerdote. Pelo contrário, entrou no seu domínio e posse, apesar do requerimento de sequestro sobre o legado, encaminhado por Manuel Ludgero à justiça, sob a alegação de o mesmo legado pertencer à Casa de sua finada mãe, o que era apenas chicana inspirada pelo despeito, por sinal que sua pretensão não foi reconhecida pelo Juiz de Orfãos. (Inventário de Rosa Josefa do Sacramento, citada, no qual se encontra a notícia da quarela).

Manuel Ludgero veio a casar-se depois da morte do irmão, o que foi uma repercursão, POST MORTEM, da influência deste.

— CONEXOS —

INVENTARIO

A título de illustração, transcrevo a relação dos bens deixados pelo Fundador, existentes e avaliados em 1835 após a citada quarela e já na posse do legatário, que forneceu a relação à justiça: 32 oitavas de prata, 7\$620; 1 caldeira de cobre, 115\$000; 1 alambique de cobre, 40\$000; 1 vaso de cobre, \$640; 1 chaleira de cobre, \$240; 1 distilador de cobre, 6\$000; 4 enxadas, 3\$200; 1 armário de madeira, 10\$000; 1 jôgo de gamão, 12\$000; 1 bacia de arame, 2\$000; 1 frasqueira de vidros, 12\$000; 1 engenho, 20\$000; 1 aviamento, 8\$000; 1 sobrecasaca de zuarque, 16\$00; 1 garrafa de "Água Inglesa", 1\$000; 1 aparêlho de chá, 4\$000; 1 baú, 5\$000; 1 balança de ferro, 4\$000; 3 mesas, 9\$600; 1 oficina de ferreiro, 5\$000; 1 santuário com imagens, 70\$000; 2 vacas, 28\$000; 2 garrotas, 14\$000; 2 novilhas, 24\$000; 8 bois mansos, 160\$000; 2 novilhos, 24\$000; 2 touros, 28\$000; 1 cavalo quartau, 25\$000; 7 poltros, 112\$000; 3 poltras, 48\$000; 5 escravos 1.450\$000; 10 tachos, 144\$360; o sítio Juazeiro, 2.800\$000, com vivenda e benfeitorias; o sítio Boca das Cobras, com vivenda a currais, 200\$000; o sítio Mata, 125\$000; o sítio Prazeres (metade), 50\$000; 2 casas na vila de Crato, 500\$000; em dinheiro, 116\$000; 2 poldras, 32\$000; dividas ativas, 225\$000; 1 peça de casa, 5\$440; 1 peça de "Cavaliza", 5\$000;

Alguns bens haviam desaparecido. Por exemplo, apparecem os poltros sem as mães.

CONCLUSÃO DA CAPELA

Ainda antes da justiça executar o testamento do Fundador, o legatário transferiu o domicilio para a Casa-Grande do Juazeiro, abandonando a de Porteiras, sítio em que residiu 53 anos e de onde assistira, impotente, aos patriotas do Crato de 1817, fazerem a revolução e manterem-na até quando souberam que o citado Filgueiras se movimentava contra ela. No seu novo domicilio, aos 20 de junho de 1837, firmou o próprio testamento. Dispôs, entre outras coisas, que seu cadáver recebesse sepultura na Capela da Povoação do Juazeiro; que fôsem reservados, sem partilhar, por três anos mais ou menos, os rendimentos de duas propriedades, que possuía, uma no Sítio Juazeiro e outra no de Santo Antônio, bem como a renda de 250\$000 que tinha em mãos de um tal João Antônio de Sousa, sob forma de sociedade — tudo para a conclusão da "Obra da Capela de Nossa Senhora das Dores".

Assim, se o Fundador concebeu e realizou a idéia da edificação e ereção da Capela, coube, entretanto, ao avô, rematar a obra, embora com recursos do Fundador em última análise, o qual lhe deixara a gorda fortuna, mas, em todo caso, fiel, como o aço, à memória do neto, afora o interêsse piedoso de dormir, como dorme, o último sono, no chão da Capela, hoje sombreado pelo tecto da Matriz de Nossa Senhora das Dores. Sua vontade foi satisfeita: a Capela foi rematada já na posse das cinzas do benfeitor, as quais se tinham associado às do Fundador. Rematada, com os rendimentos testados, parte dêles decorrentes de terras do Sítio Juazeiro, legado pelo Fundador ao avô, como se viu.

A CAPELA E A PERNA DO CAPITÃO-MOR ...

Escrevi que, na construção da Capela de Nossa Senhora das Dores da Casa - Grande do Juazeiro, o Fundador tomara parte pessoal nos trabalhos materiais, vez por outra com a co-opeção do tio materno, então capitão-mor de Crato, Joaquim Antônio Bezerra de Menezes. Foi êste, além de detentor dêsse cargo, deputado provincial, Capitão das Ordenanças de Crato, Juiz de Orfãos e Coronel Comandante Superior da Legião da Guarda Nacional do mesmo têrmo. Chefiou o Partido Conservador, secção de Crato, e escreveu, para o Jornal "O Araripe", uma Crônica do Cariri. Foi Cavaleiro da Ordem da Rosa. Homem de bem no conceito clássico da expressão, patriarca de envergadura, sua descendência, vigorosa e ilustre, enquadra-se sobretudo nos municípios de Crato e Juazeiro.

Um dia em que o dito capitão-môr se deixava absorver com o Fundador naquela construção, caiu do alto de uma escada e, na queda, fraturou uma perna, que claudicou até a morte do dono.

Os informes sôbre a atividade pessoal do Fundador e do capitão-mor, seu tio, na construção da Capela de Nossa Senhora das Dores, bem como o acidente ocorrido com o último, foram-me fornecidos pela neta desta, a veneranda dona Clotilde Pinheiro Bezerra de Menezes. Ela os ouviu, vêzes muitas, dos lábios da preta Joaquina, ex-escrava do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, bisavô de minha informante. A preta faleceu, nesta cidade, em 1914. Nascera em 1821, pois, contando 114 anos, aparece na avaliação dos bens do inventário da mencionada Rosa Josefa do Sacramento (1835). Tendo ficado para o meheiro, êle a referiu em seu testamento, para lhe perdoar, como expressamente acentuou, cem mil réis, se ela quisesse alforriar-se (1837). O coronel Luís Gonçalo Teles, filho do tes-

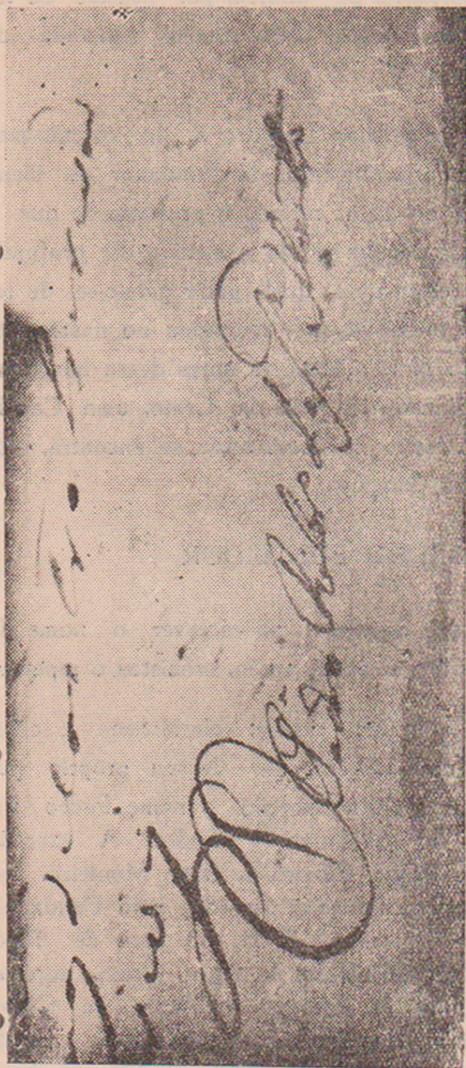
tador, completou a importância da alforria por ocasião do inventário do pai, e libertou a preta. Era mesmo estimada na família do Fundador.

A participação do brigadeiro Leandro e do capitão-mor Joaquim Antônio, no empreendimento do Fundador em torno da construção da Capela em foco, refletiu o prestígio de que o último gosava no seio da família e dá a medida do profundo sentimento religioso da mesma, a qual pode gabar-se de ter partido de seu âmbito a iniciativa que redundou no nascimento da cidade de Juazeiro do Norte. Aliás, já antes dessa iniciativa, a mãe do Fundador edificara, na vila de Crato, uma Capela dedicada a S. Vicente Ferrer, no local onde se encontra, atualmente, a Praça Siqueira Campos.

O NOME DO FUNDADOR

Nalgum dia, qualquer distraído, ao escrever o nome do Fundador, pôs-lhe Carvalho e, desde então, cronistas o repetem.

Nos arquivos oficiais desta cidade, eclesiásticos e civis, existem assinaturas do Fundador firmadas de seu próprio punho. Usou nelas, com uma única exceção, o nome Pedro Ribeiro e Silva antecedido do intitutivo — Padre. A exceção está assim escrita: Padre Pedro Ribeiro da Silva Monteiro. Esta firma encontra-se numa procuração passada pelo Fundador, e constantes do livro de "Notas n.º 15, fl. 38, ano de 1816, Cartório do citado Antônio Machado. A outra firma, topável às dezenas, está no Arquivo da Paróquia da Penha, de Crato, na parte recolhida à Cúria Diocesana, na qualidade de Coadjuutor, o Fundador assinou centenas de assentamentos de batizados (1813-16), que o Vigário não assinara. Trata-se dum ato retroativo, porque sua coadjutria começou em 1818, sendo vigário interino, o padre Vicente José Pereira, no impedimento do vigário colado, Miguel Carlos da Silva, preso na Bahia, com outros implicados na Revolução Cratense de 1817.



“Fac-simile” da assinatura do Fundador, reproduzida de uma procuração passada para Manuel de Sousa Martins, futuro primeiro governador da Província do Piauí e visconde de Paranaíba, mencionada no texto.



Nos termos da avaliação de seus bens e dos inventários de seus mencionados avós, Padre Pedro Ribeiro da Silva traz o nome de PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA e, assim, nos registros de atos paroquiais por êle oficiados, registrados e assinados pelo vigário. Por igual, no Livro Assentos da Confraria

do Sacramento da Paróquia da Penha, de Crato. Igualmente, o escreviam seus aludidos avôs e irmão, o que se verifica nos mencionados inventários e no Livro de "Notas", n.º 22, 1835-38, do citado Cartório de Antônio Machado. Do mesmo modo aparece na citada Revista do Instituto Histórico do Brasil, à página 431.

Pelo exposto, à base do documentário escrito, secular e AUTÊNTICO, até agora revelado, o Fundador não teve CARVALHO no nome.

" O INICIADOR "

Irineu Pinheiro escreveu no seu "O Cariri", que o Fundador "dera início", fôra "O iniciador" da Capela de Nossa Senhora das Dores do Juazeiro. Mas o fato exato é que o Padre Pedro Ribeiro da Silva construiu a Capela até ao ponto de poder ela funcionar, como funcionou, com a celebração de atos religiosos. Falecendo sem REMATAR a obra, REMATOU-A a iniciativa do avô, concretizada por intermédio dos filhos, sobretudo do capitão-mor Joaquim Antônio, que assumiu com seu acendrado sentimento religioso o compromisso de patrono voluntário da Capela, guardião das cinzas do pai e do sobrinho sacerdote, e, de certo modo, a soma do esforço dos três, catalizado pela figura do Fundador.

Se o remate da Capela se arrastou por alguns anos, a sua reconstrução pelo Padre Cicero, consumiu quinze anos até à conclusão.

Enfim, a Capela de Nossa Senhora das Dores de Juazeiro, construiu-a, o Padre Pedro Ribeiro da Silva. Reconstruiu-a, o Padre Cicero Romão Batista, que não a encontrou em ruínas, lenda imaginada e divulgada por quem pretendeu enaltecer, exagerando, a obra do reconstrutor à custa do construtor e ereto.

DE TAIPA E TELHA

De taipa e telha, era a residência do Padre Pedro Ribeiro da Silva, a do Sítio Juazeiro.

De taipa e telha, a residência rural dos ricos sertanejos daqueles tempos. O adobe e a pedra constituíam exceção e davam a impressão de casa-forte.

Os aglomerados urbanos, em geral, não fugiam à regra. Obedeceu-lhe, por exemplo, o primeiro sobrado erguido na vila de Crato, e a rua mais antiga da cidade de Brejo Santo.

Encontram-se, ainda hoje, no Brasil, mosteiros e igrejas de taipa construídos em fins do século dezessete (Roy N sh. A Conquista do Brasil, p. 231, série Brasiliana, V. 150).

O fato é tão pacífico que dispensa maior trato.

A referida Casa da residência do Padre Pedro Ribeiro da Silva, a qual, o brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro converteu em domicílio próprio, e figurou no seu inventário, tocou a seu filho, coronel Luis Gonçalo Teles. Pelo texto da avaliação, vê-se que era de taipa e telha e dimensões respeitáveis, pois foi avaliada na quantia de cento e quarenta mil réis, mais da metade da importância por que se avaliou cada uma das casas deixadas pelo sacerdote na vila de Crato.

Eis o texto: "Dou-lhe mais uma casa de taipa coberta de telha no sítio Juazeiro avaliada na quantia de cento e quarenta mil réis que sai para a margem". No mesmo sítio, coube ao dito herdeiro: 1 alambique de cobre, 1 destilador de cobre, 1 engenho e duas caldeiras; ao herdeiro Joaquim Antônio: 1 aviamento; à herdeira Maria Rosa: 1 casa de farinha." Aí, entre outras, as benfeitorias do Padre Pedro Ribeiro da Silva no aludido sítio, prova de que foi mesmo neste sítio e só nele, que o sacerdote possuiu aquêles símbolos de duas atividades econômicas do Cariri: cana e mandioca.

Além da referida, não aparece outra casa de residência no dito sítio, nos inventários do Fundador e de seus avós, os mencionados. Foi ela, portanto, a casa-grande do Sítio Juazeiro, do Padre Pedro Ribeiro da Silva, casa que o tempo levou como a sua congênere do citado Sítio Porteirias, do avô do sacerdote.

QUADRO INCOMPLETO

Numa pintura, acompanhada da Legenda "Taboleiro Grande" "Origem da cidade de Juazeiro", aparece a reprodução, imaginada, da casa residencial e da Capela do Sítio Juazeiro, evocativas da obra do Fundador, que as construiu e vinculou, como o sítio, ao nascimento daquela cidade. Realmente, a Capela se ergueu em terra enxuta do sítio, cujos limites avançavam sobre terreno atableirado. "Taboleiro Grande" era um prolongamento do Sítio Juazeiro, sítio de que encontrei referência escrita, do ano de 1818.

A pintura estaria completa se o artista tivesse tido a lembrança de fixar, avizinhado da residência e da Capela, um engenho regional, do tempo, em plena atividade produtora, ou fôsse a moagem. Porque, não só da Capela, o nucleador por

excelência, MAS TAMBÉM, DO SÍTIO JUAZEIRO, NASCEU A CIDADE DE IDÊNTICO NOME.

De qualquer modo, a pintura é valiosa do ponto de vista histórico, porque traz o detalhe da reprodução dum juazeiro, árvore que deu o nome ao sítio, depois ao aglomerado urbano e ao município. À sua sombra hospitaleira, a cena viva dum pouso ativo de transeuntes, alusiva à versão segundo a qual, êle, o rei-verde-do-sertão, erguia-se acolhedor e imponente, à margem da estrada que ligava Crato a Missão-Velha.

PARENTES, OS FUNDADORES ?

O da cidade de Juazeiro e o do Juazeiro-meca? A Arquivia a serviço da Heurística nêste Cariri não o confirma. Apenas fornece certa sinonímia que abre margem à hipótese. Petronila Bezerra de Menezes, pernambucana, de Muribeca, casada com o paraibano, capitão João Carneiro de Moraes, domiciliada na cidade Missão do Miranda na sexta decúria do século dezoito, foi, com êsse marido, quarta avó materna do Padre Cícero, através da filha, Ana Maria, casada com o Capitão Francisco Gomes de Melo; do filho dêstes, capitão José Gomes de Melo, casado com Ana de Faria, dos quais nasceu Vicência Gomes de Melo, casada com José Ferreira Gastão, os quais deram a origem à Joaquina Vicência, mãe, com seu marido, Joaquim Romão Batista, do referido Padre Cícero. Doutra parte, Joana Bezerra de Menezes, citada como esposa do capitão Antônio Pinheiro de Mendonça, foi avó materna do Padre Pedro Ribeiro da Silva. O casal não teve descendentes na ascendência do Padre Cícero. Nem colaterais, documentadamente provado.

Essa, a voz dos documentos da Arquivia Caririense.

Sinonímia nem sempre autoriza a conclusão pelo tronco comum.

Entretanto, é possível que aquêles troncos, imigrados no Cariri, 1.^o parte do século dezoito, aqui tivessem feito a sua entrada já de parentesco contraído nas capitánias de origem.

Fica-se, portanto, diante dum assunto a esclarecer em arquivos que não os do Cariri, mudos no assunto. A mera tradição oral ou escrita não bastaria.

Sei, com certeza, à luz da documentária original, que o Padre Cícero era consanguíneo do cônego José Ferreira Lima Sucupira, deputado pelo Ceará a um frustado Congresso repu-

blicano da revolução do Equador, deputado provincial e jornalista, Vigário Geral e Provisor do Bispado do Ceará; do Padre Joaquim Ferreira Limaverde, deputado provincial e irmão do antecedente; do Padre Joaquim Ferreira Limaseca, ex-vigário interino de Crato e primo do antecedente; e do padre Azarias Sobreira Lobo, seu afilhado, pupilo e amigo e ilustre sócio do Instituto do Ceará e da Academia de Letras.

Mas, se os dois Fundadores não eram parentes pelo sangue, existe, todavia, entre êles, um parentesco incontestável, histórico, a convergência e encontro de ambos na produção dum fato, embora em tempos diferentes e por processos e métodos diversos — a atual Juazeiro do Norte, meca única do Brasil com seus trinta mil visitantes anuais, destacados dos milhões de sertanejos, que, do vale do São Francisco ao do Parnaíba, vinculam-se ao Grão-Fetico da Jerusalém indígena (48).

(48) Frei Jesualdo de Cológno, religioso do Santuário de São Francisco das Chagas, do Juazeiro do Norte, e, há anos, ali fixado, assegurou-nos certa vês, a mim e a outros sacerdotes acidentalmente reunidos no Presbitério de Barbalha, que aquelas visitas aumentam em ritmo progressivo quanto à frequência e ao número de visitantes. Alguém da roda adiantou-se então com a palavra para dizer que o dito aumento se explicava pelo crescimento quantitativo, há sessenta anos já, das populações portadoras da crença em questão. Passando a detalhes, acentuou que, em cada família, os pais transmitem a crença pelo menos a cinco individuos, que ficam órfãos, como ficaram seus genitores, de esclarecimento intelectual sobre o equívoco religioso em que laboram. Desta maneira, concluiu, o aumento em aprêço continuará indefinidamente até que o tempo a serviço da evolução cultural dessas populações equivocadas, lhes tire, a estas, as escamas que lhes conservam nos olhos da inteligência, os que as exploram religiosa economicamente.

Esqueceu entretanto, o nosso explicador, de que o melhoramento das vias de comunicação e a facilidade dos meios de transportes influem, embora subsidiariamente, para o aumento a que se referia o bom filho de São Francisco de Assis. O caminhão. . .

Em 1949, às vésperas de 15 de setembro e 2 de novembro, de somaram 350, os caminhões que, de Alagoas e Pernambuco, conduzindo 60romeiros, cada unidade, passaram pelo posto fiscal de Jati, outrora Macapá, rumo a Juazeiro. Quinze de setembro é o dia da histórica padroeira dessa paróquia, Nossa Senhora das Dores, como já foi dito,

a qual, para os adeptos místicos do Padre Cícero, se apresenta, enquanto padroeira local, com um que de diferente da Virgem das Dores, objeto da veneração da Igreja Católica, pelo fato desse sacerdote haver associado o culto religioso de sua pessoa ao da mesma padroeira. A própria Numismática exemplifica este último fato através duma madalha —há mais de quarenta anos vendida nos sertões do Nordeste— a qual traz no verso a efígie do Padre Cícero e no reverso a de Nossa Senhora das Dores.

Dois de novembro, aproveitam os sertanejos para visitar o túmulo do Padre Cícero que está na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da cidade do Juazeiro, tempio iniciado pelo dito sacerdote sem licença do Ordinário e terminado por um golpe de força do dr. Floro Bartolomeu da Costa. No patamar da capela, ergue-se, em ponto grande, uma escultura do Padre Cícero, objeto de autêntico culto idólatrico por parte dos chamados romeiros.

As datas em questão envolvem visitas especiais, extraordinárias, que se verificam anualmente. Então, não somente por Jati, mas também por outros pontos da fronteira do Ceará, entram caminhões de peregrinos com o mesmo destino, além dos que se deslocam do território cearense visando a idêntico fim.

Há ainda a acentuar que as visitas piedosas a Juazeiro, os supersticiosos as realizam ordinariamente no curso dos 365 dias do ano, ininterruptamente. É rotina.

Pode-se, pois, sem exagero, computar em 30 ou 40 mil, o número dos que visitam o Juazeiro e o túmulo do Padre Cícero anualmente, vindo de pontos diversos da interlândia do Nordeste. Este número representa parte quase infinitesimal da população sertaneja do Pcligno das Sêcas vinculada ao culto religioso da figura do Padre Cícero, dado que só se deslocam, para semelhantes visitas, longas e a caminhão, os que conseguem fazer, durante 12 meses, amargurada economia, sobra forçada do apertado trem de vida subsistencial. A maioria, a absoluta maioria da população rural, portadora da famosa surperstição, fica-se, economicamente miserável, prêza a sua gleba, que mal lhe dá o alimento, a veste e o abrigo, como todos sabemos.

Optato Gueircs, major reformado da Policia de Pernambuco, há pouco falecido, palmilhou, na condição de comandante de volante, ao longo de vinte anos batidos em perseguição a cangaceiros e bandidos, principalmente a Lampião, os sertões do Nordeste, sobretudo os de Pernambuco e Alagoas e parte do território da Bahia. Escreveu e publicou depois, as memórias dessa heróica atividade, em livro

a que deu o título de "Lampião" cuja 4.ª edição saiu das gráficas da Livraria Progresso Editora, da cidade do Salvador, Bahia, 1956. À página 197, o Autor, à luz do formidável e indiscutível patrimônio dos conhecimentos hauridos no contato direto e prolongado com as populações sertanejas, assegura-nos o seguinte: "Entre mil sertanejos analfabetos que habitam o Nordeste, talvez não se encontrem 10 que não tenham na pessoa do finado Padre Cícero, uma fé que ultrapassa à que têm na Trindade. E, depois do falecimento daquele sacerdote, recrudescer ainda mais, continuando Juazeiro a "Meca" de sempre. Em tôdas as casas dessesromeiros encontram-se o retrato do Padre Cícero em todos os formatos. É costume entre os fanáticos auxiliar-se o moribundo a morrer com a seguinte advertência: "Lembra-te de Jesus, Maria, José e meu padrinho Cícero". Há Estados em que a fé no Padre Cícero é mais acentuada que noutros. Alagoas está em primeiro plano, em segundo vem Pernambuco, depois seguem-se: Piauí, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, e, em último lugar, Ceará".

Até aqui, Optato Gueiros.

A esta altura, poderíamos, talvez sem exagero, calcular em 8 milhões, os que, no Polígono das Sêcas, prestam culto a mitos religiosos do Juazeiro.

Velhos de quase 70 anos, tais mitos são topáveis em opúsculos como este: "Ofício do Reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro, Ceará". Editado em massa, no Juazeiro, em massa é vendido no sertão. Ainda em 1955, um desses sertanejos que vivem de biscates, vendeu, duma assentada, 100 mil exemplares nos sertões da Bahia. Aludindo ao Padre Cícero, à pseudo-beata Maria de Araújo e ao "Preciso Sangue", canta o opúsculo anônimo:

"Deus vos salve, santo,
humilde coração,
Que sangue de Cristo
recebeu nas mãos"

"A Santa Beata,
quando comungava,
transformava-se em sangue
a hóstia que vós dava"

"Por este misterio
que Deus vos honrou
os nossos pecados
vos odiou"

Eis aí dogmas de seis ou oito milhões de nordestinos.

Como é sabido, o coração e o cérebro místicos dessa população estão no Juazeiro do Norte, cujo censo demográfico (o da secção do Serviço Nacional de Endemias Rurais sediado em Crato, e não o exagerado, da Agência do I. B. G. E. com sede naquela primeira cidade) acusava no ano próximo passado, 51 000 habitantes, sendo 38.000 para a cidade e 13.000 para o interior do município. Oitenta por cento desses habitantes são imigrados (contando os seus descendentes), vindos de Estados vizinhos, desde de 1891, ano da safra dos MILAGRES (a pseudobeata Maria de Araújo fez 41) e revelação do novo TAUMARGO, a esta data. Nativos de 200 anos, só conheço ali os Sobreira e os Bezerra de Menezes.

A crença e culto nos mitos em tela, não são, entretanto, privativos das infimas camadas sociais analfabetas. Cultivam-nos, espíritos mais ou menos ilustrados, fato observado no Brasil relativamente a outras superstições, tanto é certo que podem coexistir, numa mesma inteligência, conhecimentos profanos e a incultura da verdadeira religião. No âmbito nacional, é instrutiva, a tal respeito, o sincretismo religioso afro-brasileiro. O culto de Umbanda, Iemanjá. . .

O deputado Natalício Cavalcante Camboim, pai do conhecimento deputado Tenório Cavalcante, ostentava, com ânimo místico, em pleno Parlamento Nacional, pendente da corrente do relógio, um amuleto do Pe. Cícero. Ainda há poucos anos, dois padres Salesianos, tocados desses mitos, tanto se exageraram na cidade de Juazeiro do Norte, em manifestações públicas da superstição e do fanatismo locais, que as autoridades, eclesiástica e civil, obrigaram-nos a abandonarem aquêle município. Arnon de Melo, então, 1952, eleito governador do Estado de Alagoas, veio a Juazeiro no cumprimento de um voto supersticioso feito ao Pe. Cícero. Certo médico realizou idêntica peregrinação com igual propósito, e deixou o anel da formatura no dedo mínimo da mão direita do mencionado idolo do Pe. Cícero erguido no patamar da citada Capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, na qual, diga-se de passagem estiveram, 1914-1930, os restos mortais da célebre pseudo-beata Maria de Araújo (ali sepultado por vontade daquele sacerdote) e daí retirados, num ato de violência clandestina, contra o que o referido padre lavrou veemente protesto nos cartórios de Juazeiro do Norte e Barbalha, indignado, pois pretendia que os ditos restos dormissem, como dormem os seus, à sombra do mesmo teto, a fim de receberem, todos, a veneração especial e permanente dos sequeaes dos aludidos mitos. Fanático dâstes, conheci um bacharel em direito, advogado e até autor de um livro so-

bre os MISTERIOS do Juazeiro. Em determinada assembléa legislativa estadual do Nordeste, há um licurgo portador das citadas crendices, que já ouvi defendidas, de público e com vivacidades ser certa religiosa professora, catequizada, professora diplomada e educadora ativa, sendo então aplaudida por alunas que lhe faziam companhia. O citado Livino de Alencar, sofrível poeta, advogado e sócio do Instituto Cultural do Cariri, era, como seu avô, desembargador e ex-juiz de Jardim, Antônio Lopes da Silva Barros, um adepto dos mitos em foco. Um ano antes de falecer, cantou-os em versos de acento popular, dos quais já transcrevia alguns neste trabalho, e vai, aqui, mais uma amostra:

Viveu, morreu, como um santo
 O Padre Cícero Romão;
 Seu nome aguarda o futuro
 Pra receber canonização"

Em novembro do ano próximo passado, vigário de uma arquidiocese nordestina perguntou ao bispo de certa diocese sufragânea, em que altura ia o processo de canonização do padre Cicero. . . E o fez na mais pura boa fé. Na noite de dezenove de abril de mil novecentos e cinquenta e seis, incendiada de superstição e fremindo de fanatismo, a câmara municipal de Juazeiro do Norte, com a presença pessoal, excepcionalmente oficial, do governador da cidade, e a de vereadores, entre êstes, dois médicos, um odontólogo e um advogado, realizou uma sessão extraordinária (presente forte massa de fanáticos de todas as categorias sociais, inclusive um médico) e fez então solene profissão de fé nos mitos de que tratamos. Página inédita, esta, nos fatos das vereanças brasileiras desde aquela nomeada em 1532 por Martim Afonso de Sousa para a vila de São Vicente, a pioneira das vilas nacionais. Não há noticia de que alguma delas haja feito profissão de fé em quaisquer mitos religiosos, grosseiros ou saudáveis à fantasia. Em vinte e um do mês de dezembro de mil novecentos e cinquenta e seis, um sacerdote, religioso capuchinho, afirmou, na minha e na presença de cinco outros padres, terem móvel sobrenatural, as fanáticas romarias ao Juazeiro-meca. . . Outro seu irmão de estamena benze rosários munidos do amuleto-medalha do padre Cicero, sem a intenção, diz êle-de benzer o amuleto. . . Inúmeros secundaris-

tas e professoras de curso primário são portadores dos mesmos mitos. Neste particular, posso dar meu depoimento pessoal, professor, que sou, há quase trinta anos, em um dos ginásios carienses, há mais de vinte, Inspector do Ensino Normal do Estado, junto a um dos educandários desta zona.

Bastam êstes dados-indece para se confirmar a asserção: a crença e culto dos mitos do Juazeiro-meca não são exclusividade das ínfimas e analfabetas populações sertanejas. Aliás, foi sempre assim.

Tudo se explica entretanto, à luz do conceito, exato, certa vez emitido pelo saudoso Cardeal Leme, ex-arcebispo do Rio de Janeiro: "O catolicismo no Brasil só teme um inimigo: a ignorância de sua doutrina". No caso de que se trata, essa ignorância é total, na população leiga. Daí a PADRECICERIZAÇÃO ou JUAZEIRIZAÇÃO, supersticiosa, sempre crescente, de parte ponderável da população nacional, de que é exemplo a cidade de meu berço, até 1940 imune de tal anomalia religiosa grosseira, mas já hoje por ela atingida em pessoas descendentes de tradicionais elementos categorizados de terra.

Se inteligências cultivadas têm o comportamento que aí fica exposto, não é de chocar muito que o poeta popular João Mendes de Oliveira tenha assim desferido sua lira supersticiosa, a propósito do Padre Cicero:

« _____
É dono do Horto Santo,
é dono da Santa Sé,
é uma das três Pessoas,
é filho de São José,
manda mais que Wenceslau,
pode mais que João Tomé. »

Trata-se de Wenceslau Braz, ex-presidente da República. João Tomé foi Presidente do Estado do Ceará. Aos dois refere-se o supracitado bardo do ciclo do Juazeiro-meca.

Tristão de Alencar

Juvenal GALENO

I

As glórias, os feitos dum bom patriota
Contai aos vândouros, lembrai-os, irmão;
Foi ãe um Luzeiro das praias do norte,
Seu sonho o do livre; seu nome — Tristão.

Da pátria era um filho dos mais extremosos,
Dos bravos o bravo, nas armas um rei!
No meio das lutas clamava inspirado:
— "Morrer, ou ser livre..." irmãos, aprendei!

E nunca medrosos disseram seus lábios:
— "As armas deponho, não posso.., cansei!"
Oh, não, que de bravo seus feitos só foram,
Dum bravo daqueles que mais não verei!

— Brasil, liberdade! foi este o seu brado
Constante nos prélios enquanto viveu!
— Brasil, liberdade!—foi santa divisa,
Que em sua bandeira valente escreveu!

Brasil, sua pátria, seu solo querido,
Airda colônia do luso mandão:
Gentil liberdade, sua alma, seu nume
Rompendo as cadeias de férreo grilhão!

E o povo o buscava no tempo das lutas,
Ele era o seu chefe nas horas da ação!
Dizer o contrário não vejo quem possa:
Do norte era um gênio; seu nome — Tristão.

II

Eu vi-o cismando na sina da pátria
Levar noite inteira sem sono e prazer;
Uma hora sorrindo com doce esperança,
Outr'hora deixando seu pranto correr!

E vi-o falando c'o forte Filgueiras,
E os filhos do Crato no pátrio porvir,
Ardentes discursos ouvi de seus lábios,
Que nunca souberam ao povo mentir.

E vi-o com outros gritar: — liberdade!
No dia em que finda do luso o poder,
E junto a Filgueiras seguindo garboso
A' vila de Oeiras que vai defender.

E vi-o, animoso, do povo cercado,
Cuspindo num trono, rasgando um pendão!
E ardente, e sentido dos régios caprichos.
Bradando: — "Eia, às armas! Resurja a nação!"

Depois... oh, que dia... que infausto combate!
No meio dos campos... a sós... sem ninguém,
Debalde procura... procura salvar-se!
Por causa do Chaves, dos Cunhas também!

Então, cai ao golpe de torpe assassino ...
De infames sicários da imiga fação!
Ai, foi um luzeiro que breve apagou-se ...
Do norte era um gênio; seu nome—Tristão!

I I I

Morreu como mártir! Nas lutas da pátria
Gastou sua vida, seu sangue verteu!
Sonhava-a liberta do jugo nefário.
Sonhava-a ditosa ... lutando morreu!

E quando ferido da bala homicida,
—Brasil liberdade!—expirando bradou:
Cumpriu seu destino! Coberto de louros
Qual astro brilhante no ocaso tombou.

E os ares fendendo sua alma divina
Filgueiras espera na santa mansão.
E Andrade e Gonçalo, cantor inspirado,
E os outros ... os mart'res do patrio torrão.

E os livres choravam ao vê-lo partir-se
Da pátria ... esse esteio de tanto vigor!
Assim como choro ..., Lutei a seu lado,
E a frente beijei-lhe ... sem vida, sem côr!

Morreu! Mas seu nome luzente de glória
Jamais esquecido de todo será;
Seus feitos heroicos escritos ficaram
Nas lendas do povo, nos cantos de câ.

E agora os repito ... chorando saudoso ...
Vindouros, ouvi-me; cantai-os, irmão:
Foi ele um luzeiro que breve apagou-se,
Do norte era um gênio: seu nome—Tristão!

Um Grande Artífice da Cultura

Educacional Contemporânea

JOAQUIM PIMENTA

L'ÉDUCATION EST LE GRAND CHAMPS DE BATAILLE — sentença de Emilio Littré, de mais de meio século ou quando André Angiulli com ela definia "a luta suprema da civilização," porém tão nova, tão atual em um país, como o nosso, onde êsse campo de batalha ainda se dilata em extensões de deserto e mergulha e se perde em profundidades de oceano ...

Dos problemas nacionais, que continuam insolúveis, nenhum sobrepuja o da educação em planos de reforma e em debates na imprensa, na tribuna parlamentar, em congressos, em estações de rádio e televisão; nenhum reúne turba maior de teóricos, de contendores, de "entendidos", em contraste com o número reduzidíssimo dos que o compreendem na sua exata amplitude e integral complexidade, equidistantes de ortodoxias escolásticas e de preconceitos dogmáticos de credo ou de seita, obstinados, teimosos em sobreviver, em obstruir, em retardar a renovação ou reajustamento dos processos pedagógicos à realidade social dos nossos dias.

Nessa minoria sobressai, em pôsto de vanguarda, o Professor Anísio Teixeira, antigo aluno de John Dewey, famoso filósofo e pedagogista norte-americano; discípulo à altura do mestre, utilizando, em longo e apostólico tirocinio de educador doutrinário e de ação, o que, em psicologia e em sociologia, vem a experiência indicando para ajustar a Escola, instrumento fundamental de progresso ou de retrocesso no destino de um povo, ao ritmo da evolução técnica e cultural da civilização contemporânea.

Em dois de seus livros mais recente: "A EDUCAÇÃO E A CRISE BRASILEIRA" (1956) e "EDUCAÇÃO NÃO É PRIVILÉGIO" (1957), formula e desenvolve, entre outras, de igual relevo científico, a tese preliminar de que "a melhor compreensão, hoje, do fenômeno social da educação, nos leva a conceituar instituições educativas como instrumentos de transmissão da cultura, sua consolidação e sua renovação. Estudar, pois, a educação corresponde realmente a verificar em que grau a cultura de um povo está sendo mantida e nutrida, para a sua integração e renovação como fenômeno histórico dinâmico".

O Professor Anísio Teixeira coloca o conceito de CULTURA, na ciência da educação, no mesmo nível em que se tem o conceito de VALOR na economia política; ou em lógica, categoria ou conceito-chave que abre caminho à análise e conhecimento do PORCESSUS educacional ou do PROCESSUS social de aculturação, na mentalidade da criança e do adolescente, da maneira de ser, de sentir, de agir da sociedade que, ao mesmo tempo que os vai modelando à sua própria imagem, lhes vai designando, pela lei de divisão do trabalho, o mister ou função a desempenhar na vida em comum, como as células do organismo. Assim, a ESCOLA, em sua acepção genérica, é toda a sociedade; é, nos povos primitivos, o clan, a família, a tribo, nos povos civilizados, a cidade, a nação, ou a "função de educar distribui-se sem nenhuma caracterização específica, salvo a das cerimônias de iniciação e confirmação, que atuam como provas mais ou menos dramáticas, formal e essencialmente simbólicas da incorporação cultural, que se dá como processada".

Sob o ponto de vista psicológico e educacional em que a cultura se transmite, se consolida e se renova em uma comunidade humana, nenhuma diferença existe entre a criança e o adolescente de um povo selvagem e de uma sociedade civilizada, porquanto se identificam por uma lei de base biológica ou intrínseca ao mecanismo cerebral de todos os seres vivos, agregados ou associados, que é a lei de imitação. Por esta, incorporam ao que nêles é instintivo ou hereditário, o que sentem e o que fazem os adultos ou os mais velhos, associando-se a êsse poder espontâneo de reproduzir, de assimilar atos ou hábitos, que se tornaram coletivos ou de gerações sucessivas, a inclinação não menos congênita e irresistível, nas crianças e nos adolescentes, para brinquedos e jogos, cuja função educadora há suscitado as mais interessantes pesquisas entre etnólogos, psicólogos e pedagogistas, por serem exercícios de treinamento dos que conduzem à educação, no seu ASPECTO SOCIOLOGICO, isto é, de ajustamento progressivo do indivíduo às condições de existência do meio social ambiente. É a EDUCAÇÃO TÉCNICA no sentido amplo, pela aprendizagem de um mister, de uma profissão; é a EDUCAÇÃO MORAL ou normas que se transmitem ou se impõem, de proceder, de se comportar em harmonia com os costumes e tradições comuns; é a EDUCAÇÃO INTELLECTUAL, ou desenvolvimento da capacidade mental de adquirir, de assimilar noções, conhecimentos, experiências que formam, a começar pela linguagem, primordial e prodigioso veículo de socialização do indivíduo, o patrimônio de valores culturais da comunidade; é a EDUCAÇÃO ESTÉTICA ou de estimulação na alma da criança e do jovem,

do sentimento e culto da beleza, da arte, a que se atribui um significado pedagógico, não menos essencial na formação da personalidade do adulto.

A educação, sob o seu quádruplo aspecto, dir-se-á que se processa dentro de uma área de aculturação generalizada, difusa, inorgânica, de onde surgirá a ESCOLA na sua forma específica, ou "como instituição de preparação especial do letrado, a princípio sacerdote, depois filósofo, pensador, moralista, cronista, eruditos de vários tipos e, por fim, o homem de ofício alto ou "livre", o profissional, o artista e o cientista". E prossegue o Professor Anísio Teixeira: "A escola, portanto, não surge como instituição destinada a substituir a influência direta da sociedade, nas suas formas de participação educativa, pela vida de família, pelo trabalho em comum, ritos comuns e recreação em comum, mas, sim, como uma instituição específica para a formação de especialistas da tradição escrita, A-LATÈRE, e sem prejuízo daquela influência social direta quanto à participação e integração de todos na comunidade"; ou, essa "participação e integração" apresentam o duplo aspecto, que poderíamos chamar de HOMOGÊNEO e de HETEROGÊNEO; HOMOGÊNEO, quando cada indivíduo, pelo fato de pertencer a um clan, a uma tribo, a uma cidade, a uma nação, se torna, êle mesmo, em síntese dos elementos etno-culturais da própria sociedade; ou para usar uma expressão de Durkheim, há entre todos os indivíduos que formam a comunidade um vínculo de SOLIDARIEDADE POR SIMILITUDE, que os reúne e mantém coesos à sombra da mesma árvore sagrada, do mesmo deus, do mesmo código. . . HETEROGÊNEO, quando a PARTICIPAÇÃO E INTÉGRAÇÃO de cada indivíduo na comunidade se processa dentro de círculos concêntricos ou sejam os que a lei de divisão social do trabalho vai fixando em áreas educacionais específicas: educação bélica, educação sacerdotal, educação artesanal; transpondo a fronteira das sociedades arcaicas, a EDUCAÇÃO do juiz, do filósofo, do cientista, do artista, dos que vão exercer profissões liberais; educação de casta, de classe, de corporação, de âmbitos impermeáveis, de privilégios inconfundíveis, estacionária pela tradição ou pela pragmática dos estatutos que a regulam.

Mas o que domina o pensamento teórico e a visão reformadora dêste autêntico educador-sociólogo, que é Anísio Teixeira, é a readaptação da Escola, como se vem processando nos países mais cultos, às condições de existência ou, antes, de sobrevivência do povo brasileiro em um mundo cujo eixo de civilização cada vez mais se desloca da dogmática dos velhos credos, evidentemente incapazes de atender, de conduzir, de ritmar os

anseios da consciência contemporânea por uma ética de valores culturais que proporcione e assegure á espécie humana um reino de paz perene, até hoje, ou há milênios, falha ou ilusória promessa de deuses. . .

Logo no prefácio de "A EDUCAÇÃO E A CRISE BRASILEIRA" apreende, em uma síntese lapidar, o seguinte panorama do que era o ensino no Brasil: "O ensino brasileiro, por isto mesmo, que era um ensino quase que só para a camada mais abastada da sociedade, sempre atendeu a ser ornamental e livresco. Não era um ensino para o trabalho, mas um ensino para o lazer. Cultivava-se o homem, no melhor dos casos, para que se ilustrasse nas artes de falar e escrever. Não havia nisto grande erro, pois a sociedade achava-se dividida entre os que trabalhavam e não precisavam educar-se e os que, se trabalhavam, era nos leves e finos trabalhos sociais e públicos, para o que apenas se requeria aqueia educação. Quando a educação, com a democracia a desenvolver-se, passou a ser não apenas um instrumento de ilustração mas um processo de preparação real para as diversas modalidades de vida da sociedade moderna, deparamo-nos sem precedentes nem tradições para a implantação dos novos tipos de escola. Cumpria criar algo em oposição a tendências viscerais de uma sociedade semi-feudal e aristocrática, e para tal sempre nos revelamos pouco felizes, exatamente por um apêgo a falsas tradições, pois não creio que se possa falar de "tradições" coloniais, escravocratas, feudais num país que se fêz livre e democrático."

Refere-se aos primeiros ensaios de reorganização do ensino, entre 1920 e 1930, no Distrito Federal e em São Paulo, logo incentivados pelo ambiente de uma revolução popular vitoriosa—"esforço singular pela recuperação da escola", com novos métodos, com novos tipos de educação, de cujo programa tornou-se o realizador dinâmico nos quatro anos (de 1931 a 1935) em que dirigiu a Instrução Pública, no Distrito Federal, integando o Secretariado do saudoso Prefeito Pedro Ernesto. Não cabe em um simples artigo de imprensa nem mesmo uma síntese do que foi a sua ação reformadora, minuciosamente exposta no livro — EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA (1936); cabe, porém, reproduzir o que em carta lhe escreveu Pedro Ernesto, quando, premido pela reação oculta, subterrânea, à obra do grande educador teve de aceitar-lhe o pedido de demissão do cargo a que vinha imprimindo excepcional relêvo:

"Sou suspeito para fazer o elogio da sua obra e das suas fecundas realizações. Mas o povo da Capital da República,

na sua serenidade e na sua imparcialidade, já julgou a sua obra e a sua personalidade, sentindo e apreciando o seu grande esforço pelo progresso educativo do Distrito Federal. Homens de responsabilidade e de projeção no continente sulamericano, altas autoridades do governo, não puderam ocultar o entusiasmo e a admiração por tudo quanto viram e observaram no setor da administração entregue à sua incontestada competência. Ainda recentemente uma embaixada constituída de professores e de técnicos de renome, examinando detida e minuciosamente a Secretaria de Educação e Cultura e demorando-se nas visitas às escolas e aos diversos departamentos, proferiu um julgamento sereno e autorizado, confessando de público a magnífica impressão recebida. Esses testemunhos eloquentes e decisivos valem por uma consagração e o colocam na posição de credor da benemerência do povo carioca. Creio firmemente na justiça dos homens de boa fé e tenho certeza que ela não faltará no julgamento da sua obra de pensamento e de ação".

A reação, que se desencadeou e acabou por triunfar, à permanência do Professor Anísio Teixeira na Secretaria de Educação e Cultura nada mais significava do que a defesa de uma velha pedagogia, rançosa, anacrônica, que tanto há contribuído para deformar a alma infantil e subtrair o espírito da juventude à racional compreensão de problemas vitais no destino da espécie humana, que só uma educação, cientificamente conduzida, à margem de preconceitos de credo ou de ideologismos de classe, será capaz de os resolver e converter não mais em um CAMPO DE BATALHA, mas de AÇÃO SERENA: em uma sociedade, em novo mundo a que não mais se aplicasse esta frase de Bagehot, que deveria fugir do frontispício de todas as escolas:

"A moral militar pode muito bem brandir o machado para abater a árvore, mas esquece a força pacífica que faz crescer a floresta".

O Professor Anísio Teixeira tentou, inutilmente, e continua insistindo em fazer da Escola, não apenas "uma instituição para assegurar, como se pensava no século dezanove, o progresso", mas "a instituição fundamental para garantir a estabilidade e a paz social e a própria sobrevivência da sociedade humana".

Por isto mesmo, não só "credor da benemerência do povo carioca", como disse Pedro Ernesto, mas do culto das gerações de amanhã, que o incluirão na galeria dos grandes artifices da história educacional do povo brasileiro.

Aspectos Histórico-Jurídicos da Greve

HARIBERTO XAVIER ONOFRE

(Da Associação Cearense de Imprensa)

I — ETIMOLOGIA DO VOCABULO GREVE

Tem-se procurado substituir o vocábulo "greve" por "parede", que já hoje é compreensível neste sentido. Mas o termo francês vive ainda em nossa lingua e não parece disposto a ceder terreno. Gonçalves Viana que, em geral, se mostra intolerante quanto aos galicismos, admite o vocábulo de origem francesa.

Em vez de "greve", "grevista", os puristas querem "parede", "paredista". Assim se expressou Antenor Nascentes.

Em Larousse Classique Illustré, encontra-se :
"Grève — n. f. (bas lat. Grava) Ligue légale — de personnes qui se coalisent pour faire cesser le travail et que refusent de le reprendre si l'on ne satisfait pas a leurs reclamations ; se mettre en grève ; faire grève".

Ainda define Larousse :

"Grève — Place de Grève — avant 1806 — Place de l'Hôtel-de-Ville à Paris c'est la qui avait lieu l'exécution des criminels".

Era na praça da greve onde os operários se reuniam, isso ao tempo de Luz XVIII, para tratar de suas reclamações.

No Dicionário Etimológico, Prosódico e Ortográfico da Lingua Portuguesa, de J. T. da Silva Bastos, está consignado o seguinte :

Greve — s. f. — conluio de obreiros ou de outros indivíduos que se recusam a trabalhar, enquanto lhes não satisfazem certas reclamações.

PAREDE — greve dos braços caídos (neologismos)—conluio de funcionários ou outros empregados que não abandonam os seus lugares, mas não trabalham, enquanto não são satisfeitas as suas reclamações.

CREVISTA — pessoa que promove uma greve; agente que se associa à greve.

FAZER PAREDE — fazer greve.

PAREDISTA — relativo à parede ou greve; aquêlê que faz parede.

Com a exposição acima, pretendeu-se, em ligeiros traços, tecer algumas considerações de ordem filológica acêrca do galicismo "greve", hoje consagrado peloi dioma nacional.

II — ELEMENTOS HISTÓRICOS DA GREVE

Desde os tempos mais recuados, as massas operárias, os obreiros, as classes incorporadas que trabalham mediante retribuição, salário, etc, têm como arma para as suas reivindicações o protesto que consiste na recusa ao trabalho, visando a obter soluções satisfatórias para as suas reclamações.

O advento do liberalismo e a consequente prosperidade das democracias, determinaram a proliferação de maneira abundante dos ambientes onde se processam os conflitos na esfera do trabalho, permitindo, embora que lentamente, a conferência de um direito ao indivíduo que exerce o trabalho, mediante qualquer tipo de retribuição.

É certo que nos regimies escravagistas, onde os senhores feudais, os tiranos ou os caudilhos amalgamavam em tórno de si todo o poder sôbre os vassallos ou escravos, constatava-se a ausência de quaisquer prerrogativas que possibilitassem ao homem de então, tão digno quanto hoje, meios para reivindicar condições de vida mais humanas. Porém o crescimento das civilizações foi-se espargindo, promovendo o expurgo benigno das doutrinas nefastas e prejudiciais ao bem-estar dos organismos sociais.

Vislumbra-se daí o alvorecer de uma nova etapa em que têm origem as perspectivas do futuro amparo que o direito viria a dispensar ao trabalhador.

O desenvolvimento industrial que se iniciou praticamente no vestibulo do seculo XX, quando efetivamente se registra o nascimento da era da máquina, serviu, inegavelmente, para a formação de uma nova mentalidade em tórno do conceito de trabalho. Nesse clima de expansão, foi também que surgiram as saiz s dos conflitos de trabalho, motivados, está claro, pelos desequilíbrios econômicos entre as duas categorias de patriões e empregados. As duas grandes forças propulsoras do progresso das

comunidades—o Capital e o Trabalho—sempre estiveram juntas. Entretanto, as desigualdades reinantes no seio das massas proletárias sempre deram lugar ao choque de interesses, fonte primária dos conflitos que hoje se denominam GREVE e "LOCC OUT" no Direito do Trabalho.

É justo, e todas as legislações contemporâneas assim o reconhecem — com algumas exceções talvez — que se conceda aos trabalhadores um recurso que lhes permita pleitear melhores formas de trabalho e de retribuições mais condigna pela prestação de serviços. A greve por conseguinte tem constituído um ponto dos mais palpitantes e debatidos, o vem demonstrar a preocupação das organizações democráticas, no sentido de incluir no capítulo dos direitos sociais uma parcela de amparo às massas operárias.

Julga-se oportuno registrar aqui trechos do estudo elaborado pelo eminente Ministro Julien Durand, Presidente da Câmara Honorária da Corte de Apelação de Paris. Em seu opúsculo intitulado *La Grève*, é feito ligeiro comentário sobre o problema da greve em tres grandes democracias, detendo-se aquela autoridade em apreciação relativa à situação particular da U. R. S. S.

ESTADOS UNIDOS

Todos os povos são forçados a reconhecer que nos Estados Unidos está situada uma das mais vigorosas democracias dos tempos atuais. Lê-se naquele autor francês que a Lei Taft-Hartley, confere, em principio o direito aos trabalhadores de se envolverem em greve.

Entretanto, como todo direito necessita de regulamentação para o seu exercício, existem restrições impostas pela Lei Taft-Hartley que considera prohibida as cessações de trabalho qualificadas de "práticas desleais". Quando os movimentos grevistas não têm por objeto reivindicação de caráter profissional, não encontram a tutela da legislação norte americana, sendo as manifestações sufocadas imediatamente.

Segundo aquêle diploma legal, a denúncia ou o pedido de modificação de um contrato coletivo de trabalho terá a consideração da Justiça, quando precedido de um preaviso de 60 dias.

Nos casos, todavia, de conflito que possa envolver em perigo a segurança nacional, constitue atribuição do Presidente da República a iniciativa de propor conciliação. A interrupção das atividades dos trabalhadores fica interdita por um prazo de 90 dias. Somente em caso de não conciliação, poderá a greve

ser detlarada por um voto da maioria. quando então o Presidente da República propõe ao Congresso a adoção das providências que forem julgadas indispensáveis à segurança do regime.

Para evidenciar a fulgurante robustez da democracia norteamericana, grava-se aqui uma sentença proferida em 22 de dezembro de 1893, citada na obra do sindicalista George Sorel, intitulada "O Futuro Socialista dos Sindicatos". Escreveu o magistrado americano JENKINS: "Se não se impede, por medidas coercitivas, o empregador de procurar homens que substituam os que cessaram o trabalho, uma greve é uma arma de palha..."

GRÃ - BRETANHA

Na Inglaterra os ingleses proclamam com certo tom de humorismo que a característica da Constituição de seu país é que nêle não há Constituição. Como se sabe, na Grã-Bretanha o costume, via de regra, supre o direito escrito. Entretanto, como nos Estados onde o sistema de govêrno é inspirado nos principios da liberdade, a Inglaterra proíbe as greves se estas não têm objetivos profissionais. Em 1927 surgiu o "Trade Disputes and Trade Union Act" conceituando como ilegal toda manifestação grevista dos operários que não tivesse um fim específico que a caracterizasse como unicamente profissional. Êste texto legal, através do potencial exercido pela massa trabalhista inglesa, foi abolido em 1946, desaparecendo, assim, os remanescentes do texto escrito que restringia o direito de greve ao trabalhador britânico. Apesar disso subsistem ainda regras de direito costumeiro condenando toda modalidade de greve política que tenha por fim pressionar ou criar obstáculo ao poder constituído.

SUÉCIA

Naquele país, segundo ainda nos diz o Ministro Julien Durand, o povo sueco respira uma excelente atmosfera de paz social, devendo-se isto à eficácia do processo de conciliação prescrito em regulamento de um Tribunal instituído para dirimir os conflitos de trabalho.

Aos trabalhadores ou assalariados vinculados ao Contrato Coletivo de Trabalho é vedado o direito de recorrer à greve em razão de alteração relativa à aplicação ou modificação desse Contrato. As questões de trabalho, em outros casos, devem ser precedidas de tentativa de conciliação, cabendo ao Govêrno designar autoridades para êsse fim.

O bem-estar social da Suécia oferece ao mundo contemporâneo um magnífico exemplo de que os Estados não-totalitários usufruem as mais amplas vantagens do regime democrático, e por isso se situam na vanguarda do progresso social, decidindo os conflitos de trabalho através da Justiça e nunca pelo emprêgo da força. Esta maneira de propor soluções aos movimentos operários com caráter de greve, há produzido os mais benéficos efeitos na organização constitucional da Suécia, contribuindo para a concórdia entre os cidadãos daquele país.

U. R. S. S.

Em face das controvérsias que a doutrina Marxista tem suscitado desde o seu nascimento, criando algumas derivantes como sejam o Comunismo, o Materialismo Histórico, etc., permito-me transcrever na íntegra o trecho extraído do opúsculo (La grève) do autor francês já citado, a fim de se poder aqulatar melhor o amparo que os Estados totalitários dispensam aos trabalhadores:

Diz o texto:

“Nos têrros da Constituição da U. R. S. S. “todo o poder pertence aos trabalhadores da cidade e do campo na pessoa dos deputados trabalhadores” (artigo 3 da Constituição adotada a 5 de dezembro de 1936, por decisão do VIIIº Congresso Extraordinário dos SOVIETS da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Em outra parte, nos têrmos do artigo 6, “a terra, o sub-solo, as águas, as florestas, as usinas, as minas de carvão e de minerais, etc., são propriedade do Estado, isto é, o bem do povoiteiro”.

Nestas condições a greve não se concebe. E, se quaisquer “inimigos do povo” têm a audácia de suspender o trabalho, serão prontamente liquidados, ao mesmo tempo que será lembrado o artigo 13 da Constituição: “O trabalho na U. R. S. S. é para cada cidadão apto ao trabalho um dever e uma questão de honra, segundo o princípio: quem não trabalha, não come”.

É assim que em um regime totalitário, é fácil de regulamentar as questões mais delicadas. As grande paz do túmulo é assegurada aos descontentes”.

Constata-se, portanto, através dos estudos superficiais que realizamos, uma verdade irredutível: Os Estados modernos, cujas

formas de governo foram inspiradas nos princípios das liberdades individuais, tendem a reconhecer aos trabalhadores o direito de greve.

III—A GREVE NO DIREITO BRASILEIRO

Antes de penetrar na apreciação dos dispositivos que se relacionam com o instituto da greve e do Lock-out no direito pátrio julga-se ponderável expor a definição do eminente jurista Alberto Cardarelli Brinças em sua obra "Derecho Industrial y Obrero", e inserida nos "Comentários à Consolidação das Leis do Trabalho, de M. V. Russomano.

Diz aquêle autor:

"Por huelga debe entenderse la decisión brusca y coercitiva tomada em común por los abrerros de una misma fábrica o de toda una industria o oficio, tendimento a obtener por ese medio de protesta la aprobacion de sus pliegos de condiciones como forma de vuelta a su trabajo".

A greve é, pois, a suspensão coletiva do trabalho e constitue a deliberação tomada em comum pelos operários de uma indústria ou empresa, com o objetivo de conseguir da outra parte da relação de trabalho — o empregador — a satisfação de suas reivindicações. Corresponde ao Lock-out, que é a greve promovida pelo empregador — a greve patronal.

DIREITO BRASILEIRO

A greve, na Legislação brasileira está, praticamente, em estado embrionário. Existe, de fato, há algumas décadas, sem contudo haver merecido a proteção do poder constituído. Ao Direito Constitucional — cúpula da organização jurídica do Estado — compete conferir à pessoa, o direito de greve, já consagrado em outras legislações, como se observou no capítulo anterior deste estudo.

As Constituições brasileiras, com exclusão da Carta Magna vigente, omitiam ou negavam ao trabalhador o direito de greve. A Constituição de 1891 não fazia qualquer referência á greve ou ao Lock-out. A de 1934 também era omissa, embora aquêle instituto já houvesse merecido a preocupação de outros países há mais de meio século.

A Carta promulgada a 10 de novembro de 1937, dispunha em seu artigo 139 — alínea 2ª:

"A greve e o lock-out são declarados recursos anti-sociais, nocivos ao trabalho e ao capital e incompatíveis com os superiores interesses da produção nacional".

Depreende-se do exame dêsse dispositivo constitucional que a Carta de 1937 iluminara-se mais nas estruturas fascistas do que nas organizações democráticas. O douto jurista Pontes de Miranda, comentando a atual Carta Magna, expõe que "em sociologia política, o unipartidarismo anda sempre acompanhado da proibição da greve e do Lock-out (Rússia, Alemanha, Itália)".

Na parte primeira do artigo 139 da Constituição de 1937, o legislador concebeu a instituição da Justiça do Trabalho para dirimir os conflitos oriundos das relações entre empregados e empregadores, regulados na legislação social. Embora sejamos obrigados e reconhecer que o feitiço desta Carta fôra moldado em princípios anti-democráticos, seria injusto, a nosso ver, obscurecer que a criação da Justiça do Trabalho representou um sintoma acalentador de proteção à massa trabalhadora. Este o nosso pensamento.

CONSTITUIÇÃO DE 1946

O país sobreviveu heroicamente, sem conturbações de grandes proporções, durante o período em que o regime inspirava temor ao povo brasileiro (1937 a 1946). As transformações processadas em todas as civilizações, por força da conflagração mundial desencadeada em setembro de 1939, propiciou a reforma radical de vários sistemas de governo, soprando êste ar benéfico que nos atingiu de maneira extraordinariamente salutar.

A nova Constituição promulgada a 18 de setembro de 1946, em seu Título V — Da Ordem Econômica e Social incluiu o artigo 158, dispondo :

"Art. 158. É reconhecido o direito de greve, cujo exercício a lei regulará".

Após tão dilatado período de mutismo da legislação pátria em torno do direito de greve para o trabalhador nacional, a inserção do dispositivo constante do artigo 158 da Carta Magan

de 1946, representou uma radiosa conquista de massa operária. Isto, no entanto, teria de vir mais cedo ou mais tarde. A participação do Brasil na Conferência de Chapultepec, implicava no dever de conferir ao trabalhador o direito de greve, uma vez que a Ata Final daquela Conferência recomendara, no Título XVIII, n. 1, letra g, o reconhecimento daquele direito. O Brasil subscreveu a Ata Final.

O preceito constitucional diz: "... cujo exercício a lei regulará." O Decreto-Lei n. 9070, de 15 3 46, promulgado para regulamentar o exercício do direito de greve, surgiu quando a Carta de 37 estava em pleno vigor. Não se poderia compreender a regulamentação de um DIREITO INEXISTENTE. A Constituição de 1937 atribuía caráter delituoso à greve, considerando recurso anti-social e nocivo ao trabalho. Por outro lado, o Decreto-Lei 9.070, anterior à Carta vigente, regulamenta o exercício daquele direito. Tem-se em vista que somente em 18 de setembro de 1946 foi que a Carta de 37 perdeu a sua vitalidade. Considerações as mais lúcidas a respeito do problema, são apresentadas pelo eminente e culto mestre Prof. Orlando Gomes, cujas obras dignificam a literatura trabalhista brasileira.

A greve apresenta dois aspectos que determinam efeitos diversos no Contrato de Trabalho. Ela pode ser LICITA e ILÍCITA. As greves licitas merecem a tutela do Estado porque se fundamentam em motivos justos. Quando esta ocorre, apenas dá motivo a suspensão do Contrato de Trabalho. Os operários que participam de greve, após a sua cessação, quando se trata de movimento licito, têm direito à recondução ao trabalho, só rescindindo o contrato se não tomar interesse em se apresentar ao empregador para recomeçar o trabalho. Se isto ocorrer será dispensado do emprego por ABANDONO DA FUNÇÃO, e não por haver participado de movimento paretista,

A greve ilícita caracteriza-se pela violência, de predação, desrespeito às determinações dos Tribunais de Trabalho. Em tais situações a lei protege o empregador, conferindo-lhe a prerrogativa de dispensar o empregado que em face de tais atitudes j. passa a sofrer as sanções cominadas na legislação penal.

Na legislação vigente os conflitos de trabalho são investigados, primeiramente, quanto a sua legalidade ou ilegalidade. Vale salientar que tal critério se aplica à greve e ao Lock-Out. A Consolidação das Leis do Trabalho em seus artigos 722 e seguintes estuda os diversos aspectos relacionados com a matéria, esclarecendo os pontos que determinam a aplicação das penalidades aos participantes dos conflitos de trabalho.

CONCLUSÕES

Com fundamento nos princípios que nortearam a orientação do estudo que acabamos de realizar em torno do problema da GREVE — um dos mais palpitantes desta quadra da civilização, em face mesmo da surpreendente expansão das relações de trabalho — firmam-se as seguintes conclusões :

a) a greve, sendo um Instituto de Direito Social, inspira-se tão somente na proteção que o Estado visa a dispensar às massas proletárias;

b) a greve — quando lícita — não constitui motivo para a rescisão do Contrato de Trabalho; e

c) quando o movimento grevista tem os seus fundamentos em causas justas que o caracterizam como manifestação lícita, apenas suspendem-se os efeitos do contrato de trabalho, não constituindo razão para dissolver o vínculo contratual.

B I B L I O G R A F I A

- GEORGE SOREL — O Futuro Socialista dos Sindicatos — Rio
- HÉLIO FERNANDES PINHEIRO — Técnica Legislativa e Constituições do Brasil — Rio, 1945
- JULIEN DUFRAND — La Grève — Paris, 1952
- M. V. RUSSOMANO — Comentários à Consolidação das Leis do Trabalho — Rio, 1952
- OPLÂNDO GOMES — Direito do Trabalho — Estudos — Bahia, 1950
- EDRO NUNES — Dicionário de Tecnologia Jurídica — Rio, 1952
- PONTES DE M. ALADA — Comentários à Constituição de 1946 — Rio

CARRETÃO

José de Ribamar Lopes

Meu carretão véi pesado,
carretão véi gritadô

cuma tá longe as istrada
por donde tú tanto andô,
por donde também andaro
o Bargado e o Canaro,
dois bôï véi trabaiaidô ! ...

Hoje eu tô acagibado
e tú já não canta mais.
E assim nós véve, os dois junto,
se alebrando do passado,
do passado já difunto
que o tempo deixô prá traz.

Tú inda guarda nas roda,
nas duas róda ruida
pelas pedra da istrada,
tôda a lembrança duída
dos morro, das assubida,
nos dia de caminhada.

Tú era o carro mió
que tinha lá no sertão.
Eu era o mió carreiro.
Nós era dois companheiro.
E o Bargado e o Canaro
era assim que nem se fôsse
tôdos dois nossos irmão.

Eu fiquei véi. carretão.
Tú tombém inveieceu.
E assim que nem tú e eu
o Bargado e o Canaro
com o tempo tombém ficaro
sem sustança pro rojão.

E hoje vivo sofrendo
por não podê carriá.
E tú isconde nas roda
o safrimento. o martiro
de não pudê mais gritá.

O Canaro e o Bargado,
um morreu. tá discansado.
O ôto inda hoje véve.
rimuendo com tristeza
a sodade do passado,
dos tempo filiz que teve.

Carretão véi cumpanheiro,
cum tudo é passageiro !

Tú inveisceu ligeiro
que nem eu inveieci.
Mas dos carreiro daqui
não hai quem não te cobice.
Eu vou cumprindo o destino:
cum nasci prá carreiro
agora vivo tocando
o carretão da veice.



Esbôço da Evolução Literária do Crato

F. S. Nascimento

Ao nos deixar à margem da sua "História da Literatura Cearense", o ilustre historiógrafo Dolor Barreira quase nos desvaneceu de esboçarmos, aqui, a evolução da nossa cultura literária. Para essa figura admirável das letras alencarinhas, "literatura cearense" traduz, tão somente, as manifestações balétristicas do povo fortalezense e de poucos filhos do interior que moirejaram, vêzes até meteóricamente, na Fortaleza, deixando em segunda plana a formação e, por vêzes, a naturalidade dos sertanejos que fizeram literatura na capital cearense, como ocorreu com Barbosa de Freitas (in Tomo I, pág. 282). O título da sua obra, que se apresenta em três grossos volumes, pareceu-nos a nós um paradoxo, pois que trata de "literatura cearense", sem incluir em suas 1.480 páginas, de maneira universal, a literatura que o Ceará inteiro edificou.

Filhos naturais e adotivos desta metrópole, temos uma tradição que nos evoca lutas, anseios e mal contidas aspirações, e que nos faz lembrar a nossa trajetória através dos tempos, como povo que, já no alvorecer do século XIX, por dedutiva influência de Frei Francisco de Santana Pessoa, Pe. Carlos José, José Martiniano de Alencar e José Francisco Pereira Maia, deveria mastigar, ainda que rudimentarmente, as boas letras. Por outro lado, reflete a nossa história, em vivas côres, a obra dos filhos do Crato mais ilustres, que traçaram a marcha da nossa existência social e política, e plantaram as sementes da liberdade e do saber neste oásis esplendoroso, onde os homens nascem tão poéticos, quão heróicos, e que, tal como aquele admirável Alfacame de Santarém, de Almeida Garrett, vivem a sonhar a independência político-administrativa do seu povo, já que, muito há, se libertaram do pensamento lito.ânzo.

x x x

Como em nosso escôrço, não nos restringimos, apenas, ao estudo do gênero poético, como assim não o fizeram, também, Silvio Romero e José Verissimo, aconselhou-nos o bom senso a seguirmos o conceito emitido por Liberato Bitencourt, de que "literatura é a manifestação integral do pensamento de um povo no livro e no mármore, na tela e na tribuna, na pauta e no Jornal (1). Aliás, já em 1873, escrevia Machado de Assis sobre as formas literárias mais cultivadas no Brasil, relevando, de entre os vários gêneros, o romance, a poesia, o teatro e a lin-

gua (2). E Mendes dos Remédios, para mais não citar, incluiu ainda em sua excelente "História da Literatura Portuguesa", edição de 1921, a eloquência sagrada e parlamentar, o jornalismo e as ciências auxiliares da história.

Nêste pequeno histórico da nossa literatura, não nos pareceu prudente marcar épocas distintas ou correntes de idéias dominantes. Tivemos, naturalmente, o nosso período de infância ou de iniciação, quando entao ensaiámos os nossos primeiros vôos literários, e fômos influenciados, não há duvidar, pelas mesmas escolas que marcaram épocas em nosso país, a partir, provavelmente, do terceiro período de transformação romântica, de que nos fala Sílvio Romero (3).

x x x

Até o final do século XVIII, nada tivemos de cultivo literário, pois dessa época, tirante os documentos religiosos que nos herdou Frei Carlos Maria de Ferrara (4), desconhecemos quaisquer manifestações do nosso povo, ainda que numa prosa incipiente, ou numa poesia chula do nosso ciclo pecuário, como o Rabicho da Geralda.

Ninguém poderá negar, entretanto, que no primeiro quartel do séc. 19, numa vila onde o pensamento seguia as pègadas de Frei Miguelinho e José Luiz de Mendonça, nossa gente já não dispusesse de qualquer sedimentação cultural. Testemunho do apreciável gráu das nossas letras, já nêsse tempo, é um officio da vila do Crato, datado de 28 de fevereiro de 1824, e publicado no 1.º número do "Diário do Governo do Ceará", de 1 de abril dêsse mesmo ano. A linguagem dêsse documento está vasada num frâser, que bêm demonstra o acuro dos que o relataram. Traz êsse officio da câmara municipal do Crato, verdadeiros fulgores literários, como nêste trecho: "Quem procede por esta maneira, não desobedece, pugna pelos interesses de um povo idolâtra de sua liberdade, pela integridade do Império e a estabilidade da Monarquia ..." As posturas da câmara do Crato, publicadas com data de 17 de janeiro de 1854, reafirmam o adeantado nível cultural do nosso povo, ainda no meado do século passado.

Quando a 7 de julho de 1855, surgiu em nossa cidade o "O Araripe", ocorreu apenas a transição de literatura dos officios e das posturas, em uma nova fase de cultura, que era o periodismo, semeado num instante feliz da nossa história, pela figura excelsa de João Brígido dos Santos.

Muito há que ver em "O Araripe", nos seus dez anos de vida. Como, porém, é interção nossa dar a lume, mais adiante, um trabalho de melhor feitura e de mais acuradas observações, deixamos para dias futuros um exame completo d'este órgão tão genuinamente nacionalista, e dessa carcaça gloriosa que foi o intrépido e inesquecível João Brigido dos Santos.

x x x

Apreciemos, sem mais delongas, alguma coisa da nossa literatura.

Em 1865, publicava Carolino Bolivar de Araripe Sucupira, em "O Araripe", quadras em redondilha menor, de boa feitura, como as que se seguem :

"A pátria me chama,
Vou prestes partir,
Do sul aos irmãos
Contente me unir.

Adeus ! minha terra,
Meu sonho de um dia
Adeus ! que da guerra
Já ouço a harmonia".

Carolino Sucupira além de poeta, foi também um bravo, não tendo sido imerecida a homenagem que lhe prestou a nossa municipalidade, dando o seu nome a uma das ruas da nossa cidade

x x x

Em 1869, já militava em nossa imprensa o jornalista José Joaquim Teles Marrocos sendo, a esse tempo, redator de "A Voz da Religião no Cariri", semanário que se publicava nesta cidade, sob os auspícios do Pe. José Antonio de Maria Ibiapina. Combatido embora, depois dos miraculosos sucessos supostamente verificados em Juazeiro do Norte, foi José Marrocos um homem de extraordinária cultura para o tempo e para o meio pois, afóra as suas excelentes qualidades de jornalista, era conhecedor profundo de várias línguas estrangeiras (5), e tinha conhecimentos não menos profundos de português e latim. Como redator do órgão citado, achamos razoável dar-lhe a paternidade do artigo estampado em o número 14, dêsse já mencionado jornal, intitulado :

CASA DE CARIDADE

"A pátria e a religião acabam de ter um destes dias de glória, que abrem uma página dourada na história, e fazem época nos anais da vida.

Domingo 7 do corrente teve lugar o ato pomposo e brilhante da instalação da Santa Casa de Caridade desta cidade.

A importância desta festividade inaugural, a majestade augusta das cerimônias religiosas, a simpatia fascinadora do Venerável Padre Ibiapina atraíram à solenidade um concurso extraordinário, imenso e quase inumerável.

As pompas alegres e festivas do ato, as demonstrações entusiásticas e ovantes do povo, as galas inteiramente novas e belas que revestiram esta solenidade são outras tantas epopéias ricas e magníficas que fizeram do 7 de março um dia de glória para a religião e de felicidade para a pátria".

Ninguém haverá negar, portanto, as boas qualidades de prosador de José Marrocos.

x x x

Tornemos ao gênero poético, desta feita, trazendo ao picaleiro a figura simpática e extraordinária de José de Matos. Poeta popular de uma inteligência admirável, conseguiu José de Matos transpor o remoinho de várias gerações, e o seu nome ainda continua bem vivo entre nós. A sua personalidade de boêmio incorrigível, já mereceu as pinceladas críticas de outro grande cratense, José Carvalho, que em seu livro "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", além de nos pôr frente a frente com essa enorme pipa cheia de cachaça e de poesia, depa-rou-nos os seus mais irreverentes improvisos e as suas melhores produções. Vejamos, pois, uma pequena amostra do que foi José de Matos :

"O verso na minha bôca
Não há na terra quem conte:
É água limpa que brilha
Em borbotões de uma fonte !

A minha Serra Araripe
E eu vivemos cantando:
Ela cantando nas fontes.
E Zé de Matos rimando.

Ó Serra do Araripe,
Serra minha predileta,
Manda tuas fontes cantar
O nome do teu poeta!

x x x

Fenelon Bomilcar da Cunha, pai do Álvaro Bomilcar, foi uma figura admirável das nossas letras. Latinista, poeta, jornalista, teatrólogo e músico, segundo Irineu Pinheiro, eis o que, sobre êle, escreveu José Marrocos: "O nome distinto do autor tão vantajosamente conhecido no Fôro, na Imprensa e na Tribuna de nossa Assembléia Provincial, recomenda por si só o seu trabalho literário à consideração pública". Eis um trêcho do trabalho a que se referiu José Marrocos:

"E não são de hoje, senhores, êsses resultados grandiosos que se devem à palavra humana.

Luminosos traços gravados na antiga e moderna história, assinalam o seu poder supremo.

Atenas salva à voz de Demóstenes, Catilina vencido à voz imortal de Cícero, a revolução francesa precipitando-se tempestuosa à voz de Mirabeau são provas irrefragáveis desta verdade."

Ocupava Fenelon Bomilcar da Cunha, nessa época, a presidência da nossa Câmara Municipal, razão por que somos obrigados a reconhecer os seus aquilatados méritos como homem público, que estêve sempre a serviço da sua terra, ora na Assembléia Provincial, ora presidindo os destinos na nossa edilidade. Vale acrescentar, aqui, que, como politico, foi um homem mais do que honesto, honestíssimo, conforme noticia estampada em "Vanguarda", de 15 de setembro de 1887: "Foi nomeada professora da Conceição de Baturité a normalista D. Julia Bomilcar da Cunha, filha do nosso conterrâneo Fenelon Bomilcar da Cunha, que morreu deixando seus filhos em grande pobreza."

x x x

Bernadino Gomes de Araújo, em sua "História das Missões no Cariri Novo", parcialmente estampada em "A Vez da Religião no Cariri", apresenta-nos a poetisa Vitória de Santa Maria, autora dos seguintes versos pios, compostos para a inauguração da Casa de Caridade:

"Como surge no horizonte
O sol, claro e majestoso,

Tal a dous de fevereiro
Chega o dia venturoso.

Vem ser dos caririenses
Protetora a Virgem Pia ;
Vem derramar suas graças
O coração de Maria."

x x x

Nêste perlongar pela nossa literatura, vamos encontrar, em 1888, Edilson Sucupira, educador de elogiáveis méritos, segundo o testemunho verbal do jornalista José Alves de Figueiredo, que o conheceu pessoalmente. Publicado em "Vanguarda", de 12 de fevereiro de 1888, da sua autoria é o poema condoreiro :

DOUS CRÉRIGOS

"Surgem dous vultos gigantes
Nas fileiras clericais !
São da lei pu.a e divina
Dous cultores colossais !
Duma provincia são filhos
E seguem luzentes trilhos
De um Olimpo luminoso" etc. etc.

x x x

Nêsse mesmo decênio, também tangeu a lira Luiza Frazão, residente no sitio Bebida Nova, autora de "Uma Noite de Martírio", soneto publicado em "Vanguarda". Eis o seu primeiro quartêto :

"Vivo e não vivo, que o sofrer das dores
Causam-me horrores, que não sei dizer;
Vivo, mas sinto que esta vida é nada,
Já estou cansada do fatal viver".

Pela pobreza das rimas dos 2.º e 4.º versos, e pela maneira livre como foi compôsto o terceiro verso, sem obediência à rima do primeiro verso, ou vice-versa, vê-se, claramente, que Luiza Frazão apenas engatinhava na arte poética. Mas, sejamos justos, para uma habitante do pé da serra do Araripe, fazer poesia, ainda que mediocre era uma proeza extraordinária.

x x x

Nêste bosquejo pela nossa literatura, queremos, ao apagar das luzes do século XIX, trazer à baila o nome de José Car-

valho, poeta, historiador e folclorista de méritos indiscutíveis. São de sua autoria, "Perfis Sertanejos", publicados em 1897, "Dona Bárbara", drama em 5 atos, em versos, dado a lume em 1916, "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", editado em 1930. Na boca de Bárbara de Alencar, botou José Carvalho os seguintes versos, cheios de bravura e nacionalismo :

"Muito bem! muito bem!— Mas o homem não deve nem pode abandonar a Pátria, aonde teve o berço e viu a luz! Si quem pensa e quem pode nada faz pelo bem dos seus, e não acode do fraco e do oprimido e escuraçado povo, a força, o pelourinho, não de voltar de novo! Do trabalho ou suor é retirado o imposto mas à gente do Reino é dado o melhor posto! Os filhos do Brasil são tidos como escravos; nenhuma recompensa os herdeiros dos bravos; que expulsaram o Flamengo, até hoje, tiveram; todo o proveito e fama a êles sós couberam! Velha, embora, e mulher hei de tudo empenhar para ver meu Brasil feito Reino e contar como livre e feliz a terra independente!"

x x x

Deixemos para futuras escavações literárias, a Companhia Dramática Mocidade Cratense, que floresceu por volta de 1887, e o "Club Romeiros do Porvir", celeiro de cultura de onde saíram as nossas mais brilhantes penas do passado. Para provarmos, aos olhos dos incrédulos, que fizemos literatura, à base dos melhores modelos de cultura do século XIX, basterá que cite-mos os nomes de Fagundes Varela; Camilo Castelo Branco, Vitório no Palhares, Artur Azevedo, Adelido Fontoura, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Raimundo Correia, escritores e poetas insígnies que influíram em nossa formação, no que tange ao cultivo das letras, juízo êste que depreendemos pela frequência com que essas figuras excelsas estiveram presentes nesta terra, pelas páginas dos nossos periódicos.

x x x

Damos a José Alves de Figueiredo as honras do primeiro varão a penetrar os humbrais da nossa literatura, no século XX. Poeta, jornalista, charadista, contista, etc., foi Zuza da Botica, por quase cinquenta anos, o príncipe das nossas letras. Foi êle um dos fundadores da "Cidade do Crato", tendo ao seu lado Manuel Soriano de Albuquerque e Manoel Peixoto de Alencar, figuras ambas exponenciais da nossa cultura, no já bem distan-

te 1901. É José Alves de Figueiredo, paráfrase de uma Volata de Soriano de Albuquerque, é o soneto :

VELHO CAMPANÁRIO

— Vê, meu querido, como sai agora,
Do campanário, dentre as fendas, voando
Das andorinhas o festivo bando
Ligeiramente pelo azul em fora ...

E quando a noite a escuridão arvora ...
Lá mesmo um môcho se cuve então piando ...
E o noivo à noiva respondeu tomando
As mãos fidalgas de um alvor de aurora:

— Assim também do nosso peito um dia,
Quando estivermos na velhice fria
Irão lembranças juventude em fora ...

E o coração que num velhinho existe
É como o môcho solitário, triste,
Que no vetusto campanário mora.

Para quem hoje vê e conversa com aquele intrépido jornalista do passado, pode, muito bem, chegar a uma conclusão de que os dois tercetos de "Velho Campanário" fielmente retratam e simbolizam José Alves de Figueiredo, em sua velhice respeitável e fria.

x x x

Vindo de Pernambuco para, em nossa cidade, exercer o cargo de juiz, Soriano de Albuquerque foi outra figura, como já dissemos, de extraordinária importância para as nossas letras. Palmilhou Soriano pelos mais variados campos da cultura, tendo, até, como professor de piano, dado uma nova e trutura à sociedade cratense, provocando agradáveis reuniões familiares. Mas, como jornalista, tradólogo e educador é que Soriano de Albuquerque ultrapassou as expectativas daquela época, tendo sido, nêstes setôres, indiscutível e palpável a sua influência em nossa formação literária. Da sua autoria é a Volata :

VELHO CAMPANARIO

"No varandim entrelaçado de trepadeiras em flor. — Vê, meu noivo, como do velho campanário, erguido lá no meio da planície, soltam agora àlacremente o vôo as andorinhas, que

por entre as fendas das paredes carcomidas onde a hera cresce, fazem ninhos. Como encanta acompanha-las com os olhos e com a alma, assim em bando, azul em fora ..." Entretanto durante a noite, lá mesmo fúnebremente um môcho pia

E tomando as suas mãos alvas e delicadas entre as minhas, disse-lhe :

Oh ! desolação eterna com que o tempo reveste tudo ! Quando formos velhos também, amor assim como as andorinhas, as nossas recordações alar-se-ão do nosso peito sulcado de desenganos, em bando também, juventude em fora ... E o coração no peito de um velho é como o môcho que velho campanário abriga."

x x x

Manoel Peixoto de Alencar, crítico e jornalista, merece também um lugar em nossa literatura, tendo sido, por vários anos, um dos redatores da "Cidade do Crato". Damos, a seguir, uma pequena amostra do seu talento, como crítico :

CASA MAL - ASSOMBRADA

"Assim denominou Álvaro Martins um poemeto que acaba de dar à luz, editado pelo sr. Assis Bazzera — Fortaleza

Qualquer que seja o evoluir da humanidade, qualquer que seja as expansões do talento evoluindo-se num transcendental realismo, aparecendo Zola, Junqueiro, Raul Pompéia e Aluisio, cercados de uma aureola de luz, há sempre no coração do homem um canto reservado para a vibração essencialmente característica do sentir.

Os costumes, os usos, as tradições de um povo são conservados indefinidamente pelas lendas e canções populares, que tão fielmente traduzem a verdadeira expressão da índole, de sua natureza com toda graça, com todo encanto, peculiares à sua rústica simplicidade."

x x x

Poeta também, e jornalista, foi José Alves de Oliveira, que colaborou assiduamente na "Cidade do Crato". Da sua lavra, é o poema ...

QUANDO ELA RI...

"Desprende-se das tranças de azeviche
O olor essencial do buçari,
Agita-se a cabeça sonhadora
Quando ela ri...

Dos olhos negros ... negros tentadores,
Travessos, qual travesso colibri
Dimana-se luz doce e divinal
Quando ela ri...

Da boca os dentes de marfim polido
Ostentam-se entre os lábios de rubi.
Ruborizam-se as faces de alabastro
Quando ela ri...

Vem à lembrança as ninfas mais formosas
A beleza mirífica de Huri,
A formosura mística de Venus
Quando ela ri...

Do colo alabastrino, encantador
Solta-se o mago cheiro do aleli.
Aroma que enebria, mata e prende
Quando ela ri...

x x x

No dealbar do século XX, deu-nos as graças de poetisa, Amelia Benebien Perouse, cratense ilustre que teve o honroso mérito de ser a primeira médica cearense e a segunda do Brasil, tendo se doutorado em medicina, em 1889, pela Faculdade da Bahia. Em metro de sete sílabas, é da sua autoria o soneto:

DESPEDIDA

"Desta terra em retirada
dou as tristes despedidas
às patricias bem queridas
por quem fui mui visitada.

Irei sempre bem lembrada
destas nobres destimidas
destas tão perfeitas vidas
desta pátria bem amada.

Nesta firme estimação
a tão firmes amizades
pede a boa gratidão

Que a essas mil bondades
deixe em paga o coração
leve comigo saudades.

Com êste sonêto, publicado na "Cidade do Crato", em 21 de dezembro de 1902, cheio de tantas rimas homófonas, deixou bem claro Amélia Benebien Perouse, que a sua tendencia era mesmo para a medicina. Contudo achamos que valeu o registro.

x x x

José Bezerra de Britto, educador e jornalista de grande conceito em nossa terra, é outra figura que não poderia ser esquecida, nêste pequeno esboço da nossa literatura. Como jornalista, dedicou quase cinquenta anos de vida ao periodismo cratense, sendo bastante dizer que êle perambulou por todas as redações dos jornais católicos da terra, ora como colaborador, ora como diretor ou redator, desde a "A Cruz" até o semanário "A Ação", Fruto da sua mocidade, é o sonêto:

N A N A

"Completas, terna fiihinha
Um ano de existência.
São teus brincos de inocência
Le dice da vida minha :

O teu brincar de criança.
Contemplo de prazer cheio
Imerso do doce enleio
De que és minha esperança:

E, quando balbuciante.
— Papá! — dizes docemente.
Me forças a te abraçar:

Então, sobre mil carinhos
Muitos e ternos beijinhos
À face de vou pregar.

x x x

Com o estilo voláteo de Soriano de Albuquerque, surgiu em nossas letras, em 1903, Miguel Limaverde, sendo da sua autoria :

ANTAGÓNICAS

"Ocultava-se o sol. Sômente pequenos lampejos dos seus últimos raios de*persavam-se no espaço. A natureza tristemente embuçava-se na sombra silenciosa da noite. A lua desembaraçava-se dalguns trapos de nuvens e afrouxava os raios de prata.

Nesta hora nostálgica em que a tela da melancolia tudo envolve, o prurido das fortes imaginações do passado torturava-me o cérebro. Desviei-me aos campos após uma distração.

Sobremaravilhado com o encontro daqueles estranhos viajores noturnos, tornei ao meu domicilio, já tendo perdido totalmente a imaginação do passado.

x x x

Nêsse primeiro decênio do século XX, outros cultores das nossas letras tivemos, do quilate dos padres Joaquim Ferreira de Melo, Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Emilio Leite Álvares Cabral e Pedro Esmeraldo da Silva. Da autoria de D. Quintino, transcrevemos, apenas, a primeira estrofe do "Hino a Santa Teresa de Jesus" :

"Palma virente do Carmelo umbroso,
Flor olorosa do vergel da Igreja
Teu nome ilustre, que piedade inspira,
Da terra ao empíreo proclamada seja".

x x x

No segundo decênio dêste século, passaram a contar as nossas letras com o Pe. Mannel Feitosa, diretor e redator-chefe de "A Região", e Raimundo de Norões Milfont, sendo da autoria dêste, o poema :

DIVINO AMOR

"Na primavera — tudo era primores,
Ao campo semeado de mil flores
Beijava a`mansa brisa,
Felicidades, risos e harmonia,
Amor, beleza, encantos e poesia
O mundo' concretiza ..."
Etc. etc.

x x x

A partir de 1920, outras mentalidades foram se afeiçoando ao cultivo das letras, em nossa terra e, dêsse tempo, destacamos os nomes de: Jorge Dumar, Luiz Teixeira Filho, José Siqueira, Antonio Martins Filho, Pedro Felício, João Alves Rocha, e tantos outros.

De Martins Filho, atual Reitor da Universidade do Ceará, é o trabalho publicado a 18 de agosto de 1923, no primeiro número de "A Classe":

"Levanta-te, ó mocidade cratense desta letargia em que há muito jazes, e caminha e procura, nas páginas de um livro, uma centelha de luz, desta luz egrégia do saber, que ilumine as densas trevas do teu espirito, que limpe dos teus olhos dúbios, a deprimente mancha do analfabetismo.

Abandona, por alguns instantes, os sport, os cinemas, as avenidas e trabalho, ó mocidade fervorosa, pela tua própria intellectualidade, pelo progresso de tua terra, pelo engrandecimento de tua pátria." etc. etc.

Dos intellectuais acima citados, transcrevemos, também, o soneto de Pedro Felício, intitulado:

MEUS VERSOS

Meus pobres versos pelo céu partidos,
como de nuvens trapos bem dispersos,
gravitam em redor de tempos idos,
untados dessa luz dos Universos.

Vêde-os: vão sempre de humildade unguidos;
vertem tristeza e na tristeza imersos,
são os meus prantos mudos e sentidos
esses sem cores, rebuscados versos ...

Almas sentimentais, compadecidas,
os versos são as pequeninas vidas
que se abrasam de amor, fadiga e calma.

Idel! Idel! ó versos meus, espaço em fóra
sois pranto, coração que se estertora,
versos benditos, — trapos de minh'alma ...

x x x

Façamos um ligeiro retrospecto, neste nosso enfadonho esboço literário. É que havíamos nos esquecido de dizer algu-

mas palavras sobre Bruno de Meneses, e cremos que nenhum cratense nos perdoaria tamanha desatenção. Foi Bruno de Meneses diretor de "A Gazetinha", periódico saído a lume aos 24 de dezembro de 1915, e êle, ainda, quem dirigiu e redatoriou a "Gazeta do Cariry", em sua primeira fase, tendo tido como seguidores, os brilhantes jornalistas Otacilio Macêdo e Loyola Alencar.

x x x

Um homem como Irineu Pinheiro, jornalista e historiador de grande conceito em todo o Ceará, não deveria ser merecedor de apenas uma meia dúzia de palavras, esboçadas ao léo. Se assim, porém, o fazemos, é porque o nosso tempo é pouco, e bastante reduzido o espaço que gentilmente nos reservou "Itaytera. O primeiro trabalho de Irineu Pinheiro, que nos conste, foi "Um caso de dexiocardia", publicado em 1910. Em 1938, deu a lume "O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914". Em 1950, publicou "O Cariri". Da sua autoria são, ainda, os opúsculos "Joaquim Pinto Madeira", "A Peste Bubônica", "José Pereira Filgueiras" e o documentário "Cidade do Crato", de parceria com Figueiredo Filho. Deixou inéditas as suas "Efemérides do Cariri", e é bem provável que um dia as vejamos enfileiradas num volume.

x x x

José Figueiredo Filho, jornalista e escritor conhecido em quase todo o Brasil, é outro filho do Crato que, quando um dia escrevermos um definitivo trabalho sobre a nossa literatura, terá o seu nome gravado entre os maiores cultores das nossas letras. A sua tenacidade e o seu apêgo por tudo que diz respeito ao Crato, são fatores que levamos em conta, neste nosso esboço, para melhor aquilatar os seus méritos, na arena afanosa da imprensa. Como romancista, estreou Figueiredo Filho, em 1937, com o lançamento de "Renovação", romance de aspectos sociais do Nordeste Brasileiro, prefaciado pelo acadêmico Gustavo Barroso. Em 1948 publicou "Meu Mundo é uma Farmácia", obra em que traça a sua auto-biografia e relata interessantes fatos sociais da cidade do Crato. Há poucos dias, foi dado a lume o seu terceiro livro, intitulado "Engenheiros de Rapadura do Cariri". Além disso, Figueiredo Filho possui trabalhos esparsos que dariam para formar dois livros, ou talvez mais, tal a sua fecundidade como jornalista num período aproximado de vinte e oito anos.

x x x

Filho embora de Brejo Santo, o Pe Antonio Gomes de Araújo aqui é que assentou a sua tenda, para produzir os melhores frutos de pesquisa da nossa história. A ele devemos revelações sem conta da nossa formação etnológica, política e social. Além de vários trabalhos estampados em nossos periódicos, todos de indiscutível valor histórico, não poderíamos nos furtar ao dever de citar: "Concurso da Baía na Formação da Gens Cari-iense", "Do Curral ao Ciclo Agrícola", "A Cidade de Frei Carlos", "Um Civilizador do Cariri", "A Baía nas Raízes do Cariri", "Apostolado do Embuste" e "Raízes Sergipanas".

x x x

Gostariamos de falar, ainda, sobre a contribuição á nossa literatura, de jornalistas, poetas e escritores, como: Celso Gomes de Matos, Pedro Gonçalves Norões, Tomé Cabral, Alvaro Madeira, Florival Matos, Quixadá Felício, Mons. Antonio Feitosa, Pe. Antonio Vieira, José Newton Alves de Sousa, Pe. Leopoldo Fernandes, Pe. Rubens Lóssio, Mons. Pedro Rocha, Prof.ª. Edméa Arraes, Otacilio Anselmo, uns filhos do Crato, outros ligados á nossa terra pelo coração, mas todos devotados apóstolos da nossa cultura literária.

Este nosso trabalho, apressadamente rascunhado, foi apenas uma pequena amostra de que tivemos literatura, e continuamos, sem lampêjos de vaidade, a cultivar as boas letras, não importando que nos citem ou não em histórias literárias. Em dias futuros, tencionamos dar a lume, não o esboço, mas a história da nossa literatura, quando então teremos a oportunidade de estudar, demoradamente, os fatores preponderantes da nossa formação cultural.

Obras consultadas:

- 1 — Nova História da Literatura Brasileira, vol. 1 — 1942
- 2 — Crítica (editada por Mário Alencar) — 1910
- 3 — História da Literatura Brasileira, tomo 4º. — 1949
- 4 — Pe. Antonio Gomes, IN "A Cidade de Frei Carlos" — 1954.
- 5 — Cidade do Crato, de Irineu Pinheiro e Figueiredo Filho, — 1955.

CARTA AO MEU FILHO

Quixadá Felício Escreve Especialmente Para ITAYLIRA

Estamos em setembro de 1958. Tens, agora, 15 anos. Uma idade difícil, que uma desvairada fratura no esqueleto da sociedade faz mais difícil ainda. Pertences a uma geração psicologicamente desgraçada. Mas, diz-me a consciência que tenho te apontado, em todos os instantes, pelo exemplo de trabalho diuturno e as grandezas da vida quieta na intimidade do lar, a estrada que te evitará a ruína e o desalento, tornando-te útil à família e à Pátria. Nós, os pais dêsses moços, teus contemporâneos, abrimos os olhos à vida no minuto exato em que ribombavam os primeiros canhões do conflito devastador de 1914 — etapa um da derrocada de costumes que possibilitaram aos nossos avós uma vida de honrosos devotamentos mcras. Quando as feridas ameaçavam cicatrizar, apanhou-nos como um ciclone a conflagração de 1939 — etapa dois do esfacelamento social, lance decisivo dëste íngreme Calvário que vamos todos subindo, rumo ao abismo mais aterrador. A primeira guerra foi ao coração da humanidade: secou, no homem, as legendas dos entusiasmos desatados. E, aos poucos, debilitadas as fontes do seu altruísmo, mergulhou na escuridão dos egoísmos mais extenuantes. A fogueira de 20 anos passados foi à razão. Destruiu o sentido de responsabilidade. Desencaminhou as inteligências. Consumiu todo o perfume que ainda inebriava as pétalas misteriosas das sensibilidades. Foi o drama cruel da anestesia de todos os princípios soberanos, a noite de todas as maldades vendendo sôbre o sol de rutilâncias do Bem.

Encontrarás, meu Filho, um mundo acovardado. Dentro dële, distinguirás como se agita o sarau das mais tórpes ambições. O peito de quase todos vazio de Fê e de Amor. É um mundo de pigmeus, de criaturas embrutecidas pelo prazer fácil e pela vaidade mais pueril. Divisarás a luta pela conquista do poder econômico e político entre homens da mais infima categoria intelectual e moral. Surpreenderás a alma siderada porque o sucesso vai, sempre, para as mãos daqueles que melhormente se credenciam pela ausência das virtudes nucleares do cidadão. Verás, a cada passo, como desfila altaneira e cortejada a casta de todos os mediocres e pusilânimes. Defrontarás uma imprensa prostituída, um parlamento mercenário e chinfrin, o executivo seguro pelo punho dos mais relapsos e o judiciário maculado no seu destino, porque os juizes também se contaminam na degradação. Esta, em breves palavras, a atmosfera que respiramos. Paisagem apenas debuxada, porque o só detalhe de um ângulo qualquer envolveria um rosário de amargas invocações, com uma

pausa de compungentes ressonâncias no soçaito de muito brralho, muito uisque e muitas transigências, e que é o quartel general do deboche a que atingiu a chamada elite de cadilaques e outros recursos que propiciam a farândola encarnada da depravação ...

Há, porém, meu Filho, a minoria dos que não se dobram às injunções da covardia. É o heróico reduto dos que não perderam a confiança numa reação que não pode deixar de manifestar-se, já e já, antes que o último vergalhão se despedace na queda mortal. Esta é a tua trincheira, meu Filho. Muita fidelidade à bandeira de recuperação moral da sociedade. Cultiva, amplia e aprofunda o lastro das convicções que afloram, indomáveis, do teu caráter adolescente. Persevera na honra, no amor ao estudo, na dedicação ao trabalho honrado, no dever que assiste a todo Homem de servir à própria consciência servindo com abundâncias de arejados propósitos intimos os menos afortunados sobre a terra. Não te seduza a riqueza fácil ou o poder politico conquistado a trôco de afrouxamento da tua dignidade e da tua inteligência. Não te enfeiticem as alturas projetadas acima das forças dos teus merecimentos. Repugna toda e qualquer vitória que não possas selar com o suor de um esforço digno e a palpitante presença da tua imaginação criadora. Procura ser o primeiro. Mas, sem arrogâncias. Com humildade sincera, que é a única moldura que oferece relêvos e realces à pintura da alma. Afirma-te, em todas as ocasiões de inflexível lealdade. Quando, um dia, o labor perseverante e a luz do teu espírito te situarem no vértice do teu grupo social, dirige com justiça e retidão. Influi com a tua autoridade para conciliar e tranquilizar as mentes apaixonadas. E, sobretudo, perdôa. Este é o teu caminho. Não te desvies dêle, mesmo quando a adversidade experimentar-te a fibra das resistências. Porque terás defrontado a hora culminante da tua existência: investe com maior impeto e maior serenidade e ganharás a principal batalha, que será aquela que te indicará como exemplo às gerações. Ânimo, meu Filho. Para a frente! Não terer, eu sinto, a fortuna de contemplar-te na efervescenciada vida pública. Minha vida se encerrará cedo. Mas, nunca te sentirás totalmente ausente de mim, porque a cada batimento do coração despartarás a lembrança para a minha advertência de todos os dias: entranhado amor ao estudo e ao trabalho. Ordem. Convicção. Devotamento aos pequeninos. Onde vingar a claidade desses princípios ai descobrirás o caminho. O resto é atalho. Sem luz, para a apoteose do idealismo. Sem música, para a cantiga das ternas consolações

ASPECTOS ADMINISTRATIVOS DO CRATO DE 1870

Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro

Cratense irmão. Cnde estiveres, atende ao meu apelo cordial e amigo. Abandona por alguns instantes os afazeres trepidantes da presente conjuntura e percorre comigo, nos parcos momentos de lazer, ou numa indesejável noite de insônia, a floresta seivosa da pouco conhecida história de nossos maiores, rica de civismo, transbordante de heroísmo, perdulária de bravura.

Escolhamos juntos uma direção. Elejamos, em seguida, uma de suas inúmeras trilhas. E busquemos contritos, cabeças descobertas, nêsse humoso e feracissimo solo da primitiva Missão do Miranda, nos tijolos dos seus vetustos alicerces, os nomes respeitáveis de alguns que argamassaram com o seu produtivo trabalho suarento, a seu modo e na medida das suas possibilidades, os fundamentos da muito querida, culta, hospitaleira e progressista cidade, que foi palco do nosso nascimento, e se tornou cenário de justos, altruisticos e nobres sentimentos. E então, — ferindo intencional, em cheio e profundamente os corações dos venerandos cratenses das gerações de Cicero Bezerra Lobo, José Bezerra de Brito, José de Figueiredo, Hermenegildo Firmeza, Desembargador Cursino Belem, Paulo Elpidio de Meneses, Vicente Roque, Antonio Leite Tavares, Dr. Manuel Monteiro, Filemon Teles, Deodoro e Raimundo Gomes de Mattos, e poucos mais — exumemos do esquecimento e registremos indelêvelmente, para conhecimento da atual e das futuras gerações, as atividades públicas dêsses obreiros do Crato, enquadrados na vida administrativa de 1870 :

1) — ORGANIZAÇÃO MILITAR E POLICIAL :

A — GUARDA NACIONAL

a — Comandó Superior do Crato, Barbalha e Missão Velha

Estado Maior — Cel. Cmt. Superior: Antônio Luiz Alves Pequeno Júnior

Chefe do E. M: João Quesado Filgueira

Maj. Aj. de Ordens: Felipe Telles de Mendonça e Joaquim Lopes Raimundo do Bilhar

Cap. Secretário: Gonçalo de Lavor Paes Barreto
 Cap. Quartel Mestre: Francisco José de Pontes
 Simões
 Cap. Cirurgião mór: Benedito da Silva Garrido

b — Corpo de Cavalaria N. 1

Estado Maior — Ten. Cel. Cmt: Antônio Gonçalves Landim
 Major Designado: Joaquim Gomes de Mattos
 Tenente quartel mestre—
 Tenente cirurgião: Christovão de Hollanda Ca-
 valcante Albuquerque
 Alferes Secretário: Joaquim José da Rocha
 Alferes porta-estandarte: José Antônio de Fi-
 gueiredo
 Alferes porta-estandarte: Joaquim Francisco Ri-
 beiro de Andrade

1ª. Companhia—Capitão João Vitorino Gomes, Tenente Joaquim
 Delfino Teixeira e Alferes Alexandre Leite
 Moreira.

2ª. Companhia—Capitão Joaquim Gomes de Mattos, Tenente Vi-
 cente José Monteiro e Alferes Joaquim Fran-
 cisco de Brito.

3ª. Companhia—Capitão Antônio Moreira Maia, Tenente Antô-
 nio José de Carvalho e Alferes Miguel Bizerra
 Frazão.

4ª. Companhia—Capitão Francisco Ribeiro de Andrade, Tenente
 Manoel Joaquim Tavares e Alferes Leonel Dias
 Ferreira.

c — Corpo de Cavalaria N. 4

Estado Maior — Ten. Cel. Cmt: Joaquim Bizerra de Menezes
 Tenente Quartel mestre: José Geraldo de Car-
 valho
 Tenente Cirurgião: Simião Correa de Macedo
 Alferes Secretário: Dário Duarte Correia Guerra
 Alferes porta-estandarte: Antônio Telles de Me-
 nezes e Francisco de Miranda Collares.

1ª. Companhia—Capitão Joaquim de Sá Cavalcante Machado
 d'Albuquerque, Tenente Francisco Tavares de
 Quíntal e Alferes Manoel Antônio do Nascimento.

- 2.^a Companhia — Capitão José Pinheiro Bizerra de Menezes, Tenente Pedro Ribeiro de Carvalho Paz e Alferes João Francisco Collares.
- 3.^a Companhia — Capitão Liandro Bizerra de Menezes, Tenente Luiz Manoel Gonçalves Parente e Alferes Evaristo Carlos do Nascimento.
- 4.^a Companhia — Capitão José Geraldo Bizerra Monteiro, Tenente Antônio Liandro Bizerra e Alferes

d — Batalhão de Infantaria N. 12

Estado Maior — Ten. Cel. Cmt: Miguel Xavier Henrique de Oliveira
 Major Designado: Pedro Bizerra Monteiro
 Tenente Quartel mestre: José Soares Barbosa
 Tenente Cirurgião: Joaquim Secundo Chaves
 Alferes Secretário: Juvenal de Alcântara Pedrozo
 Alferes porta-bandeira: Isidro Francisco de Paula.

- 1.^a Companhia — Capitão Pedro Bizerra Monteiro, Tenente Joaquim de Lavor Paes Barreto e Alferes Augustinho Augusto de Albuquerque e Melo e Joaquim Pedrozo Lima.
- 2.^a Companhia — Capitão Joaquim Francisco de Araújo Candeia, Tenente Antônio Ferreira Lobo e Alferes Francisco Pereira Maia e João Jaques de Macedo.
- 3.^a Companhia — Capitão Francisco da Franca Alencar, Tenente José Ferreira Lima Dié e Alferes Manoel do Monte Furtado e Liberalino Pereira Maia.
- 4.^a Companhia — Capitão Ernesto Amancio de Lima, Tenente Francisco Gonçalves de Pinho e Alferes José Correia de Oliveira e Regino de Araújo Costa e Alcântara.
- 5.^a Companhia — Capitão Francisco José de Brito, Tenente Felton Bomilcar da Cunha e Alferes Marcolino Francisco Cardoso e Francisco Ferreira de Mello.
- 6.^a Companhia — Capitão Antônio Telles de Mendonça, Tenente Octávio Adastro de Lima e Alferes José Albertino da Rocha e Henrique de Lavor Paes Barreto.

- 7.^a Companhia—Capitão Manoel Carlos do Nascimento, Tenente Manoel Pereira de Araújo Casulla e Alferes José Freire de Castro Jucá, e Bellarmino Gomes de Moura.
- 8.^a Companhia—Capitão José Antônio da Costa, Tenente Manoel Ignácio Ferreira da Silva e Alferes Vicente Gonçalves Aleixo e Manoel Liandro Bizerra de Menezes.

e — Batalhão de Reserva N. 2

Estado Maior — Ten. Cel. Cmt: Simião Telles de Menezes Jurumenha
 Tenente Cirurgião: Sabino de Mendonça Barros
 Alferes Secretário: Constantino Brigido dos Santos
 Alferes porta-bandeira: Manoel Catuamba Nahú.

- 1.^a Companhia—Capitão Joaquim Gonçalves Landim, Tenente Manoel Ferreira de Lima Roldão e Alferes Balduino Gomes de Mattos e Belmiro Pereira Maia.
- 2.^a Companhia — Capitão Laurenio Brisenno da Silva, Tenente Francisco Fernandes de Oliveira e Alferes Pedro Soares Celestino e Pedro Correia Lima de Macedo.
- 3.^a Companhia—Capitão Joaquim José de Sant'Anna Milfont, Tenente Sallustiano Pereira Maia e Alferes Raymundo de Alcântara Maia e Raymundo Gonçalves da Costa.
- 4.^a Companhia—Capitão Domingo Gonçalves Martins, Tenente Manoel Duarte Pinheiro e Alferes José Dias Guimarães e Manoel Francisco da Cruz.

B — SECRETARIA DE POLÍCIA

Delegado do Têrmo do Crato: Joaquim Gomes de Mattos

- Suplentes: 1 — Cap. José Pinheiro Bizerra de Menezes
 2 — Jovinião Telles de Pontes Simões
 3 — Felipe Telles de Mendonça
 4 — Manoel Joaquim Tavares
 5 — Pedro Bizerra Monteiro
 6 — Francisco José de Pontes Simões

Sub-Delegado do Distrito: Francisco Gonçalves de Pinho

- Suplentes: 1 — Belarmino Gomes de Moura
 2 — Dário Duarte Correia Guerra
 3 — Vicente Gonçalves Aleixo
 4 — Manoel Liandro Ferreira de Menezes
 5 — Antônio Joaquim Tavares de Mello
 6 — Joaquim Caetano Baptista

2) — ORGANIZAÇÃO JUDICIÁRIA

A — JUSTIÇA DA COMARCA DO CRATO

- Juiz de Direito: Dr. Hermogenes Socrates Tavares e Vasconcelos
- Juiz Municipal dos Termos reunidos do Crato, Barbalha e Missão Velha: Dr. Manoel Coelho Bastos do Nascimento
- Promotor Público: Dr. Benjamim Pinto Nogueira
- Tabelião Público: Antônio Duarte Pinheiro
- Escrivão de Hipotecas: A. Duarte Pinheiro
- Escrivão de órfãos e ausentes: José Joaquim de Sant'Ana Milfont
- Escrivão do Juri: Raymundo Nonato de Lavor
- Secretário de Paz: Domingos Lopes de Senna, Belarmino Gomes de Moura, Antonio Moreira Maia e José Ferreira Lima Dié.

B — ADVOGADOS DA COMARCA

- Dr. Benjamim Pinto Nogueira
 Dr. Fenellon Bomilcar da Cunha

3) — ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

A — CÂMARA MUNICIPAL

Presidente: Fenellon Bomilcar da Cunha

- Vereadores: Cap. José Pinheiro Bizerra de Menezes, Joaquim Secundo Chaves, Manoel Joaquim Tavares, Cap. Joaquim Gomes de Mattos, Francisco José Pontes Simões, Joaquim Francisco de Araújo Candeia, Antônio Duarte Hyacinto Maia e Padre José Gonçalves da Costa.

Suplentes — 1.^a Turma: — Antônio Ferreira Lobo, Joaquim Lopes Raymundo do Bilhar, José Antônio da Costa, Manoel Ignácio Ferreira da Silva, Antônio Telles de Mendonça, Manoel Moreira Pequeno, Joaquim Francisco de Brito, Francisco Sisnando Baptista e Joaquim Francisco Ribeiro de Andrade.

B — CORPO ELEITORAL

a — Collegio da cidade do Crato (Freguezia de Nossa Senhora da Penha, 1869-1872):

José Antônio da Costa, Benedicto da Silva Garrido, Celso Ferreira Lima Verde, Joviniano Telles de Pontes Simões, Francisco José de Pontes Simões, Antônio Gomes de Campos Petico, Domingos Lopes de Senna, José Freire de Castro Jucá, José Pinheiro Bizerra de Menezes, Gonçalo Lavor Paes Barreto, José Soares Barbosa, Padre Joaquim Ferreira Lima Verde, Pedro Bizerra Monteiro, Feliope Telles de Mendonça, Pedro José Gonçalves da Silva, Manoel Ignácio Ferreira da Silva, Manoel Pereira de Araujo Caçulla, Liandro Bizerra de Menezes, Francisco Lobo de Macedo, João Lobo de Menezes, Francisco Ferreira de Mello, Antônio Ferreira Lobo, Francisco Libetão Correia de Alencar, Francisco Telles de Quintal, Manoel Liandro Ferreira de Menezes, Belarmino Gomes de Moura, Pedro Telles de Quintal, Manoel Joaquim Tavares, Marçal Ribeiro Vianna, Regino de Araujo Costa e Alcantara, Francisco Gonçalves Aleixo, Tertuliano Tavares de Brito, Joaquim de Lavor Paes Barreto, Francisco Gonçalves de Pinho, Conrado Rodrigues Costa, Alfonso Albuquerque Mello, Joaquim Lopes Raymundo do Bilhar, Antônio Gonçalves de Pinho, Dário Duarte Correia Guerra, João Evangelista do Espirito Santo, Vicente Gonçalves Aleixo, Manoel Lopes de Lima, José Tavares Campos, Manoel Francisco da Cruz, Raymundo Duarte Hyacintho Moura, Manoel Dourado de Araujo, José Albertino da Rocha, Augustinho Augusto de Albuquerque Mello, Antonio Joaquim Mello Tavares e Henrique de Lavor Paes Barreto.

b — Eleitores Especiais de Senadores

Joaquim Gomes de Mattos, Joviniano Telles de Pontes Simões, José Gomes de Mattos, José Antonio da Costa,

Celso Ferreira Lima Verde, Raymundo Gomes de Mattos, Benedito da Silva Garrido, João Mathias Gomes de Mattos, Francisco José de Pontes Simões, José Ferreira de Castro Jucá, José Pinheiro Bizerra de Menezes, Gonçalo de Lavor Paes Barreto, Pedro José Gonçalves da Silva, Pedro Bizerra Monteiro, José Soares Barboza, Domingos Lopes de Senna, Antonio de Pontes Simões, Frauzino Soares de Oliveira, Salustiano Pereira Mãia, Alexandre Ferreira dos Santos Caminha, Antônio Ferreira Lobo, José Tavares Romeiro, Manoel Correia de Araujo, Manoel Ignácio Ferreira da Silva, Manoel Pereira de Araujo Caçulla, Liandro Bizerra de Menezes, Clementino de Pontes Franco, João Lobo de Menezes, José Vicente de Alcântara Lima, João Ferreira de Mello, Manoel Liandro Ferreira de Menezes, Belarmino Gomes de Moura, Pedro Telles de Quintal, Manoel Felipe Telles, Francisco Gonçalves Aleixo, Joaquim de Lavor Paes Barreto, Francisco Gonçalves de Pi ho, Affonso de Albuquerque Mello, Joaquim Lopes Raymundo do Bilhar, Dário Duarte Correia Guerra, Vicente Gonçalves Aleixo, Manoel Lopes de Lima, Raymundo Duarte Hyacintho Moura, Augustinho Augusto de Albuquerque Mello, Antônio Joaquim de Mello Tavares, Henrique de Lavor Paes Barreto, João Ferreira de Andrade, Manoel Antonio do Nascimento, Simplicio Correia Lima Accioly e Pedro José de Oliveira.

4) — ORGANIZAÇÃO FAZENDÁRIA

—Coletor: Pedro José Gonçalves da Silva

—Escrivão: Joaquim de Lavor Paes Barreto

5) — ENSINO E SAUDE

A.—Cadeira de latim: Constantino Brigido dos Santos

—Professores Públicos :

1.^a Cadeira: Celso Ferreira Lima Verde

2.^a Cadeira: Padre Antônio de Almeida e Generosa Candida D'Albuquerque

Inspetor literário: Dr. Benjamim Pinto Nogueira

Inspetor local: Juvenal D'Alcântara Pedrozo

Escolas particulares do ensino primário :

—Sexo Masculino: Raymundo Duarte Hyacintho Moura,
Jesuino Brizeno da Silva, Manoel Luiz
Alves da Rocha e Bêlarmino Ferrei-
ra Lima Guimarães.

—Sexo Feminino; Maria Senhorinha de Oliveira Castro.

B — FARMACÊUTICOS :

Joaquim Secundo Chaves e Benedito da Silva Garrido,

Cs alvos foram atingidos ?

Se estão sangrando os corações daqueles que conheceram vários dos insignes varões prazenteiramente lembrados, manifestem-se Cicero Lobo, Zuza Bezerra, Zuza de Figueiredo, Firmeza, Cursino Belem, Paulo Elpidio, Vicente Roque, Antonio Leite, Deodoro, Filemon, "Gomês" e, particular e destacadamente, êsse culto e brilhante Manuel Monteiro, emudecido, infelizmente, há anos, inexplicavelmente.

Se os jovens estimaram a preciosa recordação, se agradou a revivescência dêsses prestantes vultos dotados de poucas letras, mas exuberantes de caráter e critério adamantinos, as sinceras felicitações do conterrâneo cheio de limitações, mas, sobretudo, amigo do Crato e de seus filhos.

Fortaleza, 6 de Abril de 1958.

BIBLIOGRAFIA : - "Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Província do Ceará, para o ano de 1870", respeitada a sua ortografia.

TROPEANDO

Por xéco Figueirô (Bagé, R. G. S.)

(de um "CAUDÉRIO" do Rio G. do Sul aos "cabras" do nordeste)

Maio, o mez que passou,
Depois que o gado engordou
Com linda trópa eu segui:
Faturei um POTREIRO
De CHUCROS e TAMBEIROS
Todos CRIoulos d'aquí.

Ja vacas de bombachas
Mochas e GUAMPA-GACHAS,
Novilhos e algum TURUNO;
Boi manso prá dar peso,
E o capataz bem tezo
ESCARCIANDO um SOBRUNO ...

Gauchos bem PILCHADOS
Tipos guapos e afamados
Em variados serviços;
Conduziam com maestria,
A TRÓPA que ali seguia
Formada só com mestiços.

Vacas cento e setenta.
Machos cento e noventa
O numero que eu aparteí;
Numa alta madrugada
Seguimos á charqueada
E varios dias andei.

Marcha, marcha a boiada ...
Fuêra vaca AQUERENCIADA,
Manheras de corredor.
Tóca, tóca boi manso,
Assim, terreno eu avanso
Vamos TRANQUIAR por favor.

E o gado marchando lindo.
Nessa jornada prosseguindo
Até chegar na Bagé.
Surpriendo eu no matadouro
Dando um peso de estouro
Disso eu já tinha fé.

Meu potreiro é especial
 Engorda qualquêr animal
 Até mesmo um INTECADO;
 Prá boi manso e vaca uzada
 Póde mandar pra charqueada
 Que eie é bem renumerado.

Explicações

GAUDERIO	Gaúcho que vive de fazenda em fazenda sem pouso certo
POTREIRO	Cercado onde engordam o gado
CHUCROS	Criados no campo sem virem ao curral
TAMBEIRO	Filhos de vacas mansas de tirar leite na fazenda
CRIOULOS	Criados na fazenda sem serem comprados
GUAPA - GACHA	Chifres caídos
TURUNO	Touro castrado ou chamurro
ESCARCIANDO	Ginetiando
SEBRUNO	Cavalo com pêlo côm de rato
PILCHADO	Bem montados
TROPA	Boiada para as charqueadas
AQUERENCIADA	Acostumada nos campos de pastagens
MES*IÇOS	Cruza de diversas raças
TRANQUIAR	Andar de chouto
INTECADO	Caroara que chamamos ai

Bagé, 11 de Julho de 1958

AGILBERTO FREIRE

Fuí Aspirante ao "Céu" Através

da História do Padre Cícero

Otacílio Anselmo e Silva

Nunca me passou pela cabeça a idéia de participar do programa radiofônico "O Céu É o Limite", pelo qual cheguei até a sentir pavor depois de ouvir do Professor Sólon Farias, há mais de um ano em Fortaleza, os pormenores de sua atuação no referido programa, numa das emissoras da Capital paulista, do qual desistiu com avultado prêmio.

Já em Crato, certa noite de novembro do ano passado, liguei o meu receptor à "Rádio Tamandaré", no momento exato em que um candidato era arguido sôbre a vida de Júlio César. Homem de temperamento emotivo, senti uma sensação de alívio quando o candidato respondeu o último quesito, seguido de um grito do locutor: "RE-AL-MEN-TE ... CERTO!"

A começar daquela data, tornei-me um ouvinte habitual do programa. Em cada segunda-feira, às oito e meia da noite, deixava qualquer interesse e me colocava ao pé do rádio, arrosando todas as dificuldades para alcançar a emissora recifense, em vista da escassez de energia elétrica que cada vez mais se acentua nesta cidade do Crato.

Apesar do estímulo de ordem cultural e financeira que o programa irradia, permaneci alheio à uma probabilidade — mesmo remota — de alistar-me entre os candidatos de "O Céu É o Limite".

Já agora, nas minhas reflexões sôbre o fascinante programa, admitia que somente aqueles que se habituem a "livro de cabeceira" poderiam armazenar conhecimentos bastantes para um torneio de tal natureza. Por outro lado, haveria uma condição essencial para o candidato: ter sangue frio.

Inscrito em O CÉU É o LIMITE

Na manhã dia dia 13 de dezembro p. p., enquanto atravessava tranqüil mente a Praça Siqueira Campos, veio ao meu encontro o jornalista Zilberto Teles, o qual, revelando certa agitação, disse-me:

"Aldemar Paiva está à sua espera no "Glória". E sem me dar tempo a qualquer pedido de esclarecimento, emendou: "Ele veio buscar um candidato para responder sobre a vida do Padre Cícero no programa O CÉU É O LIMITE, e você foi apontado para tal.

Absolutamente surpreso, venci os últimos passos até o "Bar Glória" recusando terminantemente o convite, enquanto Zilberto concluía suas informações. O tema fôra escolhido pelos "Associados" de Pernambuco, de comum acôrdo com a "Real", patrocinadora do programa. Esta me daria passagem aérea e hospedagem no Recife. Como enviado de ambas as empresas, Aldemar já havia consultado o Dr. J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, o qual indicara de pronto o meu nome.

Mesmo sem contacto pessoal, eu já conhecia Aldemar Paiva, o mais famoso homem de rádio do Norte do País, cuja popularidade atravessou o Brasil inteiro com o programa de sua criação "Pernambuco, Você É Meu".

Feita minha apresentação, Aldemar entrou em cheio no assunto. Pormenorizou as informações do Zilberto, expôs as condições e detalhes do programa, e mais isso, e mais aquilo, tudo num só jacto, como se estivesse ao microfone anunciando um produto infalível. A certa altura de sua exposição, aleguei um compromisso recém-assumido com a Inspeção Regional de Estatística Municipal no Ceará, cuja tarefa já havia iniciado. Sempre envolvente e sem pestanejar, Aldemar Paiva rebateu-me com uma argumentação tão convincente que me aturdiu. Por último, adiantou que eu só seria chamado dentro de uns dois meses, talvez depois do Carnaval.

Além de nós e Zilberto, ali se achavam José Batista, da "Rádio Araripe", Moacyr Gondim Lóssio, Agente Itinerante do IBGE, através do qual assumira o compromisso já referido, e um radialista de Terezina a caminho do Rio.

A veemência e persuasão de Aldemar, cuja vós só era interrompida por alguns goles de cerveja, dominaram todos os participantes da reunião, ficando eu — afinal de contas — em situação semelhante à do toureiro da anedota ...

A seguir, Aldemar passou às minhas mãos o regulamento do programa, constituído de nove itens, e uma ficha de inscrição.

No dia seguinte, o emissário da "Tamandaré" retornou ao Recife conduzindo a minha inscrição no mais sensacional programa do rádio brasileiro, a qual, como ficou claro, não obedeceu à fila de candidatos cujo número, conforme verifiquei mais tarde, ascendia, a mais de duas dezenas. Antes, porém, fez-me uma advertência aterradora: eu poderia ser chamado na próxima semana, em face da desistência ou eliminação de um dos três candidatos então em foco; e recomendou-me que continuasse ouvindo o programa a fim de me familiarizar com o sistema de arguição e tomar conhecimento da data de minha apresentação no "Palácio do Rádio", com oito dias de antecedência:

MOBILIZAÇÃO DE ESFORÇOS

É verdade que já havia lido tudo que fôra publicado sobre o discutido sacerdote. E ao lado desses conhecimentos juntava o que a tradição me havia transmitido desde minha infância de filho do Cariri.

Mas uma coisa é ler, e outra é estudar — para reter na memória — todos os detalhes da vida tumultuosa de um personagem que se estendeu por mais de noventa anos.

Espalhada a notícia na cidade, os amigos acorreram em meu auxílio com obras que não possuía. Padre Antônio Gomes de Araújo, Dr. J. de Figueiredo Filho, Cel. Raimundo Teles Pinheiro e o jornalista Florival Alves Matos supriram-me — sobretudo o primeiro — de farto material com os quais pude preparar-me para o duelo mental com o Professor Anibal Fernandes, o eminente produtor do programa levado ao ar pela "Rádio Tamandaré" em conexão com a "Rádio Clube de Pernambuco".

Havendo assumido um compromisso de tal ordem, reuni cerca de uma vintena de livros e opúsculos, acrescida de reportagens e artigos de jornais e revistas. Recorri ainda a depoimentos pessoais, inscrições e cartórios. Feito isto, confrontei obras e documentos, retirei de cada fonte o necessário ao programa e lancei-me ao estudo da vida do Padre Cicero, mal havia iniciado o resumo histórico dos principais municípios cariarienses, cujo trabalho constituiu o meu compromisso com o IBGE e que está incluído na "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros".

DETALHES DE MINHA CONVOCAÇÃO

Na noite de 20 de janeiro do corrente ano, como de costume, sintonizei o rádio com a "Tamandaré". Mais uma vez o Professor José Marabá arrebatou os espectadores, respondendo vagarosa e corretamente todos os quesitos sobre o seu tema — Astrologia — acumulando 180 mil cruzeiros para a próxima apresentação. Seguiu-lhe o segundo candidato, Estênio Alves Leite, que respondia sobre a vida de Júlio César. Ele vinha tendo uma atuação brilhante naquele "broadcast", e eu, particularmente, estava empolgado pelo seu trabalho. Naquela noite, Estênio Alves tinha o prêmio acumulado de 85 mil cruzeiros; iria, portanto, disputar a quantia de cem mil.

Como de praxe, após tais explicações, o Mestre de Cerimônias Aldemar Paiva perguntou ao candidato se desejava continuar ou desistir. Data daquele momento o primeiro choque emocional que sofri do chamado programa milionário. Estênio Alves, que é vereador em Ribeirão, preferiu desistir.

Sob a mais viva expectativa, ouvi o terceiro e último candidato, o estudante Vanildo de Oliveira Aires, o qual, ao responder satisfatoriamente o último quesito acerca da vida de João Fernandes Vieira, acumulara um prêmio na importância de 38 mil cruzeiros.

Ainda estrugiam palmas no auditório quando Aldemar Paiva alteou a voz. Suas palavras ficaram gravadas até hoje na minha memória :

"Alô, Cariri! Alô, Crato! Alô Capitão Otacílio! Compareça ao nosso auditório na próxima segunda-feira, a fim de participar do programa "O Céu É o Limite". Aguarde telegrama confirmando este chamado e autorização de passagem para a Agência da REAL". Em seguida, Aldemar continuou ao microfone dando esclarecimento sobre o tema e o novo candidato.

Não consegui dormir àquela noite, tal a impressão causada pela minha convocação, num momento em que evidentemente não me sentia seguro para o programa.

No dia seguinte, em meio o seu programa matinal "Pernambuco, Você É Meu", Aldemar reiterou o chamado e arunciou a minha estréia para a noite de 27 de janeiro.

De posse do telegrama de Aldemar Paiva e não havendo mais protelações, respndi-lhe comunicando minha partida no sábado, dia 25, e o meu enjereção no Recife, conforme êle me solicitara.

A êsse tempo, já privado espontaneamente de qualquer leitura estranha ao tema, ainda estava pela metade o resumo biográfico do Pe. Cicero que organizara em alguns cadernos de 100 páginas. Contudo, aproveitei ao máximo os quatro dias que me restavam, lendo, anotando e testando meus próprios conhecimentos.

RECIFE

Animado sobretudo pelo estímulo dos amigos, embarquei no avião da "Real" precisamente às 11 horas, no campo da Serra do Araripe. Havendo escalado em Cajazeiras, Campina Grande e João Pessoa, o possante bimotor posou no "Aeroporto dos Guararapes", recém-inaugurado, às 16,45.



Aeroporto dos Guararapes

Ausente do Recife desde 1941, em cuja guarnição federal servira cêrca de seis anos, senti um prazer imenso ao deslumbrar o belo panorama da grande metrópole, cujos arranha-cêus, novos para mim, se destacavam da enorme área urbana onde se agitam 700 mil habitantes.



Visão aérea do Recife, destacando-se a Ilha de Santo Antônio, o centro da Metrópole do Nordeste

Ao pisar em terra, a minha primeira surpresa foi a visão do Aeroporto, cujas magníficas instalações percorri vagarosamente. Maior, porém, foi a minha alegria ao abraçar José Paulino, meu cuhado e hospedeiro, Estela, minha irmã, e os sobrinhos, todos ali à minha espera, em cuja residência, à Rua Padre Lima e Sá 324, na Vila do IPSEP, no Ibura, recebi, à tardinha, a visita cordial de Aldemar Paiva, que se fazia acompanhar de Antiógenes Tavares, técnico da "Tamandaré".

Com o cavalheirismo que o caracteriza, o famoso locutor deu-me conta da publicidade feita em tórno de minha estréia, através de suas emissoras e do "Diário de Pernambuco", em cuja edição de 18 de dezembro encontrei minha fotografia rematando a primeira notícia divulgada pelo tradicional jornal, com

o título **SERÁ FOCALIZADA A VIDA DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA** e sub-título "Inscrito o Capitão Otacílio Anselmo e Silva para responder sobre a existência do inesquecível Patriarca de Juazeiro".

Naquela oportunidade, Aldemar impôs-me um encontro na redação do "Diário de Pernambuco", às 15 horas de segunda-feira, ocasião em que seria apresentado aos demais responsáveis do programa. Com efeito, lá compareci à hora certa.

CONTACTOS

Cerca de 50 minutos são gastos no percurso do Iburá ao centro da "Veneza americana". Percorrê-lo, mesmo num velho ônibus desconjuntado, foi um grande prazer, revendo ruas e pontos familiares.

O coração da cidade — a antiga "Pracinha" — está transfigurado. Contudo, o falso urbanismo de que nos fala Tadeu Rocha, preservou, entre outras coisas, o edifício do "Diário de Pernambuco" e a igreja de Santo Antônio.

Fundado em 1825 por Antonino José de Miranda Falcão, o "Diário" (assim é denominado pelo recifense) constitui um dos mais belos patrimônios da cultura pernambucana.

Cheguei à sua redação no momento exato em que o seu carrilhão batia 15 horas. Logo depois chegava Aldemar Paiva, dirigindo o seu bonito automóvel.

Fui então conduzido à presença do Gerente do jornal, Sr. Mário Henrique da Silva, e apresentado a vários redatores e funcionários do grande órgão dos Diários Associados, cujos Diretores são o Dr. Francisco Assis Bandeira de Melo — o maior entusiasta do tema a que me submeti — e o escritor Mauro Mota. Só após percorrer as instalações do jornal, ali deu entrada o Professor Anibal Fernandes.

Não o conhecia pessoalmente, embora tenha sido um dos seus mais assíduos leitores durante minha longa permanência no Recife.

De início, pelo que observei, Anibal é uma espécie de "capitão do time" no quadro de redatores do "jornal mais antigo em circulação na América Latina". Professor, conferencista, escritor e jornalista, Anibal Fernandes é um espírito jovem, de-

sassombrado e democrata intransigente, cuja censura à política e más administrações, com a perenidade do apibiribe, chega às raias da irreverência. Algez, Bigodudo, Dorminhoco etc, são têrmos com que anatematiza conhecidos vultos do situacionismo pernambucano. Conforme verifiquei depois, sua atividade mental é surpreendente, pois o identifiquei em nada menos de cinco trabalhos diários na 4.ª página do velho órgão de Assis Chateaubriand, nos quais se incluem, além do artigo assinado, uma crônica e o comentário internacional.

Desde o momento em que lhe fui apresentado por Aldemar Paiva, o Professor Anibal tratou-me cordialmente. Logo se formou uma animada roda em tônio de nós. O meu tema foi o assunto da palestra, durante a qual o produtor deu asas à sua agilidade mental.

De maneira satisfatória e muí cordial, estava feito o contacto inicial entre o cérebro do programa e o candidato.

Embora reconfortado pelo voto unânime de BOA SORTE NO PROGRAMA, sai da reunião apreensivo com a estréia, sobretudo por não ter atinado com as fontes através das quais seriam formuladas as perguntas.

Como que adivinhando os meus pensamentos, Aldemar Paiva convidou-me a visitar o Palácio do Rádio. Em verdade, o conhecimento prévio do local de minha exibição a um público numeroso e estranho, foi uma idéia salvadora.

No antigo dominio de Oscar Moreira Pinto, cujo busto está erguido no centro do jardim fronteiro, fui conduzido à presença das principais figuras da "Tamandaré", a começar pelo Gerente, Dr. Trigueiro. Travei então conhecimento com diretores, técnicos de som, locutores, artistas e músicos. Ali reencontrei Severino Revoredo, meu antigo colega da "Jazz Band Acadêmica de Pernambuco", Antônio Medeiros, Felinho, virtuoso do saxofone, e, em outras oportunidades, o Maestro Nelson Ferreira, hoje no pináculo da fama, e J. Soares, autêntico "homem dos sete instrumentos", cujo programa "Epopéia do Cinema" me sensibilizou até os ossos.

Guardo daquela excelente equipe de homens de rádio a mais grata recordação, principalmente de J. Soares, que me cativou com uma gravação especial do seu magnífico programa.

Conduzido por Aldemar Paiva, percorri todos os recantos da "Tamandaré", recebendo do grande locutor todos os esclarecimentos de sua engrenagem artística. Por último, no chamado Auditório "A", encerrou sua preleção com estas palavras:

— Este é o seu microfone; fale a um palmo do aparelho e acentui os RR.

Não terminaram aí, porém, as gentilezas do Mestre de Cerimônias, a quem devo grande parte do meu êxito em "O Céu É o Limite". Ao anoitecer, após algumas horas no centro da cidade, Aldemar conduziu-me à sua confortável re-idênciã, na Boa Vista, para, um delicioso jantar. Igualmente delicioso foram os números de acordeão executados por Martins da Sanfona, que se unira a nós, no "Pigalle".

As 20 horas, já envergando o seu terno a rigor mas indefinível, Aldemar Paiva ergueu-se da poltrona com a chave de seu carro entre os dedos. Voltei à realidade; e por isso me despedi de sua gentil espôsa apenas com palavras, pois tinha as mãos geladas ...

A ESTRÉIA

Chegado ao Palácio do Rádio, fui objeto de novas apresentações e devo confessar — alvo de certa curiosidade. Abrindo caminho entre numeroso público que ali já se achava, Aldemar apresentou-me aos candidatos do programa e, por último, ao Gerente da "Real-Aerovias", patrocinadora de "O Céu É o Limite", Sr. Jorge Reis. Este cavalheiro, a quem devo muitas gentilezas, meses depois deixou a "Real" para dirigir uma organização propriamente sua — "Delta" — estabelecida no Edifício Tabira.

Entreí no Auditório em companhia do candidato Vanildo Aires, indo ocupar uma cadeira da primeira fila, reservada aos responsáveis e candidatos do programa.

Tenho gravado na memória todos os pormenores daquela noite inolvidável. Terminada a crônica do Professor Anibal Fernandes, as luzes se concentraram no palco, em cujo fundo se destacou um grande painel de azul purissimo, com um avião em pleno vôo. Ao mesmo tempo vibraram os alto-falantes com a solene melodia que serve de característica ao "Céu É o Limite", enquanto a voz de um "speaker" oculto anunciava o fascinante programa.

Prêviamente anunciado, surgiu ao público o Mestre da Cerimônias Aldemar Paiva, recebido por uma tempestade de palmas.

Desprovido de qualquer texto, Aldemar deu início ao programa, sorridente e feliz.

O candidato desistente Estênio Alves, que se achava a meu lado, foi então convidado para receber das mãos do Gerente da "Real", o prêmio a que fizera jús. Após ligeiras palavras, o Sr. Jorge Reis entregou ao ex-candidato um cheque de 85 mil permanente cruzeiros, momento em que um fatógrafo do "Diário de Pernambuco" registrava o flagrante.

Visivelmente emocionado, Estênio despediu-se do programa num belo improviso, sendo muito aplaudido. A êsse tempo eu me achava no auge da expectativa, embora cientificado de que apenas três perguntas me seriam feitas naquela noite.

Prossequindo na sua tarefa de Mestre de Cerimônias, Aldemar Paiva anunciou a entrada em cena da Sita. Zayra Pimentel, "Miss Pernambuco de 1957", então sua auxiliar em "O Céu É o Limite".

Cessados os aplausos à mais bela pernambucana do ano p. p., chegou a minha vez de ser chamado ao microfone. Enquanto era anunciado com detalhes, subi a rampa do palco vagarosamente. Estava realmente nervoso, e fazia um tremendo esforço para não demonstrá-lo.

Por gentileza de Aldemar, fiz uma breve saudação aos espectadores e ouvintes de casa. Foi naquela ocasião que constatei a ilimitada solidariedade do público ao candidato.

Com sua natural afabilidade, Aldemar Paiva rompeu o envelope contendo os quesitos, recebido das mãos de Zayra Pimentel, enquanto reinava um silêncio absoluto no Auditório.

Então, o Mestre da Cerimônias iniciou a leitura do bonito preâmbulo que invariavelmente antecede os quesitos formulados pelo Prof. Anibal Fernandes. Fez uma pequena pausa, e, nesta ordem, dirigiu-me as seguintes perguntas :

- Onde nasceu o Padre Cicero ?
- Em que idade morreu ?
- Como era Juazeiro quando ali êle chegou ?

Revestindo-me da maior calma, respondi com segurança; e cada resposta foi acompanhada de uma salva de palmas,

Vencera a primeira etapa de uma aventura que se prolongaria por mais de quatro meses.

RESUMINDO

No dia seguinte, às 5,30, retornei ao Crato. Ao descer em Juazeiro, o primeiro cariense a me abraçar foi Pedro Maia, parente do Padre Cícero e um dos milhares de nordestinos que me ouviram naquela noite.

Como era esperado, o tema despertou um interesse incommum em todo o Nordeste, sobretudo após a publicação de um artigo do escritor J. de Figueiredo Filho, difundido nos jornais de Fortaleza e Recife. São palavras do articulista: "A sua contribuição para o programa daquela emissora pernambucana é bem exaustiva. Todos os dias de sábado tem que tomar o avião da "Real", patrocinadora de "O Céu É o Limite", no aeroporto de Crato, e voltar na terça-feira pela manhã".

Dêsse modo e cada vez mais me aprofundando no estudo da vida do Padre Cícero, permaneci no programa até o dia 2 de junho — data de minha desistência — tendo realizado 36 vôos, respondido 97 perguntas e recebido 200 mil cruzeiros de prêmio.

Positivamente, fiz um grande esforço, físico e mental, que jamais repetiria. Contudo, senti-me recompensado, não só com os dois pacotes de 100 mil cruzeiros que recebi na Agência do Banco Nacional de Minas Gerais, mas, sobretudo, pelo convívio salutar do meio jornalístico e radiofônico do Recife, onde tive a feliz oportunidade de abraçar velhos amigos, estender o meu círculo de amizades e identificar parentes até então desconhecidos, como o Professor Olímpio de Magalhães, dono da maior biblioteca particular de Pernambuco, em cuja residência, em Olinda, vivi um domingo inesquecível.

De resto, adquiri experiência em mais um setor de atividade intelectual e credenciei-me para publicar, no próximo ano, uma biografia do Padre Cícero Romão Batista.

Soneto

José Alves de Figueiredo

Já não desperta no meu peito anseio
Êsse da vida, passageiro encanto,
Epitalâmios, madrigais não canto,
Eu que dos bens da terra já descreio.

Frio me sinto ao palpitar de um seio,
Do amor os elos divinais quebrante;
Hoje me arranca dolorido pranto
Tudo que outrora me causava enleio.

Ouro, renome, posição, nobreza
Tudo é falaz e enganador contente,
A tudo eu voto uma mortal frieza...

Espero o dia final do meu tormento,
Estranho á dor com sua atroz fereza,
Como um fakir ao sol, á chuva ao vento!

Possibilidades Econômicas da Região

ANTÔNIO C. COELHO

(Palestra no Rotary Club do Crato, em 1.8.58)

Accedendo, de muito bom grado, gentil e honroso convite do Rotary Club do Crato, formulado por intermédio do presado amigo Orestes Costa, venho experimentar nesta cordial reunião, a magnitude de um ambiente realmente elevado e sadio, onde se está sempre a procurar melhores caminhos para a sociedade.

Ao ensejo dêste encontro para mim tão agradável, e dentro de um plano de palestras promovido por esta notável instituição, organizei êste modesto trabalho, em que tentei focalizar aspectos econômicos do Crato e do Cariri,

Falar sôbre um assunto de tanta complexidade e transcendental importância à vida da Região, para homens de conhecimentos ora aqui reunidos — devo confessar de logo — exige credenciais que me eliminam.

Vivemos numa região que progrediu e vem progredindo sem uma assistência governamental à altura de seus recursos, de suas possibilidades. Crescemos, graças às nossas próprias iniciativas e à nossa própria capacidade de trabalho. Como zona privilegiada pela natureza, julga o Governo que prescindimos de seus benefícios, quando é patente que a boa politica administrativa deve ser conduzida no sentido de incrementar a economia nos meios onde se ofereçam condições mais favoráveis.

Formam-se aqui cidades importantes, notadamente Crato e Juazeiro do Norte, separadas por treze quilômetros, apenas. São dois centros visinhos que, num verdadeiro fenômeno, crescem simultaneamente, evoluem ao mesmo tempo, ao contrário do que se observa em muitas regiões nordestinas, onde quando muito, um só aglomerado urbano projeta-se com relêvo. Este facto demonstra, nitidamente, a extensão do poder econômico do Cariri, cujo povo já conseguiu formar uma civilização de notáveis peculiaridades, destacando-se a que diz respeito à capacidade de realizações e à que se refere ao alto espirito de patriotismo e altivez, esta legada, aliás, por aquêles que assentaram nestas paragens, os primeiros marcos de sua história politico-econômica.

Crato é cidade cabeça-de-região, como diz Figueiredo Filho. Desempenha realmente o papel de capital regional, pela própria situação a que chegou, no campo econômico, social, religioso e cultural. E cercam-na condições para que lhe seja sempre mantida esta hegemonia.

O seu comércio geral é ativo e desenvolvido, para o que muito concorre sua grande e tradicional feira semanal. No entanto, o ramo que mais se destaca é o de exportação de gêneros alimentícios e outros produtos agrícolas e pastoris. Quadros animadores podem ser apresentados, como por exemplo: farinha de mandioca, com um movimento anual na ordem de 690.000 sacos; rapadura, 105 000 cargas; milho, 55.000 sacos; algodão em caroço, 4.300.000 quilos; mamona, 9.500.000 quilos; couros e peles em geral, 522 000 unidades, perfazendo tudo um valor global de Cr\$ 638 380 000,00, aos preços atuais.

Outros dados estatísticos de real expressão, podem ser citados: abate de gado em 1957, para o consumo público — aliás o mais elevado no interior cearense — o qual atingiu a 6,106 rêses, 6 128 suínos e 2.624 ovinos e caprinos; rendas e contribuições públicas, no mesmo ano de 1957, num total de Cr\$ 50.632,185,40, assim distribuídas: Prefeitura Municipal, Cr\$ 10,129,372,00 (1º lugar no interior do Estado); Coletoria Estadual, Cr\$ 19,344,739,50; Serviço de Trânsito, Cr\$ 102,299,00; Coletoria Federal, Cr\$ 4,647,301,40; R. V. C., Cr\$ 10,297,818 60; I. B. G. E., Cr\$ 208,315,70; Instituto de Previdência, Cr\$ 4,332,100,90; Correios e Telégrafos, Cr\$ 1,570,238,30,

Estes breves quadros revelam que a economia cratense tem se desenvolvido bem até agora, sobretudo no setor do comércio. Mas, a sua atual conjuntura, ao que parece, está a merecer melhores iniciativas. Reputo seja imperioso que as organizações comerciais da terra, pelo menos em determinados ramos, afastem-se um pouco dessa linha anacrônica, para se ajustarem às realidades do presente. Quero dizer que as sociedades anônimas, reunindo capitais para a formação de empresas poderosas, vêm sendo a fórmula ideal para o desenvolvimento da economia geral dos centros com forma metropolitana. É que não há mais capital isolado ou individual suficiente para equilibrar o valor real do dinheiro com a inflação, isto é, a assombrosa valorização dos produtos e mercadorias.

Num modesto trabalho publicado, há pouco tempo, em "Ação" acentuei que o progresso do Crato tem sido, até então, bem condensado e nivelado em seus vários ramos. Mas, já ago-

ra. surgem e se projetam obras grandiosas, como sejam o Conjunto da Casa de Caridade, o Liceu Diocesano de Artes e Ofícios, o Cine Moderno, a Penitenciária Modêlo, as Escolas para o Ensino Superior, o Club Recreativo da AABB, o Hospital Neuro-Psiquiátrico e o edifício para os serviços Assistenciais do I. A. P. C. E no plano econômico prôpriamente dito, não se destaca uma só iniciativa.

É indispensável que surjam possantes organizações comerciais, construindo, inclusive, salões para depósitos e mostruários de veículos motorizados, sem falar em outros produtos da indústria pesada, cujas fábricas se multiplicam no sul do País, necessitando de sólidos representantes e distribuidores em regiões como esta.

É preciso que a sociedade dos usineiros de algodão do Cariri, recém-fundada, transforme-se numa empresa industrial destinada à instalação de uma fábrica de tecidos, de tantas possibilidades no meio, sobretudo porque, num raio de cem léguas, abrangendo importantes zonas algodoeiras, não existe uma só congênere.

É necessário, por fim, que se cuide da instalação de uma usina de açúcar ou, pelo menos, uma destilaria para álcool, a exemplo do que foi feito em Campos, Estado do Rio, ao tempo do Governo Vargas, mesmo porque a cultura caririense de cana, cujo produto é quase só rapadura, sente-se ameaçada, como se sabe, toda vez que se constrói um açude ou barragem nos sertões nordestinos.

O III Congresso das Classes Produtoras do Ceará, recentemente realizado em Fortaleza, teve como objetivo, procurar caminhos para a solução dos problemas básicos do nosso Estado, notadamente das sêcas.

Se o nosso problema máximo é realmente água, a ponto de apresentar-se tese sôbre a dessalinização da água do mar e o processo de evitar a evaporação das águas açudadas, também aqui no Cariri não se pode descurar o assunto. Assim como se procura acumular o "sangue do Ceará", na expressão de Demócrito Rocha, através do Sistema Jaguaribe, devemos igualmente pensar em armazenar o sangue do Araripe. Uma rede de pequenos açudes nas proximidades do seu sopé, abrangendo de

Santa Fé, em Crato, a São Felipe, em Missão Velha, poderia acumular muita água das fontes perenes, em número de 126, a qual é inteiramente sôlta e perdida nos rios e riachos, todos os anos, durante os meses da época invernosa. Assim poderia haver irrigação regular em diversas baixadas que chegam até os grandes brejos do Salamanca e Batateira, as quais, de excelentes terras, produziriam, abundantemente, além da própria cana de açúcar, arroz, banana, laranja e até pastagens para engorda do gado.

No aludido Congresso, ventilaram a idéia de incrementar, no Ceará, a cultura de plantas oleaginosas, como medida de combate aos efeitos das sêcas. Ao que parece, a macaúba, no Cariri, pode ser perfeitamente agricultável, como acontece com a carnaúba, na zona jaguaribana. O seu ciclo vegetativo é de 5 a 6 anos apenas. Trata-se de um excelente produto, Sua amêndoa produz óleo idêntico ao do Babaçú. O mesocarpo é também oleoso, e talvez até possa ser uma matéria prima para produtos alimentícios altamente nutritivos, além de uma magnífica ração para o gado bovino e suíno. Sua cultura seria fácil e bastante rendosa, pois a experiência vem dos pés nativos existentes na Região. Um hectare de macaubeiras produzindo, poderá proporcionar um rendimento anual de Cr\$ 30 000.00, superior, portanto, à cana de pé de serra. Notável é que a promissora palmácea desenvolve-se e produz em qualquer espécie de terreno, inclusive no vasto chapadão da serra Araripe, o que se constata, aliás, com sua existência nativa ali, em pequena quantidade.

Naturalmente que estas fracas idéias, ora abordadas, representam apenas subsídios para verificações e estudos técnicos daqueles que, porventura, queiram interessar-se pelo assunto.

Quero, como todos aqui presentes, muito bem ao Cariri. Desejo vê-lo com a energia de Paulo Afonso, com os grandes silos para armazenamento de cereais, com suas estradas asfaltadas e, finalmente, com o seu progresso altamente acelerado. Imbuído deste sentimento, é que venho trazer ao Rotary Club, do Crato, esta colaboração muito modesta, embora.

A filantrópica Instituição, cuja fôlha de bons serviços prestados ao Crato e ao Cariri aumenta dia a dia, registro aqui meus aplausos e o agradecimento sincero pela oportunidade deste agradável convívio.

O Poeta Aderson Síebra

ULYSSES VIANA

(Especial para "ITAYTERA")

Durante a minha permanência no Crato, lutando, heroicamente, para conquistar o pão, experimentei desencantos e os sacrifícios acorrentavam o meu espirito, transformando-me, logo cêdo, num adolescente cheio de recalques. Naquêl período longínquo, mas que continua vivo na memória, aproveitei, também, os melhores dias da juventude, em ambiente de camaradagem e confiança que sômente a terra de Bárbara de Alencar pode proporcionar aos rapazes pobres como eu.

Das amizades duradouras, posso classificar a do saudoso poeta Aderson Siebra, cuja inteligência, no imenso campo da Musa, patenteou-se admiravelmente, no conceito dos seus inúmeros leitores. Recordar, com saudades, alguns ângulos da existência do vale cearense, é voltar ao passado magnífico, onde se divisa cenário meio tumultuado pelas querelas de cunho político ou ideológico. O ambiente, no campo partidário, era meio hostil e tôdos sentiam os efeitos perniciosos e agudos da ditadura que inculou no cérebro da mocidade o gérme do totalitarismo, escravizando inteligência liberdades dos que sentiam ânsias de evoluir.

Porisso, o bardo modesto e inspirado, viveu sob o pêso dessa atmosfera, bebendo, comigo, o vinho amargo das revoltas e a cicuta que imobilizou, para sempre, o imortal filósofo grego. As nossas colaborações preliminares, nos jornais da terra, constituíam orgulho para nós e aguçavam o senso crítico de muitos literatos mendigos e que conheciam, sem profundidade, a superfície das artes ou das letras. Nem por isso recuavamos, no meio da jornada e o nosso trabalho silencioso, embora cheio de defeitos técnicos, servia para iluminar-nos a alma, em época em que, os privilegiados, nascidos sob o signo da fortuna, se limitavam, apenas, a destruir os princípios sagrados do ideal.

As sessões realizadas no Grêmio Literário e Cívico José de Alencar, instituição criada e cultivada pelo velho professor Alvaro Madeira, constituíam o fulgor e o civismo de meia dúzia de estudantes que, bebendo os ensinamentos puros da verdade, preparavam o vôo em demanda do futuro. As declamações do Aderson, revestidas de nervosismo contagioso, provoca-

vam entusiasmo, no seio dos presentes. enquanto que, muitos curiosos, arrastados, à força para o recinto, derramavam sorrisos maliciosos e irônicos, numa demonstração rasteira da sua origem doentia.

Com a fundação do Grupo Teatral Castro Alves, o poeta foi revigorado e o seu espírito altivo comandou nova batalha, em prol da arte cênica em sua terra natal. Houve a encenação de peça dramática, escrita pelo homem de letras, que serviu para incentivar o gosto pela arte, numa era em que a mocidade começava a afundar, lentamente, no barco da degradação moderna. A revelação do ator José Correia Filho surgiu em consequência daquele movimento coordenado e que contava com a ajuda dos melhores intelectuais da terra. Semeou-se, de resto, em terreno fértil, a semente da cultura, modificando, sensivelmente, o aspecto social dos nossos velhos companheiros de brincadeiras e serenatas.

Recordo-me, ainda hoje, de um poema inspirado no dia da libertação dos escravos, no Ceará e gravei na chapa da imaginação das mais belas estrofes produzidas por aquele homem triste e que trazia, estampado no rosto de sonhador, o sintoma do desalento:

"Eu te saúdo, oh rincão bendito !
Berço de heróis que não temem à morte,
Ergueste um brado; um retumbante grito,
Quebrando os jugos da tirana sorte."

Até este cronista, entusiasmado com os vãos líricos do poeta, aventurou-se escrever sonetos. Ainda hoje, quando analiso, na minha coleção, as próprias produções, sinto vergonha de mim mesmo.

Admirávamos, com sinceridade e carinho, a obra de Castro Alves e tínhamos respeito profundo pela grandeza do Pe. Antônio Tomaz, Jorge de Lima, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Hermes Fontes, Casemiro de Abreu, Carlyle Martins, Filgueiras Lima, Soares Bulcão, Olegario Mariano, Ademar Tavares e muitos outros elementos de valor da literatura poética nacional.

Geralmente, quando comparecíamos às festividades sociais, as declamações dos sonetos científicos de Augusto dos Anjos, serviam de complemento indispensável aos goles de cerveja. Ficávamos em transe e a assistência, indiferente e irritada, começava a fugir imperceptivelmente.

Tenho a impressão que fui um dos mais dedicados camaradas do bardo que se foi, em plena juventude. Depois, os reflexos da política organizada, bloquearam, impiedosamente, a nossa amizade sadia e que florescia sob os efeitos naturais da compreensão mútua e do ambiente,

Nossos sentimentos religiosos eram idênticos e estávamos sempre presentes à missa dominical, rezada às 5 da manhã pelo abalisado jornalista e sacerdote, Pe. Leopoldo Fernandes Píneiro. Vivíamos tão ligados aos preceitos da Igreja que, erroneamente, cortávamos relações com os maçons e comunistas da localidade. Era conflito permanente de idéias e por isso perdemos a oportunidade de conhecer muitos elementos esquerdistas que possuíam, no íntimo, coração bem generoso. No entanto, o tempo é o juiz implacável e só êle pode reformar nossos defeitos.

A evolução, todavia, trouxe um mundo de experiências e hoje, com o espirito ainda mais humilde e cristão, aconchego ao peito todos os irmãos separados, prova inofismável de que, no mundo, não deve haver preconceito social, político ou religioso.

Tenho também na memória outra quadra interessante e composta com sensibilidade, denotando a vocação e a espontaneidade do meu saudoso amigo :

"Sob o pátio da barra purpurina,
Surgindo vem o sol lá no levante.
Do caudaloso rio murmurante,
Beijando a grácil face cristalina."

Se eu pudesse transcrever, nesta oportunidade, outros versos do Aderson Siêbra, versos líricos e bem metrificados!... Mas a minha obrigação moral de exaltá-lo é maior do que o tempo que os priva para escrever trabalho mais completo, abrangendo toda a sua produção literária. Eu poderia recorrer ao seu irmão José Siêbra, solicitando a remessa de sonetos inéditos. No entanto, talvez êsses preparativos pudessem constituir obstáculo na organização do trabalho e eu não poderia saldar compromisso assumido comigo mesmo, em tôrno do assunto que ora focalizo.

Lamento, sensibilizado, que o valor do Aderson ficasse mergulhado nas águas negras do esquecimento. Nos jornais e revistas que recebo do Ceará, observo que ninguém se lembrou de cultuar a memória daquele literato cratense. As suas produções, ricas de sentimentalismo e fecundas, não foram difundidas, após a sua morte. Há, entretanto, certos elementos que, mesmo pobres de inteligência, conseguiram projetar-se, no meio

da opinião pública. Muitos ressuscitaram do túmulo, contando, para isso, com corrente de admiradores, bem articulada.

Faço um apêlo aos membros da família Siébra, no sentido de que se esforcem e consigam apresentar ao público nordestino a obra do inolvidável poeta, através de poemas e sonetos do mais alto quilate.

O capítulo que envolve o desaparecimento do Aderson é, para mim, quase desconhecido. Contudo, as setas do traumatismo moral lhe atingiram de cheio, roubando-lhe à existência preciosa e que poderia no futuro, garantir à sua elevação aos pináculos da glória. O destino foi cruel e arrebatou na primavera ainda, a alma de quem, mergulhado no mundo das Musas, ofereceu o resultado das suas canseiras, em prol da cultura da sua região. A revista "ITAYTERA", dirigida por nomes de reconhecidos méritos, poderia, também, através das suas páginas, fomentar campanha com o objetivo primordial de difundir os trabalhos dos seus ilustres predecessores. O Cariri destaca-se, hoje, pelo idealismo dos filhos, grangeando, no território nacional, renome de conceito e prestígio.

As concepções emitidas pelo comentarista são o fruto da fidelidade aos valores intelectuais do meio e refletem, em toda a plenitude, o desejo crescente de contribuir, embora modestamente, para a disseminação dos fatos que a história guardou. Infelizmente, a minha ausência voluntária do Crato, veio provocar obstáculo numa série de trabalhos que pretendo escrever sobre aquela comunidade. Mesmo de longe, com o coração amargurado e saudoso, jamais deixei de manter relações sócio-culturais com os cratenses de fibra.

Através de correspondência ininterrupta, mantida com o jornalista J. de Figueiredo Filho, acompanho, com empenho e interesse, o desenvolvimento geral da região caririense. E hoje, com os olhos voltados para o passado, rememoro um dos capítulos que ainda vivifica a minha imaginação já um tanto cansada pelo peso das decepções e dos problemas.

De qualquer maneira, cumpro com o dever de consciência, enaltecendo, em estilo simples e modesto, a figura de jovem poeta que, no limiar da sua carreira venturosa, foi esmagado, inexoravelmente, pelo peso da ceifadora implacável. Tranquilo, pois, me sinto neste momento em que, afogado nas atribulações profissionais, dou o meu tributo leal e justo a um dos melhores discípulos do imortal poeta baiano Antônio de Castro Alves,

O Meu Brasil

Delirei a sonhar com o país leucêmico
de muitos brasileiros!
Mas, vejo, ao acordar,
Que o meu Brasil é diferente-
Porque é a Luz do Sol-Nascente,
O Paraíso de muitos estrangeiros
E do Mundo - deurada Canaã.
Não é o antro dos ladrões
Que, há cinco séculos, roubam minha terra!...
Não! o meu País é o Brasil-Gigante,
Ésse Herói fantástico da Guerra,
Que se fez da Glória o Talismã,
"Pátria da palmeira e do sabiá",
Salmodia das rosas e dos lírios,
E dos poetas a inspiração,
Meu Brasil não é céu de Pitonizas,
A cobrir dos monstros um sabá.
Meu País é o Canto da Manhã.

Despreza o vilipêndio do entreguista,
que se acobardou -
E a insídia comunista
Que na falsidade nacionalista,
Traiu os anseios da Democracia,
E a Morte da Soberania,
Na escravidão da Pátria,
Decretou!

Longe o país entreguista e cobarde -
O Brasil-Ladrão dos agiotas!
E o Brasil Ditador-Nacionalista...
E o Brasil Escravo-Comunista!,
Eu prefiro o Brasil dos Patriotas!

Este Brasil das glórias do passado,
Soberano, soberbo, independente,
É o País que tanto tenho amado,
E a terra que amarei eternamente!

Pe. MANUEL PEREIRA,

Crato, agosto de 1958.



Lançamento do 3.º número de "Itaytera". O Dr. J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, quando pronunciava o seu discurso durante a pleiária do Lions Clube do Crato, realizada na noite de 24 de agosto de 1957. — (Foto do Museu do Crato)

Aspiração

*"Ser palmeira!..." suspirava
 Nosso Alberto de Oliveira;
 E, eu apenas desejava
 Ser um dia bananeira.*

*Ter bananas fardamente,
 Não pra vendê-las na feira,
 Mas pra, de certa maneira,
 Dar banana a muita gente.*

Bóris Freire
 (Augusto Linhares)

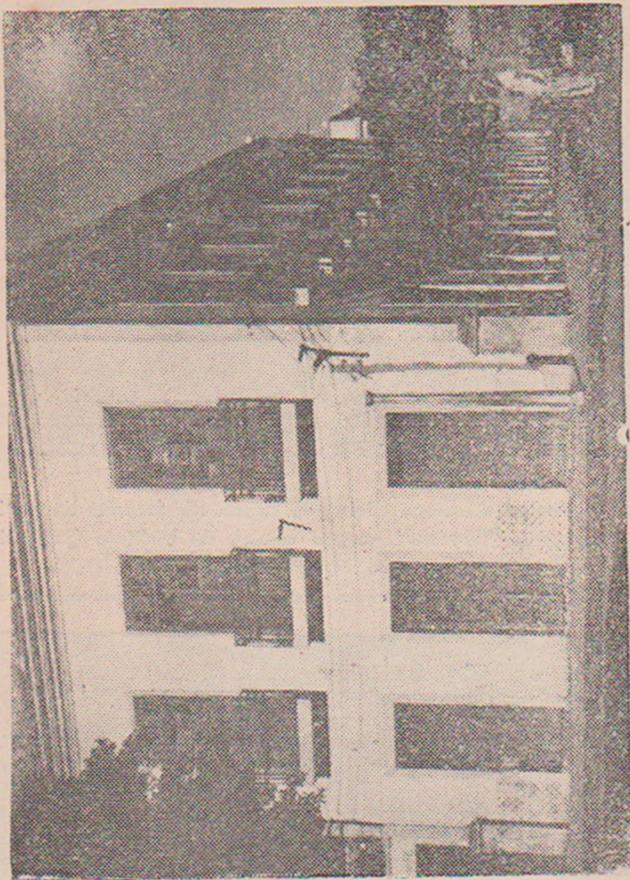
Autor de "Os Abacaxis de Bóris Freire", e "Discos Voadores"



Outro aspecto da reunião do Lions Clube do Crato, no decorrer da qual foi lançado o 3.º número de "Itaytera", órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri. — (Foto do Museu do Crato.)



Colheita do piqui na Serra do Araripe. — (Foto do Museu do Crato.)



Velho sobrado, característica da antiga paisagem urbana e social de Barbalha. — (Foto do Museu do Crato.)

"Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro dos intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faixas trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes nas montanhas..."

Euclides da Cunha — "Os Sertões"

Hino do Padre Ibiapina
Cópia de Otacilio e Moacyr

Lento

Pa-dre I-bi-a-pi-na dei-
xeu, dai péis de ár-vo-ras plan-
tadas: O ter-ço à bo-ca da
noite. O-fício de ma-dre gada-

II

Padre Ibiapina deixou
 O Coração de Maria;
 Têrço à boca da
 noite, Salve Rainha ao meio-dia.

III

Padre Ibiapina deixou
 O Coração de Jesus;
 Vamos fazer penitência
 Aos pés da Santa Cruz.

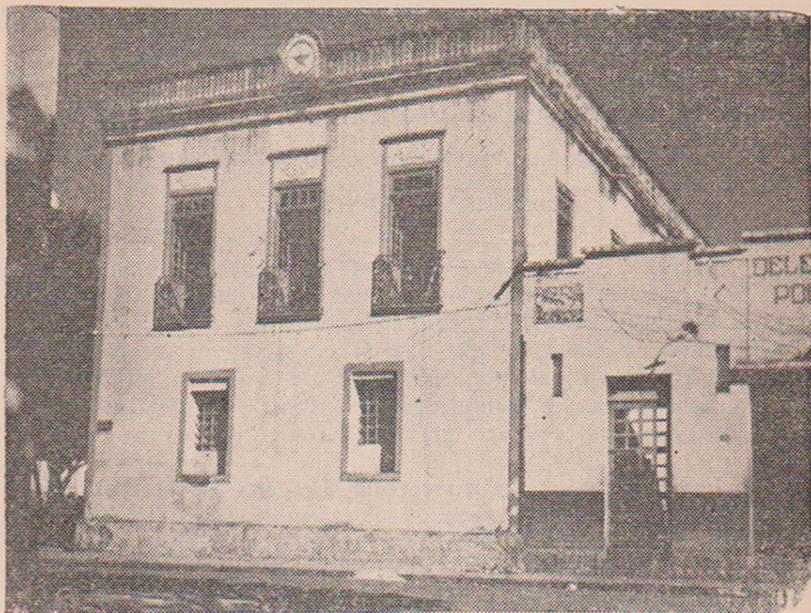


CALDAS — A capela do Bom Jesus, situada num dos recantos mais aprazíveis do Município de Barbalha. Antigo local de romaria, o Caldas está transformado numa excelente estação de repouso, por iniciativa do barbalhense Francisco Cordelro de Sousa, ex-vereador à Câmara Municipal de Fortalaza — (Foto do Museu do Crato)

“Antes, no amanhecer daquele dia, comissão adrede escolhida descobrira o cadáver de Antônio Conselheiro.

Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam disparzido algumas flores murchas, e repousando sôbre uma esteira velha, de tábua, o corpo do famigerado e bárbaro agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefácio e esquelético, olhos fundos cheios de terra — mal o reconheceramos que mais de perto o haviam tratado durante a vida”.

Euclides da Cunha — “Os Seritões”



CRATO — Cadeia Pública. A "Cadeia" acompanhou o progresso da cidade até o ano de 1908, quando lhe imprimiu este aspecto o Intendente Antônio Luis Alves Pequeno. Coberta de palha nos seus primeiros dias, recebeu melhoramentos a partir do governo provincial do Pe. Dr. Vicente Pires da Mota (20-2-1854 — 13-10-1855). Passaram pelos seus calabouços revolucionários históricos e bandidos célebres. Destacam-se entre aquêles os irmãos Alencares (José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e Pe. Carlos dos Santos Alencar) e Joaquim Pinto Madeira. De suas enxovias se evadiu o bandido João Calanço, para se immortalizar na carreira do crime. O mais curioso da crônica deste velho edifício foi a revolta de presos ocorrida no dia 20 de junho de 1885, que fez tremer a população cratense. Chefiava a sublevação o detento Manuel Viriato Formiga, e o motim foi dominado por um só homem, o cabo Mareco, que comandava a guarda.

(Foto do Museu do Crato)

“Na tolerância está a verdadeira medida de cultura, e até mesmo sua honestidade”.

— Joaquim Nabuco.

— A Economia e a Ciência Política —

DJACIR MENEZES

Política, ciência exata? Determinismo clássico. A concepção social da natureza e a concepção natural da sociedade.

O velho sonho de Condorcet de tornar a Política uma ciência exata, nos moldes das ciências físico-naturais, denunciava a atitude de renovação bem típica dos fins do século XIX. Admirável contribuição que se fazia sentir na reação provida contra a interpretação moral da História, reduzida a mera apologética das instituições tradicionais. Mas, de par com grandes verdades, conduzia grandes ilusões.

Por que ilusões? Porque eram miragens nascidas da própria situação criada nas sociedades ocidentais, onde ganhava foros de cidade a concepção quantitativista e mecanicista que culminaria na aurora do século XIX. Décadas após, a sua conceitualística físico-matemática começa a sofrer modificação ante a experiência que se enriquece nas descobertas de Planck e com a Relatividade, na Genética e na transformação das espécies químicas e biológicas. O aprofundamento racional, que se operava, enganou alguns literatos, que aplaudiram o berro de Brunetiere sobre a "bancarrota da Ciência".

Essa idealização quantitativista (que outrora também consideramos fundamental e teve seu papel como reação contra o qualitativismo que embarçava as ciências sociais) levou a distinção, pela pena de Windelband, entre CIÊNCIA e HISTÓRIA: a ciência concebia um "mundo sem: côres e de átomos silentes, desprjado de tôdas as qualidades terrenas sensíveis", que exprimia o "triunfo do pensamento sobre a percepção". Seu objeto não era o devenir, mas "a forma imutável da mudança". Tal proscricção do MUTAVEL é característica da atitude da Filosofia tradicional, imbuída da noção estática do ONTOS.

De qualquer modo, tratava-se de trasladar os conceitos da mecânica e da biologia para a Economia, para a Sociologia e para a Política, referidos aqui somente os setores mais vizinhos de nosso tema. Apesar dêsse processo de "naturalização" do mundo social, de sua "fiscalização" e "biologização", que tentava enquadrá-lo nas leis da Causalidade, — o espírito norma-

tivo resistia, prolongando a influência do Finalismo, sempre fajado pela desconfiança do inimigo naturalista.

O desenvolvime to das relações humanas, no mundo histórico, não se podia engarrar nas fórmulas do Determinismo clássico. Alguns, fazendo metafísica sem saber, foram buscar nos tesouros da caverna de Ali-Babá hegeliana, a concepção dialética, de que Marx se apropriara das peças essenciais passando aos sequazes em nome do UTIPOSSIDETIS. Mas emergia, do grandioso esforço dos fisico-matemáticos, as linhas flexíveis de um Determinismo probabilitário, dotado de poderosa conceitualística em contacto com a experiência do micro e do macromundo. Aí é que reside a mais séria revolução do Pensamento filosófico moderno.

Tivemos enjejo de declarar, na aula inaugural da Faculdade Nacional de Filosofia, há dias, que a grande lição da Filosofia atual era a inserção da Consciência na Causalidade natural e social. Ela é produto de nova atitude. As relações entre o homem e a Natureza não são individuais, mas sociais: e o homem concebe a Natureza conforme o grau de desenvolvimento da Sociedade em que se encontra. Tudo isso depende do processo de maturidade histórica da Consciência, através da qual a Natureza nos apareceu e foi se revelando a nós outros. Assim, a concepção natural da Sociedade, que se propagou no século XIX, pôs em relêvo a contribuição das ciências biológicas; tudo isso, porém, é consequência do Pensamento, que se dilata e integra, não como simples reflexo de circunstâncias econômicas, mas como realidade histórica profunda.

“Sociedade-Organismo” e “Sociedade-Mecanismo”. O problema central da Ciência política.

Como então, nesta altura do conhecimento, buscar traduzir a Política em termos de biologia (Spencer, Schaffle, Worms, etc.) ou em analogias mecânicas ou energéticas (Haret, Ostwald, Lotka, Pareto)? As transposições de conceitos científicos iludem, não são progresso real do pensamento. Negou-se a sociedade moldada pela Vontade do chefe (monarquias absolutistas) contrapondo-lhe o quadro da sociedade sob leis naturais (darwinismo sociológico), pela vontade geral (contratualismo revolucionário); atingiremos a fase verdadeiramente superior — a sociedade dirigida pelo pensamento científico, com a conversão do Interêse na Verdade?

Eis que deparamos o problema central da Política. Há mesmo uma Ciência política? Sim. Dar-nos-á esta Ciência a previsão? Incerta. Proverá ela o homem de Estado dos meios de ação política?

Acertemos quais êsses meios de ação pela determinação de seu fim social.

A ação política se exerce através do sistema de controles que disciplinam as relações humanas. Isso implica a formação e organização de estruturas variáveis no espaço e no tempo. São órgãos essencialmente normativos e nisso está sua eficácia heteronômica. Cabe ao Direito a função disciplinadora pela sistematização do poder coercitivo a que se alia uma aspiração do "Justo" como elemento interno e subjetivo, exagerado nas doutrinas jusnaturalistas. Mantenhamo-nos, porém, na objetividade das relações sociais. Onde encontraremos o critério para distinguir, dentro da área de compulsividade cultural, o que é caracterizável como POLÍTICO? Somente depois de demarcar a prática POLÍTICA, é que poderemos falar na Ciência que a estuda; isto é, definir o FÁTICO, depois o seu estudo, o IDEOLÓGICO.

Temos sempre a tentação de procurar símiles comparativos nas sociedades mais atrasadas, onde as relações são mais simples. Há sociólogos que voltam logo às sociedades animais. Hoje, acrescentamos a essa atitude cartesiana de explicar o mais elevado e complexo pelo mais simples, uma corrigenda metódica: a de que a fase expandida e completa oferece algo novo, que se não reduz aos embriões das fases incipientes. O feudalismo foi melhor compreendido ao ser transposto pelo capitalismo mercantil. O dinheiro foi melhor explicado sob ação das instituições creditícias. Ora, no caso da constituição da Ciência política, há que considerar a Consciência política, onde são apreendidas as relações sociais definidas como de ordem política.

Ordem política é ordem coactivamente imposta pelo poder público através do sistema de controles socialmente organizados. A relação social, que a caracteriza, é RELAÇÃO DE FÓRÇA. Na sociedade primitiva, os meios são mais simples: sanções de força física e de força mística. Não podemos reduzi-las àqueles ingredientes sociológicos e psicológicos. As relações interindividuais e intergrupais, dentro do mundo econômico complicado em que vivemos, com tôdas as técnicas de controles criadas se distribuem variadamente: daí as diversas ciências sociais. Mas as relações que implicam a "relação de força", entre di-

rigente e dirigido, são as que definem o PODER, núcleo ativo para aquela conceituação. Em formas sociais pré-estatais, como a POLIS grega ou a CIVITAS romana, federações de aldeias agrárias, ou mesmo em agrupamentos pré-civilizados, como os clãs, FRATIAS e tribos, o fenômeno PODER é sempre presente. O que se dá é a disseminação da energia despótica pela consciência social, quando as normatividades arraigam profundamente na tradição, em sociedades cristalizadas. Esse QUANTUM despótico é variável em função dos antagonismos e desajustamentos, que geram as tensões internas do grupo. O equilíbrio se faz pela compressão, com métodos autocráticos, ou pelo desafogo e busca racional de soluções, com métodos democráticos. Estaria nessa regulação o objetivo máximo da Ciência política.

Antologia dos Poetas Cearenses

1

Inverno Cearense

Este inverno foi bom. Choveu bastante.
Há fartura e há paz pelo sertão:
Rios a transbordar, pasto abundante
E planícies de neve de algodão ...

Carne sêca cheirosa e provocante,
Muita farinha, arroz, milho, feijão ...
Só a terra da Bíblia é semelhante,
Tendo rios de mel e leite e pão !

Tudo no solo abençoado medra:
Há mais grãos no celeiro do que pedra
Derramada a granel nos tabuleiros.

É pela estrada passa, todo dia,
Entre sons de chocalho e vozzeria,
O ruidoso tropel dos comboeiros.

José CARVALHO

Palestra de D. Olga Pinheiro Teles, no Salão S. Vicente, de Crato

Felicito-me em falar perante um aud.tório tão seleta e amigo, me não podendo recusar à insigne honra conferida em convite gentil.

De mim exigiu a distinta amiga Edméa Arrais Alencar que algumas palavras dissesse numa dessas reuniões promovidas pelo competente Vigário da Paróquia de São Vicente, Rev. Pe. Frederico. E, aqui, estou, portanto, a cumprir a minha palavra enpenhada, confiante na generosidade e benevolência dos que me vão ouvir.

Volvendo um olhar retrospectivo vejo a imagem doce e meiga das mães que possuí: da que me deu o ser e da minha sogra, ambas encarnando no seu todo o verdadeiro anjo de candura, de bondade, de heroísmo e sacrificios. Sinto ainda, como uma estrela luminosa a me guiar pela vida, a orientação segura de seus conselhos, o exemplo sublime de suas virtudes. Foi, com o coração repassado de saudades, dominado por forte emoção num gesto de gratidão e reconhecimento pelo grandes benefícios que me propocinaram os entes queridos que se foram para Deus, o motivo de escolher como tema da palestra que vou proferir ante vós: "Mãe e a sublimidade de sua missão."

É-me difícil dissertar sobre o assunto e condensá-lo em claras e lúcidas fórmulas verbais; todavia, à margem da materia me proponho, emprestando à palavra todo espirito e coração vos transmitir algumas considerações e a maneira de sentir sobre o palpitante problema sugerido.

Antes de entrar na ligeira esplanção quero com todos que me ouvis prestar, em primeiro lugar, a homenagem de respeito, veneração e amor à mais santa, à mais carinhosa, à mais sofredora, a melhor das mães: Maria Santíssima. Que Esta Excelsa Mãe cubra de bençãos a mocidade esperançosa para que no cumprimento de seus deveres sagrados honrem e dignifiquem o titulo de Filha de Maria. Esta mesma benção se estenda a nós outros que já tombamos para o ocaso da vida e todas as mães para que possam e saibam compreender e realizar a sublime missão que Deus lhes colocou nas mãos.

No seio prodigioso e fecundo das águas surgiu, um dia, a concha gigante que mostrava na transparência de suas valvas o vulto formoso de uma mulher. Era a Venus de Mijo, essa linda bivalve, a pérola das águas que acabava de nascer, tão casta, tão meiga e tão pura entre o leito das águas e as espumas do mar. A concha gigante era o berço dourado do amor, pois a Venus era a própria personificação do amor, não o amor grosseiro, lascivo, o amor delírio, mas amor puro, luz e inteligência, centelha do coração, fonte da vida, força conservadora da comunhão social, assim como o sol é o eixo da atração universal. Nesta página da mitologia pagã, está desenhada a origem rósea do amor. Todos os fenômenos da vida são dominados, movidos e inspirados pelo amor. Foi ele a força mágica que levou, impeliu os missionários a desbravarem estas paragens recônditas, a penetrarem no âmago desconhecido dessas florestas milenárias no afonso mister da conquista de selvagens errantes para os domínios da civilização cristã: Quem estimula, dá coragem, anima as denodadas Irmãs de Caridade a velarem noites e noites à cabeceira angustiosa dos doentes que fugindo da morte são atirados portas a dentro dos hospitais? Infalivelmente o amor ao próximo, como lhes ensinou Jesus que também por amor aos homens, fôlhas esparsas da humanidade, soube morrer na conhecida tragédia do Gólgota. Até mesmo na escala zoológica, os pássaros, os animais são dominados, invadidos pelo mais puro sentimento do amor.

E assim, senhores, é tudo mais na vida, sempre em tudo e por toda parte o amor. Esta palestra de hoje é, na sua essência, um fruto do amor. Ele reúne todas as camadas sociais pelo cérebro, pelo coração. Todos unos por uma só idéia, demandando o mesmo fim, num mesmo palpar de coração, num só anseio, d'alma, celebramos o maior dos amores humanos, o Amor de Mãe.

Onde encontraremos um coração mais carinhoso, um amor abnegado do que o coração e o amor de Mãe? Onde um acalentar mais doce do que a voz maviosa de uma Mãe? Qual o olhar e o sorriso que se possa comparar com o olhar e o sorriso de uma Mãe? Haverá beijo mais confortador do que o de uma Mãe? Não, não se compreenderia a vida sem o amor de Mãe. Ele é o sol que aquece e esparge centelhas de luz em nossa alma, esmaltando a nossa existência com as perfumadas flôres de seu insubstituível amor. A Mãe é ponto essencial da vida, origem da família e a razão de ser da sociedade. Quando do cenário da existência desaparece a Mãe, vive-se como um jardim sem flôr, um diamante sem lapidar; termina, com a do-

lorosa orfandade, um paraizo de venturas e anuvia-se para todo e sempre o céu da felicidade terrena.

Como se transforma a vida da mulher Mãe! Ela cresce em méritos aos olhos da humanidade. Eleva-se, dignifica-se no exercício consciente da mais nobre e sublime missão.

Deus, quando em seus altos designios, colocou a bandeira da maternidade nas mãos da mulher, envolveu-a no manto de grandes e sérias obrigações. O dever de uma mãe não consiste, apenas, em colocar no mundo um entesinho; é, acima de tudo cumprir a tarefa honrosa de seus encargos maternos, sabendo ser verdadeiramente mãe, dentro da esfera moral e cristã. O sentimento materno pode inspirar rasgos edificantes de sacrifício, de abnegação, porém, pode ocasionar também graves prejuízos se a mãe deixar de falar apenas o coração sem se lembrar da razão. A mulher, verdadeiramente compenetrada de seu mister, é aquela que sabe aliar estes dois fatores, sem que um ofusque o brilho do outro. "Não basta apenas amar os filhos, é necessário sabê-los amar." Como esclarece Paulo Combes num de seus livros. Como os amar? Educando-os fisicamente, dentro do prisma da verdade, da virtude e para Deus. Este triângulo bem alicerçado da educação física, intelectual e moral, será o emblema preponderante que a mulher deve encarar desde o momento em que se tornou mãe. É assim, consciente no desempenho de suas atividades segue o evoluir do entesinho a que deu ser. Primeiramente, vêm os sobressaltos, as preocupações, noites à cabeceira do berço, ternos cuidados, procurando proporcionar ao rebento querido, afagos, carícias, sempre atenta ao seu primeiro soluço. Ele tão frágil, tão pequenino, sem vontade própria em tudo dependendo das maravilhosas mãos da Mãe. Mãos que acariciam, mãos que acalentam a plantazinha mimosa para que nada lhe falte. Correm os meses, chegam os primeiros sorrisos, o primeiro dente, os primeiros passos, as primeiras palavras balbuciadas a medo e a sentinela vigilante ali está firme no seu posto, sem desfalecimento e sem cansaço.

Ser Mãe, manter no colo uma criança, lidar com ela e ter a grande oportunidade de estar em contacto com um homem em formação: "a criança, este admirável e misterioso ser" como já dizia Carlos Leôncio, um grande pedagogo.

Meditando bem na verdade que ensina este lindo pensamento, a responsabilidade da Mãe cresce, amplia o seu campo de ação à medida que aquela existência se vai abrindo para a vida. Na sua alma desperta o instinto da formação moral e in-

telectual do filho. Educar um filho a seu modo é ver desenvolver-se em toda sua plenitude a sua imagem semelhante; é plasmar com as próprias mãos a argila informe do caráter infantil. Recortando ou pincelando com todos os requintes da perfeição para conseguir uma obra prima. Esta, não a conseguirá a mãe absecada que julga amar verdadeiramente o filho o fazendo-lhe todas as vontades, satisfazendo-lhe os menores caprichos, sem que procure corrigir as inclinações próprias da infância. No seu exagerado afeto de mãe, cerca o filho de excessiva indulgência, acreditando assim, colher em grau mais elevado a sua afeição. Puro engano. Será uma indulgência perniciosa que só acarretará o aumento dos defeitos da criança e quase sempre a diminuição do afeto tão desejado. A criança perpicaz e observadora como é, conhecendo a força que exerce sobre a Mãe, benévola e condescendente, se tornará animada, voluntariosa, exigente e jamais educada. Quantas vezes, ao contrário do que a Mãe esperava se afasta dos afagos maternos, indiferente e fria. Muito outra, portanto, deve ser a orientação materna vez que deseja acima de tudo a felicidade do filho. Este tem que se submeter às normas educativas desde os primeiros tempos, sendo preparado para a vida na certeza de que a quadra feliz da infância passa e será o homem de amanhã.

Boa e orientadora é a Mãe que sabe responder com paciência a série de perguntas que se lhe faz o filho na fase em que a sua alma se abre à curiosidade de tudo querer saber; ansia pela verdade de um espírito que amudereceu.

E a Mãe que zela, que almeja um futuro feliz para o filho deve se convencer que das respostas às primeiras perguntas ingênuas e curiosas não de depender a formação intelectual, o patrimônio moral e a sua vida na sociedade. Disse um grande escritor: "A Mãe educadora não deve se esquecer que todas as suas palavras, até as mais insignificantes são gravadas com fé, guardadas com fidelidade." As primeiras impressões perduram pela vida em fora. É claro que nem todas as perguntas se tornam fáceis de ser respondidas, porém a Mãe inteligente saberá sair-se sem deixar na alma do interrogador curioso uma noção falsa e errônea evitando os frutos que podem advir criados pela da fantasia infantil. Cuidando de uma alma que desperta ela se cercará de mil cuidados para que esta mesma alma não venha sofrer as influências da má orientação. Não procede, portanto, com acerto a Mãe que se quedar indiferentes às perguntas infantis e errará muito mais se as satisfizer com respostas falsas e mentirosas, criando dúvidas e incertezas na alma do filho.

É na primeira infância que se amoldam os caracteres. Mães há que desconhecem esta verdade pois, muitas vezes ouvimos de algumas: "Estou aflita que esta criança vá para escola; é muito levada e só assim poderei passar umas horas tranquilas." Mães sem responsabilidade e sem orientação. Ignorarão por ventura que a primeira educação é a doméstica? Qual o direito que assiste às professoras suportarem os mal educados e indesejáveis no lar? A função da mestra é outra; aperfeiçoar a educação e instruir. Os sentimentos duradouros são os que nascem em volta do nosso berço, cultuados por nossa Mãe. Ela, como o Anjo da Guarda de nossa vida, deve se inteirar de que a personalidade se firma logo no lar e não nos bancos escolares.

Dêstes sai a criança preparada a vencer pela ciência, pelas letras; do lar sob o bafejo materno sai predisposta para as lutas da vida impregnada das lições sadias e preciosas da mulher sublime e forte que lhe deu o ser.

A época da adolescência é a mais espinhosa nas atividades educativas de uma Mãe. O filho ou a filha ao se sentir integrante de sua personalidade toma laivos de independência que fatalmente lhe será prejudicial se a Mãe com o segredo que lhe é peculiar não fizer sentir com o redobado amor e carinho a força da benéfica influência, tornando-se a conselheira e amiga, captando para isto a confiança do filho, base essencial da amizade que os ligará ainda mais. Do coração materno fará o depósito de suas confidências sempre a espera de um conselho, uma orientação amiga. Feliz a Mãe para a qual o coração do filho é um livro aberto. Pode com franqueza orientá-lo, dirigir-lhe os passos pela estrada íngreme da vida, ensinar-lhe a viver dentro da sã moral tendo como coadjuvante dessas lições a sua própria conduta isenta de artificios e levianidades, espelho de uma vida sadia e bem equilibrada.

O exemplo é mais poderoso do que o ensino e a reunião dêsses dois elementos, isto é, o ensino e o exemplo é de uma eficácia irresistível. Quem possui a fruta fértil que medra em clima frio não poderá oferecer frutas silvestres oriundas dos altos sertões. Assim a Mãe que não souber dirigir o seu próprio destino dentro das normas da moral e da religião jamais poderá oferecer aos seus descendentes a fruta fértil que é o exemplo de suas virtudes.

Para que a norma de vida estabelecida pela Mãe na esfera do lar não sofra alterações malignas no meio extra-familiar, na escola, na sociedade, a Mãe tem que atender à escolha das relações de amizade de seus filhos; ser atenta com discreção, ser prudente.

te sem alarde. Esses cuidados devem ser redobados, principalmente em se tratando de filhas. Da formação do caráter de uma jovem dependerá a futura Mãe de amanhã. Venturosa é a Mãe que à luz da verdadeira religião, sob o teto abençoado por Deus, no desempenho da sagrada e nobilíssima missão, prepara a filha, seja qual fôr a condição social ou de fortuna, a ser no porvir perfeita dirigente do seu próprio lar.

Desditosa e vencida se sentirá, entretanto, aquela que, modelar apenas BONECAS FRIVOLAS, sem a compreensão nitida da finalidade da vida. Frutos da Mãe que, desprezando seus sagrados deveres, esquecendo-se das graves e pesadas responsabilidades, entrega-se à vida fútil e ociosa dos prazeres, distilando, assim, uma nefasta influência sobre os destino dos filhos. Não é raro ouvirmos às vezes Mães entristecidas exclamarem: "Não posso conter os ímpetos de meus filhos; desobedientes e altivos só fazem o que desejam." É natural que isto aconteça pois a estas Mães falta a energia suficiente, a autoridade moral, elementos indispensáveis à ordem e disciplina no lar. Elas, as Mães descuidadas, deturpam desde os primeiros tempos da maternidade o verdadeiro sentido de sua missão.

Observa-se todos os dias e a cada passo que "os filhos são como as Mães os formaram". As que vivem uma vida piedosa e cristã só poderão dar à sociedade filhos bons e virtuosos. As indiferentes, frívolas e volúveis, deixando adormecer na consciência a grandeza da maternidade, verão ruir por terra o castelo de sonhos arquitetados ao pé do berço de um recém-nascido.

As primeiras cantarão pela a vida afora o hino da vitória e as outras detramarão sem remédio, sem consólo, tristes e amargas lágrimas da desilusão.

O quadro desolador de crimes e misérias que se nos depara ante os olhos em todas as camadas sociais é a consequência dos múltiplos erros da educação hodierna. A Mãe que pré-ga a moral, a vida sadia num lar feliz e bem constituído é considerada retrógada, velha e atrasada. E assim, com a degradação dos costumes, com a falsa e errônea formação moral, caminhamos de corrupção em corrupção, até o caos tremendo que é a dissolução da família. Esta sendo, como disse um publicista ilustre "a segunda alma da humanidade, origem fecunda das populações fortes e puras, santuário das tradições e costumes em que florescem todas as virtudes sociais." vê-se, nos dias que correm, ferida na sua essência mais pura.

A dissolução dos lares aumenta assustadoramente, isto porque, para o sublime Sacramento do Matrimônio, vão os jovens de agora, com raras exceções, sem o devido preparo, em uma orientação segura, para as surpresas que deverão surgir.

Passa o tempo da fantasia, chega a realidade com seu cortejo de incompreensões e aquelas criaturas, unidas que foram pelos laços divinos, só têm um pensamento — a Separação — A esta âncora se agarram os desiludidos, como fora a única tábua de salvação no mar tempestuoso de uma vida desajustada. O lar? Está no segundo plano para as cebecinhas loucas e os homens sem moral, sem fé, sem Deus. Para estes infelizes a família nada representa; os filhos são as maiores vítimas; sofrem as consequências desastrosas dos atos irrefletidos dos que lhes deram o ser.

É a mãe que cumpre reconstituir a sociedade aniquilada e combatida. A influência suprema do amor materno tudo pode e nela depositamos a esperança da restauração dos nossos costumes para que o "amor da família, tal como Deus o gravou no coração do homem, continue a ser sempre a defesa e a força invencível da Pátria".

Mães que cuvis, meditai bem na responsabilidade e grandeza de vossa missão.

Que a aurora de um novo dia vos desperte n'alma os impulsos de vossos deveres indeclináveis. Cada carícia de vossos filhos e cada pétala das flores que derramarem sobre vosso colo seja o reflexo do oívalho abençoado de vossas orientações firmes e seguras de mães cristãs. Cada beijo de vossos filhos seja o sêlo inapagável de consciência pura de que tendes sido verdadeiras mães como o determina o Altíssimo.

A noite, no silêncio acolhedor de vosso quarto, com os olhos fitos na Imagem de Maria fazei consigo mesmos esta pergunta: Tenho sabido educar meus filhos dentro da norma de uma sã moral? Tenho trabalhado pela sua felicidade nesta e na outra vida?

No fim da jornada, quando o Julgador Inviolável e Divino vos pedir contas da vossa missão terrena, dizei-lhe confiante no vosso título de Mãe: "Os únicos valores que vos posso oferecer, são as flores e os espinhos que colhi no desempenho dos misteres que me impuzestes. Recebei-os e recompensai-me se o merecer".

Mulher Perdida

Otacílio Pereira de Carvalho

Doente, exangue, faces maceradas,
Corpo chagado, suja, quase nua,
U'a miséria solta pela rua
Oriunda das zonas viciadas.

Muitas vezes caída nas calçadas
Com fome e sede sufocada sua.
E nessa angústia letal, nada atenua
As suas dores tão continuadas.

E vivendo assim, já quase morta
Mal póde a desgraçada mendigar
Um pedaço de pão, de porta em porta.

Fazendo recuar do seu caminho
Aquêles que fartara de gozar
Com os beijos sensuais do seu carinho.

(Inspirado no livro "Rua do Siriry, de Armando Fontes.)

*"A viola tá chorando lo
Tá chcrando com rezão,
Scluçando de sodade
Gemendo de compaixão,
D. golaram Virgolino,
Acabou-se Lampião".*

— Mestre Zabelê

Martim Soares Moreno, o condutor da guerra da restauração pernambucana

Gen. Carlos Studart Filho

Nenhum estudioso das coisas do passado desconhece, por certo, a vida agitada e romanesca de Martim Soares Moreno e o lugar de alta relevância que, de direito, lhe cabe na crônica do Brasil colonial, onde seu nome esplende com o justo título de sua "O Fundador do Ceará".

Tampouco ignoram os nossos exegetas e memorialistas que a êste vulto exponencial da primitiva história nordestina se deve a criação do primeiro núcleo estável da população reinol, abrolhado ao longo das praias oceânicas da costa leste-oeste, núcleo que, por largo tempo, "viveu e prosperou debaixo de direção inteligente e vigorosa" (1).

(1) As fontes mais lídimas de informações sôbre a vida e feitos do valente soldado lusitano, estão hoje ao fácil alcance de qualquer pesquisador, graças à orientação, sempre seguida pelos diretores da "Revista do Instituto do Ceará", cujo lema tem sido: trasladar para as suas páginas todo documento interessante e autêntico, que diga respeito à história cearense.

Na Revista foram, com efeito, publicados pelo Barão de Studart, além de numerosos documentos da máxima importância referentes a Martim Soares (ano de 1905), a "Relação do Ceará" por êle próprio escrita em 1618 e que é, a um só tempo, autobiografia e descrição geográfica abreviada de nossa terra.

Há que mencionar ainda a publicação dos trechos mais importantes, para nós da "Jornada do Maranhão", escrita por Diogo de Campos Moreno, sargento-mor do estado do Brasil, coetâneo dos fatos que menciona o tio e protetor de Martim Soares. A obra apareceu pela primeira vez, no Brasil, nas "Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão", de Candido Mendes de Almeida, Rio 1874.

Sôbre Martim Soares Moreno deu a lume o Barão de Studart, na Revista do Instituto do Ceará, Tomo XVII, ano do tricentenário da chegada aqui dos primeiros portugueses, a um minucioso estudo que tem servido de fonte de inspiração a quantos, depois dêle, abordaram o assunto. Digno também de ler-se é o trabalho de Afrânio Peixoto "Martim Rodrigues Moreno", editado em 1940 em Lisboa pela Divisão de Publicações da Biblioteca, Agência Geral das Colônias e, em 1941 pela livraria Paulo Bluhm, de Belo Horizonte. Heitor Marçal versou o mesmo tema.

É, também, do conhecimento geral de suas atividades, a um tempo guerreiras e construtivas, não ficaram adstritas ao estreito âmbito da capitania que lhe coube erigir e governar. Prestou, com efeito, inestimáveis serviços à obra de expansão do domínio português no Meio-norte, propiciando aos soldados de Jerônimo Albuquerque e, depois, aos de Alexandre Moura, a ambicionada posse das terras maranhenses.

"No intuito de facilitar a expulsão de estrangeiros que ali se haviam estabelecido com grande poderio, empregou, na empreza, os mais engenhosos ardis e só descansou quando conseguiu os necessários esclarecimentos para que se pudesse levar a bom caminho a jornada, cujo epílogo foi o tratado de 27 de novembro de 1614 e a subsequente retirada da gente de La Ravardière e Rasilly (2).

Muito sabem, igualmente, que, cedendo aos impulsos do seu patriotismo e às ordens emanadas diretamente do monarca a cujos ouvidos chegara, por certo, a fama de seu valor pessoal e dos largos conhecimentos da língua dos indígenas, deixa o Ceará a fim de participar das operações bélicas contra os invasores flamengos.

Fixando, em suas "Memórias Diárias da Guerra do Brasil", êste acontecimento de marcada projeção nos fatos históricos do Nordeste, assim o consigna a pena bem informada de Duarte de Albuquerque, o quarto donatário da Capitania de Pernambuco e historiador a cuja proibidade não regateia louvores o nosso Capistrano.

"Nos princípios de junho (1631), diz singelamente o cronista, chegou ao Real com socorros do Ceará, o capitão Martim Soares Moreno, do hábito de Santiago (depois Mestre-de-Campo) que foi o primeiro que por el-rei estêve naquela débil praça, e por sua ordem vinha agora servir na guerra de Pernambuco, trazendo alguns índios e poucos soldados".

As contingências do momento não permitiram, porém, como é sabido, ao herói ali permanecer por largo tempo. Apenas atingiu o rio Lindeiro, logo retrocedeu às terras do Nordeste, teatro de tantas epopéias que os horrores de uma luta armada, sem tregua nem quartel, convulsionavam com desusada violência.

(2) B. de Studart, "Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará" Rev. do Instituto do Ceará — Tomo, XVII — Fortaleza, 1903.

Penetrou, dêsse modo, como bem ressalta o Barão de Studart, em pleno "campo de ação de Matias de Albuquerque, de Fernandes Vieira, o Castrioto Lusitano, de André Vidal de Negreiros, o rival do heróico Madeirense, do índio Camarão, e do negro Henrique Dias", onde se lhe abrirá "o ensejo para novas façanhas guerreiras, participando das campanhas de emboscada com seus ataques permanentes, das célebres guerrilhas, das memoráveis retiradas, como essa em direção à Bahia, em que alto se ergueram o amor ao torrão natal e fidelidade à fé religiosa".

É de notar que sua atividade incansável, que encontrara naquela região brasileira ambiente adequado a exercitar-se em tôda plenitude e de forma ainda mais proveitosa aos interesses lusitanos, reiniciou-se, de maneira brilhante e galharda. Tal como sucedera nos outros setores da Colônia por êle perulustrados a serviço da Pátria, também em terras de Duarte Coelho lhe sorriu a fortuna nos primeiros encontros havidos com os inimigos do rei e de sua gente.

"Logo que chegou do novo campo de luta, agregando-se-lhe mais alguma gente tomou o pôrto chamado de Nossa Senhora da Vitória, ao pé do rio Capiberibe, pela parte que divide a ilha de Santo Antônio, e em frente de dois dos quatro redutos que nela havia levantado o inimigo".

Pouco depois, a 29 de agosto do mesmo ano de 1631, ou em setembro, segundo assegura Afrânio Peixoto, baseado em Brito Freire, que também regista a atuação de Martim Soares nas guerras pernambucanas, êle novamente se notabiliza por um belo feito guerreiro.

Na data apontada, consoante ainda o marquês de Basto, fôra êle "encarregado de, com a gente de seu quartel, e particularmente com os índios que trouxera do Ceará, acometer um daqueles quatro redutos, que o inimigo havia feito na ilha de Santo Antônio". Cumprindo a ordem formal "investiu com tanta bizzarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento, que o guardava com mais de 40 homens, os outros o desampararam aterrorizados de ver os índios, cujo aspecto nos primeiros anos lhes era terrível; e êstes do Ceará, por menos domésticos e tratáveis mais se viam para êste efeito que para outro qualquer". (3)

(3) Ver trechos do Marquês de Basto, relativos ao Ceará, in "Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará" Vol. II — Fort. 1909

Dai em diante, expõe o historiador de quem recolho estas informações, a sorte das armas, as exigências da campanha, a obediência, às determinações superiores conduziu Martin Soares a lugares diversos, a diferentes capitanias e fizeram-no testemunho ou figura saliente em muito dos acontecimentos que se desenrolaram na guerra holandesa (4).

E para que se selasse com o sangue os feitos a que o dever e a fama o obrigavam, foi ferido em vários encontros, como por exemplo, quando o inimigo, guiado pelo trãnsfuça Domingo Calabar, assolou o arraial a 27 de março de 1633, morrendo então o chefe Lourenço Rembach”.

Depois de haver-se demorado longamente em pernambuco, ocupado na faina de continuos assaltos, combates e investidas, entre os quais o de 1.º de março de 1634 contra a praça de Recife, onde obrou prodigios de valor, revelando-se o mesmo homem de Cunhaú, de Mossurepe e do forte de Nazaré, Martin Soares passou a operar na Paraíba com outros chefes portuguêses e espanhóis (5).

Inspirados, de certo, por Domingos Calabar que, dois anos antes, se bandeara com o inimigo, haviam as forças holandesas assaltado aquela capitania e era mister combatê-los. Tudo foi, porém, baldado. Na véspera do Natal de 1634, estava a sede do governo da Paraíba em mãos do inimigo.

“Inúteis haviam sido, conforme lembra o B. de Studart, os atos de memorável heroicidade com que a fama recolheu os nomes dos dois Peres Calhau e as perdas gloriosas de Matos Cardoso, Pais de Souto, mortos no campo de honra”.

Vencido e não encontrando apoio, nem companheiros para fundar um novo arraial de Bom Jesus, onde resistisse ao invasor, resigna-se Antônio de Albuquerque a emigrar para Pernambuco e, com Bagnuolo, Martin Soares e outros chefes militares, vai unir-se, no Arraial do Bom Jesus, a Matias de Albuquerque a quem leva a nova da terrível derrota.

“Queria Antônio de Albuquerque, diz Southey, postar-se agora onde pudesse defender o país, mas os seus haviam perdido tôda a confiança e todo o ânimo. Duas companhias de indígenas, recrutadas nas aldeias próximas, desertaram para o campo dos conquistadores, e todos os índios da Capitania festejavam os novos senhores, escolhendo o mesmo partido os do Rio

(4) Entre estes cabe referência especial ao ataque por elle dirigido, na noite de 10. de março de 1634, contra a praça do Recife e que tantas baixas causou ao inimigo.

(5) Barão de Studart Ap. cit pag. 217.

Grande. Abandonado como se viu no seu govêrno e privado de tôda a esperanza — que maravilha é que o povo da Paraíba curvasse afinal a cerviz a um jugo contra que tanto e tão bruscamente lutara?

x x x

Com a conquista de mais aquêlê grande trato de terra brasileira, passam os invasores a dominar a costa nordestina desde o Rio Rio Grande até o Recife,

O trecho sulino do litoral, daquela vila até o S. Francisco, será avassalado, logo a seguir, com o abandono do Arraial de Bom Jesus e tomada das fortificações de Nazaré e do Cabo de S. Agostinho.

A memorável retirada de Matias de Albuquerque para Salvador, verdadeiro episodio de lenda, encerrá, por sua vez, a a primeira fase da luta contra os holandeses, com o franco triunfo das armas invasoras.

A segunda fase abrir-se-á em 1645 com a revolta dos valentes conjurados do Recife. Entre uma e outra, o largo interregno que, iniciado com a entrada em ação dos infatigáveis campanhistas, abrange o octênio de Mauricio de Nassau e finda com a substituição dêste príncipe de sangue por um govêrno de negociantes cúpidos e cuja administração, pouca esclarecida, terá como resultado o levante dos pernambucanos (6).

x x x

(6) A guerra dos campanhista que tão elogiada tem sido por alguns dos nossos estudiosos e atingiu o ápice de sua intensidade no ano de 1636, foi, sem dúvida o acontecimento mais sordido de tôda campanha da libertação pernambucana. Partidos de homens, militarmente organizados, talam sem descanso o território ocupado pelo inimigo, roubando e destruindo propriedades, incendiando canaviais, aprisionando escravos e furtando gados semeavam, por essa forma, a mãos cheias, a ruína, o terror e a morte tanto entre invasores como entre os próprios colonos luso-brasileiros radicados à terra.

Isso gerava naturalmente represálias, violentas e brutais, por parte do holandeses que nada ficavam a dever aos nossos em crueldade, valentia e determinação, quando estava em jôgo a defesa de suas vidas e seus haveres. Desmandos e truculências de uns e outros acabaram provocando a desorganização econômica pelo quase aniquilamento da lavoura de cana e de açúcar e algodão e levando o Nordeste Ocidental à beira do colapso total. Isso, embora tenha, de certo modo, facilitado a expulsão dos intusos, acarretou graves prejuízos materiais dos moradores e dificultou seriamente a sua posterior recuperação econômica.

Numerosos os cultores da história pátria que têm, como dissemos antes, noticia precisa de todos os episódios atrás sumariamente referidos, a muitos dos quais Martim Soares simplesmente se associou ou de que foi a figura de maior realce.

Poucos, porém, aquêles que, recapitulando tais episódios, reconhecem o alto valor de seus feitos de armas. Menor ainda o número dos que estão a par da verdadeira função por êle desempenhada no periodo que vai de agosto de 1645, quando por ordem do governador Teles da Silva, partiu para Pernambuco na frota de Jerônimo Serrão de Paiva, até fins de 1547. Nessa época êle regressou a Salvador onde, em abril de 1648, seria substituído no comando do tço por Nicclau Aranha Pacheco.

Escritores modernos há que, esquecidos de tudo quanto obrou nessa fase decisiva de nossa luta contra os batavos, chegam ao censurável extremo de relegar à penumbra, se não ao esquecimento puro e simples, seu nome benemérito.

Herman Watjen, por exemplo, em "Dominio Holandês no Brasil", cita o (pag' 237) apenas incidentemente quando alude ao fato de ter êle assumido o comando de um dos regimentos saídos da Bahia.

Passível de maior censura é, porém, êste autor quando, logo a seguir (pág. 238), exaltando a figura justamente admirada de André Vidal de Negreiros, sustenta haver o valente paraibano desempenhado, por algum tempo, o papel de condutor mais graduado da Guerra da Libertação".

Assim diz, "Depois que os corpos de combatentes de Camarão, Dias e Vieira se juntaram à sua tropa, Vidal, QUE AGORA EXERCIA AS FUNÇÕES DE CHEFE SUPREMO DAS OPERAÇÕES MILITARES, invadiu inesperadamente o engenho de açúcar Casa Forte, distante de Recife ..." (7).

(7) É verdade que, referindo-se à primeira fase da luta, Watjen diz, às pág 103 do seu livro: "Quando lhe puseram a disposição homens como Martim Soares, Luis Barbalho, João Fernandes Vieira e o Chefe Felipe Camarão, pôde Albuquerque pensar e ocupar as estradas que comunicavam a costa com o interior, no propósito de interceptar o abastecimento de viveres da própria terra ao inimigo.

Trata-se, porém, de uma época em que Martim Soares era ainda um simples comandante de companhia.

Verdade é que, malgrado avolumaram-se dia a dia os escritos sôbre a grande aventura batava no Brasil, cada vez mais se espessam as névoas que ocultam a verdadeira fisionomia de certos fatos dessa época a tantos títulos memoráveis.

Não ficamos, pois, supresos em verificar que, também entre nós, o major Antônio de Sousa Júnior — para apontar apenas um dos novos valores que surgem no campo da historiografia pátria, incide no mesmo grave equívoco (8) e faz, em seu livro "História resumida das guerras holandesas no Norte do Brasil", apenas duas ou três referências vagas à pessoa do herói do Pontal de Nazaré (9).

É certo igualmente que Varnhagen, no valioso escrito intitulado "Holandeses no Brasil", apresenta-o como uma figura absolutamente secundária a mover-se hesitante no rubro cenário da guerra. Seria Martim Soares, na verdade, para o mestre de todos nós, um simples auxiliar de André Vidal de Negreiros, a quem o historiador alça à condição de chefe e guia da totalidade dos rebeldes luso-brasileiro.

Terdo isso em mira e também no evidente intuito de, rompendo com a tradição então vigente, apelar João Fernandes Vieira do pedestal da glória, onde o haviam colocado Frei Manoel Calado, Frei Rafael de Jesus e outros panegiristas do ardoroso e irrequieto madeirense, o mestre escreve, com efeito, (pags. 290 e 291, da edição de Lisboa 1872) essas palavras profundamente injustas: (10)

-
- (8) Mencionamos especialmente o Major Sousa Júnior, porque seu trabalho logrou obter primeiro prêmio no concurso instituído pela Biblioteca Militar, 1949.
 - (9) Para se ajuizar da importância estratégica da praça conquistada, recordemos com Capistrano, que Matias de Albuquerque nunca mais assistiu no arraial de Bom Jesus, depois de tomado o Pontal de Nazaré pelos holandeses.
 - (10) Da tarefa necessária de situar João Fernandes Vieira dentro da realidade histórica haveria de desincumbir-se com grande felicidade F. A. Pereira da Costa em trabalho dado a lume no Vol. XII, da Revista do Instituto Arqueológico de Pernambuco, sob o título: "João Fernandes Vieira à luz da História e da Crítica". Ler sôbre o assunto também o artigo intitulado "Pereira da Costa" de autoria de Helio Viana e divulgado pelas colunas do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro.

"Mas se até então Vieira nada resolvia senão pela boca de Antônio Dias Cardoso, daí por diante, até tomar o mando o general Francisco Barreto, foi Vidal o verdadeiro diretor da guerra, e assim o entendeu o inimigo, que com êle manteve principalmente a correspondência, que possuíamos, traduzida em holandês, e mostra sua muita capacidade (11).

RESOLVEU POIS VIDAL QUE MARTIM SOARES COM O SEU TÊRÇO PASSASSE A INVESTIR A FORTALEZA DO PONTAL, ao passo que êle, com o seu e as tropas de Vieira iriam a marcha forçada em busca das forças de Hous, junto do Recife. Esta marcha, prossegue, se efetuou durante todo o dia e noite de 16, sendo nesse tempo vencida a distância até a Várzea do Recife, apesar do muito lodo e falta de comodidades que as tropas encontraram".

E, muito adiante, pág. 239 :... deixando a Vieira, com toda a gente de Pernambuco, incomodando o inimigo e regularizando o sítio do Recife, correu com o seu tærço a reforçar a Martim Soares, que deixara INVESTINDO A FORTALEZA DO PONTAL. A derrota completa de Hous já aí conhecida, deveu concorrer para a pronta rendição da praça, aumentando a força moral de uns e desacoroçando a outros. Com tais precedentes, julgou Vidal que mais fácilmente ocuparia a praça, entrando em negociações, que pondo-lhe baterias e atacando-a pela sapa. Escreveu pois uma carta a Hoogstraten, expondo-lhe quanto se passava, lembrando os anteriores compromissos na Bahia acrescentando os de Van der ley com João Gomes de Melo e exortando-o que capitulasse ..." pág. 312.

Deixaram os nossos Mestres-de-Campo em Serinhaém por Capitão dos moradores e da fortaleza a Álvaro Fragoso de Albuquerque e logo marcharam adiante. Martim Soares Moreno veio mais devagar com o seu tærço em direitura para o Pontal de Nazaré e cabo de S. Agostinho, e André Vidal de Negreir-

(11) Por estranho que pareça a correspondência que conhecemos de origem portuguesa mostra justamente o contrário: que não foi Vidal, na realidade diretor da guerra, como se verá adiante.

ros partiu diante e com mais pressa em busca de João Fernandes Vieira, etc". (12)

O critério que adota o grande historiador brasileiro, dando a Vidal de Negreiros a primazia entre os mestres-de-campo que militaram em Pernambuco depois da revolta de 1645 é, aliás, também o seguido pelo escritor Rocha Pombo em sua monumental "História do Brasil" vol. IV, pág. 524-525 etc e pelos seus colegas pernambucanos ainda as de maior projeção nas nossas letras históricas.

Os que dêsse modo procedem, usam, porém, como o historiador paulista, do estranho artifício de inverter sistematicamente a colocação dos nomes dos chefes empenhados em luta para, contrariando os documentos da época, fazer aparecer sempre em primeiro lugar o nome do insigne soldado paraibano (13).

Ora, isto é tanto mais estranhável quanto foi Martim Soares, na realidade, a figura máxima das lutas da Restauração pernambucana, no período que precedeu à nomeação de Francisco Barreto de Menezes para Mestre-de-Campo-Geral e supremo condutor da guerra.

É certo que "na hora das distribuições das recompensas e dos donativos régios, na hora das ruidosas ovações populares

- (12) Mais consetâneo com aquilo que nos parece ser a realidade dos fatos escreve Frei Manoel Calado em sua obra "O valoroso lucideno e triunfo da liberdade. Ed. Cultura—S. Paulo 1943, pág. 77. Mais adiante, pág. 83, insistindo sobre o assunto assevera:" Agora é bem que tornemos três ou quatro passos atrás, e tratemos da jornada que os dois mestres—de—campo Martim Soares Morena e André Vidal de Negreiros fizeram com os seus dois tёрços de infantaria, da Bahia para Pernambuco a aquietar os moradores daquela Capitania, segundo o havia prometido o Governador Antônio Teles da Silva aos embaxadores holandeses".

Anteriormente a pág 69, dissera êle: "Agora é bem que tratemos da viagem que fez com o seu tёрço o Mestre—de—Campo Martim Soares Moreno.

- (13) Por sugestiva e feliz coincidência, Capistrano de Abreu e o Barão de Studart, ambos cearenses, e alguns historiadores de menor vulto, fazem, acertadamente figurar em seus trabalhos o nome de Martim Soares antes dos outros heróis da restauração.

dos chefes vitoriosos, não era aclamado seu nome', mais isso de nenhum modo tolda ou obscurece o seu mérito incontestável, nem significa que ele não tivesse tido, alguns anos antes, clara primazia sobre os colegas de posto. O fato inegável reponta, aliás, do estudo das numerosas cartas e papéis oficiais firmados pelos chefes militares mais credenciados desta guerra e onde o seu nome aparece invariavelmente colocado antes dos outros assinantes. É isto, em verdade, sugestivo e convincente, tendo-se em vista o rigor com que sempre foram respeitadas, na vida militar, as regras de precedência.

Que nos baste citar, como prova do que afirmamos, os três documentos seguintes, datado, respectivamente, de 4 de setembro de 1645, 27 de janeiro de 1646 e 16 de agosto de 1647. O primeiro, alude à designação do Cap. Antônio de Castro para uma das companhias do terço de João Fernandes Vieira; o 2º, diz respeito à nomeação de Bartolomeu Lins de Albuquerque para uma das companhias a serem levantadas na Capitania de Itamaracá, e o 3º, finalmente, trata da escolha de Manoel de Abreu Soares também para capitão do terço de Fernandes Vieira. (14)

Da leitura das duas cartas escritas, em data de 21 de julho de 1645, pelo Governador Geral Antônio Teles da Silva e endereçadas uma aos moradores de Pernambuco e a outra aos membros do supremo conselho se chega a idêntica conclusão, no que tange à antiguidade de posto e, conseqüentemente, à supremacia militar de Martim Soares.

Delas destacamos os tópicos seguintes que nos parecem decisivo para a solução do caso. O primeiro, tirado da carta ao povo sublevado, diz: "dei ordem expressa aos mestres-de-campo-governadores, Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, a cuja prudência fiei o pêso. . ."

O segundo, que entrega a missiva mandada às autoridades batavas, adianta: ". . . envio nessa armada a essa capitania os

(14) Outros documentos além destes que vão transcritos no fim do presente trabalho—cartas, patentes de nomeação e ordens de serviço, conhecemos divulgadas em publicações especializadas, particularmente na "Revista do Instituto Arq. Geog. e Hist. Pernambucano e firmado pelos chefes militares que poderíamos referir para reforçar as nossas afirmativas, já assaz comprovadas.

dois mestres-de-campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, sujeitos ambos de cuja qualidade e prudência fiei a substituição de minha pessoa. . .”

Há ainda a considerar êste trecho do officio enviado pelo mesmo Governador Geral ao rei, em 12 de junho de 1646, que diz: “Senhor, pela carta inclusa que agora recebi dos mestres-de-campo Martim Soares e André Vidal de Negreiros, será presente a V. M. . .”

x x x

Para que não paire dúvida no espirito do leitor quanto ao fato de ser Martim Soares a maior autoridade militar portuguesa, então lutando em Pernambuco e, portanto, o supremo dirigente da campanha contra os invasores holandeses, apontamos mais os dois documentos abaixo que reputamos de sumo interesse para o caso.

O primeiro, sem dúvida mais importante e sugestivo, refere-se à detenção POR ÊLE DETERMINADA CONTRA O PARECER UNANIME DOS OUTROS CHEFES MILITARES — do Pe. Manuel de Moraes jesuita que, em 1635, fizera causa comum com o inimigo e, esquecido da pátria, de sua religião e da “ordem benemérita a que pertencia e a que jamais manchara tamanho vilipêndio”, passara à Holanda, onde abjurara, tornando-se calvinista (15).

Tendo contraído duas vezes núpcias sacrilegas no Velho Mundo, regressou ao Recife, em dezembro de 1643, para exercer as funções de ministro protestante, ao que supõe e Pe. Rafael Galanti.

Imitava, assim, o procedimento do sacerdote francês Vicente Soler que, embora frade augustiniano, se fêz calvinista, casou e veio assistir em Pernambuco na qualidade de predicante.

Sustenta, porém, Sacramento Blake que o inaciano apóstata voltou torturado pelas saudades da pátria. De qualquer modo, foi o antigo sacerdote, dois anos depois, aprisionado pelos insurretos e conduzido diante de João Fernandes Vieira (16).

-
- (15) Exemplo único de apostasia entre jesuítas, afirma-o Southey.
 (16) Outras versões existem da prisão do Pe. Manoel de Moraes. A mais conhecida é a de Frei Rafael de Jesus, divulgada por Fernandes Gama.

Em presença do Mestre-de-Campo, afirma Naasson de Figueiredo, "abjura de novo o credo que erradamente abraçara, jura fidelidade e pede indulgência para seu crime" (17).

"Desdai, prossegue o nosso informante, com um crucifixo e uma espada, não deixou de lutar ao lado de Vieira".

De nada lhe valeram, porém, a proteção do "Governador das liberdades Divinas", nem as simpatias de André Vidal de Negreiros que por êle também se tomara de pena.

O padre apóstata viu-se novamente detido já agora por ordem de Martim Soares Moreno, que, por ser mais antigo e não concordar com o modo de proceder de seus colegas de farda, o mandou, sob guarda, para Lisboa.

Ai chegando, em fevereiro de 1646, foi logo recolhido aos cárceres do Santo Officio.

Tudo isso se depreende do Processo a que foi submetido e do qual o Barão de Studart copiou os trechos de maior interesse para a história do Ceará, publicando-os na revista do nosso Instituto.

Intitula-se o documento: — "Processo de Manuel de Moraes, sacerdote teólogo natural da vila de S. Paulo, Estado do do Brasil, residente que foi nas partes do norte, prêsno nos cárceres da Inquisição "Lisboa C.d. 4847. Nêle se lê que submetido a interrogatório respondeu o Pe. o seguinte:— Tratei logo de me vir apresentar a êste santo tribunal com beneplacito de uns mestres-de-campo que governavam. E por terceiro que é Martim Soares estava contra mim, me mandou prender por paixões sua particulares e preso me mandou remeter a êste santo tribunal pelo auditor (fls. 33).

E mais adiante disse, fls. 68, "... — tomando por pretexto da prisão dêle confidente lhe disse o Ajudante que o prendeu por que êle confidente havia escrito uma relação de sucessos daquelas armas em a qual não falara na pessoa do dito Martim Soares louvando muito os outros cabos de guerra.

(17) Maassom de Figueiredo "O Padre Manuel de Moraes" Rev. do Inst. Arq. Hist. e Geog. Pernambucano Vol. XXXII, Ano 1934.

E TRATANDO ÊSTES DE FAZER PÔR ÊLE EM LIBERDADE O DITO MARTIM SOARES O IMPEDIU tomando por fundamento que o Governador Geral Antônio Teles tinha ordenado que êle confitente viesse para êste reino seguro que o dito Martim Soares quis entender por preso sendo assim que o dito Governador na carta em que deu esta ordem, segundo disseram a êle confitente os ditos mestres-de-campo João Fernandes e André Vidal queria dizer que êle confitente viesse de seu favor e assim se presume porque a Carta ao dito Governador que continha esta ordem respondia a outra dos ditos mestres-de-campo e que lha haviam pedido embarcação para êle confitente vir a êste reino apresentar-se ao Santo Officio e a carta dêle governador a favor dêle confitente e a esta instância dos ditos mestres-de-campo respondeu que viesse êle confitente e seguro que escrevia a seu favor a Sua Majestade e NAO FOI BASTANTE O SOBREDITO PARA O DITO MARTIM SOARES POR SER MAIS ANTIGO DEIXAR DE MANDAR A ÊLE CONFITENTE PRÊSO como veio e foi entregue nesta inquisição”.

Esta afirmativa, partida de um inimigo, uma conclusiva da alta posição hierárquica que Soares ocupava nas forças em operações de guerra.

Digna de consideração é ainda a carta de 6 de setembro dirigida por Martim Soares ao Governador Teles da Silva e em que solicita mercê para alguns flamengos que nos ajudaram e eram “casados portugueses” nomeadamente Theodósio Ostrata e Gaspar Vanderley. No documento apontado a que também alude o historiador Rodolfo Garcia, em suas notas a Vargagen, e refere Afrânio Peixoto, em “Martim Soares Moreno”, ... diz o missivista reçar pela sorte da Armada de Serrão de Paiva, fato que, conforme lembra o segundo dos homens de letras citados, se verificou e teve desagradáveis consequências para o desenrolar das operações militares contra os invasores flamengos.

O teor da missiva demonstra claramente, que Martim Soares dispunha de ampla liberdade de ação e era pessoa de imediata confiança do Governador Geral.

x x x

Como observa um dos nossos historiadores regionais mais credenciado, Martim Soares não teve a fortuna de assistir ao remate da luta gloriosa. Não estava ao lado de Francisco Barreto, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira e Henrique Dias, no

grande dia da pátria, quando se realisavam no Recife os festejos comemorativos da vitória. Muito antes de tais demonstrações de júbilo, tomando a si a espinhosa missão de reconduzir a Salvador um trôço de soldado que, pelas suas atitudes, não mais inspiravam confiança, recolhera-se, a esta cidade donde, com licença do governo, se fôra para o reino.

É opinião quase unânime entre os cronistas e até entre historiadores modernos de nomeada, que assim o fêz por se achar alquebrado pelo pêso da idade e das muitas enfermidades acumuladas no decorrer dos seus 62 anos de vida, tão cheios de labôres e aventuras guerreiras, dos quais de mais de 45 ao serviço do Brasil.

A defecção dêsse homem, extraordinário pelo valor e proezas militares, pode perfeitamente ter sido determinada pelos justos motivos alegados. Exposto, do último quartel da vida, às contingências e perigos de uma guerra extremamente ativa e cheia de lances dramáticos, é possível hajam suas forças físicas entrado em colapso. É aceitável, outrossim, que minado dos achaques próprios à velhice que punham, como é natural, sérios entaves ao pleno cumprimento de seus deveres de soldado, e já tendo atingido as culminâncias da hierarquia militar, compatíveis com a sua origem, até certo ponto modesta, êle reconhecesse a necessidade de abandonar a luta.

Não cremos, porém, fôssem unicamente êsses motivos primários as verdadeiras causas de sua partida para o Velho Mundo. Também não parece justo que o levassem a tal resolução mesquinhos inteêsses materiais, ou seja, a necessidade de tratar negócios na côrte, como afirma o Pe. Galanti, em sua História; ou ainda porque, consoante outros, repugnasse, ao seu caráter de soldado, a hipocrisia das autoridades superiores, que estavam a fomentar e atizar a reação pernambucana e, ao mesmo tempo, renegá-la perante o inimigo e diante das côrtes européias".

Devemos observar, primeiramente, que suas condições de militar, ainda que de patente elevada, não lhe davam o direito de julgar a política internacional do govêrno; depois, que, ao serem escolhidos, êle e André Vidal de Negreiros, para comandar os terços que seguiam com a missão de obrigar os moradores de Pernambuco a depor as armas, ambos os chefes estavam perfeitamente i teirados do papel dúbio que iriam representar perante os holandeses.

As designações não haveriam sido, ao que tudo indica, compulsivas, nem resultaram da carência de oficiais capazes para a empresa, que os haviam então numerosos em Salvador.

André Vidal de Negreiros de há muito estava na conjura contra os invasores e dela fôra até um dos principais instigadores e o coordenador incansável.

Martim Soares, por sua vez, como pessoa de inteira confiança do governador geral e chefe da expedição, não podia desconhecer o teor da correspondência secreta de que era portador Serrão de Paiva, o comandante da frota que os conduzia a Pernambuco.

Seus temores a respeito do destino que ameaçava os navios deste oficial da armada, expressos em carta ao Governador Geral, falam bem alto em favor do nosso ponto de vista. Se Martim Soares seguiu para o teatro da luta foi, pois, repetimos, porque concordara em ser um dos participantes dessa intriga habilmente urdida pelos dirigentes metropolitanos contra o domínio holandês. Seus escrúpulos tardios não teriam, portanto, nenhum cabimento.

A pátria exigira do velho soldado mais este sacrificio, e ele se prontificara a fazê-lo.

Assim, preferimos admitir, com explicação mais razoável para seu gesto de largar ex abrupto o campo de ação antes de finalizada a luta, o fato de, já alquebrado, sentir-se também ferido, em seus melindres de soldado, pela noticia da nomeação de Francisco Barreto para comandante em chefe das tropas luso-brasileiras, nas funções de Mestres-de-Campo Geral, nomeação que data de 12 de fevereiro de 1647.

Injustiça igual sofrera, é exato, o General Matias de Albuquerque, quando substituído, sem um protesto, no comando das operações militares, por D. Luis de Rojas y Borja, o chefe espanhol que iria desaparecer, pouco depois, trágicamente, na Batalha de Mata Redonda.

Nem todos os grandes homens reagem, porém, de maneira idêntica às incompreensões, injustiças e ingratidões com que, por vêzes, os governos premiam os seus serviços. Nem só de memoráveis façanhas é feita a vida dos heróis; suas sombras gigantescas ocultam, também, como é natural, fraquezas bem humanas.

Como quer que seja, retirou-se para o reino pelas alturas de 1748, legando ao Nordeste e ao Brasil valorosas ações que nem sempre foram referidas e exaltadas como merecem. Faleceu em data não apurada.

Sobre êsse ponto sabe-se apenas que deve ter transposto os meados do século, pois, em setembro de 1649, firmou certidões em favor de João Fernandes Vieira. Servira estas para instruir a petição com que o beneficiado requeria a paga dos grandes serviços prestados nas lutas contra os holandeses (18).

Aludindo a partida de Martim Soares para o Velho Mundo, diz o inolvidável historiador Rodolfo Garcia, fechando, dê-se modo, com chave de ouro, uma de suas notas a Vernhagem e prestando, ao mesmo tempo, ao valente militar a homenagem que sempre fazem jus aquêles que nobremente defenderam os interesses da pátria. "E assim desaparece da cena uma das figuras de guerreiro mais heróicos da História Brasileira.

x x x

NOTA FINAL. Não pretendemos, nem de longe, com o que acima deixamos escrito, significar haja sido Martim Soares Moreno mais util a causa da libertação pernambucana do que os outros chefes, seus companheiros de luta. Quisemos apenas

-
- (18) H. M. jornalista e homem de letras cearense que, em 1943, publicou editado pela Casa Vechi Limitada, do Rio de Janeiro, uma biografia de certo modo romanceada de "O fundador do Ceará", intitulada "Martim Soares Moreno", o guerreiro brando de Iracema. Nela sustenta o autor a pag. 151, que Martim Soares transpôs todavia, o meado do século XVIII, (?), e prossegue — Atesta isto a sua assinatura em 1659 nas certidões com que que André Vidal de Negreiros se muniu para transformar em ouro as sus glórias conquistadas na incruenta (??) luta com os holandeses. O novel autor que, olvidado dos seus ainda parcos conhecimentos históricos, tantas vêzes pretendeu, em seu escrito, corrigir supostas falhas no trabalho impecavel que, sobre o mesmo assunto, escreveu o Barão de Studart incide, por seu turno, em dois graves erros: os documentos a que alude não são de 1659, mas na realidade de 1649, conforme disse o mestre cearense e se referem a João Fernandes Vieira, e não a André Vidal de Negreiros. Assim, não pode provar que nosso herói haja transposto o meado do século XVII quanto mais o XVIII.

mostrar um fato ainda não pôsto na devida evidência qual a de ter êle occupado as funções de comandante geral, no penúltimo quartel da guerra neerlandesa.

Hierarquicamente superior a André Vidal de Negreiros e, como é natural, também aos outros combatentes, foi êle, sem sombra de dúvida, quem conduziu as operações militares nesta fase, de certo modo decisivo, da campanha que vai dos inícios de 1645 a fins de 1647.

"Em 1649 havia, esclarece H. da Silva, uma ordem régia recentemente dirigida ao Conselho Ultramarino, mandando parar com os requerimentos das pessoas existentes em Pernambuco; e Vieira, que tinha uns requerimentos de solicitação de graças, penderes do processo naquele tribunal, dirigiu-se ao monarca pedindo que "sem embargo da ordem dada, se tomasse conhecimento dos seus requerimentos e pretensões e se consultasse logo a Sua Majestade para mandar deferir êles como houvesse por seus serviços".

A êsses documentos se referiu Pereira da Silva e os cita Mário Melo em trabalho publicado na Revista do Inst. Arqueológico e Inst. Geográfico de Pernambuco sob o titulo "João Fernandes Vieira não era bastardo"—1932 pág. 55. Publicou-o também Telner em sua "Memória" e os reproduziu Varnhagen, na edição de 1872 da obra "Os holandeses no Brasil".

Isso que ignora o nosso jovem historiador, sabia-o porém o Barão de Studart. Os papéis não podiam ser de 1659 porque, nesta época, Vieira "já transformara em ouro as suas glórias conquistas na cruenta luta com os holandeses".

"Leandro Bezerra Monteiro nascido em 1826, era um cearense do Crato. Percebem-se no seu arcabouço moral as linhas rígidas e fortes do sertanejo, em cuja fibratura, se me não engano, está o genuíno caráter brasileiro, tão deturpado pelo cosmopolitismo do litoral, onde nós quotidianamente nos diluimos cercados, dominados, quase que íria dizer dissolvidos pela onda estrangeira." (Trecho do discurso pronunciado e publicado no "JORNAL DO BRASIL", pelo escritor Carlos de Laet, a 15 de Novembro de 1914)

Novo Livro de José de Figueiredo Filho

TELES DE CARVALHO

Já se acha em circulação, finalmente, o esperado livro "Engenhos de Rapadura do Cariri", do escritor José de Figueiredo Filho, o qual tomou o n.º 13 do "Documentário da Vida Rural", o fecundo órgão do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.

Editado pelo "Serviço Gráfico" do IBGE, com farta e selecionada documentação fotográfica, a obra está enriquecida, na capa e no texto, com ilustrações de Percy Lau.

O livro de José de Figueiredo Filho, porém, não se impõe apenas pela sua esmerada apresentação artística, mas pelo seu conteúdo, que se constitui inestimável contribuição ao conhecimento da sociologia brasileira, como acentua o seu prefaciador, José Anastácio Vieira, Diretor do S. I. A.

Com efeito, nos nove capítulos em que está dividida a obra, o autor desenvolveu o tema à base de conhecimentos adquiridos em escolhida bibliografia e, sobretudo, através de sua própria observação pessoal, demonstrando, de modo inofismável, o papel preponderante do engenho de rapadura na formação sócio-econômica do Cariri.

Marchando do advento da cana de açúcar nos antigos Cariris Novos, José de Figueiredo Filho se estende com aprumo no estudo dos nossos engenhos, do solo e do homem, da vida, usos e costumes, tudo em pinceladas de mestre, rematando a obra com um quadro estatístico sintetizando a produção anual dos engenhos dos cinco principais municípios deste recanto sertanejo.

Enfim, a máquina singela que fez girar a principal riqueza desta região, teve em José de Figueiredo Filho o seu arauto e expositor, cujo trabalho, como frisou o Diretor do Serviço de Informação Agrícola, foi uma homenagem ao Ceará, positivamente—acrescentamos nós—um orgulho para o Crato, por ser a terra natal do ilustre autor.

A Palmeira do Caldas

(À memória do Pe. mestre Ibiapina)

MARCHET CALOU

Num tóseo altar de pedras, junto à fonte
Alteia-se sentida e altaneira
Como que a procurar a companheira
Que ruira, a vagar, no mesmo monte.

E com um olhar de saudade de palmeira
Busca em vão um proscrito que lhe conte
Para que parte piedosa do horizonte
Se transplantara a pálida parceira.

Junto dela há muito tempo havia
Uma capela — ermida feita prece
Dos fans do Bom Jesus em romaria...

Contornada por ríspido florão
De jurema, a palmeira me parece
U'a vela de primeira comunhão!

Caldas, 8-9-57.

“Deus fez para o homem um trono, para a mulher um altar. O trono exalta. O altar santifica”.

— VICTOR HUGO.

Bibliografia, Notas e

Comentários...

NA CASA DO BARÃO DE STUDART — É o título de benfeito opúsculo, editado pela Imprensa Universitária do Ceará, 1957, e contendo dois discursos, respectivamente, de Raimundo Girão e Manoel Albano Amora. Foram pronunciados a 25 de agosto de 1955, por ocasião da posse de dez novos sócios do Instituto do Ceará. É trabalho intelectual que bem honra as letras do Ceará.

BOLETIM DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS — Estamos recebendo, com regularidade, aquêle "BOLETIM", editado pelo Instituto Joaquim Nabuco, centro de maior pesquisa social que existe no Nordeste Brasileiro e com a colaboração dos maiores vultos da intelectualidade nortista. É dirigido pelo ilustre intelectual pernambucano, dos orientadores mais dinâmicos do atual movimento intelectual, liderado pelo Recife — Prof. MAURO MOTA. Outros livros, editados pelo mesmo Instituto, hoje sob auspícios do Ministério da Educação e Cultura, em Pernambuco, enriquecem constantemente a BIBLIOTECA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

MEU CANTEIRO DE VIOLETAS — Dolores Furtado, da Casa de Juvenal Galeno, é das primeiras poetisas do Ceará. Seus versos têm sentimento e sabem nos prender o coração. Ultimamente editou, pela Imprensa Oficial, do Ceará, o livro "MEU CANTEIRO DE VIOLETAS", contendo poesias e prosa poética de sua lavra. Vejamos bonita amostra:

Bem dentro das alianças
Ao nascerem dois amores
Sepultam-se esperanças
Reflorescem dissabores.

As mães vivem cada dia
Em grande contradição
— Chorando na alegria,
Sorrindo na aflição.

REVISTA BRASILEIRA DE ESTATÍSTICA — É util publicação que recebemos pelo correio e editado pelo CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA É sempre repleta de bons trabalhos, ligados ao assunto.

BRASÍLIA, TERRA DE FÉ — É o discurso de Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, mandado publicar, para distribuir no país, pela CAMPANHA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL. O Cardeal de S. Paulo pronunciou a belíssima peça oratória, na primeira Missa celebrada, em Brasília, no dia 3 de Maio de 1957.

PARÓQUIA DE IGUATU (Sua formação eclesiástica) Plaquéta, lançada pela Editora A BATISTA FONTENELE e de autoria do Pe. Francisco de Assis Couto, vigário de Iguatu. É bem escrita e o Autor joga com dados históricos precisos. Ótima contribuição para a história da futura diocese iguatense.

ECOS DO APOSTOLADO DO EMBUSTE — Separata de nossa revista. É a súpula da apreciação do trabalho do historiógrafo — Pe. Antonio Gomes de Araujo, publicado no segundo numero de ITAYTERA.

FORMAÇÃO DA CRIANÇA — É de autoria do Dr. Vasconcelos Arruda. Bem fundamenta, da súpula de conceitos para orientar a criança para a vida, escrita, com proficiência, por um especialista no assunto. O bonito opúsculo foi distribuído pelos produtos NESTLÉ.

O PAPA PIO XII — Baluarte da Paz. — Ofertada por Antonio Berredo à biblioteca do I. C. C. É ótimo livro, escrito com esse estilo vivo e movimentado de americano moderno, pelas escritoras Lottie H. Lenn e Mary A. Reardon. Leitura instrutiva e que não cansa o espirito, focalizando a vida de um dos maiores vultos do mundo atual e da Cristandade de todos os tempos.

SIFONIA DO AMOR — José Newton Alves de Sousa é dos grandes poetas do Ceará, embora pouco conhecido na capital do Estado. Radicou-se em Salvador e com os inúmeros afazeres no magistério baiano, tem tempo de criar bonitas poesias modernistas, das mais inspiradas do Brasil atual. Tasso da Siveira é de seus grandes admiradores. Publicou há pouco— SIFONIA DO AMOR, dedicada a sua esposa. Vejamos pequeno trecho, cheio de magia e beleza rara:

A L V O R A D A

Após a noite de angustia,
surgiu a voz no Levante,
Toda a incerteza ferina
tornou-se em calma envolvente.
Tôda a fração em procura
se completou no mistério.
A dor da espera floriu.
Os corações se aninharam.
Sôbre as mãos esponsalicias,
a benção desceu fecunda.
E se eramos dois inda há pouco,
Somos, agora, só um."

CONVERSA SOBRE A PALEONTOLOGIA DA REGIAO DO MOSSORÓ — Vingt-Un Rosado é grande figura de Mossaró e dos principais propugnadores do Movimento intelectual que tem por centro aquela adiantada cidade norte-rio-grandense. É de sua autoria o opúsculo 37, da Coleção Mossoroense — "CONVERSA SOBRE PALEONTOLOGIA DA REGIAO DO MOSSORÓ." Comprova também que entende bem o importante ramo de ciencia que tem campo propicio de estudo. n: aquela rica região potiguar.

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO NORDESTE. Josaphat Linhares forma na primeira linha da elite intelectual do Ceará contemporaneo. "A Imprensa Universitaria," com sua atividade sempre crescente, lançou, no ano passado o livro de sua autoria — O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO CEARÁ. É trabalho sério, com conhecimentos científicos profundos e escritos com estilo primoroso. Alem disso é oportuno, nos momentos em que se procura resolver o problema dos países subdesenvolvidos do mundo atual.

PARTICIPACION ALEMANA EN EL CULTIVO Y COMERCIO DEL AZUCAR DE CANA ESPECIALMENTE EN BRASIL, ESPANA Y PORTUGAL: UNA CONTRIBUCIÓN A LA HISTORIA DE LA ECONOMIA.

É a epigrafe de plaquêta de "Publicação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", de Recife, instituição sob o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura. É o relato da contribuição germânica na cultura da cana no Brasil e escrita baseada em dados seguros, por Goofred Von Waldhem.

REVISTA "ALDEIAS ALTAS". Recebemos, com regularidade, a ótima revista de Caxias, do Maranhão — "ALDEIAS ALTAS". É a prova de que, em cidades do interior, começa-se a criar consciência de emancipação intelectual da eterna tutela do litoral. A bela revista da terra de Gonçalves Dias, dirigida por Antonio Teixeira Nunes, pode honrar a qualquer grande cidade do Brasil, pela pujante colaboração que contém.

OS RIOS — DO — AÇUCAR DO NORDESTE ORIENTAL —

Com este título está o "Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", de Recife, publicando série de estudos sobre os efeitos da calda que são atiradas nos rios pelas usinas contribuindo para a intoxicação do peixe e criando precárias condições sanitárias no meio e mais outros problemas. A contribuição do Instituto, dirigido pelo escritor Mauro Mota, é das mais patrióticas. "O RIO CEARÁ — MIRIM" é de autoria de Gilberto Quirósio de Andrade e "O RIO MAMANGUAPE, de Manuel Correia de Andrade,

DISCURSO DE PARANINFO — Dr. Fernando Leite é cariense de Brejo dos Santos. Com proficiência, é catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia e é professor da Faculdade de Medicina, ambas da Universidade do Ceará. Ocupa igualmente lugar de destaque nos meios intelectuais do Estado. No dia 14 de dezembro de 1957, pronunciou magnífica oração paraninfando a turma do mesmo ano, daquela faculdade. Tal discurso, que foi lição perene de ensinamentos aos afilhados, foi enfeitado em opúsculo pela Imprensa Universitária do Ceará.

VINGT-UN ROSADO EM MOSSORÓ — VINGT-UN ROSADO, membro de importante família norte-rio-grandense é dos principais propugnadores de intenso movimento intelectual que se processa em Mossoró, fazendo daquela cidade centro importante de irradiação de cultura, em todo o Nordeste. Sua inteligência é multiforme. Temos, ofertadas ao I. C. C., três trabalhos que comprovam a pujança de seu talento: "TRÊS DISCURSOS", "RODERIC CRANDALL E MOSSORÓ" e "A FORMAÇÃO CACIMBAS E O GRUPO APODI."

A HEROÍNA E OS BRAVOS — O Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro, atual comandante do C. P. O. R., de Fortaleza é dos oficiais do Exército, no Ceará, que mais cultuam os heróis nacionais. É dos principais intelectuais do Ceará e dos maiores movimentadores das iniciativas do I. C. C. Seu livro, editado pela Imprensa Oficial, escrito com estilo simples, é verdadeiro

hino de civismo, entoado a piejade de heróis brasileiros. Merece ser lido e meditado neste século de indiferentismo pelos verdadeiros construtores do Brasil.

CADERNOS DE LEMBRANÇAS — A Editora frotalezense A. Batista Fontenele lançou no ano passado o livro de Boanerges Facó-CADERNOS DE LEMBRANÇA. São produções literárias do ilustre escritor cearense que é também dos luminares de nossa magistratura. O livro, de leitura amena, tem o dom de agradar, do começo ao fim.

PAISAGEM DO MEU DESTINO — Carlyle Martins é dos grandes poetas do Ceará e mesmo do Brasil. Seus versos têm alma e nos sensibilizam. É da escola passadista. Mas a poesia verdadeira não tem escola. A poesia é sentimento, quer seja rimada ou não. Carlyle é poeta verdadeiro. Vejamos soneto de seu último livro "PAISAGEM DO MEU DESTINO", lançado pela Tip. Minerva, de Fortaleza, em 1957:

"LAR ANTIGO"

A Memória de Minha Mãe

Nas horas calmas de recolhimento,
Em que estou sobre a vida a meditar,
Uma voz de tristíssimo lamento,
Fala, parece, em meu antigo lar.

Vejo, em sonho, através do pensamento,
Tempos que nunca mais hão de voltar,
E alguém, de face triste e olhar nevoento,
Que foi sempre o meu anjo tutelar.

Entro em casa sutil e cauteloso,
Procurando rever o velho pouso,
Aonde a saudade me levou por fim.

E, na infinita dor que me entristece,
Vejo um vulto, de joelhos, numa prece,
Talvez rezando uma oração por mim."

REVISTA "CLÁ" — Por intermédio de sua editora — A IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, das grandes iniciativas do Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, estamos recebendo a revista fortalezense CLÁ, dirigida pelo escritor Fran Martins e secretariada por Artur Eduardo Benevides. O grupo "CLÁ" já se tornou conhecido e acatado, nos meios

literários de Norte a Sul do país. É movimento que projetou a província cearense por aí afora e que tem dado pleiade de escritores ao Brasil. A revista, agora em segunda fase, é o espelho dêsse brilhantismo que tanto enaltece nosso querido Estado.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Editada no Rio, sendo órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil. Já está no número 71 e é otimamente confeccionada, trazendo colaboração aprimorada, de escritores de todo o país. Sua presente direção cabe ao conhecido e inteligente homem de letras cearense — Mario Linhares e tem no corpo redatorial — Francisco Leite, Apolônio Nóbrega e Modesto de Abreu. O Ceará acha-se, naquela benfeita publicação, otimamente representado.

VOCABULÁRIO LATINO — José Arraes de Alencar, escritor do Cariri, filho de Araripe, é dos grandes latinistas do Brasil e uma das culturas mais sólidas do Ceará. No Banco do Brasil, à força de talento e de seu tino administrativo, galgou as culminâncias e hoje acha-se aposentado. De sua autoria é o VOCABULÁRIO LATINO (Por famílias etimológicas) FILOSOFIA E POESIA DA LINGUAGEM. Presenteou um exemplar ao Instituto. É obra alentada, com quase 500 páginas, lançada pela EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. É indispensável na biblioteca de quem cultiva o belo e impercível idioma de Lacio, do qual é filha a língua portuguesa.

ANTOLOGIA CEARENSE — É empreendimento digno dos maiores encômios a edição de ANTOLOGIA CEARENSE, a cargo da Academia Cearense de Letras e editada pela Imprensa Oficial, na fecunda direção do escritor e jornalista Padua Campos. O primeiro volume contém 438 páginas. Traz a biografia e respectivos trabalhos intelectuais de cento e poucos escritores do Ceará, assim comprovando o elevado grau de cultura dêste grande Estado nordestino, centro de inteligência dos mais primorosos do Brasil. A obra está prefaciada pelo historiador Raimundo Girão.

HISTÓRIA DO CEARÁ HOLANDÊS — O Gal. Carlos Studart Filho é dos grandes pesquisadores da história cearense e vulto de destaque das letras da terra de Alencar. Publicou recentemente a plaqueta — "História do Ceará Holandês", separata da REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, 1956. Traz nova luz sobre a rápida ocupação flamenga do litoral cearense. Aborda a questão do elemento aloirado que existe no interior nordestino. Conhecemos famílias radicadas no sertão, há mais de duzentos anos, com predominância acen-

tuada do tipo aloirado. Para destruir a influência do holandês na formação, embora mínima, do brasileiro nordestino, basta olharmos o racismo exagerado do flamengo, nas terras de além mar que colonizaram. Vejamos Java e a própria Africa do Sul dominada politicamente pelos antigos boers, de origem holandêsa. Nunca no mundo houve maior discriminação racial, do que naquela parte do continente negro. Verdadeira ironia do destino!

UM INFORME SOBRE ALGUNS PROBLEMAS DO NORDESTE — É trabalho incisivo sôbre a situação do Nordeste, dito com realismo que nos faz pungir o coração, pelo conferencista Paulo Frederico Maciel. Foram palestras pronunciadas na quarta Zona Militar por um representante da Escola Superior de Guerra. Foram enfeixadas em opusculo pelo "Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais", Ministerio de Educação e Cultura. Apesar de expor ao nú, os males presentes que asseverbam o Nordeste, o trabalho de Paulo Frederico Maciel não peca por exagero.

MAQUIAVEL E O ESTADO. Abelardo F. Montenegro, nosso fulgurante colaborador, é dos melhores poligrafos do Ceará contemporâneo. Possui talento e cultiva aprimoradamente sua bela inteligência. Recebemos de sua autoria e sempre trabalhado pela Editora A. Batista Fontenele, de Fortaleza — a plaqueta **MAQUIAVEL E O ESTADO.** O Autor focaliza bem a figura impressionante daquela figura, criador de "O PRINCIPE". O espirito maquiavélico sempre existiu no mundo, desde que se criou e perdurará. É seguido inconscientemente, até pelo coronel matuto que se perpetua no poder, **MAQUIAVEL** que compreendeu bem a época efervescente da Itália onde viveu, é gênio incontestável e fonte inextinguível de comentários. Abelardo Montenegro saiu-se bem com seu **MAQUIAVEL E O ESTADO.**

CORREIO DE TIMON — É periódico bem redigido e de feição simpática, que se edita em Timon, no Maranhão, dirigido competentemente pelo Padre Delfino da Silva Junior, auxiliado por ótimo corpo de colaboradores, bem demonstrando o adiantado grau de cultura daquela cidade, às margens do Parnaíba.

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA—CATEDRAL DO CRATO—É o titulo de um folheto, difundido entre os fiéis pela Paróquia de Nossa Senhora da Penha. São apontamentos úteis concatenados pelo Reverendo Cura da

Sé—Pe. Rubens Lóssio. É também o relatório do movimento paróquial, durante o ano de 1957.

MASSACRE. É o relato do massacre, em Alto Alegre, dos frades e freiras capuchinhos, executado pelos índios gaviões, a 13 de março de 1901. É história pungente e que impressionou o mundo cristão, naqueles tempos. Plautus Cunha, filho do saudoso Quintino Cunha, conta a tragédia, em opúsculo, editado pela Tipografia Minerva de Fortaleza, com alma e emotividade.

ANUÁRIO DE OLINDA — Ofertados pelo jornalista Ulisses Viana, ora militante na imprensa e rádios de Recife, recebemos alguns números do "ANUÁRIO DE OLINDA, revista que é o espelho vivo de Olinda antiga, com seus feitos heróicos e monumentos impercíveis. A gente lendo o ANUÁRIO DE OLINDA, por força tem de querer bem e admirar aquela cidade que foi o berço da civilização nordestina e que é verdadeiro hino perene de brasilidade.

ADELINO MAGALHAES NO PARALELO 70. É a homenagem que vários escritores brasileiros prestaram ao precursor do MODERNISMO, no Brasil—ADELINO MAGALHAES, quando completou 70 anos de idade. Andrade Muricy, Engênio Gomes, Jaime Adour da Camara, Murilo Araújo e outros, prestaram-lhe homenagem no Palácio da Imprensa, a 3 de setembro de 1957 e todos os discursos foram enfeixados em artística plaqueta da Editora ALBA-RIO.

O LÁBARO. É intrépido e bem escrito jornalzinho de bolso, artisticamente confeccionado. Órgão de cultura e doutrina a serviço da Fé, dirigido pelo inteligente conterrâneo — Prof. José Newton Alves de Sousa e tendo como gerente o Snr. Luiz Antonio e Sá. Editado em Salvador-Bahia.

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 18 DE JUNHO DE 1879 PELO DEPUTADO LEANDRO BEZERRA. Bruno de Menezes é o cratense que mora fora, que mais amor tem à terra natal, acaba de nos enviar folheto, com o discurso do Deputado Leandro Bezerra, pronunciado, em 18 de junho de 1879. É documento de fé viva, no qual o grande paladino, defensor dos Bispos, na célebre questão religiosa, no crepúsculo da Monarquia, desliga-se de compromisso com o governo, para ficar com a Igreja. Merece ser lido e difundido, porque ainda hoje é atual, pela atitude acomodaticia do homem, na presente situação do Brasil.

COMENTARIOS SOBRE LEGISLAÇÃO E DEONTOLOGIA FARMACÊUTICAS. Luis de Castro Bomfim, Inspetor da Fiscalização da Medicina e Farmácia, no Ceará, é dos grandes luminares da classe farmaceutica, em terras alencarinas. Na qualidade de Inspetor do exercicio das duas grandes e nobres classes, pugna para a moralização das duas profissões no Ceará. Na imprensa orienta as mesmas, ao mesmo tempo que age, dentro de ética impecável, coibindo abusos que venham a ferir a prática legal da Medicina e da Farmácia. Seu livro, com o título acima, é verdadeiro manual de ética farmaceutica, escrito com apurmo e boa linguagem.

VIDA E CULTURA. Ótima revista, sob todos os pontos de vista, que se publica, mensalmente em João Pessoa, dirigida pela competência e boa formação de Coêlho Filho. É o atestado do espirito de sadia inteligência e cultura, que predominam na capital paraibana. A revista é repleta de bons trabalhos, honrando desse modo o desenvolvimento cultural paraibano, em todos os setores da atividade humana.

"O JORNALZINHO" É simpático mensário que se publica na cidade do Cabo, em Pernambuco, sob a direção de Carmencita Ramos Cavalcanti, que também é correspondente dos principais jornais recifenses, naquela cidade.

DEPUTADOS E VEREADORES QUE TRABALHAM PELO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

Na Câmara Federal, destaca-se sempre a figura de nosso unico sócio benfeitor — deputado Antônio de Alencar Araripe. Nossas dotações maiores são filhas de sua atuação no Palácio Tiradentes. No Senado Federal, temos outro parlamentar que nunca esqueceu nossa Instituição — o Senador General Onofre Muniz, dos grandes amantes da gleba cearense. No ano de 1958, tivemos gesto amigo que muito nos comoveu, que foi o do deputado Hugo Cabral, representante do Paraná. O ilustre cearense que, com seu espirito de pioneirismo tanto se radicou em Londrina, deu-nos vinte mil cruzeiros de sua quota anual, na Câmara de Deputados. Foi honra para nós, pois, seu gesto nasceu em consequência da leitura de "ITAYTERA". Na Câmara Estadual possuímos o velho amigo de todas as horas — o deputado Décio Teles Cartaxo e Cincinato, de Santana do Cariri, não nos esqueceu.

A Câmara de Vereadores de Crato está sempre na linha de frente, quando se trata de assuntos ligados ao instituto. João

sio de Alencar Araripe, Aluisio Cavalcante e recentemente José Luiz de França e José Pinheiro Esmeraldo apresentaram verbas para o Instituto, sempre aprovadas por unanimidade de votos e sancionadas pelo Prefeito Dr. Ossian de Alencar Araripe.

O MUSEU DE VENTO EM PÔPA

A compreensão da população cratense e de suas vizinhanças para com o Museu de Crato, das grandes iniciativas do ICC, é das mais animadoras. Durante o corrente ano já tivemos boas ofertas, entre as quais destacamos: as da Paroquia de Nossa Senhora da Penha, de João Cruz — da Fazenda Nova, nos Inhamuns, pedras ou machadinhos de indios, do Instituto do Ceará, de Mario Teixeira Mendes, Dona Donita da Franca Alencar, Prof. José Newton Alves de Sousa, Prof. Antonio Rubens, de Salvador; Agilberto Freire, de Bagé no Rio Grande do Sul e muitos outros, cuja relação nominal, daremos noutra oportunidade. O Museu de Crato, no próximo ano, começará sua ação educadora, promovendo exposições parciais de seus objetos, nos diversos educandários cratenses.

IRRADIA-SE O FOLCLORE CARIRIENSE

Os motivos do rico folclore caririense começam a extravasar-se por outras regiões. Luiz da Livraria, há pouco tempo, levou banda cabaçal de Barbalha, até a capital do Estado e lá obteve retumbante sucesso. O presidente do Instituto Cultural do Cariri, ao passar algum tempo em Cabo, no Estado de Pernambuco, teve oportunidade de influir, contando com a cooperação decisiva de sua prima e afilhada — Professora Flosceli Viana, diretora do Grupo Rural Luiza Guerra, para que o folclore originário do Cariri, fôsse ali exibido. Assim a DANÇA DO PAU DE FITA, tal qual se realiza em Crato, foi ali executada, com real sucesso, no dia 20 de junho, em movimentada festa Junina, daquele grupo. O sucesso foi tão grande que o melhor clube local pediu que fôsse reproduzida aquela dança, em recinto, no dia 29 de julho, festa de São Pedro. O êxito foi sem precedentes. Introduziu a jovem educadora o uso do aluá de milho, desconhecido até então naquela zona. O melhor é que Flosceli Viana em 1953, fêz exhibir conjunto de alunos a dançarem e cantarem o mineiro pau, à maneira toda do Cariri cearense, no afamado Grupo Modelo de Recife — Murila Braga.

PRIMEIRO CONGRESSO DE JORNALISTAS DO INTERIOR NORDESTINO, A REALIZAR-SE, EM PESQUEIRA-PERNAMBUCO, A REPRESENTAÇÃO DE CRATO. Crato far-se-á presente no Primeiro Congresso de jornalistas de Pesqueira, a realizar-se em Novembro, do corrente ano. A revista "ITAYTERA,"

a "A AÇÃO", "A ABB DE CRATO" e "RADIO ARARIPE" enviarão representantes àquela reunião de homens de imprensa do interior, a realizar-se na próspera cidade pernambucana, onde está montada conhecidíssima industria de doces. O movimento daquele certame será dos mais animadores para a Imprensa interiorana e o jornalista Paulo de Oliveira, com seu corpo de colaboradores, já organizou programa que marcará nova época para o jornalismo de todo o interior do Nordeste.

A REITORIA DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ E O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI — Desde a fundação da Universidade do Ceará que o Magnífico Reitor Antonio Martis Filho, dos grandes filhos de Crato, não se tem poupado em dar sua cooperação ao Instituto Cultural do Cariri. Agora, está a EDITORA UNIVERSITARIA imprimindo o primeiro volume da COLEÇÃO "ITAYTERA" — o livro ANA MULATA, de autoria de José Alves de Figueiredo. Por intermédio da eficiente colaboração do Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro, ao Magnífico Reitor, teremos bom auxilio da Universidade para os trabalhos de desenvolvimento intelectual que realizamos tão proficuamente, no sul do Estado.

PAISAGEM DAS SÊCAS — Mauro Mota, diretor do DIARIO DE PERNAMBUCO, presidente do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais e do Estado Maior do atual movimento intelectual pernambucano, não esquece, de quando em quando, de lançar livro sério, bem escrito e cheio de observações. Recentemente lançou PAISAGEM DAS SÊCAS que é defesa dos problemas cruciantes da eterna calamidade nordestina. Chegou em boa hora: quando atravessamos dos mais rudes flagelos deste pedaço bem vivo do Brasil. Pena é enquanto o público leitor o aplaude, o governo tape os ouvidos ao grande problema.

LAMPIÃO EM MOSSORÓ. Raimundo Nonato faz parte dos intelectuais mossoroenses que ocupam hoje lugar de dianteira, no Rio Grande do Norte. Escreveu a epopéia da defesa de Mossoró contra as ordas sanguinárias de Lampião. Mostra ao nú o rastro sinistro daquele grupo de fascínoras, que muita gente, lá das bandas do asfalto querem endeusar. Raimundo Nonato colheu dados na imprensa e na literatura popular de então e apresenta-nos obra realista e de estilo agradável. O livro faz parte da COLEÇÃO MOSSOROENSE.

UMA TRAGÉDIA ALAGOANA. É a história triste de senhora alagoana, escrita com alma pelo culto escritor de Maceió Felix Lima Júnior. É editada caprichosamente pela ABB, do Rio. Mostra bem o estilo primoroso do autor, dos mais conhecidos e acatados escritores alagoanos da atualidade.

ALMANAQUE DO CEARÁ E UMA SEPARATA DO CEL. RAIMUNDO TELES PINHEIRO — O ALMANAQUE DO CEARÁ é ótima publicação que vem circulando há muitos anos e que já faz parte integrante do patrimônio de nosso caríssimo Estado. No último número, inseriu das melhores propagandas de Crato. Foi trabalho de nosso grande amigo, verdadeiro embaixador permanente do Instituto Cultural do Cariri, em Fortaleza — Cel. Raimundo Teles Pinheiro. Trata-se do "ESBOÇO HISTÓRICO DO CRATO." CIDADE CABEÇA DE COMARCA. CORAÇÃO DO CEARÁ, CAPITAL DO CARIRI" Saiu em SEPARATA. É bem concatenado e é indispensável na biblioteca do jornalista e do escritor interessados pelas coisas de Crato. ESBOÇO HISTÓRICO DO CRATO, pelo bem que fez à nossa terra, merece ser ampliado e reeditado. Seu autor escreve bem e é animado pelo mais acendrado amor ao torrão natal.

JANGADA. É órgão oficial do CLUBE NORDESTINO, de Porto Alegre. É atraente revista, com excelente colaboração, cujo primeiro número saiu em julho do corrente ano. Bem atesta a pujança da entidade que a editou, o centro mais importante do Nordeste, que existe no sul do país.

CADERNOS DE POESIA — Nertan Macedo de Alcantara é cratense da gema. Está vencendo no Rio, na qualidade de jornalista de primeira linha, escritor e poeta. Por intermédio de nosso amigo Bruno de Menezes recebemos CADERNOS DE POESIA de Nertan. É poeta moderno e "sui generis". Tem feito sucesso nos meios literários e prova que Crato é fecundo em tudo. Seu livro foi lançado pela "EDITORA A NOITE. Vejamos trecho de suas belas poesias:

"Adalgisa morreu
Afogada no mar.
Pescadores,
Barqueiros,
Buscai Adalgisa
Adalgisa afogou-se.

Há um corpo boiando
Nas águas do mar.
Há uma estrela espiando,
Uma estrela seguindo
O corpo boiando
Nas águas do mar."

A Profissão de Advogado

(Palestra do Dr. Antônio de Alencar Araripe, no
Rotary Club de Crato)

Aqui estou, prezados companheiros, para desempenhar-me da tarefa cometida pelo nosso digno Presidente, no sentido de realizar uma palestra a respeito da vida advocacional, a que, sem interrupção, nem desfalecimento, há quase um quarto de século me tenho consagrado.

Segundo a noção onomatológica da palavra «advogado», significa a mesma chamar alguém para junto de si; na linguagem jurídica, entende-se chamar para si alguém que o assista com o conselho e preste patrocínio em juízo.

O conceito sistematizado, pois, sobre o advogado, é o seguinte: pessoa legalmente habilitada para aconselhar as partes e defender os seus direitos em juízo.

Bem sabemos que de tôdas profissões liberais existem os contumazes detratores, a ponto de ser corrente, entre o vulgo, nesses rincões sertanejos, que as cidades vivem e prosperam, em verdadeiro seio de Abrahão, enquanto não lhe chegam, com as doenças, os médicos, com as questões, os advogados, e com a política, a desordem, a delapidação e o arrolamento dos bens dos mortos, os juizes e escrivães.

Prima, porém, na história, como alvo constante de conceitos pejorativos a profissão de advogado.

Dêle já dizia o velho e douto CUIACIO que «o amor do ganho é a única preocupação.»

Procurador, para quem procuras, interrogava sarcasticamente o célebre Bocage.

Napoleão, o conquistador, apontava o advogado como um facioso artista de crimes e traições cuja língua estimaria cortar com o fito de impedir que dêla se utilizasse contra o govêrno.

Não o poupou á sua ironia virulenta, o gênio de Voltai-re, que assim o definia:

«un avocat est un homme qui ét udie pendant trois ans les lois de Theodose et de Justinieo, pour connaitre la coutume de Paris, et qui, enfin, etant immatriculé, a le droit de plaider de l'argent, s'il a la voix forte».

Eternizadores das demandas, protetores das lides, capazes de sustentar as mais inverossimeis pretensões, erigindo a mentira em sistema, embrulhando a consciência em notas de bancos, é, sob êsse aspecto de insuportável grulha ou espertalhão, amando a chicana e as velhacarias, alegando a inocência mesmo quando está convencido da culpabilidade», que a maledicência define o advogado,

Não escapou a essa conceituação deprimente São Bernardo, para quem o advogado constituia um «grande falador mais próprio para abafar, do que para descobrir a verdade, eloquente contra a justiça e sabio na falsidade».

À luz do socialismo teórico, o advogado equipara-se a «animais parasitas» e é cúmplice de todos os delitos e infâmias da burguezia», pois, intencionalmente, fraudas as leis, tornando-as obscuras e retorcidas, para melhor especular com o equívoco e tornar-se indispensável.

Se assim se recrimina a advocacia, por outro lado, cumpre atender a que, ontem como hoje, os pensadores serenos e inflexiveis no pronunciamento da verdade sempre reconheceram, naquela profissão, o exercicio do mais alto, do mais nobre, do mais util apostolado.

Detendo, por afanoso e paciente estudo, o conhecimento integral do Código dos deveres sociais, da ciência das leis, que é a que mais interessa á ordem social, o advogado se, por uma sorte, não escapou, como outros profissionais de nobilitantes instituições, aos mais grosseiros labéus pejorativos, de certo avulta, no juizo consagrado dos melhores criticos, como um soldado da lei, integrando uma necessidade coletiva.

Viam os romancs, na advocacia, uma «necessidade incoercível na vida juridica, uma das mais elevadas e honrosas profissões, que se exercitavam no então denominado «seminário das dignidades».

Não são sómente os guerreiros que constituem a milicia do império, asseveraram os imperadores Leão e Antemio, senão também os advogados, que, munidos da força e da eloquencia,

protegem os que sofrem, alimentam-lhes a esperança e defendem-lhes a vida e os filhos.

À importância da profissão ai está, eloquentemente expressa, no fato de terem-na adotado grande parte dos maiores vultos da humanidade.

Advogados foram Demostenes, o mais glorioso filho da Grécia, Catão, Cícero e Julio César.

Não tiveram outra carteira Coke e Biskstone, na Inglaterra, Potier, Lachaud e Berrier, na França, Savigny e Zacarias, na Alemanha, Carrara e Ferri, na Italia, Velasco Caldas e Melo Freite em Portugal, Fernando Vasconcelos, T. Freitas, José Bonifacio, o moço, Nabuco, João Monteiro, Lafaiete, Afonso Pena, Epitácio Pessoa, Visconde Ouro Preto e Rui Barbosa, vultos experenciais da civilização pátria.

A justiça, o mais belo florão da imaginação humana, tem no juiz, que exerce como que um **ofício usurpado aos deuses**, segundo uma frase de Pietro Ellerro, o órgão de sua efetivação.

E o advogado, conforme o classificam as próprias leis judiciárias e a doutrina corrente dos versadores da matéria, não passa de um auxiliar direto do juiz no árduo e nobilissimo encargo de distribuir a justiça, nessa sua «função especifica de **fazer viver a Lei** como expressão humana e social da santidade do direito».

Enaltecendo o ministério dos advogados, disse o ministro Edmundo Lins, em memorável discurso feito na recepção do presidente Gabriel Terra, que elles são **os juizes dos juizes**».

«**Livros vivos para uso dos juizes**», classificou-os, ainda há pouco, um dos mais primorosos ornamentos da magistratura brasileira, a cujos olhos a magistratura abrange todos os que concorrem para o acerto e perfeição dos julgamentos.

O ministro Bento de Faria, atual presidente do Supremo Tribunal Federal, agradecendo a recepção que, já em dias deste ano, lhe fez o Tribunal de Apelação de Pernambuco, salientou que tanto era advogado quando pleiteava a applicação da lei, como, agora, quando foi chamado a applicá-la, nada encontrando para afastar os officios nobres do magistrado e do advogado, porque, «embora diferentes sejam seus encargos, bẽm iguais, entretanto, são as suas responsabilidades, como bem semelhantes são também seus deveres».

Em uma, ou em outra classe, constituem qualidades fundamentais a competência técnica, a independência e a probidade.

Concluindo o curso universitário, ninguém estará apto aos prélios do direito; é antigo o ensinamento do exímio Correia Teles de que nenhum aluno, apenas termine seus estudos, deve-se logo ter por hábil para julgar e advogar, **sem primeiro ler e praticar muito.**

Os apôdos atirados á profissão nascem, sempre, de atos praticados pelos que a exercem de modo indigno.

Não faltam leguleios—conhecedores das leis, inaptos para interpretá-las, e rábulas—práticos na aplicação das leis, desconhecedores de sua interpretação fiel e da respectiva teoria científica, que envergonham a classe, mas não têm o poder de lhe desmerecer o conceito.

De advogados desse quilate, «**não poucas vezes cicofantas**», como acentua Afonso Fraga, é que se dizem serem adestrados «em esgaravatar uma demanda, urdir uma cavilação subtilizar uma trampa, inventar um engano e fazer uma rêde de burlas para enredar as partes».

Que o estigma da indignidade profissional vise os falsos sacerdotes dos embates forenses, mas nunca possa alcançar os que com abnegação, devotamento e probidade, consagram-se á obra enaltecedora da realização da justiça,

A profissionais dêsse estôfo assistirá sempre um dos logares mais avançados que possa ocupar o homem civilizado, em sua eterna ância de ser útil aos seus semelhantes.

“A raiz de todo sistema democrático é o sufrágio. Cortai essa raiz, aniquilai o sufrágio, e não há povo nem instituições populares; haverá, quando muito, oligarquia, aristocracia, dispotismo monárquico ou republicano”.

— ESTEBAN ECHEVERRIA.

Rápidos Traços da Vida de um Grande Homem

José de Paula Bantim

Os organizadores da tão conhecida e renomada revista "ITAYTERA", vieram bater à minha porta solicitando-me uma colaboração para as páginas vibrantes desta revista cujo nome já atravessa fronteiras. Antes de tudo quero agradecer aos que a fazem, pela gentileza com que me honraram com este pedido pelo que os satisfaço de coração. no entanto, peço desculpas antecipadas pelas falhas que eu porventura venha a cometer no presente trabalho, portanto faz pouco tempo que iniciei minha caminhada pela senda árdua e espinhosa do jornalismo.

Este parco e inexpressivo trabalho, porém, escrito com pinceladas fortes de sinceridade, girará em torno de um grande vulto de nossa terra, de um homem que em vida soube muito bem honrar o seu nome e o de sua família e que foi, sem sombra de dúvida, um verdadeiro esteio de bondade — CEL. JOÃO GOMES DE MATOS.

Para tanto, mister se faz que nos recostemo um pouco na janela do passado e transportemos nosso pensamento para o recuado ano de 1938, época em que, com saudades, sai do meu lar, da companhia dos meus que residiam na vizinha cidade de Santana do Cariri, afim de continuar meus estudos em Crato. Contava eu naquela época oito anos de idade. Com lágrimas nos olhos despedi-me dos meus pais, encarapitei-me na carroceria de um caminhão e eis a caminho da boa terra de Barbara de Alencar e de Tristão Gonçalves, já conhecida como uma das melhores cidades do interior cearense. Ao passar pela magnífica Serra do Araripe, a minha admiração atingiu a auge, meus olhos não caçavam de se fixar nas paisagens que iam se sucedendo enquanto o veículo cortava a estrada. As matas verdejantes, os roçados de abacaxis, as plantações de mandiocas ali existentes despertaram minha admiração. Cheguei ao destino. Enquanto caminhava pelas ruas, o êxtase tomava conta de mim, pois tudo era novidade para os meus olhos: prédios magníficos, praças ornamentadas, as exposições das casas comerciais e tudo enfim. Fiquei na companhia do meu padrinho Vizente David e

logo consegui trabalho na Farmácia Gomes de Matos, a Rua Dr. João Pessoa, cuja proprietária era Artemisa Linhares Gomes de Matos, por sinal minha parenta. E foi naquele tempo que tive o prazer de conhecer, de conviver com JOÃO GOMES DE MATOS, um perfil que a esponja cruel dos tempos não conseguiu ainda e nem conseguirá expungir das minhas retinas tão nitidamente se acha gravado.

Parece-me que o vejo ainda cofiando o seu basto e branco bigode que êle conservava com o maior carinho; parece-me que ainda ouço o roçar pachorrento dos seus chinelos de fanabor quando andava pelo corredor e quartos de sua casa, cujo piso é de madeira de primeira qualidade; parece-me que ainda o vejo, de óculos no nariz, um nariz grande e afilado, sentado comodamente em sua cadeira de balanço lendo com a maior atenção livros de sua preferencia. Dedicava a maior parte do tempo à leitura, mas não perdia tempo lendo livros ruins, pois sempre trazia em sua mente aquela máxima "Não leia livros bons, a vida é muito curta para isto, leia apenas os melhores"; e assim conservava sua estante embutida na parede de um dos quartos repleta de livros, os melhores da atualidade. Possuia João Gomes um coração generoso e com razão era querido de todos, pois nunca chegou o dia de se negar aos necessitados que lhes batia à porta pedindo alimentos ou agasalhos, e o importante é que tratava os pobres da mesma maneira que tratava um parentado.

Para êle a felicidade de uma pessoa consistia em fazer o bem ao proximo e assim conseguir se aproximar mais de Deus. E é um fato porque "O proximo nunca está perto de quem está longe de Deus". João Gomes, pois, vivia perto de Deus porque êle nunca se negou aos necessitados que lhes implorava uma esmola. Chamava-me comumente de "Banta" e de quando em vez pedia para que ficasse instantes com êle, instantes que eu ouvia dos seus lábios os mais preciosos e sábios conselhos, mostrando os erros da juventude, ensinando-me a fazer sempre o bem e combater o mal para que — dizia êle — "possa você atravessar sem riscos os caminhos tortuosos e enovelentos da vida". De muito me serviram os conselhos edificantes daquele velhinho gordo, desempenado e de feições tão simpaticas de quem eu tanto gostava e devoto um amor quasi que filial.

Tinha êle uma força extraordinária, não impossibilitando

sua avançada idade e seu corpanzil de pegar em pêsos. Ainda me lembro de uma passagem de sua vida em que êle pôs à prova sua força hercúlea. Foi no Sitio Paraizo, de sua propriedade, quatro caboclos pelejavam para retirar uma grande moenda de um local para outro e por mais que fizessem, por mais força que empregassem não conseguiram aluir o pesado objeto do solo. João Gomes chega e abre alas entre os cabocios e com a maior simplicidade do mundo pegou nas extremidades da moenda, levantou-a e colocou-a no local devido. Depois desta proeza, que a todos deixou de bôca aberta, saiu a arrastar seus chinelos pelos bagaços de cana indo sentar-se na varanda da casa grande, com um sereno riso nos lábios.

Era simples no seu trajar, pois o mesmo se constituia quasi sempre de uma calça de caqui e uma camisa de tricoline branca, de mangas compridas, as quais trazia sempre arregaçadas; pouco saía de casa e às vezes que o fazia era para a casa do seu genro, de quem muito gostava, Dr. Luiz de Borba Maranhão, espôso de sua filha Artemise Gomes de Matos, para a Farmacia Rolim onde em roda animada, recordava os seus belos tempos, e para o Sitio Paraizo, distante poucos quilômetros da cidade. Sua autoridade era grande, principalmente perante os filhos. Qualquer dêles, ao iniciar uma empresa, ao fazer qualquer negocio, não deixava de antes de tudo, pedir os conselhos e opiniões do genitor, que por sua vez o encaminhava da melhor maneira possível impedindo-o sempre de fazer um negocio sem futuro, ou que viesse redundar em fracasso. Quando um dos filhos errava ele o chamava à parte, fora das vistas dos outros e o cobria de conselhos e sempre terminava com as célebres palavras de Jêsus Cristo: "A carne é fraca, más o espirito é forte". E com voz pausada e firme acrescentava: "espiritualizemos a matéria". Era, portanto, JOÃO GOMES DE MATOS a bússula da familia.

O venerando Cel. João Gomes foi uma das figuras primicias de nossa terra, pela retidão nos seus negocios, pela pureza e grandiosidade de suas ações. Nunca ninguem teve queixa dêle por qualquer cousa deste mundo por menor e mais insignificante que fôsse. A sua vida pode-se assemelhar a do respeitável TEOPISTO ABATH de saudosa memória; foram dois homens iguais em caráter.

Nunca foi politico e justamente por isso nunca chegou a

ocupar qualquer cargo eletivo, não porque lhe faltasse capacidade para tal, mas porque não era capaz de ir às praças publicas e por meio da palavra fazer promessas irrealizáveis, como fazem os candidatos em tempo de eleições. Foi, de fato, um grande homem de nossa terra, mesmo sem ter sido politico, porque o homem para se tornar grande não é necessário ser politico, ter feito algo pelo progresso da cidade, ter ocupado esse ou aquêle cargo politico, pois o homem é grande mui especialmente pela pureza de suas ações aqui na terra, mesmo que tenha sido ou seja o mais humilde. Pertencia o Cel. João Gomes a uma das mais importante familia do Crato-a familia GOMES DE MATOS. Era filho de Joaquim Gomes Matos e de Maria Pedroso de Matos, e nasceu aqui mesmo no Crato a 28. de Abril de 1859, na casa onde residia José Gonçalves de Souza Rolim, agora transformada em casa de tecidos, vizinha à Farmacia Teodorico.

Muito cedo iniciou seus estudos e a falta de escola superior foi obrigado como a tantos outros conclui-los em Recife onde com raro brilhantismo fez o curso de Humanidades. E como se isso não bastasse, para aplacar a sêde de saber eis que parte para a Bahia e lá submete-se ao vestibular de medicina e para alegria dos seus pais, sai-se vitorioso. Coursou o primeiro ano de medicina com boas notas.

O destino, porém, não deixou que ele continuasse na sua brilhante e importante carreira, pois, quando estava cursando o segundo ano, soube da triste noticia da morte de seu genitor. Um golpe profundo recebeu o seu coração de filho e pelo amor que ele devotava ao velho nunca êste golpe cicatrizou, senão com a sua morte. Assim foi obrigado a abandonar a estrada pela qual vinha trilhando e veio ao encontro dos seus irmãos que já o reclamavam em casa para assumir a direção dos negocios do seu pai, constituindo-se estes negocios de vários prédios na cidade, armazem de sêcos e molhados, loja de tecidos e sitio, para através disto manter os irmãos nos colégios. De posse da rédea dos negocios do seu pranteado genitor, desincumbiu-se maravilhosamente bem da missão de educar os irmãos custeando-lhes os estudos, provando destarte o seu valor administrativo e a sua fôrça de vontade. Vendo seus irmãos todos amparados, os negocios a prosperarem dia a dia, resolve contrair matrimonio com sua prima Laura Linhares Gomes de Matos, união esta que sempre viveu no bafejo da paz e da felicidade. Do feliz

casal nasceram os filhos: Alcides Gomes de Matos, Antonio Linhares Gomes de Matos, Antenor Gomes de Matos, Carlos Gomes de Matos e Aldegundes Gomes de Matos. Dois d'êles se formaram em farmacia — Alcides e Artemise — e um em medicina — Antenor e os dois restantes dedicaram-se à agricultura. Vamos nos demorar um pouco sobre o nome de Alcides Gomes de Matos porque foi um cratense que graças á sua intelligencia soube honrar a terra onde lhe serviu de berço. Formou-se êle com a idade de 21 anos e logo nomeado professor de Toxiologia da Faculdade de Farmacia e Ojontologia do Ceará. Além de competente farmacêutico era também bacharel de grande capacidade. Defendeu com raro fulgor tese de doutoramento em Direito, trabalho que girou sobre o tema "O MICROBIO E O CRIMINOSO", onde ele transpõe com côres vivas a sua fecunda intelligencia de moço. Aquelle rapazinho cratense subia e na sua acensão vertiginosa levava o nome glorioso de sua terra. Esse seu trabalho lhe valeu, com justiça, um lugar dos mais destacados nos meios bacharelados e intellectuais. Trabalhou, no Rio de Janeiro com Evaristo de Morais, tido e havido como um dos melhores e mais eficiente juriconsultos do Brasil. Na flor da idade, com apenas 31 anos, quando em São Paulo, a morte veio lhe tirar do convívio dos mortais. Foi sem duvida alguma um grande cratense que com tantos outros souberam elevar noutras paragens o nome de nossa terra. Ninguém mais se lembra dele. Ninguém mais se lembra do seu nome para pô-lo numa das ruas do Crato.

Voltando á João Gomes de Matos, sua vida foi repleta de ensinamentos grandiosos, de exemplos edificantes e por isto mesmo foi um grande homem desta terra, berço de herois, de pintores, de estadistas, de poetas, de escritores. Daí porque me moveu o desejo ardente de fazer este trabalho que embora, como disse no começo, pobre de expressão, foi ditado pelo coração. Demais é um dever que temos de remover das cinzas do passado os nomes dos nossos herois, dos grandes homens de nossa terra revivendo, os seus feitos e os seus exemplos, para que sirvam de base sólida na construção do edificio dos ideais de nossa e de outras gerações que ainda virão. João Gomes de Matos foi o prototipo de homem de bem e enquanto vida eu tiver jamais ei de esquecê-lo. Sua imagem ficará para sempre na minha lembrança e será, como sempre foi, um facho de luz suave a iluminar o caminho da minha existencia.

"Deus foi o meu primeiro pensamento; a razão, o segundo; o homem, o terceiro e último". — Feuerbach.

A VOZ DA IMPRENSA

ROBERT DAVIS

Eu sou a Imprensa !

Vim da terra—meu coração é de ferro, meus membros são de aço, meus dedos são de bronze !

Eu canto todos os sonhos do mundo ! A eloquência da História ! A sinfonia sem par de todos os séculos !

Eu sou o dia de hoje e o arauto de amanhã ! Têço na cadeia do passado a trama do futuro ! Conto histórias de paz, histórias de guerra, ao mesmo tempo !

Eu faço o coração humano bater com ternura ou paixão. Eu agito o pulso das nações ! Eu faço dos fracos, homens valentes, e faço soldados morrerem gloriosamente nos campos de luta !

Eu animo o operário, cansada do seu trabalho, levantando a sua cabeça e o seu olhar para o além, mostrando-lhe a consolação de uma esperança eterna !

Quando eu falo, milhões de homens ouvem a minha voz. Os saxões, os latinos, os celtas, os hunos, os eslavos, os indús, todos. Todos os povos do mundo me compreendem !

Eu sou um clarim de notícias ! Espalho as novas alegrias e tristezas ! Destruo o pessimismo com pensamentos alevantados ! Eu sou luz, instrução, força ! Eu resumo todas as conquistas, todas as realizações da humanidade !

Eu glorifico as façanhas do homem ! Eu mostro, nas minhas páginas, a luta dos pobres, o esplendor dos ricos, em todos os momentos ! Do nascer do sol, ao meio-dia, ao cair da noite !...

Eu zombo do mundo e de suas lágrimas ! E eu jamais morrerei, até que todas as coisas terrenas se desfaçam em poeira e voltem para o nada imutável da eternidade !

Eu sou a Imprensa !

N. R. — Este poema está gravado em placa de bronze no salão principal do "The New York Sun".

—Mons: José Coêlho de Figueiredo Rocha—

Padre Francisco Couto

“Ecce sacerdos magnus qui in diebus suis placuit Deo”

Com muito prazer, apresento, através das páginas da já conceituada Revista Itayera do Instituto Cultural do Cariri, uma sucinta história da vida de um ilustre barbalhense:—Mons. José Coêlho de Figueiredo Rocha. Neste sentido, de grande valia, me foram alguns dados históricos fornecidos pelo meu colega Pe. Antonio Gomes de Araújo.

Mons. Coêlho, um barbalense da gema, descendia pelo lado Coêlho e Sampaio do tronco baiano tenente Gonçalo de Coêlho Sampaio, radicado já, em 1750, no sitio do Juazeiro de Missão-Nova de Missão-Velha. Os Figueiredo — Rocha, emigrados para o Cariri, procediam de Catolé do Rocha — Paraíba. Em suas veias, corria também o sangue dos Filgueiras e Arnou do Cariri.

Seus progenitores: — João de Figueiredo Rocha e Maria Perpetua de Sá Barreto. Seus avós paternos: — Joaquim Gomes da Rocha e Antonia de Castro Filgueiras. Seus avós maternos: — Luis Coêlho de Sampaio Filgueiras e Gertrudes Perpetua de Sá Barreto.

Nasceu Mons. Coêlho, no sitio Caldas-Barbalha, a 9 de maio de 1881

Ordenou-se em 1902, no Seminário de Fortaleza, onde fez os seus estudos eclesiásticos. Do dia 1.º de março de 1904 a 24 de fevereiro de 1906, vigário cooperador de Iguatú, com residência em Bom-Jesus Piedoso do Quixelô. A 24 de fevereiro de 1906, tomou posse da Paróquia de Senhora Santana, como o seu 11.º vigário. Faleceu aos 12 de novembro de 1941, nessa cidade.

O SACERDOTE-VIGARIO

De todos os vigários dessa prospera cidade este foi o que esteve, por mais tempo, regendo os destinos espirituais dos seus paroquianos, como Pastor infatigável. O que Iguatú tem de bom no campo moral e social, intelectual e material se deve, em

grande soma, ás canseiras e lutas daquela inconfundível figura sacerdotal, que, por 37 anos, viveu, nestes pagos.

Por mais de uma década do século em andamento, a sua freguesia abrangia os atuais territórios das paróquias de Acopiara, Bom-Jesus Piedoso do Quixelô e Iguatú. Percorreu-os todos, por várias vêzes, a cavalo, para distribuir os misterios de Deus aos seus paroquianos. E neste ponto, conforme informações de pessoas fidedignas, ainda vivas, há uma faceta admirável do seu apostolado parquial por estas terras plantadas ás margens do Jaguaribe. É que Mons. Coêlho nunca deixou morrer um paroquiano seu sem que não estivesse preparado com os últimos sacramentos da Igreja. Neste sagrado mistério arduo, de dia ou de noite ou em plena internada, atendia, com presteza, ao chamado de enfermo, andando leguas e mais leguas em costado de animais.

Difícil está de se dizer bem ao certo, o que foi o seu paroquiato, porque, ou por modéstia ou por carencia de tempo, nada de escrito de sua vida parquial deixou nos Livros de Tombo da Paróquia. Julgamo-lo pelas obras feitas, legadas á posteridade. Digam isto o número de capelas e associações piás edificadas e fundadas no seu governo parquial.

Capelas construídas no seu governo parquial:

- 1) Capela de Laçes, hoje Acopiara, edificada em 1908. Aos 12 de outubro de 1921, foi essa capela desmembrada, da paróquia de Iguatú, por ter sido criada freguesia de Afonso Pena por D. Quintino de Oliveira e Silva, em Visita Pastoral.
- 2) Capela de São João Batista—Construída em 1911, em Suaçurana.
- 3) Capela de Nossa Senhora dos Remedios da Estrada—construída em 1911.
- 4) Capela de São Francisco de Noyo - Alverne - construída em 1921
- 5) Capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro do Prado, em 1924.
- 6) Capela de São Francisco do Baixio dos Bastos, em 1939.

- 7) Capela de Nossa Senhora do Perpetuo do Socorro da Varzinha, em 1936,
- 8) Capela de Nossa Senhora da Visitação de Areias, em 1937.
- 9) Capela de Sto. Antonio dos Pobres-Hospital, em 1937.
- 10) Capela de Sta. Teresinha de Oiticica, em 1936.
- 11) Capela de São Sebastião de Alencar, em 1940, a construção nova.

Além destas 11 capelas, edificadas durante o seu frutuoso paroquiato, onde milhares de iguatuuenses receberam de suas mãos sacerdotais os socorros de nossa Fé, há outras ainda que estavam debaixo de sua jurisdição pastoral. Entre, elas estão as capelas de Bom-Sucesso, paróquia de Acopiara, do Baú e dos Pereiros, paróquia de Iguatu, bem como as capelas do Agreste, do Gequi e Santo Antonio, paróquia de Bom-Jesus Piedoso do Quixelô. Sob sua orientação direta, passou a Matriz de Bom-Jesus, por uma grande reforma. Foi construída toda a atual parte nova, onde se acham sítos o Altar-mór e naves laterais. Aos 24 de outubro de 1921, a Capela do Quixelô foi elevada à categoria de Matriz por D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Visita Pastoral. Mas, por vários anos, foi a nova freguesia curada por Mons. Coêlho, por ter permanecido anexada à paróquia de Iguatu.

VIGARIOS COOPERADORES DE MONS. COELHO

- 1) Pe. Francisco Leopoldo Fernandes Pinheiro 1910-1911.
- 2) Pe. Raimundo Monteiro Dias 1912
- 3) Pe. Francisco de Assis Castro Monteiro 1913
- 4) Pe. Agamenon de Matos Coêlho 1937
- 5) Pe. Januário Ribeiro Campos 1937-1940.

VISITAS PASTORAIS, DURANTE O SEU PAROQUIATO

1) D. Manuel Antonio de Oliveira Lopes, Bispo de Tabes, Coadjutor desta Diocese do Ceará, aos 5 de junho de 1909. Resultado espiritual desta Visita Pastoral foi o seguinte:—Cris-mados 2.163. Comunhões 1.200

2) D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, 1.º Bispo da Diocese de Crato-Ceará. Deu-se essa Visita aos 10 de outubro de 1921. Durante a mesma, foram criadas as paróquias de Acopiara e Bom-Jesus Piedoso do Quixelô. A primeira, criada aos 12 de outubro de 1921. A outra, aos 24 de outubro do mesmo ano. Pessoas crismadas 6 749.

3) D. Francisco de Assis Pires, 2.º Bispo da Diocese de Crato-Ceará. O Snr. Bispo Diocesano chegou á essa paróquia em Visita Pastoral, aos 20 de junho de 1933. Pessoas crismadas 1.430. Comunhões 2.568. Primeiras Comunhões de crianças 225.

4) D. Francisco de Assis Pires. Essa Visita Pastoral iniciou-se aos 4 de junho de 1940. Foram crismados 1.237 Iguatuenses. Comungaram 2.135 pessoas.

O grande cura dessa terra era de um porte fidalgo, fronte erguida, olhar arguto e investigador, temperamento sanguíneo, palestras fluentes e jocosas, hospitaleiro, caridoso e de vida sacerdotal ilibada. Da sua caridade sacerdotal, falem os flagelados das secas dos anos de 1915, 1919 e 1932. A mão do pobre é o banco do céu. A Deus empresta, quem ao pobre dá. Por sua conta, corre, ainda hoje, de boca, uma serie de histórias que denotam atos de bravura e coragem, de caridade e nobreza.

Em virtude do seu zelo sacerdotal e pelos grande serviços prestados, foi em 1936, agraciado pela Santa Sé com o título de Monsenhor. Levou, por 37 anos seguidos, nestas paragens jaguaribanas, uma vida de Apóstolo. Tombou como um Herói. Faleceu como um Justo. E atualmente, em Iguatu, quem não é afilhado de Mons. Coêlho, é, todavia, seu amigo e admirador.

— Numa das paredes da sacristia da Matriz de Senhora Santana, encerrados numa urna, permanecem os restos mortais desse grande padre vigário de Iguatu.

“Ecce sacerdos magnus qui in diebus suis placuit Deo”.

Iguatu, 25 de julho de 1958.

RADIO ARARIPE DO CRATO—A LIDER DO CARIRI

No dia 3 de setembro de 1950, às 15 horas, mais uma voz se erguia nos céus do Nordeste Brasileiro. A partir daquela hora centenas de milhares de receptores registravam a existência de mais uma estação da Rádio-difusão que seria, a partir de sua inauguração, o mais acérrimo defensor de todos os anseios e de todas as reivindicações mais justas da zona sul do nosso Estado. Era a Rádio Araripe do Crato que levava a todos os rincões do Nordeste a voz amiga e sincera, o abraço fraterno e cordial aos seus irmãos de outras glebas.

Aquela semente plantada pelo "Bandeirante do Rádio Brasileiro" — Dr. João Calmon, hoje Dir. Geral dos D. A. — haveria de vingar e de bem cedo se transformar numa árvore frondosa, cujos frutos benéficos haveriam de servir a toda uma Região. E para nós ela tem um significado todo maior porque assinala mais um pioneirismo de nossa cidade. A Rádio Araripe foi a primeira emissora do Interior do Ceará. E o Crato foi uma das primeiras cidades do interior do Nordeste a possuir uma Emissora.

Na sua inauguração, a 28 de agosto de 1951, contou com a presença do Dr. Assis Chateaubriand; até os nossos dias a Rádio Araripe fiel à linha de procedimento e de conduta de todos os Órgãos Associados, tem sido a principal trincheira de luta em favor dos ideais de nossa gente. Inúmeras foram as campanhas já realizadas pelo microfone Associado do Crato, todas elas cobertas de êxitos e sempre visando o bem comum.

Seu primeiro Gerente foi o Sr. João Gusmão Bastos, que foi também a primeira e a mais significativa descoberta de nossa Emissora para o cenário radiofônico brasileiro, sendo hoje um dos diretores da Rádio Mayrink Veiga do Rio de Janeiro, recentemente adquirida pelas Emissoras Associadas.

Em setembro de 1952 substituiu-o o sr. Gerardo Martins, que após dois anos de profícua administração, foi transferido para o "Correio do Ceará," de Fortaleza.

Seguiu-se o Sr. Wilson Machado, que desde a inauguração da Rádio Araripe exercera as funções de seu locutor, redator e corretor. Três anos se seguiram de sua administração. Muitos melhoramentos foram introduzidos, continuando a marcha ascensional de nossa Emissora.

Finalmente, em dezembro de 1956 assumiu a Gerência o Sr. Cândido Colares, egresso das Associadas de Fortaleza, onde exercia as funções de Assistente da Direção Geral da "Ceará Rádio Clube" e a Chefia do Departamento de Publicidade da "Rádio Verdes Mares." Apesar das dificuldades financeiras que sofreu o Comércio Caririense durante o ano de 1957 e da seca que caiu sobre nós no ano corrente, Cândido Colares tem dirigido com acerto e aprumo os destinos da Rádio Araripe, ensejando sua penetração cada vez mais acentuada em toda a zona do Cariri. Três grandes campanhas foram realizadas pela atual administração: o Natal das crianças pobres, no ano passado, o Dia das Mães, pela primeira vez comemorado em Crato, e a aquisição da indumentária com que o nosso selecionado de futebol se apresentou em Fortaleza, por ocasião do último campeonato intermunicipal. Já no próximo dia 3 de novembro será iniciada a campanha para o Natal das crianças pobres, deste ano, esperando que, como no ano passado, o comércio e o povo em geral apoi decedida e corajosamente mais esta iniciativa da Rádio Araripe.

Inúmeras transformações foram feitas pela administração do sr. Cândido Colares. Entre elas podemos salientar: aquisição de um novo motor de 10.000 velas — aquisição de um novo equipamento para transmissões externas — aquisição de novos gravadores de fita magnética — construção de novo estúdio, que será dotado de aparelhamento de alta fidelidade, a ser instalado no mês de novembro — renovação total da linha de som que liga os estúdios aos transmissores. Isto na parte técnica. Na parte artística, a Direção está providenciando uma modificação completa e profunda em sua linha de programas, a partir do mês de dezembro vindouro.

Na parte publicitária é amplo o avanço da Rádio Araripe. O último Balanço realizado em 31 de dezembro, acusou um aumento de lucros, sobre o ano anterior de 100 por cento. Para tanto a administração atual contou com a cooperação valiosa e prestimosa de funcionários dedicados que não medem esforços no sentido dar o melhor de si pelo progresso da Empresa que tem a felicidade de possuir, segundo o seu próprio Diretor, a melhor equipe de Rádio do interior cearense.

Esperamos que a Rádio Araripe continui sua marcha glorirosa para o futuro.

O Barão do Exú

Gualter Martiniano de Alencar Araripe foi agraciado com o título de Barão do Exú, por decreto imperial de 15 de Novembro de 1808:

"Querendo Distinguir e Honrar a Gualter Martiniano de Alencar Araripe: Hei por bem Fazer-lhe mercê do Título de Barão do Exú. Palácio do Rio de Janeiro, em quinze de Novembro de mil oitocentos e oitenta e oito, sexagésimo sétimo da Independência e do Império".

Graças á cooperação valiosa do Dr. Antônio de Alencar Araripe, advogado em Crato (Ceará) e ilustre deputado federal, conseguimos cópia do testamento do Barão do Exú: "Em nome do Padre, do Filho e Espirito Santo. Eu, Gualter Martiniano de Alencar Araripe, achando-me em perfeita saúde e juízo, faço o meu testamento da forma seguinte: Declaro que sou natural desta freguesia do Senhor Bom Jesus dos Aflitos do Exú, filho legítimo do Capitão Luis Pereira de Alencar Araripe e D.^a Ana Joaquina de Carvalho, já falecidos Declaro que sou casado á face da Igreja com Alexandrina Leite de Alencar Araripe, de cujo consórcio não tive filho algum, por conseguinte não tenho herdeiro forçoso. Declaro que se morrer nesta freguesia, ou em outra qualquer distância possível, quero ser sepultado na capela do Glorioso São João Batista do Araripe, para o que tenho licença do Reverendíssimo e Excelentíssimo Bispo Diocesano deste Bispado, e para tôda minha familia, como se verá dos meus papéis, e serei amortalhado conforme quizerem minhas herdeiras, parentes e amigos. Declaro que estabeleço por minha herdeira e primeira testamenteira a minha mulher Alexandrina Leite de Alencar Araripe, Declaro que estabeleço por meus testamenteiros, em segundo lugar, a Canuto José Peixoto e seu irmão José Peixoto da Silva. Declaro que a minha meiação ficará pertencendo á minha mulher Alexandrina Leite de Alencar Araripe, e por morte desta passará á minha única sobrinha e filha adoptiva Maria Carlina de Alencar Alexandrina, filha legitima de meu primo e compadre Canuto José Peixoto e de minha sobrinha, afilhada e comadre Brasilina Carlina de Alencar, sendo em tudo para fazer o gosto de seus pais e não injuriar minhas cinzas, pela confiança que nela deposito, e do contrário, o que Deus não permita, será dividido por todos os meus sobrinhos

legítimos. Declaro que não tenho herdeiro de forma alguma e se alguém se quiser queixar contra esta minha vontade, lego aos meus testamentários que, em vista dos meus bens, sustentem este meu testamento, ou façam obras pias de caridade o cumpram fielmente, assim como peço ás Justiças de S. M. Imperial que façam cumprir este meu testamento com tôdas as cláusulas que tiver, ou sem elas, por ser esta minha última vontade, vai feito por minha letra e firma. Mando que por minha morte se digam tantas missas, quantas julgarem meus herdeiros necessárias e na humildade. Mando que seja acabada, da melhor forma possível, a capela de São João do Araripe, nesta freguesia. Ficam por minha morte forros os escravos velhos que existirem. Domingos Procópio, Joaquina, Herculana e Coleta. Peço ás minhas herdeiras, pelo amor de Deus, que nunca deixem para a Matriz do Bom Jesus dos Aflitos desta freguesia, e Capela do Glorioso São João Batista do Araripe, festejando e adornando com tôda a decência possível e não se esqueçam de fazer, por minha morte, a caridade possível aquelas pessoas dignas de merecerem. Gameleira, na Vila do Exú, 2 de Abril de 1878, (a) Gualter Martiniano de Alencar Araripe”.

Nasceu o Barão do Exu na Fazenda Caiçara, município de Exu (então provincia de Pernambuco), a 18 de junho de 1822, filho de Luis Pereira de Alencar Araripe e de Ana Pereira de Carvalho.

Luis Pereira de Alencar Araripe era filho de Joaquim Pereira de Alencar, e neto de Leonel de Alencar Rêgo (um dos três irmãos portugueses que formam os troncos da familia Alencar no Brasil), conforme informações genealógicas do falecido historiador cearense Dr. João Nogueira, Convém, ainda, salientar que o pai de Barão do Exú era irmão da muito famosa D.^a Bárbara de Alencar.

Casou-se 1.^a vez, Gualter Martiniano com Jacinta Xavier de Carvalho, na cidade de Jardim (Ceará). Em segundas núpcias, com Alexandrina Ferreira Leite, Baronesa do Exú. De ambos os casamentos não teve filhos.

Residia no sitio Gameleira, onde faleceu a 22 de julho de 1889.

A Baronesa faleceu a 8 de maio de 1899

— Nota do Instituto Histórico de Vitória de Santo Antão.

Acêrca de “Flagelados de 1.ª Classe”

OTACÍLIO ANSELMO E SILVA

O motivo sêca acaba de revelar mais um romancista cearense, cujo livro de estrêia — “Flagelados de 1.ª Classe” — contitui obra de real mériito.

Evidentemente, Nanges Campos autenticou a tragédia secular das populações nordestinao através de uma narrrtiva singela e empolgante, fixando o drama de pequeno grupo def lagelados da zona jaguaribana, fugindo da fome e do aniquilamento.

Nas páginas de “Flagelados de 1.ª Classe” não há fantasias nem veleidades literárias tão comuns aos que se iniciam nas letras. Vê-se que o autor só se preocupou com a exposição dos fatos advindos da calamidade. Sua linguagem tem o sabor da autenticidade.

Ajudindo aos bons tempos, diz o autor: “Não há cousa melhor, no sertão, do que um ano bom de inverno. Tudo aumenta. Até os casamentos e batisados, porque também aumenta o amor nas criaturas.”

Conhecedor profundo do meio sertanejo, Nanges Campos retrata em côres vivas todos os aspectos da vida matuta, sem esquecer até as manifestações supersticiosas da gente humilde, sua solidariedade na desgraça, o seu desprendimento, a sua bravura.

As cenas são de um realismo impressionante, como aquela da morte do filho de José da Úrsula.

— Dói, tia, quello âga, repetia a criancinha desassossegada.

Maria do Céu não sabia mais o que fazer. A febre aumentara repentinamente. Depois vieram as convulsões.

Maria das Dôres, chamada, tomou conta do filhinho, enquanto Maria do Céu punha a panela no fogo. Era preciso fazer um chá, fôsse do que fôsse.

Dona Joaquina aconselhou a raspa do marmeleiro. José de Úrsula cortou uma vegôntea, raspou e deu à Maria do Céu para preparar o chá. A criança já não podia engulir. Os dentes cerravam-se nos estertores da morte.

— Ele está morrendo, gente! Meu filhim está morrendo! Meu Deus, êle vai morrer sem vela e ficar penando. Coitadim do meu filhim! exclamava angustiosa Maria das Dôres.

João Jerônimo trouxe um tição e pôs na mãozinha da criança ficando firmado num joelho, o tempo todo, silencioso e carancudo como a morte."

Mantendo sempre um clima de miséria, e angústia, o autor faz repontar em várias páginas a sabedoria matuta, cujo faro já percebeu a incúria governamental:

"Se os Govêrno quisesse, sêca num valia nada" — sentença um personagem do romance.

Fixando o drama real da sêca de 1932, no Ceará, Nanges Campos entremeia sua excelente obra com um breve histórico da antiga Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas (I. F. O. S. C.), dando-lhe, por isso, maior relêvo e emulação ao leitor.

Dêsse modo, o romance de sêca cuja paternidade pertence a Rodolfo Teófilo, teve em "Flagelados de 1.ª Classe" uma reprodução exata da calamidade que continuará inspirando os escritores nordestinos enquanto o problema não fôr solucionado, o que nos assegura quase uma eternidade para essa fascinante espécie de literatura. . .

A obra de Nanges Campos, que está prefaciada por Josué Montello, Presidente da Academia Brasileira de Letras, é, em suma, valiosa contribuição ao estudo dos fenômenos sociais do Nordeste.

Agradeço ao engenheiro João Mauricio o exemplar que me  ofereceu.

O livro não é uma mercadoria, é um artigo de fé. Requeiro liberdade de trânsito para o livro, no mundo inteiro. — PEDRO CALMON.

Centenário da Cidade de Crato, Ceará

Notas sôbre a história e as comemorações

(Resenha então organizada para a imprensa)

A. Alencar Araripe

DATAS HISTÓRICAS :

- 6 de maio de 1.758 — Carta Régia, que criou o Município.
- 21 de junho de 1.764 — Instalação do Município, no local então chamado Aldeia do Brejo.
- 6 de janeiro de 1.768 — Inauguração da Freguesia, instituída em março de 1.762, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha da França.
- 27 de junho de 1.816 — Alvará criando a 2.^a Comarca do Ceará, sediada em Crato, cuja jurisdição se estendia até Quixeramobim.
- 17 de outubro de 1.853 — Resolução n.º 623, sancionada pelo Presidente da Província, Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares, elevando Crato à categoria de CIDADE.
- 3 de maio de 1.817 — Proclamação da República no pátio da Igreja Matriz de Crato, após a missa, pela heroína BARBARA PEREIRA DE ALENCAR, acompanhada de seus filhos, o diácono José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves, Padre Carlos e amigos.
- 27 de maio de 1.823 — Marcha das forças expedicionárias, comandadas por Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e Pereira Filgueiras, que foram dar combate, em Caxias, no Maranhão, a Fidié, que se insurgira contra a independência.
- 31 de outubro de 1.824 — As forças políticas do Cariri, sob a chefia de Tristão Gonçalves, que assumiu o governo provisório do Ceará.

após a deposição do presidente Costa Barros, solidarizaram-se com a República do Equador, proclamada em Pernambuco por Paes de Andrade, Frei Caneca e outros.

Tristão, na marcha do Aracati para o Crato, foi alcançado por expedição legalista, à margem do Jaguaribe, onde morreu em combate, na data acima.

a) — A Proclamação da República, a 3/5/1817, em CRATO:

Crato chamou-se "Povoação do Miranda", "Missão do Miranda" ou dos Cariris Novos; a Vila Real do Crato foi o 4.º município criado na Capitania do Ceará (Carta Régia de 6/5/1785), a 2.ª comarca ali instituída.

Desencadeado em Pernambuco o movimento revolucionário sob a chefia de Domingos Teotônio, padres João Ribeiro e Miguelinho, Domingos Martins, José Luiz Mendonça, Manoel Correia de Araújo e outros, cerca de dois meses depois, a 3 de maio de 1817 — o subdiácono José Martiniano de Alencar (pai do romancista de igual nome e que foi deputado às Côrtes de Lisboa, com José Bonifácio, e representou o Ceará na Câmara, desde a Constituinte de 24 de fevereiro de 1824, passando depois ao Senado e por duas vezes, governando o Estado), vindo recentemente de Olinda, em cujo seminário estudava, com sua mãe — dona Bárbara Pereira de Alencar, seus irmãos Tristão e padre Carlos, e amigos, no patamar da igreja-matriz de Crato, após festiva missa, falou da revolução e proclamou a adesão do Ceará ao movimento. Houve depuração de vereadores, criando-se nova Câmara provisória e enviando-se incontinentemente Mensagem de apoio ao Governo de Pernambuco. O seminarista José Martiniano vestia então batina e roquete, sendo certo que estudava naquele tempo no Seminário de Olinda e dali veio inspirado nas novas idéias reinantes, com o propósito de promover a adesão do Ceará à revolução.

Malograda essa, por circunstâncias conhecidas na história pátria, dona Bárbara, que na mesma se classifica como legítima heroína cearense, seus filhos Tristão Gonçalves Pe-

reira de Alencar (que depois, por sentimento nativista, adotou o sobrenome de Araripe), padre Carlos, José Martiniano, foram presos e sofreram os maiores vexames durante vários anos nos cárceres de Fortaleza, Recife e Bahia.

No testamento politico deixado pelo "sábio do Norte", Arruda Câmara, dona Bárbara é mandada olhar como HE-ROINA (Arruda dirige-se a seus filhos espirituais do Aepoço de Itambé).

Dona Bárbara foi a primeira mulher republicana do Brasil e Crato tem o primado, no interior do país, na proclamação desse regime politico.

b) — A República do Equador e o Crato.

O movimento chamado da República do Equador, que eclodiu em Pernambuco no ano de 1824, teve apoio dos homens de maior expressão politica do Ceará, naquele tempo: — Tristão Gonçalves e comandante de armas Pereira Filgueiras, ambos do Crato. Deposto o presidente Costa Barros, Tristão assumiu o Governo, solidário com Paes de Andrade, Frei Caneca e outros patriotas de Pernambuco. Tristão adotou como sobrenome o da Serra que delimita o Ceará, pelo sul, com Pernambuco e Piauí.

Em lutas com tropas do Governo, foi imolado à margem do Jaguaribe, no lugar Santa Rosa, a 31 de outubro de 1824. Diz o historiador Tobias Monteiro que no Crato a alma da luta, a esse tempo, foi o padre José Martiniano de Alencar. A revolução, como a de 17, a que se filiava, por sua finalidade, era um movimento democrático que absorvia a alma dos bons patriotas do Ceará e de Pernambuco.

c) — Fidié com seus adeptos insurgiu-se contra a independência. De Crato partiu uma expedição, a 27-5-1823, chefiada por Tristão e Pereira Filgueiras, para combater os insurretos em Caxias, e o fez com sucesso, obtendo sua rendição a 27 de julho. É mais uma glória para a tradição dos cratenses.

Em 1817, em 1823 e 1824, o papel desempenhado pelo Crato é dos de maior realce na história pátria.

Foi apresentado à Câmara projeto de lei concedendo auxílio de 400 mil cruzeiros para erguer em Crato, no centenário de sua elevação à cidade, monumento comemorativo de suas gloriosas tradições cívicas. O projeto tem o n.º 3.120, de 1953, e está datado de 20 de maio.

d) — AS FESTAS DO CENTENÁRIO DE CRATO :

Vão realizar-se festas do maior esplendor comemorando o centenário da cidade. Haverá ali: — Exposição Agropecuária, Feira de Amostra, Conferências sobre a história da cidade, por intelectuais de vários pontos do país, festas populares (danças tradicionais, folclore, corrida de cambiteiro, tiro ao alvo, rodeio de animais bravios, músicas de côro, fandangos, etc..). A cidade passa por um período de reparos e limpeza geral.

Vai ser emitido selo postal comemorativo e será sendo editado o livro sob o título: — "Cidade de Crato" — em que se registram todos os acontecimentos importantes da vida da cidade.

Devem visitá-la, a esse tempo, os titulares das pastas da Agricultura e da Viação, Deputados, Senadores, além de altas autoridades do Estado.

As notícias dessas festas comemorativas têm tido a mais larga repercussão em todo o Nordeste.

- e) — Progresso de Crato: — a cidade possui: 1 colégio, 2 ginásios, Escola Normal, 2 Seminários (o Diocesano já conta cerca de 80 anos), 1 Escola de Comércio, 1 Escola de Música, 2 Grupos Escolares e dezenas de escolas avulsas; tem: 1 Hospital (S. Francisco de Assis), que forma um conjunto de obras assistenciais com a Maternidade e Hospital Infantil, que honram qualquer meio no interior do país, 1 Posto de Endemias, 1 Posto de Serviço de Peste, 1 Patronato (Pe. Ibiapina) e 1 Liceu de Artes e Ofícios em construção.

Crato fica ao sopé da serra do Araripe, e tem parte de seu território irrigado pelas águas das fontes que brotam ao sopé desse chapadão.

Em suas terras de pés de serra e de brejos cultiva-se

sobretudo a cana de açúcar, empregada na fabricação da rapadura.

Existem no município cerca de 85 engenhos de ferros, movidos quase todos a motor ou a água. A produção de rapaduras no município aproxima-se, mais ou menos, a 100 mil cargas, de 100 rapaduras cada, que por unidade, pesa 850 gramas.

A produção diária em cada engenho é comumente de vinte cargas, a mais. Pode-se dizer que ali existe a mais adiantada indústria de fabricação de rapaduras do país.

Além da cana de açúcar, outro cultivo que abunda no município é o da mandioca, utilizada no fabrico da farinha. Seu HABITAT é a serra do Araripe, que se estende com uns 120 klms. de comprimento por 60 de largura.

Crato é uma espécie de capital dos sertões nordestinos. Pertence à zona do Cariri, de que fazem parte outros municípios próximos: Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Mauriti, Milagres, Jardim, Santanópolis, Caririaguçu e Araripe. A cidade dista de Juazeiro 10km; esses dois municípios têm 102.554 habitantes. A cidade tem atualmente cerca de 20 mil habitantes e o município mais de 50 mil.

Tem dois Bancos locais: do Cariri e de Crédito Comercial, e uma Agência do Banco do Brasil. A densidade de população na zona, é importante: Crato tem, 47.163 habitantes por quilômetro quadrado; Juazeiro tem 266.095; Barbalha tem 42.806; Missão Velha tem 54.732; Caririaguçu tem 32.864 e Milagres tem 24.140.

Em Crato existem verdadeiras montanhas de calcáreo e gesso da melhor qualidade, prestando-se o município, conforme estudos já feitos, para a localização de uma fábrica de cimento. Análises procedidas, na matéria prima, revelaram sua especialidade.

O livro é a mais poderosa alavanca para fazer-nos progredir na vida.

Bibliografia, Notas e Comentários... (Continuação)

ELEIÇÕES DE 1958 — Embora a luta pre-eleitoral haja sido muito forte, o pleito de 3 outubro decorreu em inteira ordem. Para Governador foi eleito o Senador Parsifal Barroso, e para Vice-Governador o nosso conterrâneo Dr. Wilson Gonçalves. Para Prefeito Municipal e Vice-Prefeito, foram eleitos, respectivamente, os Srs. José Horácio Pequeno e José Pinheiro Esmeraldo. A Câmara Municipal ficou constituída dos seguintes Vereadores: José de Alcântara Vilar, Derval Peixoto, José Valdevino de Brito, Unias Gonçalves Norões, Oswaldo Alves de Sousa, Joaquim de S. Brasil, Ariamiro P. Dantas, Raimundo Pinheiro Couto, José de Paula Bantim, José Kleber Calou, Pedro Saraiva de Macedo, José Araújo Filho e Saturnino Candeia do Nascimento.

JUVENTUDE TRANSVIADA — É o título de substancial palestra pronunciada na reunião de 29 de agosto do andante do Rotary Club do Crato, pelo conhecido intelectual Moacir Mota, dada agora a publicidade através de uma plaqueta editada pela Tipografia Imperial, desta Cidade, sob os auspícios do Rotary local, do qual é membro o autor, como contribuição do mesmo à solução do palpitante problema.

SOL DE PRIMAVERA (Prosa e Poesia) — Prossequindo na sua fecunda atividade intelectual, o poeta Cicero Martins acaba de lançar mais um folheto reunindo variados trabalhos seus, em prosa e verso. Homem de reconhecida sensibilidade, Cicero Martins dedicou uma página do opúsculo à sua terra natal—Mauiti—cujas belezas naturais êle canta em sentidos e inspirados versos. Sua emotividade, porém, expande-se em "Alcides", título da crônica em que relata o desaparecimento do irmão, roubado à vida aos seis anos de idade.

DR. LEANDRO BEZERRA MONTEIRO — Da autoria do escritor e jornalista cratense Bruno de Menezes, nosso colaborador e sócio correspondente radicado na Capital Federal, vem de ser publicada mais uma pequena biografia da série "O Crato e Seus Valores Humanos". Neste opúsculo, o IV da coleção, o incansável intelectual focaliza a figura do Dr. Leandro Bezerra Monteiro, que se celebrou pela ação desassomburada na defesa dos Bispos de Olinda e do Pará — D. Vital e D. Macedo Costa—na ruidosa questão entre o Episcopado brasileiro e a Maçonaria.

CINCOENTENARIO DA MORTE DE MACHADO DE ASSIS. No dia 29 de Setembro, decorreu o primeiro cincoentário da morte do grande escritor Machado de Assis, vulto espondencial da literatura brasileira e homem que encheu a sua época, com estilo dos mais primorosos da lingua. Cada dia mais, como os verdadeiros genios se torna figura de maior projecção nas letras. O pais inteiro homenageou aquêlo que inaugurou, entre nós, o romance psicológico e que foi o verdadeiro criador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras.

HIGIENE E EDUCAÇÃO DA SAÚDE — Ofertada pelo nosso amigo escritor Mário Linhares, ora residente no Rio, recebemos HIGIENE E EDUCAÇÃO DA SAÚDE, Trata-se de obra didática, da higienista Carlos Sá, editada pelo SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA. É bem escrito e mostra os conhecimentos, em profundidade, do Autor que fez trabalho digno de ser manuseado e meditado pelo professor — do brasileiro que deve guiar os alunos, em bases seguras de conhecimentos higiênicos.

Diretoria do Instituto Cultural do Oeste Potiguar

Em carta circular nos é comunicada a eleição e posse da Diretoria do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, entidade de cultura da cidade de Mossoró-RN.

A Diretoria, que é a primeira, ficou assim constituída :

Presidente	— João Batista Cascudo Rodrigues
Vice-Presidente	— Cônego Francisco de Sales Cavalcanti
1.º Secretário	— Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia
2.º Secretário	— José Leite
Tesoureiro	— Manuel Leandro Nogueira,

Auguramos aos Diretores do Instituto Cultural do Oeste Potiguar, os melhores êxitos, na árdua missão de divulgar as iniciativas culturais da simpática terra mossoroense

Do Rio para “Itaytera”

Devemos às antigas relações de amizade com o Professor Martins Filho—magnífico Reitor da Universidade do Ceará—a deferência de recebermos as publicações editadas por aquela entidade. Dentre elas destacamos a Síntese Histórica da Academia Cearense de Letras, concatenação meticulosa do escritor Manoel Albano Amora, na qual encontramos no texto de tão interessante pesquisa, todos os sucessos alcançados por esse excelente tabernáculo, desde sua fundação em 1894 até o presente, farta e luminosa bibliografia de valiosos e ininterruptos trabalhos, de várias gerações de literatos cearenses. Nunca é demasiado referirmos ao eminente e saudoso Barão de Studart como precursor do veterano sodalício, acompanhado de Tomaz Pompeu, Farias Brito e outros vultos que encaçaram a navegação jangadeira pelos VÊRDES MARES BRAVIOS, marginando as praias do Meireles e do Mucuripe. Devemos acrescentar, todavia, que os cratenses José Carvalho e Alvaro Bomilcar, ambos talentosos e cultos, entrosaram-se na equipe selecionada de ilustres intelectuais, atualmente presidida pelo escritor Raimundo Girão.

—Quem sabe se Crato, dentro em breve, não terá também sua Academia Cratense de Letras?...

—Valores humanos não lhe faltam, porque os possui em potencial suficiente a essa finalidade!

BRIUNO DE MENEZES

Regionalismo

Construtor

O amor á terra natal é uma condição humana e um sinal de coração bem formado. Feliz do homem que tem sempre um olhar de amizade para o recanto em que viu a luz do dia. Pode ser uma grande cidade ou um pequeno burgo, uma rua trepidante ou um subúrbio escondido, mas é sempre um lugar sagrado que o espirito traz no seu relicário de recordações, máxime quando o corpo é levado para longe e que as contingências da vida não permitem uma volta a êsse ambiente de felizes ou mesmo infelizes recordações.

É o apêgo ao berço n tal que dá um sentido de permanência e de alegria à existência, por isso não merece censura nem condenação. Graças a êle é que progridem as aldeias, transformadas em cidades e que ilustram e emgrandecem as nações. Trabalhar pela terra natal é concorrer para o bem geral e elevar bem alto o nome da pátria. Esse regionalismo é construtor, êsse bairrismo é sagrado. E a prova disso temos, por exemplo, nêsse grupo de homens desinteressados e eficientes que compõem o Instituto Cultural do Cariri, realizando na graciosa cidade do Crato, uma obra de realizações no terreno do espirito, digna de todos os aplausos.

Como veiculo e afirmação de tão multiforme atividade intellectual, ai está a austera e esplêndida revista denominada «Itaytera». Admira como num lugar de ainda pequenos recursos materiais possam a teimosia e o esforço de homens como Figueiredo Filho, padre Antônio Gomes e outros, manter uma publicação de caráter altamente especializado.

E, justamente, o que destaca e o que recomenda o órgão do Instituto Cultural do Cariri é a sua feição regionalista, mas regionalista no bom sentido. O estudioso das coisas brasileiras encontrará nessa publicação bem cuidada materialmente e bem lançada intellectualmente um manancial de informações pa-

ia conhecimento exato do homem e do meio caririenses, O leitor sente-se a atraído para os assuntos versados e procura ilustrar-se cada vez mais, à medida que se dessedenta nessa «água que mana da pedra», que é a tradução mais aproximada de «Itaytera».

Diante da conquista no âmbito cultural que representa a circulação dessa bem feita revista cratense, os que amam a sua Fortaleza sentem um certo constrangimento ao verificar que na Capital do Estado ainda não se conseguiu uma realização igual. É certo que circula há quase setenta anos a Revisto do Instituto do Ceará e vez por outra, sai a lume a Revista da Academia Cearense de Letras. Mas são publicações de órgãos culturais e não da própria cidade, que obedece a um programa de cunho educacional, com circulação mais frequente e dispondo de meios mais amplos. Não resta dúvida de que isso i exigiria a participação financeira da Prefeitura e do Estado, mas aí é que estaria o maior valor da obra, que assumiria um caráter oficioso, o que não só lhe proporcionaria uma circulação garantida como facultaria colaborações valiosas, porque devidamente retribuídas. Porque todo esforço humano é trabalho e todo trabalho exige recompensa. Enquanto não se pagar ao intelectual o fruto da sua atividade, não poderá nunca o Ceará e especialmente a sua capital contar com uma cultura especializada tanto na ciência como nas artes e nas letras.

I. S.

In "O Nordeste", 23-10-1957.

Aos Nossos Colaboradores

Por falta absoluta de espaço, deixamos de publicar os trabalhos enviados à última hora, os quais serão reservados para a próxima edição de "Itaytera", já que a presente, pelo encarecimento do papel, teve suas páginas reduzidas ao mínimo.

A DIREÇÃO

SOLIDARÍSTICAS

DUARTE JÚNIOR

O Cariri, que se orgulha de sua participação heróica nos movimentos históricos da Independência, da República, no movimento emancipador do elemento servil nos conflitos internacionais, nas campanhas democráticas, tem, entretanto, em seu desfavor, baldas e mazelas que lhe desbotam os fatos e os braços.

O cangaceirismo, e jogo de azar, o fanatismo religioso e outras crápulas são borrões indelévels que lhe denigrem a crônica social.

Não nos propomos, nas rápidas linhas que se seguem, tangenciar o enredo de tais pragas que encerram, em potencial, matéria para alentados volumes.

O nosso escopo é, simplesmente, fazer o registro, para que não se desvança na voragem do tempo, de um velho episódio que vale como documento relevante, desse fenômeno de abaixamento coletivo.

Referimo-nos às cérebres **Mutuárias**, às chamadas Solidarísticas, que o povo crismou, com muita propriedade, de "engulideiras", fundadas nos idos de 1914, nesta Região, com matriz na cidade do Padre Cicero e filial em Crato e Barbaíha.

Ainda mortalmente ferido pela sedição que derribou o governo Franco Rabelo, arrazado pelas armas dos insurrectos, foi o Cariri, assaltado pelo evento das solidarísticas.

Criação de tipo anômalo, constituíam elas, escandalosas armadilhas, mirabolante engenho de multiplicação do dinheiro: Os **segurados** recolhiam ao **cofre forte** da empresa, determinada quantia e, após trinta dias, recebiam-na decuplada. Cem mil réis, transformavam-se em um conto de réis...

Este plano, porém, foi, depois modificado, passando o **segurado** a receber o seu capital apenas **enfestado**, mas no brevíssimo espaço de oito dias.

A insânia do jogo desvairou as populações.

Agricultores e criadores abandonavam as suas atividades e

comerciantes suspendiam as transações, vendiam terras, rebanhos e mercadorias para as tais operações, enleitados pelo canto da Sereia.

O jogo envolvia na sua rede ricos e pobres, atingindo, a avidez de lucros dos jogadores, as raiz de verdadeiro delírio coletivo.

Em distico, no GUI HET do Caixa da matriz, lia-se o a lágio classico: **Mumus numum parit**, (dinheiro é que faz dinheiro), e nos ouvidos de sua vitimas seprava o empresário-mór, com ares dogmáticos, a filosofia confraternizante do Salomão: "O irmão ajudado por seu irmão, é como uma cidade fortificada".

Enquanto por ai afora se difundiam as cooperativas de crédito, de produção, de consumo, caixas rurais, mutualidades agrícolas, bancos urbanos, associações operárias, sindicatos profissionais e patronais e obras outras de fomento á lavoura e á pecuária, entre nós se difundia e oficialisava o estelionato.

A palavra de ordem, meio á pobreza reinante, era o enriquecimento relâmpago, com base sofisticada no pensamento bíblico acêrca da usura e na parábola dos jardineiros na vinha do Senhor, desprezada a ameaça do inferno contida na alegoria do camêlo com a agulha..

Funcionando ostensivamente, com a mesma publicidade das sociedades comerciais, tiveram as solidaristicas, um surto verdadeiramente espetacular. O seu movimento sobrepujava ao de qualquer banco, ao de qualquer dos estabelecimentos de circulação monetária do País.

Despertado, porém, pelo perigo de perturbações da ordem, advindo da imoralidade das operações de tais emprêsas, decretou o govêrno o fechamento dêsses antros de rapinagem, deixando, porém, impunes os estelionatários, agricultores arruinados e comerciantes falidos.

O impeto do trancamento instantâneo das "enguladeiras", sem promessa de recâmbio, provocou a explosão de movimentos reivindicadores.

O famoso Mestre Luis, conhecido cabo de guerra das

hostes ante-rabelistas, partiu de Juazeiro, á frente de numeroso séquito de cangaceiros, no encalço do chefe e principal fundador das solidaristicas, o inolvidável João Nogueira.

Aconteceu, entretanto, que depois de o haver cercado, na cidade de Barbalha, em um prédio em que se entrincheirou, juntamente com a sua guarda volante, teve Mestre Luis sua ação sobrestada por determinação do Padre Cicero que o fez retroceder deixando abertas ao fugitivo as estradas que o levariam ao Estado de Pernambuco.

Momentos de verdadeiro pânico viveu a cidade de Barbalha naquela noite memorável, eis que o choque das armas se esboçava aterrador entre atacante e atacado, ambos valentes e acompanhados de elementos afeitos à luta.

O reduzido destacamento policial, impotente para enfrentar o batente, recolheu-se ao quartel, retornando daquele refúgio após haver sido derimido o conflito.

Entre outras cenas de teôr belicoso, registou-se, ainda aqui, em Crato a apropriação, *manu mi itare*, de oitenta e dois bois mansos de um dos parentes de João Nogueira—seu auxiliar nos trabalhos mutuários-retirados das mangas do proprietário e vendidos em grosso e a retalho, no mercado público, pelo célebre capataz José Dourado, guarda-costas e elemento da imediata confiança do chefe local cel. Antônio Luis.

O Cariri daquele tempo, combalido e exânime, foi entregue à sêca do ano subsequente — 1915 — que o recebeu nessa postura deplorável.

Nada lhe restava das safras anteriores. A malta de cangaceiros, protegida, como diz Rodolfo Teófilo, pelo govêrno do lúgubre Marechal Hermes, em sua marcha sôbre Fortaleza, devastou esta região, saqueando e queimando os celeiros existentes, página tristíssima de uma história que ainda não foi escrita.

E pouca gente sabe que os fabricantes da guerra de 14, juntamente com os industriais das solidaristicas, devem figurar como aliados da sêca de 15, como obreiros dos preparativos da fome, do êxodo e de outras desgraças que fustigaram as populações deste rincão.

== Nos Domingos, em Juazeiro ==

(1891 — 1892)

PAULO ELPÍDIO

Saia-se do Crato, em direção a Juazeiro, pelo arrabalde Cruz. Estrada larga até o Cemitério do Cólera. A terra vermelha e frouxa, enquanto não passava o Buriti e a Igreja do Saquinho. Daí em diante seguiam-se uns quatro quilômetros pelo meio da mata, silenciosa e deserta. Em certa altura da travessia, à direita do viandante se encontrava enterrada uma velhota cruz. No pé, um monte de pedras, dava a impressão de um Calvário em miniatura. O povo chamava a êsse trecho exquisto da via pública — Cruz-dos Altos, nome que constatrava com a planura do terreno. Transposta a travessia, vinha São José e a aproximação do brejo. Como no Cariri se plantava e criava, uma cêrca de varão, que defendia a faixa de terra escura, regada pelos rios Grangeiro e Batateira, já reunidos, seguia á esquerda, deixando pelo lado de dentro, os engenhos e os verdes canaviais. O gado pastava, à solta, comendo nos claros da floresta, nas capoeiras que sucediam aos velhos roçados. As terras constituídas pelos tableiros, entre Barbalha, Crato e Juazeiro, eram abundantes em frutos silvestres: Ameixa, ingai, araquá, cajui, mangaba, pitomba, ariticum, croatá e piqui, frutos que bastante auxiliavam a alimentação da meninada dos sitios e de seus moradores. Os altos e gigantescos pausdarcos, angicos, aroeiras, braúnas, pequizeiros, visgueiros e juazeiros, cobriam com suas sombras o areial da estrada. Ao amanhecer dos dias, os que caçavam, sumiam-se de mato a dentro, com cabaça d'água, terçado, uma lazarina e um machado. Alguns dormiam, à espera de viado; outros voltavam aos seus ranchos, construídos de taja e cobertos de palha, trazendo o resultado da caçada. Os bandos de papagaios eram surpreendidos na hora da canícula. As seriemas, por entre as macambiras, eram matadas de COICE (expressão dos caçadores, quando a vitima não é esperada). Nos invernos bons, as águas das nascentes perenes, reunidas ás das chuvas, inundavam as plantações do brejo, transformando-o em um imenso rio. Foi nesse rincão prodigioso que eu passei uns dois anos de minha meninice. Minha mãe, viúva, morreu, no Crato, em 1888. Fui parar na casa de um tio, Aristides Ferreira de Menezes, proprietário, por herança, do

Sítio Porteiras, a mais ou menos três quilômetros do Juazeiro e uns dez do Crato, onde nasci. Se bem que eu gostasse mais da cidade de D. Bárbara de Alencar, por motivo da menor distância, ora por outra, ia aos domingos, ouvir a missa do Padre Cícero. Não tenho de memória a data precisa dos fatos que vou narrar, observados por mim, no seio de uma população sacudida por boatos insistentes de que certa beata, ao receber a comunhão, dada pelo seu confessor, enchia a boca de sangue... Mas, isso deve ter sido em fins de 1891 a 1892: Em um desses dias a que me referi acima, o Cura da florescente vila convidou ao Padre Monteiro (Francisco Rodrigues Monteiro, coadjutor do Crato), para celebrar o sacrificio conventual. Como é sabido, quase sempre, em meio da missa, há fiéis para comungar. E a cerimônia da sagrada Eucaristia é realizada pelo Sacerdote eficiente. O Padre Monteiro, cumprindo esse edificante mister, desceu do altar no momento oportuno, dando início à cerimônia. Ao depositar a hóstia consagrada na boca da beata Maria de Araújo, sente-se surpreendido por transcendental fenômeno... O fluxo de um líquido da cor de sangue enche as bochechas da religiosa, transborda, tinge de vermelho a toalha que guarnece a moldura da grade, localizada entre o Altar Mór e a nave. Ainda empolgado pela natural emoção, o Levita sobe ao púlpito e, a certa altura do sermão, diz ao povo— "Estamos em presença de um milagre: — Nosso Senhor Jesus Cristo escolheu o Juazeiro para, de novo, derramar o seu sangue". A Igreja se encontrava repleta, sobrando gente pelo pátio. O Padre Cícero, além de meu perante, bem de perto o conheci. Encontrava-se na primeira fase de sua vida. Taciturno, sem vaidade, desprezado, recebendo esmolas em vez de dinheiro, pelos sacramentos ministrados, com sua batina róta e suas botinas cambadas. Portador de qualidades tão encarecidas pelo povo, não foi difícil se tornar merecedor do halo de santidade que ainda lhe abroquelava a alma. ESTOURA A BOMBA na mão do bem intencionado Coadjutor do Crato; a vila cresceu vertiginosamente. A população aumentou da noite para o dia. Remeiros de todos os Estados, uns de muda, com haveres e bagagens, diversos apenas em visita à TERRA SANTA, trazendo valiosos presentes. De instante a instante, o espoucar dos foguetes anunciava a entrada de novas levadas dessas criaturas que vivem à procura de uma eterna bemaventurança... De grande parte dessa gente os recursos desapareciam; as necessidades surgiam; vem a fome. Só aos idealistas puros, em tais circunstâncias, é dado respeitar o SÉTIMO MANDAMENTO.

Afastava-se, portanto, do centro dos milagres, a procurar nas matas circunvisinhas, nos brejos e até na Serra do Araripe recursos com que satisfizesse o estômago. Não escapavam de suas engenhosas armadilhas as aves canoras, os preiás e os ratos de cana. Enquanto isso acontecia, os objetos de comércio subiam de preço. Mesmo os gêneros de mais carença à alimentação.

X X X

O SANGUE, que escapava pelos beijos da SANTA e caía na toalha da mesa Eucarística, era guardado em urnas que se depositavam no Altar Mór. A medida desses depósitos tirada em fita cu cadaço, vendia-se juntamente com medalhas, para pendurar no pescoço ...

Assisti missas conventuais no Juazeiro, em que o Padre Cícero adormecia com a cabeça inclinada para a frente, durante horas. Ninguém lhe perturbava o sono, porque "sua alma, desprendendo-se do corpo, subia ao céu, e junto a Deus, entre os Anjos e os Santos, esquecia-se das coisas terrenas ..."

X X X

Quando saí das Porteiras, se bem me lembro, em 1893, já os sítios de meus tios (Aristides Ferreira de Menezes e Manuel Leandro Ferreira de Menezes), dos Melos e dos Esmeraldos, em São José, haviam perdido, para mim a graça que tanto me prendia. Escrevendo essas coisas que se foram com o tempo para não voltarem, tenho os olhos, frequentemente, a encher d'água ... C'EST LA VIE ...

Os conceitos emitidos, em artigos assinados são de responsabilidade dos autores, não traduzindo, conseqüentemente, orientação da Diretoria da Revista,

Os trabalhos publicados em "Itaytera" poderão ser transcritos, desde que citada a fonte.

Palestra de Plínio Osório no Rotary Club de Porto Alegre - Norte

Quero antes do mais pedir desculpas às exmas. senhoras, por vir falar hoje de assunto não muito alegre para uma reunião festiva. Mas, trata-se de um cumprimento de dever, e de dever de consciência. E, prometo ser breve.

No plano de ação de nosso clube existe uma comissão muito importante que tenho a honra de presidir, a de Assistência Social. Essa comissão já produziu alguma coisa no decorrer da presidência Friedrich. Além das iniciativas e diligências das senhoras que estão levando assistência e algum conforto aos velhinhos desamparados — e peço licença para destacar os nomes das senhoras Albert, Friedrich, Azambujo e Jarros, como as mais esforçadas — a comissão conseguiu uma melhora de contribuições e contribuições novas a Spaan no montante de mais de oitenta mil cruzeiros. E ainda este mês, vocês serão convidados para inaugurar uns melhoramentos na Vila Hospitalar da Spaan e distribuição de roupas de inverno que as senhoras estão preparando.

Temos ainda cooperado junto ao Instituto Santa Luzia no amparo aos cegos e assistido às necessidades dos dois jovens cegos estudantes, nossos afilhados.

Portanto, a comissão de Assistência Social de nosso Club tem funcionado, tem prestado serviços, como lhe cumpre, à nossa comunidade. Mas, meus amigos, acontece que fora do território do nosso Clube, longe desta cidade, há algo de importante a reclamar também nossa ajuda. É o item 2º do nosso plano de ação dispõe que devemos:

“Promover assistência a qualquer espécie de calamidade pública etc. etc., no distrito, no Brasil ou no estrangeiro.

Ora, há muitos meses certa região do Brasil sofre a mais terrível das desgraças — o flagelo da fome — e esse sofrimento, essa tortura, sabemos, perdurará implacável, até ou além de janeiro de 1959 que é quando cairão, se caírem, as próximas

chuvas. Entrementes, multidões de criaturas andrajosas e famintas, se deslocam do sertão pelas estradas afora, abandonando suas terras e seus parcos haveres, rumando todos os quadrantes. É o êxodo. Fui testemunha, quando jovem, de duas dessas tragédias. Não quero descrever as cenas que assisti que são as mesmas cenas que estão se desenrolando, agora, no nordeste do Brasil. Desejamos apenas que vocês imaginem as coisas horribéis que ocorreriam se a população de um só município do Rio G. do Sul fôsse forçada a abandonar suas casas, suas propriedades inopinadamente em busca de outras terras para sobreviver. Então transportem seus pensamentos para o polígono das secas onde mourejam 8 milhões de criaturas. Façam idéia que centenas de milhares de sertanejos tenham de perambular pelas estradas, invadindo cidades, implorando a caridade, às vezes saqueando armazéns, procurando serviços do governo (e isso é um drama a parte, serviço do governo) cercando açudes que já têm donos e são defendidos a bala. E vocês poderão ver em pensamento, poderão formar na imaginação, uma idéia longínqua das cenas cruciantes, dos quadros entescos, crianças desnudas, enfermos e inválidos carregados às costas, e vocês verão como eu vi, à beira das estradas centenas de cruzes tôscas, pequenos montes de terra onde repousam crianças e velhos que não resistiram à caminhada e que são sepultados ali mesmo, onde morrem, sem mais delongas. E que gente estoica que sofre incalçavelmente sem se rebelar. Conformam-se humildemente com os designios de Deus. Abandonam a terra quando se esgota o último punhado de farinha. E ainda dão essa explicação simplista à guisa de defeza de seu torrão natal -- "que a terra é boa. O CÉU É QUE NÃO PRESTA". É o que se passa, companheiros, atualmente pelo Nordeste do Brasil. Recebo cada semana notícias e informes de velhos amigos e de familiares. Oxalá pudesse cada brasileiro formar uma ideia mais aproximada do que seja uma seca no sertão do Nordeste e certo de que um grande movimento generalizado de solidariedade humana faria chegar até lá recursos em abundância. Tive a felicidade de poder encaminhar aos cuidados do Governador do 449 duas remessas de numerário. A primeira enviada pelo nosso afilhado PA Nordeste e a 2ª arrecadada na Conferência de Uruguaiana. Esse dinheiro, segundo me escreveu o governador Fran Martins, foi entregue às senhoras dos rotarianos que por sua vez distribuíram em roupinhas e medicamentos às crianças retrantes. E por iniciativa pessoal e em meu no-

me, mas com o conhecimento do Presidente Friedrich, tenho solicitado auxilio a várias firmas comerciais e Bancos que não tem sido negado. Espero completar êste mês uma importância regular dessas arrecadações fora do Rotary. E ainda com autorização do Conselho Diretor, já não serei eu, mas a Comissão de Assistência Social que se compõe também dos Companheiros Willy Senger, Humbert Renner, Jensor Jarros, irá solicitar, durante a próxima reunião plenário, dia 13, a generosa contribuição dos companheiros do Rotary Clube de P. Alegre Norte. Tenho para mim que com esta iniciativa, a gestão Friedrich encerrará a série de suas realizações com chave de ouro engrandecendo e elevando ainda mais o conceito do nosso Clube. Esperamos, pois, 6.^a feira, já não direi generosidade dos companheiros, mas compreensão, compreensão do quanto significa esta campanha em nobreza e sentimento cristão.

Minhas senhoras, renovo minhas desculpas pela inoportunidade desta "fala" e permitam que lhes peça — ajudem também com seu quinhão, seja quanto fôr, a nossa arrecadação da próxima 6.^a feira. Mitigaremos com isso a fome de algumas infelizes criaturas, pouparemos, quem sabe? a vida de algumas crianças.

E Deus vos pagará.

PIO XII

Com pesar da Cristandade inteira, faleceu no dia 8 de outubro, às 15 h. 52 m, o Papa Pio XII, cuja notícia, de acôrdo com o ritual da Igreja, foi anunciada 12 horas depois, pela Rádio do Vaticano.

Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli nasceu no dia 2 de março de 1876 e ordenou-se aos 22 anos de idade. Sagrado Bispo aos 41, logo depois foi elevado a Arcebispo. Atingiu o cardinalado quando contava 53 anos de idade, sendo eleito à Cadeira de São Pedro no dia de seu aniversário natalício, em 1939, cinco anos após sua visita ao Brasil.

Foi o 216.^o Papa da Igreja Católica Romana, e o seu pontificado foi dos mais ilustres e fecundos.

O sucessor de Pio XII é o cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, eleito pelo Sacro Colégio dos Cardiais, no dia 28 de outubro, às 17h7m (hora de Roma).

O novo Sumo Pontífice, que nasceu a 29 de novembro de 1881, na Itália, adotou o nome de João XXIII.

ACTAS DA CAMARA DO CRATO

De 11 de Maio de 1817. até 27 de Janeiro de 1823.

Revolução republicana—3 de Maio de 1817. em um domingo.

Restauração—11 de Maio 1817, em uma segunda-feira.

Restauradores—José Pereira Filgueiras, Leandro Bezerra Monteiro. juiz ordinário Manoel Joaquim Telles.

Viva el-rei nosso senhor e toda a sua real familia da casa de Bragança.

11 DE MAIO DE 1817

Aos 11 dias do mez de Maio de 1817, n'esta villa do Crato &c., em casa da camara. onde fui vindo eu escrivão, que tinha servido na mesma camara, e de presente pela mesma novamente nomeado por officio que me dirigiram estando ausente d'esta villa. pelos restauradores fui conduzido para continuar na serventia d'este officio pela gloriosa restauração d esta villà por uma hora da tarde. sendo restauradores o capitão-mór d'esta villa, o tenente-coronel-commandante do regimento de cavallaria d'esta villa e juiz ordinario o capitão Manoel Joaquim Telles e mais officiaes empregados e povos na gloriosa restauração que felizmente se celebrou em nome de el-rei nosso senhor. que Deus guarde. &c. Ahi tambem chamado do seu sitio o juiz Manoel de Jesus e o vereador Alexandre Raymundo e por estar preso o vereador Tristão Gonçalves e ausente o vereador José Carlos, foi para os seus lugares nomeados para vereadores o capitão Gonçalo José Ferreira, Francisco Pereira Maia Guimarães, e o interino procurador Francisco José de Andrade. Ahi pelo dito juiz presidente foi dado o juramento dos Santos Evangelhos, que os mesmos vereadores para que bem e verdadeiramente servissem á S. M. Fidelissima dando provas de fieis vassallos restauradores d'esta villa do jugo e pesado captiveiro em que estiveram oito dias pelos insultantes traidores pela republica pernambucana. que dado o juramento de fidelidade, prometteram uns e outros em tudo serem fieis á nosso amado soberano. &c. &c. — Assigrados.

19 DE MAIO DE 1807

Accordaram escrever ao Exm. Sr., ponderando-lhe as circumstancias dos povos do rio do Peixe e Pombal, que este povo

d'esta villa está prompto a derramar sangue e vida pela real pessoa de nosso soberano, e que pedem seu parecer para fazerem aquelles povos reconhecer o mesmo soberano, em cuja vereação acharam-se os dous chefes da restauração, o mesmo escreveram á camara do Icó ao capitão-mór do Tauhá, e que estes correios fossem á custa do conselho e que se applicassem dos rendimentos d'este conselho as despezas das tropas que se gastassem os bens dos réos para a sustentação das tropas.

E o procurador Amaro Velho de Vasconcellos comigo escrivão da camara ao diante nomeado para effeito de darem, querendo, algumas dadivas gratuitamente á S. M. para sustentação das tropas que estão a entrar n'esta villa á beneficio da mesma villa, cuja falla com vênia dos Srs. senadores a fiz pela maneira seguinte :

“Sendo infelizmente sublevada esta villa no dia 3 de Maio pelos tyrannos padre José Martiniano, Tristão Gonçalves, Fr. Francisco de Sant'Anna Passoa e Ignacio Tavares Gondim, recommendado pelo insultante governo provisório de Pernambuco, opprimindo os mesmos tyrannos as reaes intenções dos fieis vassallos d'esta villa e termo, querendo fossem aterradas as sagradas leis do nosso muito alto poderoso rei o Sr. D. João VI, que se observasse as infames e traidoras leis de seus traidores intentos, o que deu prova a que o capitão-mór José Pereira com muitos dos fieis vassallos d'esta villa promovessem a feliz e fausta restauração animosamente no dia 11 do mez de Maio, levantando os reaes estandartes de nosso amado soberano, fazendo-se observar á risca as suas sagradas leis, e presos os traidores de alta traição, sendo logo assás necessario pôr em armas esta villa para não se ver conservada a paz e socego publico, mas sim repellir qualquer traição que podesse sobrevir-nos das capitánias sublevadas, e que além de toda a cavtella e providencia este senado e mais chefes offereceram ao Exm. Sr. governador d'esta capitania para espontaneamente atacarem as villas que se achassem ainda em revolução, e fazerem observar as leis sagradas e tão recommendadas o que tudo o mesmo Exm. Sr. com muito gosto e satisfação aceitou, e não só quer a offerta d'este povo como para o mesmo fim enviado um florecido exercito que se acha a entrar n'esta villa commandado pelo coronel Alexandre Jose Leite Chaves e Mello a incorporar-se com os povos d'esta villa e poderem marchar debaixo

das ordens do dito coronel como comandante das fronteiras d'esta capitania, parece-nos que será muito justo e do agrado de el-rei nosso senhor e do nosso governador que cada um dos moradores d'esta villa e termo offereçam por isso as suas dadas conforme as suas posses para ajudar-se á sustentação das tropas. sendo este um serviço de muita aceitação pela fidelidade que todos professamos, o que tudo este conselho espera das benignas atenções do fiel povo que sem cõstrangimento assim o pratiquem: o que ouvido pelos povos que presentes se acharam, passara a fazer os seus offerecimentos pela maneira seguinte: segue-se a subscripção:

Accordaram mais dar uma attestação ao juiz Manoel de de Jesus sobre a viva fidelidade.

Isto deu-se entre 19 de Maio e 8 de Junho de 1817.

Importou a subscripção em dinheiro e generos na quantia, de 344\$980. Preços: bois a 4\$000 e 6\$000, arroz a 640 a quarta, libra de chumbo 240, carga de rapadura, 4\$000, quarta de farinha 1\$000. O republicano João Gonçalves Pereira de Alencar deu um boi que o conselho lhe devia por 6\$000. Foram 67 os assignatarios.

15 DE JULHO DE 1817

Fizeram uma carta á S. M. Fidelissima pedindo a conservação do Illm. Exm. Sr. governador Manoel Ignacio de Sampaio.

29 DE JULHO DE 1817

Accordaram dar uma attestação ao reverendo Pedro Ribeiro de Menezes dos seus bons serviços na feliz restauração e outra, ao capitão Gonçalo Luiz Telles sobre o mesmo objecto.

2 DE DEZEMBRO DE 1817

Mandaram passar uma attestação sobre a fidelidade ao nosso soberano á favor de Manoel do Nascimento Castro e ao padre Francisco Gonçalves Martins.

17 DE DEZEMBRO DE 1817.

Para effeito de darem posse ao novo doutor desembargador ouvidor geral, e presidir a dita nova comarca denominada do Crato do Ceará o Illm. Sr. José Raynundo do Paço de Porbem Barbosa, cujo termo deffere-se. Se lhe conferiu no livro de semelhante a fim e em virtude da carta régia de vinte e um de Abril do corrente ano, que fez tudo pelo dito ministro apresentado a este senado, e igualmente em seu principio faço apresentado alvará da criação d'esta nova comarca dada em vinte e sete de Junho de mil oitocentos e dezeseis, sendo este alvará impresso e depois de ser empossado o dito ministro, determinou a este senado passasse um edital pelo qual fizesse este conselho saber aos habitantes a mercê que el-rei nosso senhor por sua immediata resolução foi servido crear esta nova comarca com a denominação da comarca do Crato.

14 DE MARÇO DE 1821.

N'esta accordaram de se dar parte á S. Ex. do levante da Bahia e officiar á camara do Ico para dar as providencias a favor do S. M.

17 DE MARÇO DE 1821.

N'esta acordaram que o procurador da camara tomasse todas as polvoras d'esta villa á peso com declaração dos seus donos para se recolher á uma casa com as armas.

12 DE ABRIL DE 1821.

N'esta foi aberto um officio do Illm. e Exm. Sr. governador e n'elle vinha inclusa uma proclamação do mesmo Ex. Sr. em favor de S. M. e se mandou publicar, e que o escrivão remetteste copias á todas as camaras da comarca.

7 DE MAIO DE 1721

N'esta veio o corregedor da comarca interino (José Raymundo) estranhar o procedimento ao nosso, digo, da nossa prohibição ao coronel comandante geral não publicar a noticia de S. M. ter approvado e jurado a constituição e havela concedido ao reino do Brasil e mais dominios, communicada pelo Illm. e Exm. Sr. governador ao mesmo coronel e á camara, que o fizemos pela noticia que tivemos de

ter sido o mesmo Illm. e Exm. Sr. governador atacado pela tropa de primeira linha da capital para seguir o que ella pretendia, e no dia seguinte de melhor accordo fizemos publicar o dito edital de ter S. M. approved e jurado a dita constituição.

14 DE MAIO DE 1821

E n'ella concordaram em representar á S. M. pois não queriam o governo da constituição, e não só queriam o governo monarchico. Presentes o capitão-mor. coronel e tenente coronel Gonçalo.

31 DE MAIO DE 1821

Abriram um officio do ajudante Manoel Antonio Diniz, comandante do destacamento do Icó, dentro do qual vinha outro do governador com um edital.

6 DE JUNHO DE 1821

N'esta acordaram mandar um officio ao coronel Leandro Bezerra Monteiro, para vir a esta camara apresentar a carta de officio com data de 22 do mez preterito do corrente anno que S. Ex. lhe dirigiu, igualmente a gazeta da corte do Rio de Janeiro de 4 de Março do corrente anno.

9 DE JANEIRO DE 1821.

Accordaram mais em fazer publico o real decreto de 24 de Fevereiro do corrente anno, e de instruirem os povos para a paz o socego publico.

23 DE JUNHO DE 1821.

(Recebem o decreto de 22 de Abril e as instruções deixadas por D. J. a seu filho no Brasil).

28 DE JULHO DE 1821.

N'esta acordaram em fazer o officio ao capitão-mór d'esta villa para vir para ella visto as circumstancias presentes e o alvoroço do povo.

4 DE AGOSTO DE 1821.

Accordaram que no dia 5 do corrente pelas 8 horas d

dia a camara se congregasse em corpo para assistirá missa do Espirito Santo, que se ha de celebrar em applausos da junta eleitoral d'esta parochia para a nomeação dos eleitores d'ella, e que da mesma sorte assistiria ao Te-Deum Laudamos.

Acordaram mais avisarem aos habitantes desta vila pelos officiaes de justiça, que deveriam alumiar as frentes de suas casas no dia 4, 5 e 6 e que lhes ficaria sendo licito nas ditas noites darem publicas demonstrações de alegria por meio de applausos licitos relativos á dita junta.

8 DE AGCSTO DE 1821.

N'esta escolhem se um juiz ordinario por se ter retirada o juiz ordinario Francisco Alves de Quintal, e seu parceiro José Ferreira da Conceição peloa insultos d'odia 5 e promessas publicas de o matarem. Este ultimo foi em companhia do Dr. corregedor.

16 DE AGOSTO DE 1821

N'esta vieram á porta da casa da camara um grande numero de povos pedindo perdão do que haviam cometido e deram grandes vivas á S. M. Fidelissima, á familia real, ás côrtes, e ás demais auctoridades e acordaram d'isto deram parte ao Illmo. Sr. governador e ao Illm. Sr. Dr. corregedor.

3 DE OUTUBRO DE 1821.

N'esta acordaram em mandar pagar as vellas que se fez de despeza este senado a saber: 16 para a illuminação da casa da camara, 4 para a casa do ajudante Manoel Antonio Diniz, 6 para a banquetta quando se fez o Te-Deum, 6 para a illuminação que se quiz fazer a festa do Espirito Santo, e 2 para a arrematação.

6 DE OUTUBRO DE 1821.

N'esta se abriram 2 officios um do Illm. Sr. governador com uma proclamação e outro do escrivão deputado da junta da fazenda.

(Haviam tropas de linhas no Crato).

20 DE OUTUBRO DE 1821.

(Recebem um officio do governador de data de 3 de Outubro).

21 DE NOVEMBRO DE 1821.

N'esta foi aberto um officio do governo provisório d'esta provincia e proclamação dos mesmos senhores onde perguntou este senado ao Sr. coronel Leandro Bezerra Monteiro, se elle aceitava e conhecia o governo: elle respondeu que queria o que o Sr. capi tão-mór quizesse, e o mesmo comandante (Piniz que estava presente) lhe disse que se elle não aceitava era responder ás côrtes a razão que tinha de o não conhecer e este respondeu que conhecia e aceitava tudo quanto fosse a bem da nação, tanto que não fosse contra o nosso soberano e contra a nação, e disse mais ao dito commandante que passaria a prender todo aquelle que não conhece o governo provisório.

N'esta mesma foi dito perante todos os cidadãos estavam promptos a reconhecerem o governo provisório e fazer tudo que fosse a bem da nação e do real serviço e manter a nossa religião catholica e assignaram, etc.

4 DE JANEIRO DE 1822

N'esta acordaram que o escrivão fizesse sciente aos eleitores da parochia para se acharem no dia 14 (?) de Fevereiro na villa de Fortaleza para se proceder á eleição de novo governo da provincia.

13 DE FEVEREIRO DE 1822.

(Pediram ao congresso a conservação por mais 8 annos de corregedor).

16 DE FEVEREIRO DE 1822.

N'esta accordaram em responder um officio dos Srs. do governo e officiar aos deputados remetendo as ordens regias da creação d'esta villa e mais ordens, que determinam os mesmos senhores.

(Continua no próximo número)

Dar um livro a alguém é fazer um elogio
à sua intelligência.

Remedio de Sangue

Quixadá Felício

Derradeiro dia de Outubro. A cidade feliz na sua inocente concepção dos fenômenos que se desatam, longe uns, outros bem perto de nós ... Coisas de calamidade, de tirar o sono, complicar o raciocínio mais sereno ... Mas, a cidade é inocente. Abraça-se ao comentário pueril das eleições do dia 3. Asneira, só. As eleições não terão traduzido muito, talvez. Quase nada. Não definiram. No máximo, terão abreviado a hemorragia. Não que se deseje a sinistra orquestração das armas decididoras das agonias extremas. Apenas porque não é possível vislumbrar outra saída, remédio menos violento para cura dessa fantochada infame que assaltou o poder — dos mais anônimos municípios à estrutura nuclear da Pátria — espoliando, aviltando, sugando a derradeira gota de sangue de um povo errando como infelizes na noite muito longa de sofrimentos terríveis. Tudo virou de boche: A falta de vergonha dos que detêm as rédeas de mando é o primeiro atributo para as horas de conduzir o rebanho infeliz. Só uma verdade paira, soberana e amesquirhadora: a fome. A morte do grande Eugenio Giovanni Pacele, no dia 8, foi uma pausa, um rápido desfôgo. Um apêlo desvairado ao resto de desfigurada expressão de rezistência moral de uma raça, debruçada um instante de piedade para chorar o abalo enorme que desenhou desalentos do Vaticano até aqui. O novo Papa, esse radioso esteta de simpáticas e democráticas raízes na primeira grande guerra, à qual serviu como humilde sargento de Infantaria, esse enérgico rapazola de 77 anos, Angelo Giuseppe Roncalli, agora João XXIII, coitado, enfrentará dramáticas paisagens, até que o mundo caia, um dia, em cima dos trilhos de que o atrastou um desmantelo social de acabrunhadoras ressonancias ...

A minha cidade inocente, bebendo uisque no bar da esquina, dansando calipsos e outras canalhices a made in "USA no clube elegante, quebrando as pernas na lambreta 1959, ou discutindo a colocação de um salafrário qualquer no rôl dos deputados eleitos para a orgia da desabrida gatunice de indecorosos parlamentos — a minha cidade inocente não vê que o naufragio

vai ligeiro, devorando a todos nós ... A cidade inocente não comemorou o cinquentenário de Machado de Assis ou o centenário de Giacomo Puccini, tampouco acompanhou o arrepiante filme em séries emocionadoras das nossas realidades, e na exaustiva metragem de Gondim da Fonseca e Osvaldo Costa, no celuloide de colunas de fogo, irrefutáveis, plasmadas para a anestesiante contemplação dos homens que vão sustentar o gigante de oito milhões de quilômetros quadrados quando a noite morrer, vier a madrugada de redensões ...

A minha cidade inocente, morrendo com a seca que ha um ano nos degrada. Morrendo com outra seca que se pronuncia. Com uma administração anêmica. Com a ausência de energia elétrica para rodar as máquinas que fazem a indústria salvadora. Morrendo, também, no horripilante espetáculo dos seus rapazinhos sem perspectivas que comunicassem estímulos saudáveis à mente jovem. Morrendo na nudez, na doença, na fome de milhares de velhos e crianças cumprindo em infectos tugurios a odisseia dos desesperos sem remédio. A minha cidade inocente morrendo na ingenuidade com que vai botar nas urnas um voto de camaradagem, que é o caminho mais curto para anular a influência dos capazes nos destinos da comunidade. Cidade inocente que vai enterrando sem lágrimas aos olhos as figuras marcantes da sua verticalidade antiga, dos seus espelhos esquecidos... Ontem foi Teopisto Abath, de quem poucos ainda se recordam para incutir nos que vão nascendo o amor à honra integral, à pobreza digna, ao trabalho fecundo. Amanhã será Cicero Lobo, já nos derradeiros dias, alquebrado pela enfermidade e pelo peso dos anos. Tombam e não deixam sequer o nome gravado numa rua, numa instituição onde se reunissem os moços para o exercício de virtudes indispensáveis à saúde da alma e do espírito...

Cidade inocente como muitas outras cidades por aí afóra, neste Brasil, de muita fome e pouco idealismo. A cidade não acordará ao só impulso de advertências que ainda rebentam, eivadas de teimosia, de peitos arfando desencantos cruéis... Mas, acordará com o estouro que vem vindo como uma sangrenta e inapelável aleluia. Devemos estar vivendo a Hora D. Porque seria impossível aceitar que as nossas forças armadas, esse Exército de patriotas que aí está, não se compadecesse da desgraça de quase todos e se mantivesse impassível deante do caos. Deus ha de armar o braço dos nossos soldados para a revolução que construirá em definitivo sobre uma larga destruição miseravelmente necessária.

Ata da Assembléia Geral do Instituto Cultural do Cariri, para a Eleição de sua Nova Diretoria

Aos quinze (15) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e cinquenta e oito, reuniu-se em Assembléia Geral o Instituto Cultural do Cariri, para proceder a eleição do seu novo quadro diretor. Os trabalhos foram presididos pelo jornalista José Alves de Figueiredo Filho, contando com as presenças dos seguintes associados: Pe. Antônio Gomes de Araujo, Antonio Correia Coelho, Alderico de Paula Damasceno, João Lindemberg de Aquino, José de Paula Bantim, Otacilio Anselmo e Silva, Dr. Jefferson de Albuquerque, Dr. Ferreira de Assis, Zilberto Teles, Oswaldo Alves de Souza e Dr. Quixadá Felício. Abertos os trabalhos, o sr. Presidente se congratulou com os presentes pela grata oportunidade de se proceder a uma nova eleição da entidade, fazendo um rápido relato do que tem sido as suas atividades em benefício do aprimoramento cultural e desenvolvimento intelectual da zona do Cariri. Deu início ao expediente. Constava do mesmo uma carta dirigida pelo jornalista Gastão Portela, ao consócio João Lindemberg de Aquino, sobre o Congresso de Jornalistas do Interior, a se realizar em Pesqueira PE, em novembro próximo — Carta do Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro, sobre as atividades que vem desenvolvendo em Fortaleza, em favor do ICC — Ofício do Deputado Hugo Cabral, comunicando haver destinado, de sua quota, 30 mil cruzeiros para a nossa entidade, e varios artigos de jornalistas. O consócio Otacilio Anselmo deu as ultimas noticias sobre

o movimento de impressão do quarto numero da revista ITAY-TERA. O Presidente Figueiredo Filho iniciou a eleição, que se processou normalmente. Ficou eleita a seguinte Diretoria: Presidente, dr. José Alves de Figueiredo Filho — vice Presidente, Pe. Antonio Gomes de Araujo — Secretário Geral, Otacilio Anselmo e Silva, Secretário, José de Paula Bantim, Tesoureiro, João Lindemberg de Aquino. Comissão de Ciências, Letras e Artes: Antonio Correia Coelho, José de Figueiredo Brito, dr. Jefferson de Albuquerque e Souza — Comissão de Organização da Revista: José de Figueiredo Filho, João Lindemberg de Aquino e Otacilio Anselmo e Silva — Comissão de Sindicâncias: José de Figueiredo Brito, José de Paula Bantim e Alderico de Paula Damasceno. Após eleita a nova Diretoria, que foi, aliás, reeleita por unanimidade, o Presidente se congratulou com os eleitos, desejando que a vida e as atividades do Instituto continuassem normalmente. Continuando a marcha normal da sessão, o consócio João Lindemberg propôs que o Instituto enviasse um officio de solidariedade ao livreiro conterrâneo Luis de Carvalho Maia, que se encontra em situação vexatório, em Fortaleza, com a sua Livraria fechada por questão judicial, proposição que foi aprovado unanimemente. O Presidente comunicou a proxima visita a nossa entidade, das intellectuais fortalezense da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno e falou ainda sobre a próxima realização do Congresso de Pesqueira. Os trabalhos foram encerrados a seguir. Dêles foi lavrada a presente ata, que foi aprovada e assinada.

José de Paula Bantim

SECRETARIO

Í N D I C E

Renasce Pujante o Rico Folclore Cariariense—J. de Figueiredo Filho	1
Padre Pedro Ribeiro da Silva — Pe. Antônio Gomes de Araújo	3
Tristão de Alencar — Juvenal Galeno	38
Um Grande Artifice da Cultura Educacional Contemporânea — Joaquim Pimenta	40
Aspectos Histórico-Juridicos da Greve—Hariberto Xavier Onofre	45
Carretão — José de Ribamar Lopes	54
Esbôço da Evolução Literária do Crato—F. S. Nascimento	56
Carta ao Meu Filho — Quixadá Felício	71
Aspectos Administrativos do Crato de 1870 — Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro	73
Tropeando — Xeco Figueiró	81
Fui Aspirante ao "Céu" Através da História do Padre Cícero — Otacílio Anselmo e Silva	83
Soneto — José Alves de Figueirêdo	94
Possibilidades Econômicas da Região — Antônio C. Coêlho	95
O Poeta Aderson Siêbra — Ulisses Viana	99
O Meu Brasil — Pe. Manuel Pereira	103
A Economia e a Ciência Política — Djacir Menezes	112
Inverno Cearense — José Carvalho	115
Palestra de Da. Olga Pinheiro Teles	116

Mulher Perdida — Otacilio Pereira de Carvalho	123
Martim Soares Moreno — Gen. Carlos Studard Filho	124
Novo Livro de José de Figueiredo Filho — Teles de Carvalho	141
A Palmeira do Caldas — Marchet Calou	142
Bibliografia, Notas e Comentários	143
A Profissão de Advogado — Antônio de Alencar Araripe	155
Rápidos Traços da Vida de um Grande Homem — José de Paula Bantim	159
A Vez da Imprensa — Robert Davis	164
Mons. José Coêlho de Figueiredo Rocha — Pe. Francisco Couto	165
Rádio Araripe do Crato — Lider do Cariri	169
O Barão do Exú	171
Acêrca de "Flagelados de 1.ª Classe" — Otacilio Anselmo e Silva	173
Centenário da Cidade do Crato — Antônio de Alencar Araripe	175
Bibliografia, Notas e Comentários (continuação)	180
Do Rio para "Itaytera" — Bruno de Menezes	182
Regionalismo Construtor — Luis Sucupira	183
Solidarísticas — Duarte Júnior	185
Nos Domingos, em Juazeiro — Paulo Elpidio	188
Palestra de Plínio Osório	191
Actas da Camara do Crato	194
Remédio de Sangue — Quixadá Felicio	201
Ata da Assemblêia Geral do Instituto Cultural do Cariri	203

BANCO DO CARIRI S. A.

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS, N. 2

Prefira, para todas as suas operações bancárias,
esta antiga e tradicional instituição de crédito.

Banco do Brasil S. A.

Sede—Distrito Federal—Rua 1.ª de Março N. 66
Agência de Crato: Rua Senador Pompeu N. 49

Tôdas as operações bancárias, inclusive crédito agrícola e industrial.

Tabela de juros para os depósitos do público

DEPÓSITOS POPULARES

—Limite de Cr\$ 200.000,00 5 %

DEPÓSITOS LIMITADOS

—Limite de Cr\$ 1.000.000,00 3 %

DEPÓSITOS SEM LIMITE

—Taxa de 2 %

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

—Aviso mínimo de 30 dias 5 %

DEPÓSITO A PRAZO FIXO

—de 1 a 6 meses 5 %

—de mais de 6 a 11 meses 5,5%

—de 12 meses ou mais 6 %

Juros anuais. Dep. mínimo Cr\$ 1.000,00

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO. com renda mensal

—prazo de 12 meses. ou mais 5,5%

Juros anuais. Dep. mínimo Cr\$ 1.000,00

LETRAS A PREMIO — Sem limite

De prazo de 12 meses 5 %

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr\$ 1.000,00.

Letras nominativas, com juros incluídos e selados proporcionalmente.